



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
Instituto de Estudos da Linguagem  
Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo

ADRIANA SILVESTRINI SANTOS

**Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner: enquadramentos de gênero e política nas imagens e manchetes nas capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín**

Campinas  
2022

**ADRIANA SILVESTRINI SANTOS**

Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner: enquadramentos de gênero  
e política nas imagens e manchetes nas capas dos jornais  
Folha de S. Paulo e Clarín

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural na área de Divulgação Científica e Cultural.

Supervisora/Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Daniela Tonelli Manica

Este trabalho corresponde à versão final da dissertação defendida pela aluna Adriana Silvestrini Santos e orientada pela prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Daniela Tonelli Manica.

Campinas  
2022

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

Santos, Adriana Silvestrini, 1972-  
Sa59p      Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner : enquadramentos de gênero e política nas imagens e manchetes nas capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín / Adriana Silvestrini Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Daniela Tonelli Manica.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Rousseff, Dilma, 1947-. 2. Fernández de Kirchner, Cristina, 1953-. 3. Folha de S. Paulo (Jornal). 4. Clarín (Jornal : Argentina). 5. Mulheres na política. 6. Ciência política. I. Manica, Daniela Tonelli, 1976-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Presidents Dilma Rousseff and Cristina Kirchner : framing gender and politics in images and headlines on newspaper covers Folha de S. Paulo and Clarín

**Palavras-chave em inglês:**

Rousseff, Dilma, 1947-  
Fernández de Kirchner, Cristina, 1953-  
Folha de S. Paulo  
Clarín  
Women in politics  
Political science

**Área de concentração:** Divulgação Científica e Cultural

**Titulação:** Mestra em Divulgação Científica e Cultural

**Banca examinadora:**

Daniela Tonelli Manica  
Flávia Millena Biroli Tokarski  
Márcia Maria Tait Lima

**Data de defesa:** 28-04-2022

**Programa de Pós-Graduação:** Divulgação Científica e Cultural

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-2523-4666>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1441218190924819>



## **BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Daniela Tonelli Manica – Presidenta  
Universidade Estadual de Campinas

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Maria Tait Lima  
Universidade Estadual de Campinas

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Flávia Millena Biroli Tokarski  
Universidade de Brasília

**IEL/UNICAMP  
2022**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora,  
consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria  
de Pós Graduação do IEL.**

*À minha mãe Beatriz e ao meu pai Wilson, gratidão sem fim*

## AGRADECIMENTOS

Acredito que todas as pessoas, amigas do saber, que passaram por minha vida até aqui mereceriam ser citadas nesta página. São muitos os afetos que permeiam a minha memória e meu coração nesta hora de agradecer quem me estendeu a mão em algum momento de minha longa caminhada pelas veredas do conhecimento. Longa porque, para mim, ela começou desde o primeiro dia que pisei em uma sala de aula aos 6 anos de idade. Lembro-me de me sentir confortável naquele lugar físico e emocional. Com o decorrer do tempo já sabia que compartilhar conhecimentos era algo que faria para sempre. Pela oportunidade desta incrível experiência, desejo agradecer:

À minha mãe Beatriz, uma mulher que estudou só até o antigo ginásial porque precisou deixar a escola para entrar em uma fábrica de tecelagem. Ela sabia da importância dos estudos e sempre incentivou a mim e aos meus dois irmãos. Me vem à mente a cena de nós duas na mesa do café da manhã, enquanto ela repassava comigo o conteúdo que “cairia” na prova em meus primeiros anos de escola. Mesmo sem ter o conhecimento sobre as áreas que escolhi estudar, ela sempre me dizia: “Dri, se é o que você gosta, vá em frente e não desista!”. Obrigada, mãe!

Ao meu pai Wilson, que também estudou até o antigo ginásial. Ele é dono da caligrafia mais linda que já vi e segue sendo um mestre da vida. Lembro-me de brincarmos de recitar as capitais das cidades brasileiras e do mundo. Ele despertou em mim a vontade de conhecer o mundo e fez todo esforço para pagar um curso extra de Inglês quando eu ainda era criança. Meu fã número um, meu pai sempre esteve ali me aplaudindo nas vitórias ou me reerguendo das quedas. Obrigada, pai!

Às minhas extraordinárias avós (*in memoriam*). A vó Bazú, analfabeta, que carregava lata d'água na cabeça no sertão nordestino, me mostrou que a força de uma mulher e de várias mulheres juntas podem mudar destinos previamente traçados. A vó Tercília, filha de mãe e pai italianos, que estudou pouco e foi trabalhar muito jovem. Na sua simplicidade e timidez demonstrava orgulho por suas netas e netos estudiosas(os). Obrigada, vó Bazú e vó Tercília!

Ao tio Mooca, meu fã número dois, um dos oito irmãos do meu pai. Ele sempre esteve a par da minha vida acadêmica e profissional. São longas as conversas em nossos almoços preparados por ele. Até a semana anterior ao término desta dissertação, ele me ligou e perguntou de novo: “E aí, Dri, como estão os seus escritos?” Estão, aqui. Obrigada, tio!

A Mônica Aiub, que foi a professora que me apresentou a Filosofia de um modo encantador. Por meio de suas aulas e das nossas sessões filosóficas comecei a reparar nas mulheres pensadoras. Recordo que depois de uma longa conversa com ela, comprei *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. Foi o começo da minha redescoberta como feminista e como estudiosa das mulheres, muitas delas citadas nesta dissertação. Obrigada, Mônica!

A Elisabete Franco Cruz, minha primeira professora no mestrado quando eu ainda era aluna especial na EACH-USP. Nas aulas dela comecei a entender sobre as relações de gênero e a minha mente se encheu de ideias e novos saberes. Durante o semestre que fui sua aluna, tive vontade e inspiração de escrever o meu projeto de pesquisa de mestrado. Obrigada, Bete!

A Jacqueline Moraes Teixeira, que me apresentou mais a fundo à Judith Butler, filósofa que se tornaria fundamental na minha pesquisa de mestrado. Conheci a Jacque no curso de extensão ministrado por ela sobre a Butler e o Michel Foucault. Desde então, nos encontramos outras vezes em sala de aula e fora dela também. Ela foi a primeira pessoa com quem comentei sobre o meu desejo de fazer uma pesquisa que envolvesse as

Presidentas latino-americanas e a mídia. Ela me incentivou a seguir em frente. Obrigada, Jacque!

A Stella Maris Scatena Franco, que me contou muito sobre a história das mulheres. A disciplina ministrada por ela na USP, no qual fui aluna, inspirou a escrita de um dos itens do Capítulo 1 deste trabalho. Obrigada, Stella!

A Daniela Tonelli Manica, que caminhou junto comigo do começo ao fim desta jornada. Ela me orientou na medida certa. Me deu liberdade de criar, errar e acertar. A sua tranquilidade e generosidade me ajudaram nos momentos mais ansiosos do meu processo. As colocações e sugestões de Daniela sobre o rumo da minha pesquisa e a minha escrita surgiam como um clarão de luz quando o cenário parecia ser de trovoadas. Desde o início ela acreditou em mim, apostou no meu projeto de pesquisa e me escolheu como orientanda, e eu a escolhi como orientadora. Essa dissertação é resultado de nossas trocas profundas. Obrigada, Dani!

A Débora Diniz, antropóloga, escritora e professora que há dois anos reúne centenas de pessoas, aos domingos, em *lives* em seu perfil do Instagram. As aulas ministradas por ela fazem parte do Curso gratuito de extensão em metodologia de pesquisa e acolhimento universitário, que é carinhosamente chamado de Banquinha. Sou participante assídua deste projeto desde o início. Obrigada, Débora!

A Camila Gervaz, amiga e professora de Espanhol que sempre esteve ali me socorrendo com a língua hispânica e também nos momentos em que me encontrei perdida de meu desenvolvimento acadêmico. Seus conselhos foram valiosos. Gracias, Cá!

A Rosane, Fafá e Janes, amigas queridas que sempre me escutaram e torceram por mim quando eu comentava sobre a pesquisa no nosso grupo de mensagem ou nos nossos encontros virtuais. Obrigada, parisienses!

A Márcia Avelino, amiga filósofa que me ajudou com a formatação correta e exigida pelas Normas ABNT neste trabalho, além das nossas conversas filosóficas rotineiras. Obrigada, Má!

Aos meus sobrinhos, Lucas e Davi, pelos momentos em que eles cobraram a minha presença para passear ou brincar. Desse modo, me proporcionaram a leveza que precisava no meio de um turbilhão de leituras e reflexões. Obrigada, meus amarecos!

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudo (processo nº 88887.480403/2020-00) recebida durante o período de março de 2020 a fevereiro de 2022 para realizar esta pesquisa (Código de Financiamento 001).

Aos(as) professores(as), equipe administrativa e colegas de classe do Labjor pela companhia, contribuição e partilha nesses dois anos de pesquisa. Também agradeço a todas e todos que cruzaram comigo em seminários, oficinas, encontros e congressos, onde tive a oportunidade de expor o meu estudo em andamento.

Como não poderia deixar de ser, um agradecimento especial às Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner, mulheres incríveis que me inspiraram para a escrita desta dissertação. Sem elas, esse estudo não existiria. Obrigada Dilma e Cristina!

Enfim, quero agradecer a todas as pessoas e, principalmente, às mulheres que de alguma maneira fizeram parte da feitura desse mestrado, que ocorreu durante a terrível pandemia de Covid-19 e a gestão de um governo federal que desdenha da educação e da saúde. Esta dissertação de mestrado é, antes de tudo, um ato de resistência. Adriana, Presente!

*“Se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna”*

**Olympe de Gouges**

*“A falta de conhecimento das mulheres sobre a própria história de luta e conquistas é um dos principais meios de nos manter subordinadas”*

**Gerda Lerner**

*“A misoginia e, em muitos casos, o machismo truculento contra mim nunca receberam da imprensa a devida repreensão. Com raríssimas exceções, nem das mulheres jornalistas. Aliás, um dos autores da reportagem falsa da IstoÉ foi uma mulher, que era jornalista naquela revista. A escritora Simone de Beauvoir afirmou, com enorme antecedência, que “o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”*

**Dilma Rousseff**

*“Enquanto escrevo, penso com dor que, apesar de ter sido a primeira mulher eleita presidente da história, nenhuma voz feminista se levantou para condenar o ataque por causa de minha condição de mulher. Veja, não estou dizendo para defender o governo, nem as políticas, nem qualquer pessoa em particular, mas sim o gênero que foi atacado como tal”*

**Cristina Kirchner**

## RESUMO

A América Latina, desde 1974 até 2022, teve 13 Presidentas. Entre os 21 países que pertencem ao bloco, 11 já foram governados por mulheres eleitas ou interinas. Esta pesquisa se concentra nas Presidentas Dilma Rousseff no Brasil e Cristina Kirchner na Argentina. O objetivo principal da pesquisa é investigar e analisar o enquadramento de gênero e de política que os jornais Folha de S. Paulo e Clarín deram às manchetes e imagens nas capas relacionadas a estas governantes e seus mandatos. Dilma Rousseff ganhou as eleições em 2010 e 2014. Cristina Kirchner venceu nas urnas em 2007 e 2011. A pesquisa apresenta dois recortes específicos de investigação. O primeiro abarca as capas das coberturas jornalísticas dos dias das vitórias nas eleições presidenciais e das cerimônias de posse das Presidentas. O segundo recorte mostra as capas dos 10 primeiros dias e dos 10 últimos dias de ambos mandatos das duas Presidentas. O estudo também faz uma análise adicional das capas dos Presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Néstor Kirchner, respectivamente, os antecessores delas. A proposta é apresentar um contraponto empírico com homens do mesmo espectro político, na mesma situação temporal e utilizando os mesmos jornais brasileiro e argentino. Os elementos, textual e visual, da capa são analisados por meio das metodologias de Análise de Discurso de linha francesa e o enquadramento de mídia com base no pensamento da filósofa Judith Butler. De acordo com o recorte temporal estabelecido, foram coletadas e observadas 154 capas dos jornais brasileiro e argentino. Os critérios para selecionar as capas analisadas foram: imagem da Presidenta, citações na manchete e/ou na legenda da fotografia. As palavras válidas na manchete e/ou na legenda foram: nome completo, primeiro nome, sobrenome de cada governante ou as palavras “Presidenta”, “Presidente” e “Presidência”. Com base nesses critérios chegou-se ao *corpus* definitivo de 60 capas, apresentadas e analisadas neste estudo.

**Palavras-chave:** Dilma Rousseff. Cristina Kirchner. Gênero. Política. Folha de S. Paulo. Clarín.

## ABSTRACT

The Latin America, from 1974 to 2022, has had 13 Presidents. Among the 21 countries that belong to the bloc, 11 have already been governed by elected or interim women. This research focuses on President Dilma Rousseff in Brazil and President Cristina Kirchner in Argentina. The main objective is to investigate and analyze the framing of gender and politics that the newspapers Folha de S. Paulo and Clarín gave to the headlines and images on the covers that reported about the Presidents during their mandates. Dilma Rousseff won the elections in 2010 and 2014. Cristina Kirchner won in 2007 and 2011. The research presents two specific investigation ways. The first one refers to the covers of the victories in the presidential elections and the inauguration ceremonies of the Presidents. The second clipping shows the covers of the first 10 days and the last 10 days of both governments of the two Presidents. The study also makes an additional analysis of the covers of Presidents Luiz Inácio Lula da Silva and Néstor Kirchner, respectively, their predecessors. The proposal is to make an empirical counterpoint with men from the same political spectrum, in the same temporal situation and using the same brazilian and argentine newspapers. The textual and visual, elements of the cover, are analyzed using french Discourse Analysis methodologies and media framing based on the philosopher Judith Butler's thinking. According to the established time frame, 154 covers in the brazilian and argentine newspapers were collected and observed. The criteria to select the covers are: image of the President, citations in the headline and/or in the caption of the photograph. The valid words in the headline and/or in the caption were: full name, first name, surname of each President or the words like "President", "President" e "Presidency". Based on these criteria, 60 covers were presented and analyzed in this study.

**Keywords:** Dilma Rousseff. Cristina Kirchner. Gender. Politics. Folha de S. Paulo. Clarín.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – 13 Presidentas latino-americanas
- Figura 2 – Laura Chinchilla na escola
- Figura 3 – Presidenta da Costa Rica (2010)
- Figura 4 – A universitária Michelle Bachelet
- Figura 5 – Presidenta do Chile (2006 e 2014)
- Figura 6 – Cristina Kirchner, na juventude
- Figura 7 – Presidenta da Argentina (2007 e 2011)
- Figura 8 – Dilma na Justiça Militar (1970)
- Figura 9 – Presidenta do Brasil (2010 e 2014)
- Figura 10 – Capa do El Mercurio – jornal chileno
- Figura 11 – Glossário com base em informações da capa do El Mercurio
- Figura 12 – Capa da primeira edição da Folha da Noite
- Figura 13 – Capa da primeira edição da Folha de S. Paulo
- Figura 14 – Montagem ilustrativa das 24 horas na Folha de S. Paulo
- Figura 15 – Capa da primeira edição do Clarín
- Figura 16 – Capa Clarín 29/07/2007
- Figura 17 – Capa Clarín 15/05/2003
- Figura 18 – Capa Clarín 24/10/2011
- Figura 19 – Capa Folha de S. Paulo 1/11/2010
- Figura 20 – Capa Folha de S. Paulo 28/10/2002
- Figura 21 – Capa Folha de S. Paulo 27/10/2014
- Figura 22 – Capa Folha de S. Paulo 30/10/2006
- Figura 23 – Capa Clarín 11/12/2007
- Figura 24 – Capa Clarín 26/05/2003
- Figura 25 – Capa Clarín 11/12/2011
- Figura 26 – Capa Folha de S. Paulo 02/01/2011
- Figura 27 – Capa do Caderno - A Posse Presidente Dilma
- Figura 28 – Capa Folha de S. Paulo 02/01/2003
- Figura 29 – Capa Folha de S. Paulo 02/02/2015
- Figura 30 – Capa Folha de S. Paulo 02/01/2007
- Figura 31 – Capas da Presidenta e dos Presidentes da Argentina

Figura 32 – Capas da Presidenta e dos Presidentes do Brasil

Figura 33 – Capa Clarín 10/12/2007

Figura 34 – Capa Clarín 25/05/2003

Figura 35 – Capa Clarín 12/12/2007

Figura 36 – Capa Clarín 17/12/2007

Figura 37 – Capa Clarín 28/05/2003

Figura 38 – Capa Clarín 19/12/2007

Figura 39 – Capa Clarín 20/12/2007

Figura 40 – Capa Clarín 30/05/2003

Figura 41 – Capa Clarín 01/06/2003

Figura 42 – Capa Clarín 17/12/2011

Figura 43 – Capa Clarín 19/12/2011

Figura 44 – Capa Clarín 03/12/2011

Figura 45 – Capa Clarín 06/12/2011

Figura 46 – Capa Clarín 07/12/2011

Figura 47 – Capa Clarín 10/12/2011

Figura 48 – Capa Clarín 07/12/2007

Figura 49 – Capa Clarín 08/12/2007

Figura 50 – Capa Clarín 09/12/2007

Figura 51 – Capa Clarín 01/12/2015

Figura 52 – Capa Clarín 02/12/2015

Figura 53 – Capa Clarín 03/12/2015

Figura 54 – Capa Clarín 06/12/2015

Figura 55 – Capa Clarín 09/12/2015

Figura 56 – Capa Folha de S. Paulo 03/01/2011

Figura 57 – Capa Folha de S. Paulo 04/01/2003

Figura 58 – Capa Folha de S. Paulo 05/01/2011

Figura 59 – Capa Folha de S. Paulo 11/01/2011

Figura 60 – Capa Folha de S. Paulo 08/01/2003

Figura 61 – Capa Folha de S. Paulo 05/01/2003

Figura 62 – Capa Folha de S. Paulo 10/01/2003

Figura 63 – Capa Folha de S. Paulo 11/01/2003

Figura 64 – Capa Folha de S. Paulo 12/01/2003

Figura 65 – Capa Folha de S. Paulo 23/12/2014  
Figura 66 – Capa Folha de S. Paulo 26/12/2014  
Figura 67 – Capa Folha de S. Paulo 24/12/2014  
Figura 68 – Capa Folha de S. Paulo 31/12/2014  
Figura 69 – Capa Folha de S. Paulo 31/12/2010  
Figura 70 – Capa Folha de S. Paulo 03/05/2016  
Figura 71 – Capa Folha de S. Paulo 08/05/2016  
Figura 72 – Capa Folha de S. Paulo 04/05/2016  
Figura 73 – Página B12 - Folha de S. Paulo 04/05/2016  
Figura 74 – Capa Folha de S. Paulo 09/05/2016  
Figura 75 – Capa Folha de S. Paulo 10/05/2016  
Figura 76 – Capa Folha de S. Paulo 11/05/2016  
Figura 77 – Capa Folha de S. Paulo 12/05/2016  
Figura 78 – Capa Folha de S. Paulo 22/12/2010  
Figura 79 – Capa Folha de S. Paulo 30/12/2010  
Figura 80 – Capa Folha de S. Paulo 15/08/1998  
Figura 81 – Capa Folha de S. Paulo 19/08/1998  
Figura 82 – Capa Folha de S. Paulo 05/04/2009  
Figura 83 – Pág. interna Folha de S. Paulo 05/04/2009  
Figura 84 – Pág. interna Folha de S. Paulo 05/04/2009  
Figura 85 – Seção Erramos Folha de S. Paulo 25/5/2009  
Figura 86 – Página interna Folha de S. Paulo 25/5/2009  
Figura 87 – *Mugshot* de Dilma Rousseff  
Figura 88 – Capa Clarín 16/12/2011  
Figura 89 – Capa Clarín 18/12/2011  
Figura 90 – Gabinetes ministeriais de Dilma Rousseff e de Michel Temer

## **LISTA DE TABELA E QUADROS**

Tabela 1 – 46 capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín

Quadro 1 – Chefes de Estado latino-americanas eleitas e interinas de 1974 a 2021

Quadro 2 – Médias mundial e regional de mulheres nos parlamentos em 1995 e 2021

Quadro 3 – Corpus geral da pesquisa: 154 capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín

Quadro 4 – Corpus definitivo para análise: 60 capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín

Quadro 5 – Circulação de exemplares da Folha de S. Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>CAPÍTULO 1 – PRESIDENTAS LATINO-AMERICANAS</b> .....	30
1.1 Perspectiva de gênero e interseccionalidade.....	37
1.2 Mulheres no campo político e América Latina.....	42
1.3 Laura Chinchilla: de estudante de política a Presidenta da Costa Rica.....	47
1.4 Michelle Bachelet: de militante perseguida a Presidenta do Chile.....	51
1.5 Cristina Kirchner: de deputada a Presidenta da Argentina.....	55
1.6 Dilma Rousseff: de presa torturada a Presidenta do Brasil.....	60
<b>CAPÍTULO 2 – ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NA PESQUISA SOBRE AS CAPAS DE JORNAIS</b> .....	70
2.1 Campo jornalístico e político.....	77
2.2 Jornal como objeto de pesquisa.....	80
2.2.1 O jornal Folha de S. Paulo.....	83
2.2.2 O jornal Clarín.....	89
2.3 Fotojornalismo.....	91
2.4 Enquadramento de manchetes e fotografias .....	93
2.5 Análise de Discurso.....	97
2.6 Categorias: política e gênero .....	99
<b>CAPÍTULO 3 – QUANDO AS PRESIDENTAS VENCEM AS ELEIÇÕES E TOMAM POSSE</b> .....	102
3.1 Cristina Kirchner nas capas das vitórias no Clarín.....	105
3.2 Dilma Rousseff nas capas das vitórias na Folha de S. Paulo.....	107
3.3 Cristina Kirchner nas capas das posses no Clarín.....	111
3.4 Dilma Rousseff nas capas das posses na Folha de S. Paulo.....	118
3.5 Eles, Presidentes. Elas, eleitas.....	129
<b>CAPÍTULO 4 – A COBERTURA DOS PRIMEIROS E ÚLTIMOS DIAS DOS DOIS MANDATOS DAS PRESIDENTAS</b> .....	134

4.1 Cristina Kirchner: o começo dos mandatos nas capas do Clarín.....	135
4.1.1 Cinco capas com Cristina Kirchner (2007).....	135
4.1.2 Duas capas com Cristina Kirchner (2011).....	142
4.2 Cristina Kirchner: o fim dos mandatos nas capas do Clarín.....	142
4.2.1 Quatro capas com Cristina Kirchner (2011).....	143
4.2.2 Cinco capas com Cristina Kirchner (2015).....	148
4.3 Dilma Rousseff: o começo dos mandatos nas capas da Folha de S. Paulo.....	152
4.3.1 Três capas com Dilma Rousseff (2011).....	152
4.3.2 Zero capas com Dilma Rousseff (2014).....	159
4.4 Dilma Rousseff: o fim dos mandatos nas capas da Folha de S. Paulo .....	160
4.4.1 Quatro capas com Dilma Rousseff (2014).....	160
4.4.2 Sete capas com Dilma Rousseff (2016).....	166
4.5 Capas extras e complementares.....	179
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>188</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>193</b>
<b>APÊNDICE A – Catalogação das capas utilizadas no Capítulo 3.....</b>	<b>201</b>
<b>ANEXO A – Levantamento geral do <i>corpus</i>.....</b>	<b>206</b>

## INTRODUÇÃO

Dia 12 de junho de 2014, abertura da 20ª Copa do Mundo de Futebol na Arena Corinthians na cidade de São Paulo, Brasil. Milhares de pessoas estavam presentes no estádio e mais outras(os) milhares de espectadoras(es) acompanhavam a cerimônia via diferentes meios de comunicação no mundo todo. Dilma Rousseff, Presidenta<sup>1</sup> do Brasil, da tribuna de honra, observava o início do espetáculo esportivo quando começou a ser hostilizada por torcedoras(es). Assim que a Presidenta apareceu no grande telão, brasileiras e brasileiros, trajando camisetas nas cores verde e amarela referentes a bandeira nacional, gritavam, sem o mínimo de pudor: “Dilma, vai tomar no cu!”.

Eu vi a cena e ouvi o coro pela televisão. Senti um misto de tristeza e de revolta com a violência direcionada para a Presidenta. Um ano antes desse episódio, mais precisamente no dia 16 de junho de 2013, durante a abertura da Copa das Confederações no estádio Mané Garrincha, no Distrito Federal, Dilma Rousseff já havia sido desrespeitada com vaias e ofensas, assim que ela apareceu no telão do estádio ao lado presidente da FIFA (Federação Internacional de Futebol) à época, Joseph Blatter. Imediatamente, ele reagiu ao desrespeito e constrangimento perguntando aos presentes: “Amigos do futebol brasileiro, onde está o respeito e o *fair play* da Copa?”<sup>2</sup>. A plateia ignorou Blatter e continuou a agressão verbal contra a Presidenta.

Sentada no sofá de casa, eu me perguntava: o que é ser uma mulher brasileira? O que é ser uma mulher brasileira de esquerda? O que é ser uma mulher brasileira de esquerda e Presidenta do Brasil? Dos estádios ecoaram em alto som o tipo de tratamento que uma mulher está propensa a receber nesta pátria não tão gentil. Naquele instante observei um espetáculo hostil, bem diferente do esportivo, ao qual havia me preparado para participar. Só pensava: será que haveria vaias e xingamentos se no lugar de Dilma Rousseff fosse um homem Presidente? Marlise Matos afirma que os homens atuantes na política também passam por situações constrangedoras, mas as mulheres são os alvos preferidos de ataques violentos.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa utiliza o termo Presidenta. O Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis informa que: Presidenta é o feminino de Presidente; mulher que é chefe de governo de um país de regime presidencialista; mulher que exerce o cargo de presidente de uma instituição; mulher que preside algo. Nesta dissertação, as nomenclaturas Presidenta(s) ou Presidente(s) sempre serão grafadas em letra maiúscula como sugere a relevância do cargo.

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/dilma-e-vaiada-na-abertura-da-copa-das-confederacoes-em-brasilia-1.html>>. Acesso em: 28 out. 2021.

Não há dúvidas de que os homens políticos e/ou presidentes também são alvos de tratamentos humilhantes durante suas candidaturas e seus mandatos. Todavia, nem de longe tal tratamento é comparável com o que tentamos demonstrar que acontece com as mulheres quando elas ocupam cargos políticos. O tipo de violência e de abuso político cometido contra elas aciona, de modo indiscutível, a variável gênero, e o fenômeno evidencia o desejo de sustentação do mandato masculino de dominação da representação política. Seja para desqualificar, menosprezar, humilhar, seja mesmo para tentar eliminar a figura feminina do lugar e do exercício de poder político, o contorno de violência aqui ganha a marca sexista. E isso se dá, justamente, pelo enquadramento estruturalmente patriarcal de nosso jogo político que, invariavelmente, deseja a sustentação do mandato de poder dos homens. (MATOS, 2020, p. 136)

Antes e depois daquela Copa do Mundo, a violência política sexista<sup>3</sup> tem marcado presença no Brasil. Dilma Rousseff foi um dos alvos preferidos das(os) ofensoras(es) desde a época em que ganhou notoriedade como ministra de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil, no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003 a 2010) e, principalmente, a partir de seu primeiro mandato. Em 2010 Dilma Rousseff, candidata do Partido dos Trabalhadores (doravante PT), tornou-se a primeira mulher Presidenta do Brasil ao ser eleita com 55 milhões de votos, derrotando no segundo turno José Serra, o então candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (doravante PSDB).

Das chamadas “Jornadas de Junho de 2013”<sup>4</sup> até o dia 31 de agosto de 2016, quando se concretizou o golpe parlamentar<sup>5</sup>, que afastou definitivamente Dilma Rousseff da Presidência da República em seu segundo mandato, a misoginia dominou as manifestações populares com apoio, mesmo que por vezes velado, da mídia hegemônica.

---

<sup>3</sup> O termo violência política sexista foi cunhado por Marlise Matos (MATOS, 2020, p. 117).

<sup>4</sup> As Jornadas de Junho de 2013 ganharam esse nome porque começaram no mês de junho de 2013 como manifestações de rua, a princípio, com uma pauta definida: o aumento da tarifa de transporte público na cidade de São Paulo. Logo no início dos protestos, as manifestações se espalharam por todo o território nacional, aderindo a diversas e diferentes frentes de luta. Essas manifestações perduraram até outubro do mesmo ano (GONDIM, 2016). Disponível em: <https://journals.openedition.org/polis/11944> e <https://www.sinteseeventos.com/site/iassc/GT1/GT1-13-Marcos.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

<sup>5</sup> Dilma Rousseff foi acusada de praticar uma manobra contábil, conhecida como “pedaladas fiscais”, e após investigação não houve comprovação de enriquecimento ilícito ou aproveitamento do cargo em benefício próprio. Ficou evidente que o processo de impeachment se tratava de uma decisão política: a derrubada da Presidenta. Marlise Matos defende o posicionamento de que o impeachment não passou de golpe em pelo menos três grandes vertentes. “Foi um golpe parlamentar; foi um golpe jurídico e constitucional e também foi um golpe midiático”. (MATOS, 2016, p. 220). Para corroborar esse posicionamento apontado aqui de que o impeachment foi na realidade um golpe parlamentar, também me baseio nas referências e argumentos das(os) 35 autoras(es) que escreveram o livro **Por que gritamos Golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil** (JINKINGS *et al*, 2016).

Um dos episódios mais marcantes ocorreu em 2015, um ano após a desrespeitosa manifestação da abertura da Copa do Mundo. Durante a campanha de reeleição presidencial, Dilma Rousseff recebeu um dos piores tratamentos que uma mulher, sendo ela pessoa pública ou anônima, poderia receber: a simulação do crime de estupro (MATOS, 2020). Houve a distribuição de adesivos de apelo sexual que não só imitavam, mas também incitavam, o crime. Imagens chocantes que a escritora Eliane Brum descreveu com precisão.

Mesmo antes de ser arrancada da presidência, Dilma Rousseff foi objetificada em adesivos nos quais era exposta de pernas abertas sobre os tanques de gasolina e as mangueiras eram ali enfiadas para estuprar a presidenta. (BRUM, 2021).

Inconformados, seus algozes deviam se perguntar a todo momento: o que está fazendo uma mulher ocupando a cadeira principal no Palácio da Alvorada? Como ela tem a audácia de querer continuar por lá por mais quatro anos? Observamos que não se trata de uma escolha aleatória, conforme pontuou a autora.

A única mulher presidenta do Brasil foi destituída por um impeachment em cuja votação Bolsonaro<sup>6</sup>, então deputado federal, homenageou o mais notável torturador e assassino da ditadura, associado a dezenas de mortes e a centenas de sessões de tortura de opositores políticos. Bolsonaro fez questão de adicionar uma perversão a mais: “Ustra<sup>7</sup>, o pavor de Dilma Rousseff”. (BRUM, 2021).

Diante dessas e outras tantas manifestações em solenidades, cerimônias, capas de jornais e revistas, além de outros materiais circulantes como memes, charges, panfletos etc., qual mulher se sentiria encorajada a entrar para a carreira política no Brasil? Marlise Matos destaca que “se esse é o tratamento dado à principal figura política do país [...] é possível então imaginarmos o que, cotidianamente, acontece com as vereadoras, prefeitas, deputadas estaduais ou federais e senadoras eleitas” (MATOS, 2020, p.136).

---

<sup>6</sup> Jair Messias Bolsonaro, na época candidato do Partido Social Liberal (PSL), foi eleito presidente do Brasil em 2018. Defensor da ditadura, adepto de uma postura bélica contra seus adversários e com histórico de diversas agressões verbais às mulheres, homossexuais, indígenas e quilombolas no currículo. Desde o início da pandemia de Covid-19, em 2020, ele nega a ciência, menosprezando as vacinas e debochando de quem cumpre o protocolo contra o contágio da doença como, por exemplo, usar máscaras e evitar aglomerações de pessoas. Até o fechamento dessa dissertação mais de 650 mil brasileiras e brasileiros perderam a vida por causa da Covid-19.

<sup>7</sup> O coronel Brilhante Ustra ficou conhecido por ser um torturador especialmente cruel com as mulheres, tendo sido uma de suas práticas a colocação de ratos nas vaginas das mulheres que ele torturava. (MATOS, 2020, p. 129).

As mulheres que ocupam quaisquer cargos políticos tiveram, e ainda têm, de conviver com comentários e atos misóginos. Em 2021, Manuela d'Ávila – ex-vereadora, ex-deputada e candidata à vice-presidência do Brasil em 2018 na chapa PT/ Partido Comunista do Brasil (doravante PCdoB) – organizou uma coletânea de textos escritos por 15 mulheres, incluindo ela mesma, que compartilharam suas duras experiências como representantes eleitas para um cargo político no Brasil. No livro **Sempre Foi Sobre Nós – Relatos da violência política de gênero no Brasil** (2021)<sup>8</sup>, o prefácio é assinado por Anielle Franco, ativista e irmã da vereadora Marielle Franco do Partido Socialismo e Liberdade (doravante PSOL), assassinada no dia 14 de março de 2018 na cidade do Rio de Janeiro quando voltava de um debate sobre mulheres negras. Anderson Gomes, motorista de Marielle, também foi vítima de tal brutalidade. Até o fechamento desta dissertação, os mandantes do crime ainda não foram identificados.

Desde criança eu já percebia uma diferença de tratamento por ser menina e até me rebelava contra os privilégios recebidos pelos meus dois irmãos do sexo masculino. Mas, foram as agressões verbais no estádio de futebol na abertura da Copa do Mundo de 2014 que me tiraram de um estado de letargia, e, desde então, me dei conta da dimensão da violência, em todos os sentidos, que nós mulheres sofremos simplesmente pelo fato de sermos mulheres. Resgatei aquela pequena feminista e a trouxe de volta para vida adulta. Decidi me tornar pesquisadora por alguns motivos e um deles foi para entender e aprofundar o debate da tríade gênero-política-mídia. Não era mais concebível a ideia de ouvir novamente pessoas insultando uma mulher ou criando adesivos violentos.

Como jornalista – profissão que desempenho há 30 anos desde a minha graduação – e licenciada em Filosofia, passei a refletir sobre o papel da imprensa quando mulheres inseridas na política se tornam notícia. Como cientista, atualmente distante de uma Redação<sup>9</sup> de jornal ou revista, poderia observar de maneira mais ampla e com outros olhos a tarefa diária de noticiar os acontecimentos. Contudo, o fato ocorrido com a Presidenta

---

<sup>8</sup> A obra traz também depoimentos de Dilma Rousseff sobre a perseguição que sofreu pela mídia misógina e o caso de assédio sexual sofrido pela deputada estadual Isa Penna (à época no PSOL-SP) pelo então deputado Fernando Cury (Cidadania-SP), que apalpou os seios dela durante uma sessão da Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP) em dezembro de 2020. Poucos meses após o lançamento da coletânea, no dia 2 de julho de 2021 Manuela d'Ávila tornou público que o pai de um colega de escola de sua filha tirou uma fotografia da menina e a imagem circulou nos grupos que incentivam ódio nas redes sociais. A partir desse ato, Manuela recebeu ameaças de estupro contra Laura, de apenas 5 anos, e também, novamente, de assassinato contra ela.

<sup>9</sup> Redação é nome dado ao espaço físico no qual trabalham as equipes jornalísticas nas empresas jornalísticas/de comunicação.

brasileira Dilma Rousseff despertou em mim o desejo de realizar esta pesquisa. Depois dela, as investigações desenvolvidas durante a pesquisa me levaram à Presidenta argentina Cristina Kirchner. Assim sendo, defini como objetivo principal desta dissertação analisar o enquadramento de gênero e de política que os jornais Folha de S. Paulo e Clarín deram às manchetes, fotografias e legendas referentes às Presidentas sul-americanas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner, durante seus mandatos, nas capas dos diários brasileiro e argentino.

Para alcançar tal objetivo, foram observadas, a princípio, 154 capas dos jornais brasileiro e argentino. Julgo importante sinalizar que, como pesquisadora, parto de um saber localizado (HARAWAY, 1995) territorial, social e político para a elaboração desta dissertação. A pesquisa se situa, portanto, a partir de uma perspectiva e epistemologia feminista, a qual considera importante a representatividade de mulheres nas esferas mais altas do poder do Estado. A investigação e as análises deste estudo têm como objetivo identificar como a presença das mulheres na política é enquadrada pelos jornais mais relevantes dos países sul-americanos Brasil e Argentina.

Porém, antes de eleger as duas Chefes de Estado como personagens principais desta dissertação, as investigações me mostraram as 13 mulheres, que até a atualidade (2022), ocuparam o cargo de Presidentas em suas respectivas nações na América Latina. Como mulher latino-americana, desde o início da pesquisa decidi que geograficamente o território escolhido para minha análise seria essa região específica. Ao refletir sobre a vontade de investigar as 13 mandatárias em capas de vários jornais durante décadas, me deparei com a inviabilidade da realização de uma pesquisa de tal magnitude em um mestrado *stricto sensu* que tem a duração de apenas dois anos. A ausência de tempo hábil para desenvolver o tema com *corpus* muito extenso foi o motivo principal para abandonar tal recorte empírico. Durante o preparo para o projeto desta pesquisa e no constante exercício de investigação, houve redução do número de Presidentas e, conseqüentemente, de jornais a serem analisados. Ao invés de 13 Presidentas, a concentração ficou em torno de quatro delas: Cristina Kirchner, Presidenta da Argentina; Dilma Rousseff, Presidenta do Brasil; Laura Chinchilla, Presidenta da Costa Rica e Michelle Bachelet, Presidenta do Chile.

Por que Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet? A partir da primeira década do século XXI, as quatro passaram a se destacar no cenário político na América Latina e, conseqüentemente, no mundo. Michelle Bachelet foi eleita

Presidenta do Chile em 2006 e depois reeleita em 2014. Cristina Kirchner ganhou as eleições na Argentina em 2007 e novamente em 2011. Laura Chinchilla tornou-se Presidenta da Costa Rica em 2010, seu único mandato. E Dilma Rousseff venceu nas urnas brasileiras em 2010 e 2014.

Em um total de 12 anos, de 2006 a 2018, um país ou mais da América Latina teve pelo menos uma mulher eleita como Chefe de Estado. No ano de 2014, especificamente durante os meses de março, abril e maio, as quatro Presidentas governaram simultaneamente suas nações. Àquele momento, Dilma Rousseff estava no último ano do seu primeiro mandato como Presidenta no Brasil e já se preparava para concorrer à reeleição, que foi concretizada no resultado das urnas em outubro de 2014. Michelle Bachelet retornava ao *Palacio de La Moneda*, onde começava o seu segundo mandato como Presidenta do Chile. No penúltimo ano de seu segundo governo, Cristina Kirchner comandava a Argentina e Laura Chinchilla se despedia como Presidenta da Costa Rica neste mesmo período.

Diante do panorama apresentado, tornou-se relevante investigar um pouco mais sobre esse período demarcado em 2014, que envolveu as quatro comandantes de nações do Sul Global. Assim, o recorte deste período, a princípio, pareceu interessante e diferenciado em relação aos demais trabalhos já realizados sobre as Presidentas. A busca por estudos feitos com as mandatárias resultou em algumas dissertações de mestrado e teses de doutorado – no Brasil e em outros países na América Latina – que investigaram e discutiram sobre as Presidentas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Michelle Bachelet (LOPES, 2018). Alguns estudos contemplaram Cristina e Dilma (FREITAS, 2018). Outros, Dilma e Michelle (MOREIRA, 2016). A cientista política Farida Jalalzai incluiu Laura Chinchilla ao trio em um estudo sobre as quatro Presidentas latino-americanas, que resultou no livro **Women Presidents of Latin America: Beyond Family Ties?** (2015).

Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet contribuíram para mostrar que as mulheres podem e devem ter uma participação efetiva nas decisões políticas de uma nação. Mesmo diminuindo o número de 13 para 4 Presidentas, o *corpus* continuava extenso para uma dissertação de mestrado, por causa da grande quantidade de material, que contemplava muitas edições de quatro jornais de países diferentes. A partir das sugestões comentadas no exame de qualificação desta pesquisa, a decisão final foi focar nas análises das capas de jornais somente com as

Presidentas brasileira e argentina. Porém, a relevância das governantes chilena e costarriquenha também recebeu, mesmo que brevemente, atenção neste trabalho.

A seguir, apresento a estrutura desta dissertação. O Capítulo 1 ressalta a importância do registro da história das mulheres, principalmente no campo político na América Latina. Gênero e feminismos com a perspectiva de interseccionalidade são elementos que ajudam a ampliar e acrescentar na discussão sobre os obstáculos ao acesso das mulheres aos espaços político e midiático.

A ampla maioria dos estudos sobre gênero e política nas últimas décadas analisou como a agenda da igualdade de gênero, em suas diferentes dimensões, foi promovida – e restrita ou barrada – em contextos democráticos. [...] A agenda de gênero encontrou oportunidade para transformar-se em leis e em políticas públicas. (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020, p. 135).

Na sequência, algumas vertentes da explicação da representação, da sub-representação e da representatividade política das mulheres também são colocadas em debate (MIGUEL, BIROLI, 2011). O capítulo se encerra com breve perfil das Presidentas Laura Chinchilla, Michelle Bachelet, Dilma Rousseff e Cristina Kirchner. As últimas duas se destacam por serem as Presidentas escolhidas para analisar mais detidamente nesta pesquisa.

O Capítulo 2 mostra as estratégias metodológicas percorridas na pesquisa. Diante dos elementos textuais (manchete e legenda) e fotográficos, o estudo tem como foco analisar os enquadramentos de gênero e política dados às duas Presidentas. Na pesquisa a capa foi definida como objeto de estudo, já que é a primeira página que o leitor observa e que, na sequência, pode aproximá-lo ou afastá-lo de uma leitura mais detalhada do restante da capa e também das outras páginas do periódico.

A pesquisa apresenta dois recortes específicos de investigação. O primeiro deles mostra as capas das coberturas jornalísticas dos dias das vitórias nas eleições presidenciais e das cerimônias de posse das Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner. Ou seja, são 8 capas neste total, já que ambas governantes conquistaram dois mandatos cada uma delas. O segundo recorte da pesquisa é temporal e abarca as capas dos 10 primeiros dias e dos 10 últimos dias de ambos mandatos das duas Presidentas, totalizando 80 capas. No caso da Presidenta Dilma Rousseff, os últimos 10 dias de seu segundo mandato correspondem à data anterior ao dia 12 de maio de 2016, quando o

Senado Federal votou pelo afastamento dela do cargo após a abertura do processo do impeachment. De acordo com os números apontados, são 44 capas da Folha de S. Paulo com foco em Dilma Rousseff e 44 capas do jornal Clarín com foco em Cristina Kirchner. Um total geral de 88 capas.

Conforme apresentado, esta dissertação discute sobre as mulheres Presidentas nas capas dos jornais, portanto, gênero e política são as categorias observadas e analisadas nas manchetes e fotografias em cada material selecionado. Joan Scott pensa gênero abordando as relações que afetam mulheres e homens. A historiadora define gênero em duas partes: a primeira aponta que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e a segunda de que o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (1994, p. 21). A autora cita exemplos ligados à política e ao poder por duas razões:

Primeiro, porque se trata de um território praticamente inexplorado, já que o gênero foi percebido como uma categoria antitética aos negócios sérios da verdadeira política. Depois, porque a história política – que ainda é o modo dominante da interrogação histórica – foi o bastião de resistência à inclusão de materiais ou de questões sobre as mulheres e o gênero. (SCOTT, 1994, p. 24)

Portanto, para pensar sobre a questão de gênero na forma como as Presidentas são retratadas nas capas dos jornais, é necessário compará-las com os homens nas mesmas condições. Este estudo faz, então, uma análise adicional, ou seja, uma comparação entre as capas das Presidentas Cristina Kirchner e Dilma Rousseff com as capas dos Presidentes Néstor Kirchner e Luís Inácio Lula da Silva, seus respectivos antecessores. A metodologia comparativa abarca os homens do mesmo espectro político, na mesma situação temporal e utilizando os mesmos jornais brasileiro e argentino. A pergunta da pesquisa sobre elas também serve para eles: como eles foram enquadrados, noticiados nas manchetes e imagens nas capas dos jornais?

De acordo com o recorte empírico, somam-se 154 capas. Destas, 140 são referentes aos 10 primeiros dias e 10 últimos dias de governo das duas Presidentas e dos dois Presidentes, além das outras 14 capas que noticiaram as vitórias e as cerimônias de posses delas e deles. O acesso às capas dos referidos jornais se deu por meio de acervo digital público no endereço eletrônico das empresas detentoras das marcas Folha de S. Paulo e Clarín.

A metodologia de pesquisa em comunicação denominada Teoria Fundamentada defende que a coleta e a análise de dados são processos inter-relacionados, ou seja, começam juntos. “A análise começa assim que o primeiro fragmento de dados seja coletado<sup>10</sup>.” (CORBIN; STRAUSS, 1990, p. 06, tradução nossa). Foi exatamente desse modo que se iniciou o processo de coleta de dados desta pesquisa.

Das 154 capas coletadas e observadas, foram selecionadas somente as que noticiaram as Presidentas e os Presidentes nas manchetes, nas fotografias e/ou nas legendas das imagens das capas. Os critérios elegidos para as citações válidas são: nome completo, primeiro nome ou sobrenome de cada governante. Também foram selecionadas as capas que grafaram as palavras “Presidenta”, “Presidente” e “Presidência”. Com base em tais critérios, chegou-se ao número de 60 capas, material definitivo para análise nesta pesquisa.

A mídia escrita, neste estudo, é tratada como fonte de pesquisa, abordando principalmente os jornais como documentos de análise. O *corpus* da pesquisa é formado pelas capas dos diários Folha de S. Paulo e Clarín, considerados os jornais de maior circulação nacional no Brasil e na Argentina, respectivamente. Ao se utilizar de jornais como documentos analíticos é relevante ter a noção da linha editorial do meio de comunicação porque, muitas vezes, a proposta do periódico, enquanto valores e princípios, pode influenciar diretamente a maneira como as Presidentas serão noticiadas na capa. Por isso, os meios de comunicação funcionam além de serem fontes de pesquisa. Eles também são índices de capital político, definindo o que é notícia na editoria de política, quem faz parte dela e de que modo a personagem é visibilizada (MIGUEL, BIROLI, 2011).

Pierre Bourdieu, estudioso do campo político e dos meios de comunicação, afirma que “os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras [...] Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio da seleção é a busca do sensacional, do espetacular.” (BOURDIEU, 1997, p.25). Assim sendo, o capítulo apresenta breves perfis históricos e também informações atualizadas sobre o jornal brasileiro Folha de S. Paulo e o periódico argentino Clarín.

---

<sup>10</sup> Original em inglês: “In grounded theory, the analysis begin as soon as the first bit of data is collected”.

As manchetes e as fotografias são analisadas por meio das metodologias de Análise de Discurso de linha francesa e o enquadramento de mídia com base no pensamento da filósofa Judith Butler, Erving Goffman, Todd Gitlin e Mauro Porto.

A escolha do uso da Análise de Discurso como método de pesquisa tem algumas justificativas. Segundo Elvira Narvaja de Arnoux, a Análise de Discurso deve se situar também como campo interdisciplinar, portanto não se trata de uma análise feita por linguistas para linguistas. Ela vai além da linguística e pode ser aplicada em várias áreas, principalmente nos meios de comunicação. “Deve destacar-se que a Análise de Discurso tem atendido particularmente as problemáticas de racismo, das avaliações de gênero e dos fenômenos de exclusão em relação com minorias de distinto tipo” (ARNAUX, 2006, p.15). A linguista argentina afirma que a Análise de Discurso também segue uma linha de epistemologia mais interpretativa, recorrendo a uma ou mais disciplinas linguísticas e não linguísticas.

Desviar o olhar da notícia para encontrar na mesma uma outra significação, ou seja, enxergar para além das evidências, foi o exercício feito nesta pesquisa ao examinar cada manchete e cada imagem das capas dos jornais. Eni Puccinelli Orlandi explica que a “análise de discurso considera que a linguagem não é transparente” e por isso que a questão colocada diante de uma notícia, por exemplo, deve ser: “como este texto significa?” (ORLANDI, 2007, p. 17).

Michel Foucault aponta que os discursos, assim como os silêncios, fazem parte de um “jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta” (FOUCAULT, 2018, p. 110). O autor ainda diz:

O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. (FOUCAULT, 2018, p. 110).

Nos primeiros minutos de aula no *Collège de France*, ministrada em 2 de dezembro de 1970, que resultou no livro **A Ordem do Discurso** (1996), Foucault levantou uma hipótese provocadora.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e

perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 8 e 9)

Quanto ao enquadramento de mídia, a capa do jornal – considerada como uma moldura que traz elementos no seu interior – se apresenta ao mundo seguindo regras específicas, de acordo com uma linha editorial, que podem ser lidas e interpretadas. As mulheres na política estão enquadradas nesta moldura. E não são quaisquer mulheres, são Presidentas de nações. Judith Butler propõe uma interpretação atenta da mensagem explícita ou implícita no quadro apresentado.

Podemos pensar no enquadramento, então, como algo ativo, que tanto descarta como mostra, e que faz as duas coisas ao mesmo tempo, em silêncio, sem nenhum sinal visível da operação. O que surge nessas condições é um espectador que supõe estar em uma relação visual imediata (e incontestável) com a realidade (BUTLER, 2020, p. 112)

Dentro desses quadros estão as fotografias jornalísticas. “Por que se olhar uma imagem?” Jacques Aumont fez essa pergunta e também a responde em seu livro **A Imagem** (1993).

A produção de imagens jamais é gratuita e, desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos. Uma das primeiras respostas à nossa questão passa pois por outra questão: para que servem as imagens (para que queremos que elas sirvam)? É claro que, em todas as sociedades, a maioria das imagens foi produzida para certos fins (de propaganda, de informação, religiosos, ideológicos em geral) [...] uma das razões essenciais da produção de imagens é a que provém da vinculação da imagem em geral com o domínio do simbólico, o que faz com que ela esteja em situação de mediação entre o espectador e a realidade. (AUMONT, 1993, p. 78)

A fotografia pode ser também “um roubo da alma”, segundo uma crença antiga. É um “assalto” que o fotógrafo faz de uma situação pública. A capa do jornal é um quadro emoldurado, cujo conteúdo traz elementos como textos e imagens. É uma narrativa que tem poder, e que vai mobilizar sentidos sociais sobre política e gênero, no caso das análises desta pesquisa, na direção que a linha editorial defende. Embora consideremos relevante investigar as percepções da recepção da mensagem, esta pesquisa não tem o objetivo de contemplar a análise feita pelas(os) leitoras(es) sobre as referidas capas.

Nos Capítulos 3 e 4, as 60 capas são expostas, acompanhadas das análises realizadas com base nas categorias de política e gênero. As análises das manchetes e das fotografias nas capas trazem provocações e tentam desvendar significados das mensagens direcionadas as(os) leitoras(es). É o que Eni Orlandi nomeia como dispositivo da

interpretação. Ele “tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro[...]” (ORLANDI, 2007, p. 59). O estudo comparativo mostra as capas com as Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner em relação às capas de seus respectivos antecessores, Presidentes Luíz Inácio Lula da Silva e Néstor Kirchner.

No Capítulo 3, especificamente, o foco são as 14 capas referentes às coberturas jornalísticas dos dias das vitórias das Presidentas e Presidentes e também dos dias das cerimônias de posses delas e deles. Algumas das questões levantadas durante a análise foram: o que a capa que mostra a primeira vitória de Dilma Rousseff diz sobre gênero quando publica a imagem dela olhando para baixo e Luiz Inácio Lula da Silva para cima, em uma montagem, como se estivessem trocando olhares, mostrando-a em uma situação subalterna? O que a capa da primeira posse da Presidenta brasileira significa em termos de política quando tem a foto com Dilma abraçando a ex-ministra Erenice Guerra, suspeita de corrupção? Na foto da capa da Folha de S. Paulo do dia 2 de janeiro de 2015, o que significa a imagem de Dilma Rousseff, toda atrapalhada, tentando colocar em si a faixa presidencial na posse de seu segundo mandato? E a capa da segunda posse do Presidente Lula que traz ele fotografado com a mesma faixa presidencial, só que ajustada? Do lado argentino, o que a capa da primeira posse de Cristina Kirchner quer dizer ao trazer a imagem dela junto ao seu antecessor Néstor Kirchner, que continua segurando o bastão presidencial que agora pertence à mandatária argentina?

No Capítulo 4 são apresentadas 46 capas referentes aos 10 primeiros dias e aos 10 últimos dias de mandatos das Presidentas e dos Presidentes, quando elas e eles são citados conforme os critérios já informados. O capítulo contempla o que os jornais Folha de S. Paulo e Clarín noticiaram no período do início e do fim de cada mandato presidencial. De acordo com as 60 capas analisadas nesta pesquisa, pode-se afirmar que as equipes jornalísticas fizeram escolhas, e procuro correlacioná-las às categorias de política e gênero que foram consideradas. Na sequência dos capítulos estão as Considerações Finais, as Referências Bibliográficas, Apêndice A e Anexo A.

Abracei o desafio dessa pesquisa e dissertação quando o mundo enfrentou o terror da pandemia de Covid-19. Dois encontros presenciais com minha orientadora Daniela Tonelli Manica e duas aulas presenciais no campus do Labjor (Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo) na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em março de 2020 foram os únicos contatos físicos até a finalização desta dissertação de mestrado.

Todos os demais, em função do isolamento social imposto pelo potencial de contágio da doença, ocorreram de forma virtual por meio da tela do meu computador na minha casa. Produzir essa dissertação foi para mim também um ato de resistência. A todo momento mirava no exemplo das Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner, além de todas as demais mulheres citadas nesta pesquisa, que de alguma maneira não mediram esforços para conquistar uma posição de poder e manter-se nela em meio tantas dificuldades dentro de uma sociedade estruturalmente patriarcal e misógina.

## CAPÍTULO 1

### PRESIDENTAS LATINO-AMERICANAS

“Não se sabe nada das mulheres”. A frase é declarada em tom de desculpa por aquela típica fonte que não está interessada em levar a sério a investigação e a escrita da história das mulheres. É como se a presunção da não existência delas significasse a comprovação de tal ideia. Michelle Perrot reproduziu as aspas acima na abertura de uma conferência<sup>11</sup> na tentativa de impedir a perpetuação da falácia de que as mulheres não existiram, principalmente antes do século XIX. “As mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, pois elas são agentes históricos” (PERROT, 1995, p. 09). A afirmação da historiadora francesa é – ou deveria ser – a bússola de quem busca todo e qualquer tipo de registro sobre o assunto.

A co-autora dos cinco volumes da obra **L’Histoire des femmes en Occident de l’Antiquité à nos jours** (1991), que chegou ao Brasil traduzida em alguns volumes como **História das Mulheres no Ocidente** (1993), observa, porém, que escrever sobre o tema era, no final do século XX, “um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação” (PERROT, 1995, p. 09). O escasso material significativo disponível sobre as mulheres, até pouco tempo atrás, se justifica porque as vivências e as experiências delas foram negligenciadas, conforme apontado por Lerner, abaixo.

Mulheres e homens entraram no processo histórico sob diferentes condições e passaram por ele em velocidades distintas. Se o ato de registrar, definir e interpretar o passado marca a entrada do homem na história, isso ocorreu para os homens no terceiro milênio a.C. Para as mulheres (e ainda assim apenas para algumas), com notáveis exceções, ocorreu no século XIX. Até então, toda a História era Pré-História para as mulheres. (LERNER, 2019, p. 277).

Thomas Laqueur conta, em seu livro **Inventando o sexo - corpo e gênero dos gregos a Freud** (2001 [1992]), que na Antiguidade não existia o que hoje se considera como “um corpo feminino”. “Só em 1759 é que alguém se importou em reproduzir um esqueleto feminino detalhado num livro de anatomia [...]. Até essa época havia uma estrutura básica do corpo humano, e essa estrutura era masculina”. (LAQUEUR, 2001, p. 21 e 22).

---

<sup>11</sup> Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 na Universidade Estadual de São Paulo (UNICAMP). Dossiê: **História das Mulheres no Ocidente – Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência**. Publicado em Cadernos Pagu 1995: pp. 9-28.

Até o século XIX, fez-se pouca questão de incluir as perspectivas das mulheres nos relatos históricos. “As que apareceram no relato dos cronistas da época são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas” (PERROT, 1995, p. 13).

Nas primeiras páginas de **A Criação do Patriarcado<sup>12</sup> – História de Opressão das Mulheres pelos Homens** (2019 [1986]), Gerda Lerner ressalta que “as mulheres são e foram peças centrais, e não marginais, para a criação da sociedade e a construção da civilização” (p. 28). A concepção de que os homens protagonizam a história enquanto as mulheres não servem nem como figurantes da mesma, não faz sentido e deve ser esvaziada.

A francesa Michelle Perrot e a austríaca Gerda Lerner, além de outras pesquisadoras de múltiplas áreas da contemporaneidade, ajudam a contar uma história que não tinha sido contada até então. Elas revelaram um material histórico que aguardava uma narração séria, crítica e cuidadosa. Gerda Lerner, na época do lançamento de sua obra sobre o sistema patriarcal, avisou que o “processo de criação da história das mulheres ainda está em andamento e precisará continuar por muito tempo. Estamos apenas começando a entender suas implicações.” (2019, p. 272).

Mas, até que ponto a América Latina foi considerada parte do Ocidente ou das conhecidas Ondas Feministas<sup>13</sup> discutidas por pensadoras europeias e estadunidenses? De

---

<sup>12</sup>“Patriarcado, em sua definição mais ampla, significa a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral. A definição sugere que homens têm o poder em todas as instituições importantes da sociedade e que mulheres são privadas de acesso a esse poder. Mas não significa que as mulheres sejam totalmente impotentes ou privadas de direitos, influência e recursos. Uma das mais árduas tarefas da História das Mulheres é traçar com precisão as várias formas e maneiras como o patriarcado aparece historicamente, as variações e mudanças em sua estrutura e função, e as adaptações que ele faz diante da pressão e das demandas das mulheres. Se o patriarcado descreve o sistema institucionalizado de dominância masculina, o paternalismo descreve um modo específico, um conjunto de relações patriarcais” (LERNER, 1986/2019, p. 390). Na obra **Dicionário crítico do feminismo**, organizada por Helena Hirata (2009), Christine Delphy afirma que o “patriarcado é uma palavra muito antiga, que mudou de sentido no século XIX com as primeiras teorias dos “estágios” da evolução das sociedades humanas, depois novamente no fim do século XX, com a “segunda onda” do feminismo surgida nos anos 70 no Ocidente. Nessa nova acepção, o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou, ainda mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres” (HIRATA *et al*, 2009, p. 173). O patriarcado foi e é um conceito fortemente utilizado e ressignificado, ou seja, está em constante debate. Adriana Piscitelli é uma das pesquisadoras e autoras que apontam que na medida que o termo foi se disseminando, faltou trabalhar aspectos centrais de seus componentes, sua dinâmica e seu desenvolvimento histórico. Porém, ela ressalta que o patriarcado demonstra que “a subordinação da mulher não é natural e que, portanto, é possível combatê-la”. (PISCITELLI, 2002, pág. 07).

<sup>13</sup> Ondas do feminismo. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

acordo com as feministas “subalternas” (BALLESTRIN, 2017), o feminismo, considerado universal, não as contemplava em suas diversas reivindicações. Elas começaram a questionar quem eram, quais papéis desempenhavam na sociedade e para onde e com quem queriam continuar a caminhada na luta por vários direitos. Com esse novo movimento das mulheres excluídas, surgiram “os feminismos”, no plural, e a certeza de que não existe uma visão única e tradicional das histórias das mulheres. Ballestrin expõe, então, o problema do universalismo no feminismo ocidental.

O feminismo hegemônico, dessa forma, passou a ser exposto em seu universalismo, etnocentrismo, (neo)liberalismo, anglo-eurocentrismo, branqueamento e pela negligência de questões coloniais e raciais que atravessam etnias, nacionalidades e geografias. Passou, também, a ser retratado como um feminismo do Primeiro Mundo ou Norte Global, muito pouco sensível às questões das “outras” mulheres do feminismo. Nesta disputa discursiva, simplificações, generalizações e não diferenciações em termos de identidade, representação e interesse acabaram por surgir. (BALLESTRIN, 2020, p. 04).

Antes mesmo da russa Khertek Amyrbitovna Anchimaa-Toka governar Tuva – que atualmente é uma república da federação russa – de 1940 a 1944 e se tornar a primeira mulher Presidenta de um país no mundo<sup>14</sup>; uma mulher latino-americana se candidatou à Presidência de sua nação. Nos anos 1930, quando as mulheres ainda não tinham conquistado o direito de votar em El Salvador – o que só ocorreria 20 anos mais tarde, em 1950 – Prudencia Ayala<sup>15</sup>, filha de um indígena mexicano e uma indígena salvadorenha, tornou-se autodidata, encarou os preconceitos e mirou no cargo político mais alto. Lorena Arroyo (2021) descreveu que a salvadorenha fazia suas roupas e o bastão de madeira, elemento reservado aos homens intelectuais, e indagava com naturalidade:

A mulher governou na Europa no sistema monárquico. Por que é estranho governar nas Repúblicas do continente indo-latino-hispano-americano? (...) Não é tirar os direitos do homem, e sim constituir a soberania nacional nos dois sexos que formam a família humana”, escreveu na primeira das três edições do *Redención*

<sup>14</sup> Cf. Amy C. Alexander, Catherine Bolzendahl e Farida Jalalzai (p. 1-25, 2018).

<sup>15</sup> O perfil de Prudencia Ayala (1885 -1936) descrito aqui faz parte da reportagem Esquecidas pela história na América. Escrito por Lorena Arroyo e publicado no El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedad/2021-03-08/prudencia-ayala-a-primeira-mulher-que-tentou-ser-presidenta-na-america-latina.html>. Acesso em: 03 ago.2021.

*Femenina* (Redenção Feminina), um jornal que fundou para expor suas ideias feministas. (ARROYO, 2021).

Na ocasião, a população de El Salvador não estava preparada para a coragem de Prudencia Ayala, que teve sua candidatura repudiada pela maioria das pessoas. Segundo Lorena Arroyo, os jornais da época a chamaram de “louca, feia, analfabeta, desordeira e machona” (2021). A Suprema Corte determinou que as mulheres não tinham direito a concorrer a cargos públicos e sua candidatura não foi aceita. Sem ter realizado seu desejo, Prudencia Ayala morreu em julho de 1936 e permaneceu no esquecimento por mais de meio século. Em 1996, um dos seus filhos, já idoso, compartilhou textos e objetos de Prudencia Ayala, que voltou à cena como símbolo da luta das mulheres salvadorenhas.

Neste caso, além da mulher considerada subalterna não ter sido ouvida, permaneceu silenciada historicamente por um longo tempo (SPIVAK, 2010 [1985]). Mas foi de novo na América Latina – região dominada e ao mesmo tempo resistente em relação aos velhos e aos novos colonizadores – que surgiu a segunda mulher que se tornaria Presidenta de uma nação a nível global.

A argentina María Estela Martínez, conhecida como Isabel ou Isabelita Perón, assumiu a presidência da Argentina de 1974 a 1976 após a morte de seu marido Juan Domingo Perón. Isabel Perón era vice de Perón e governou até ser deposta<sup>16</sup> por um golpe militar comandado pelo general Jorge Rafael Videla. Historicamente ela se tornou a segunda Presidenta no mundo e a primeira na América Latina, trinta e quatro anos depois do mandato de Khertek Amyrbitovna Anchimaa-Toka, no território russo. No total, até os dias de hoje, a América Latina já teve 13 Presidentas. Entre os 21 países (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela) que pertencem ao bloco, 11 já foram governados por mulheres eleitas ou interinas. Nesse cenário, somente a Argentina e a Bolívia tiveram duas mulheres ocupando o cargo de chefes de Estado, os outros países tiveram apenas uma.

---

<sup>16</sup> No governo de Isabel Perón, o ministro José López Rega criou a Aliança Anticomunista Argentina, também conhecida como Triple A com o objetivo de perseguir e assassinar membros da esquerda peronista. QUESADA (2003).



Figura 1 – 13 Presidentas latino-americanas

Fonte das imagens: Foto 1: Wikipédia Commons / Foto 2: Fundación Violeta Barrios de Chamorro/ Foto 3: Stabroeknews / Foto 4: Twitter/Panamenistas/ Foto 5: Arquivo da Biblioteca Nacional de Chile/ Foto 6: Casa Rosada - Governo da Argentina/ Foto 7: Foto oficial da Presidenta da Costa Rica / Foto 8: Roberto Stuckert Filho/ Foto 9: AFP/Correio Braziliense / Foto 10: La Paz-Memoria / Foto 11: Femmes em Démocratie / Foto 12: Wikimedia Commons / Foto 13: Wikipedia

PRESIDENTAS ELEITAS		PAÍS	PERÍODO DE MANDATO
1	<u>María Estela Martínez de Perón</u>	Argentina	1974-1976
2	<u>Violeta Chamorro</u>	Nicarágua	1990-1997
3	<u>Janet Jagan</u>	Guiana	1997-1999
4	<u>Mireya Moscoso</u>	Panamá	1999-2004
5	<u>Michelle Bachelet</u>	Chile	2006-2010 e 2014-2018
6	<u>Cristina Kirchner</u>	Argentina	2007-2011 e 2011-2015
7	<u>Laura Chinchilla</u>	Costa Rica	2010-2014
8	<u>Dilma Rousseff</u>	Brasil	2010-2014 e 2014-2016
9	<u>Xiomara Castro</u>	Honduras	2021
PRESIDENTAS INTERINAS		PAÍS	PERÍODO DE MANDATO
10	<u>Lidia Gueiler Tejada</u>	Bolívia	1979-1980
11	<u>Ertha Pascal-Trouillot</u>	Haiti	1990-1991
12	<u>Rosalía Arteaga</u>	Equador	1997
13	<u>Jeanine Añez Chávez</u>	Bolívia	2019

Quadro 1 – Chefes de Estado latino-americanas eleitas e interinas de 1974 a 2021

Fonte: Quadro elaborado por Adriana Silvestrini Santos com base em informações dos jornais Clarín, El País e Folha de S. Paulo.

Dos anos 1950 a 1990 alguns países latino-americanos – com destaque para os da América do Sul – estavam sob o comando de regimes autoritários. Mesmo vivendo sob ditaduras e um sistema de patriarcado estruturado, muitas mulheres se engajaram nos movimentos feministas que surgiram, nesse período, na região Sul Global. Por meio do ativismo, elas passaram a conquistar direitos civis, sociais e políticos. Algumas delas foram além do que os homens podiam imaginar, e se tornaram Presidentas de nações.

Doze anos antes de tomar posse como Presidenta da Nicarágua, a jornalista Violeta Chamorro<sup>17</sup> ficou viúva de Pedro Joaquín Chamorro, dono do jornal *La Prensa*. Ele foi assassinado, em 1978, por ordem do ditador Anastasio Somoza porque fazia críticas à ditadura vigente. Lída Gueiler Tejada<sup>18</sup> governou a Bolívia, durante oito meses, entre dois golpes. O Congresso boliviano nomeou Lída Gueiler Tejada como Presidenta interina em 16 de novembro de 1979, após o golpe de Estado, liderado pelo general Alberto Natusch, ter desencadeado enfrentamentos sangrentos entre militares e trabalhadores. No período enquanto ocupava o cargo de Presidenta, ela escapou de uma tentativa de assassinato protagonizado por um coronel bêbado que exercia o cargo de

<sup>17</sup> Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2021-10-30/la-soledad-de-violeta-chamorro-la-mujer-que-llevo-la-democracia-a-nicaragua.html>. Acesso em: 02 nov. 2021.

<sup>18</sup> Disponível em: [https://elpais.com/internacional/2011/05/09/actualidad/1304892015\\_850215.html](https://elpais.com/internacional/2011/05/09/actualidad/1304892015_850215.html). Acesso em: 02 nov. 2021.

chefe de segurança. Em 17 de julho de 1980, novamente os militares realizaram um novo golpe e Lúcia Gueiler precisou se exilar em outros países. As Presidentas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Michelle Bachelet também participaram ativamente, no combate aos golpes militares ocorridos na Argentina, Brasil e Chile. Todas atuaram, concomitantemente, no longo processo de democratização ocorrido em alguns países da região.

Com a democracia instaurada, a partir da primeira década do século XXI, as mulheres passaram a se destacar no cenário político na América Latina por terem conquistado o topo na hierarquia política de um país. Dados do estudo *Women in Politics: 2014*, realizado pelo Inter-Parliamentary Union (doravante IPU), juntamente com a Organização das Nações Unidas (doravante ONU) *Women*, mostraram que em primeiro de janeiro de 2014, dos 152 Chefes de Estado no mundo, nove eram mulheres, sendo quatro delas, as latino-americanas Cristina Kirchner (Argentina), Dilma Rousseff (Brasil), Laura Chinchilla (Costa Rica) e Michelle Bachelet (Chile). Além de Chefes de Estado, as quatro mulheres latino-americanas também eram Chefes de Governo. As outras cinco Chefes de Estado pertenciam aos países da Libéria (África Ocidental), Lituânia (Europa), Malawi (África Ocidental), República da Coreia (Ásia) e San Marino (Europa). Isso significa que a América Latina, naquela data, foi a região no mundo onde havia mais mulheres como Chefes de Estado.

Anualmente, a ONU *Women* apresenta, por meio de relatórios e mapas, dados do percentual de mulheres presentes no parlamento e nos cargos ministeriais. No mapa *Women in Politics: 2014*<sup>19</sup>, os países são ranqueados e coloridos de acordo com a porcentagem de mulheres em posições mais altas na hierarquia política. Este mapa ainda mostrou que dos 193 Chefes de Governo, apenas 15 eram mulheres. Elas pertenciam aos seguintes países: Argentina (América do Sul), Alemanha (Europa), Bangladesh (Ásia), Brasil (América do Sul), Chile (América do Sul), Costa Rica (América Central), Dinamarca (Europa), Eslovênia (Europa), Jamaica (Caribe), Libéria (África Ocidental), Malawi (África Ocidental), Noruega (Europa), Senegal (África Ocidental), Tailândia (Ásia) e Trinidad e Tobago (Caribe).

---

<sup>19</sup> Mapa mundial de mulheres na política de 2014. Disponível em: [http://archive.ipu.org/pdf/publications/wmnmmap14\\_en.pdf](http://archive.ipu.org/pdf/publications/wmnmmap14_en.pdf). Acesso em: 02 nov. 2021.

O *Guía Estratégica Empoderamiento Político de las Mujeres: Marco para una acción estratégica América Latina y El Caribe* (2014-2017), realizado com apoio da ONU *Mujeres*, apontou que a participação política das mulheres na região latino-americana neste período superou de maneira positiva a de épocas anteriores.

Por terem protagonizado o momento histórico na América Latina que foi apresentado, nesta dissertação me propus a registrar parte da história social das quatro chefes de Estado: Laura Chinchilla, Michelle Bachelet, Cristina Kirchner e Dilma Rousseff. Cada uma delas conquistou seu lugar na história como vencedora e não como vencida porque passou a ocupar um espaço até então usualmente concedido à figura designada socialmente como humano “universal” (homem, branco, heterossexual, europeu e da elite). Estar no território que até então era dominado pelos homens, foi apenas o primeiro de muitos outros fatos importantes que aconteceram enquanto essas mulheres ocuparam o cargo mais cobiçado no alto escalão do poder.

Porém, para uma análise mais minuciosa sobre o tema mulheres na política e na mídia, é preciso incorporar a perspectiva de gênero para ampliar e problematizar a discussão. “Temos que nos perguntar mais frequentemente como as coisas aconteceram para descobrir porque elas aconteceram” (1989, p. 20), recomenda Joan Scott. Nessa direção, a próxima seção reúne as reflexões de algumas pensadoras que contribuem para a compreensão deste debate.

### 1.1 Perspectiva de gênero e interseccionalidade

Donna Haraway, em seu artigo “**Gênero**” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra (1991), afirma que “apesar de importantes diferenças, todos os significados modernos de gênero se enraízam na observação de Simone de Beauvoir” (p. 211). Em 1949, a filósofa francesa afirmou, no clássico livro **O Segundo Sexo** que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016, p. 11). Vinte anos depois de Simone de Beauvoir problematizar a estrutura patriarcal francesa e, conseqüentemente, a de outros países do mundo, as feministas anglo-saxãs começaram a usar o termo *gender* (gênero) para distinguir de *sex* (sexo).

A partir da década de 1970, os estudos feministas se consolidaram na América Latina, sendo o Brasil considerado um dos primeiros países a discutir o tema, inclusive, no meio acadêmico (PISCITELLI, 2013). Nos anos 80, as feministas e estudiosas latino-

americanas também começaram a divulgar o termo gênero. Stella Maris Scatena Franco caracteriza esse momento como a passagem entre uma perspectiva teórica marcada dentro dos âmbitos historiográficos – voltados para a história social das mulheres – para um campo epistemológico que passou a ser chamado de história das relações de gênero.

As discussões atinentes à História das Mulheres e à questão de gênero, como não poderia deixar de ser, estão relacionadas a questões mais amplas que marcaram a política e as lutas sociais no último meio século. Sem pretender realizar uma aproximação automática, é impossível não pensar em presumíveis relações entre o acirramento dos movimentos sociais nos anos 1960 e 1970 e o caráter engajado da militância feminista e da produção das Ciências Humanas no que diz respeito à atuação da mulher, com o objetivo de buscar as solidariedades e semelhanças vinculadas à resistência à opressão masculina. Da mesma maneira, nos anos 1980 e 1990, a emergência da discussão de gênero, paralela ao fracionamento das identidades e à detonação da categoria mulher, coincide com um cenário mais abrangente, marcado pela queda de regimes socialistas e pela ampla crise dos paradigmas. (FRANCO, 2015, p. 50)

Flavia Biroli aponta que “as relações de gênero só puderam ser ‘evidenciadas como relações de poder’ na medida em que as convenções que serviram de base para instituições, normas e práticas seletivas foram contestadas pelos movimentos feministas” (BIROLI, 2020, p. 19). Para Rachel Soihet e Joana Maria Pedro, o gênero “dá precisão à ideia de assimetria e de hierarquia nas relações entre homens e mulheres, incorporando a dimensão das relações de poder” (SOIHET E PEDRO, 2007, p. 288).

Assim como os reinados de Elizabeth I da Inglaterra (de 1558 a 1603) e Catherine de Médici (de 1547 a 1559) na França foram questionados em relação à capacidade das mulheres (SCOTT, 1994) para a direção política de seus respectivos territórios, as Presidentas latino-americanas foram, por diversas ocasiões, alvo de violência política sexista dentro e fora de seus gabinetes. Narrar as experiências ruins e boas dessas mulheres que desempenharam a função de governantes de seus países e reconhecer o legado deixado por elas são formas de contribuir para o fortalecimento da ideia de que o lugar da mulher é onde ela quiser estar, inclusive, na Presidência de uma nação.

Porém, há de se reconhecer também que nem todas as mulheres, mesmo que desejem, conseguem ou conseguirão alcançar o topo dentro do universo político porque a desigualdade, mesmo entre as mulheres, ainda é muito grande. Das 13 Presidentas latino-americanas, 12 são brancas, e todas têm acesso à moradia, à alimentação, à educação e à saúde. Privilégios esses que a maioria das latino-americanas não dispõe.

O Sul global, por sua vez, revela desenvolvimentos contraditórios e não lineares. [...] A história de contradições, em que classe, raça e gênero constituem padrões seletivos que limitam regras, práticas e valores democráticos, por sua vez, remete às disputas em torno do sentido da democracia, em espaços institucionais e não institucionais. (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020, p. 141).

Como mostram os autores Biroli, Vaggione e Machado, a América Latina não é uma região onde há apenas sexismo. Há também racismo, classismo, homofobia e outras tantas formas de opressão. Quantas mulheres latino-americanas pobres, negras, indígenas, camponesas, lésbicas e transexuais são eleitas e participam ativamente da política em seus países? Um número muito baixo ainda. É fato que a representação feminina na política teve avanços nas últimas décadas, mas ainda está muito distante do ideal. Qual seria esse ideal? O espaço político deixar de ser naturalmente masculino, machista, sexista, homofóbico, racista e de classe média. Não é pouca coisa.

Para tal mudança, o debate precisa ser atravessado por múltiplas clivagens que considerem que “mulher” não é uma categoria para ser tomada no singular, e sim no plural. O entendimento inicial de uma identidade única entre as mulheres passa a ser o da existência de diversas identidades.

Mulheres negras, índias, mestiças, pobres, trabalhadoras, muitas delas feministas, reivindicaram uma ‘diferença’ – dentro da diferença. Ou seja, a categoria ‘mulher’, que constituía uma identidade diferenciada da de ‘homem’, não era suficiente para explicá-las. (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 287)

Essa discussão se desdobra a partir do feminismo negro com a perspectiva da interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989<sup>20</sup>. No artigo *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color* (1991)<sup>21</sup>, a autora propôs discutir a interseccionalidade em três categorias:

<sup>20</sup> Abordagem que afirma que os sistemas de raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, nação e idade são características mutuamente construtivas de organização social que moldam as experiências das mulheres negras e, por sua vez, são formadas por elas. (COLLINS, 2019, p. 460).

<sup>21</sup> “Na Parte I, discuto a interseccionalidade estrutural, as formas como a localização das mulheres de cor na interseção entre raça e gênero torna nossa experiência real de violência doméstica, estupro e reforma corretiva qualitativamente diferente daquela das mulheres brancas. Mudo o foco na Parte II para a interseccionalidade política, onde analiso como a política feminista e antirracista, paradoxalmente, muitas vezes ajudou a marginalizar a questão da violência contra as mulheres de cor. Então, na Parte III, discuto a interseccionalidade representacional, com a qual me refiro à construção cultural das mulheres de cor. Considero como as controvérsias sobre a representação das mulheres negras na cultura popular também podem elidir a localização particular das mulheres negras e, assim, tornar-se mais uma fonte de desempoderamento interseccional. Finalmente, abordo as implicações da abordagem interseccional no âmbito mais amplo da política de identidade contemporânea”. (CRENSHAW, 1991, p. 1245, tradução nossa).

estrutural, política e representacional.

Kimberlé Crenshaw usa a expressão *women of color*, que é comum nos Estados Unidos, na maior parte do seu texto. Sua tradução literal para a língua portuguesa seria mulheres de cor, termo não comum no Brasil. Na tentativa de traduzir *women of color*, algumas autoras preferem utilizar o termo mulheres não brancas. Penso que, ao usar essa nomenclatura, corre-se o risco de estabelecer uma certa superioridade, um parâmetro de que existem só mulheres brancas e mulheres não brancas, invisibilizando e excluindo assim as especificidades das mulheres negras, indígenas entre outras. Nesta dissertação, com exceção da tradução literal de mulheres de cor no texto de Kimberlé Crenshaw, o termo usado é mulher(es) negra(s), seguindo as autoras citadas neste trabalho e, principalmente, com base no pensamento de Lélia Gonzalez que escreveu: “a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha etc., mas se tornar negra é uma conquista” (2020, p. 269). Lélia também propôs o uso do termo amefricanas/amefricanidade em toda a América (Sul, Central, Norte e Insular).

A chamada América Latina, que na verdade, é muito mais ameríndia e amefricana do que outra coisa, apresenta-se como o melhor exemplo de racismo por denegação. Sobretudo nos países de colonização luso-espanhola, onde as pouquíssimas exceções (como a Nicarágua e o seu *Estatuto de Autonomia de las Regiones de la Costa Atlántica*) confirmam a regra. (GONZALEZ, 2020, p. 130).

Outras autoras apontam que, mesmo antes do surgimento do conceito de interseccionalidade, o feminismo negro estadunidense trazia para o debate as inter-relações entre raça e outros fatores como classe e gênero. Angela Davis no livro **Mulheres, raça e classe** (2016 [1981]) relembra Sojourner Truth, que, de improviso, proferiu o potente discurso “Não sou eu uma mulher?” na Convenção das Mulheres de 1851 em Akron, Ohio, nos Estados Unidos. Patricia Hill Collins na obra **Pensamento Feminista Negro** (2019 [1990]) apresenta a trabalhadora doméstica Maria W. Stewart, que em 1831 indagou: “Até quando as nobres filhas da África serão forçadas a deixar que seu talento e seu pensamento sejam soterrados por montanhas de panelas e chaleiras de ferro?” (COLLINS, 2019, p. 29).

O livro de Patricia Hill Collins, como o nome propõe, é sobre o pensamento feminista negro nos Estados Unidos, porém a socióloga ressalta que se trata de um dos muitos projetos feministas negros. A autora destaca a necessidade de diálogos com o feminismo negro na América Latina, Europa e Ásia, argumentando que “[t]emos muito a

aprender umas com as outras no que diz respeito à maneira como os sistemas interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade se informam mutuamente em nossas respectivas configurações nacionais.” (COLLINS, 2019, p. 13).

Nos anos 1970 e 1980, Lélia Gonzalez também já colocava em pauta a questão racial na América Latina. “Falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas”. (GONZALEZ, 2020, p. 142).

Nas primeiras eleições pluripartidaristas brasileiras, ocorridas em 1982 no final da ditadura militar, a ativista, historiadora e filósofa foi uma das poucas mulheres que se candidataram a um cargo político. Lélia Gonzalez concorreu como deputada estadual pelo PT-RJ, mas não conseguiu se eleger, ficando como primeira suplente na bancada do partido. Dentro do universo masculinizado da política formal, Lélia encontrou a misoginia e o racismo, questões que sempre a acompanharam. Em 1983, Lélia Gonzalez rompeu com o PT porque no programa publicitário do partido não havia menção e inclusão de movimentos étnicos e de mulheres. Seu desapontamento com as diretrizes do PT foi compartilhado em forma do artigo **Racismo por omissão**, assinado por ela e publicado no jornal Folha de S. Paulo. A seguir, trecho final do referido texto.

O ato falho ao negro que marcou a apresentação do PT pareceu-me de extrema gravidade [...]. Se falou de um sonho que se pretende igualitário, democrático etc., mas exclusivo e excludente. Um sonho europeizante e europeu. E isso é muito grave, companheiros! Afinal, a questão do racismo está intimamente ligada à superioridade cultural. De quem? Ora, crioulo, mulhêrio e indiada deste país: se cuide, moçada! (FOLHA DE S. PAULO, 1983, p.03)

Lélia Gonzalez se candidatou em 1986 como deputada estadual pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT/RJ) e, de novo, foi primeira suplente. Lélia morreu em 1994, vítima de um infarto. Vinte e sete anos depois de sua saída do PT, o partido elegeu a primeira mulher Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff.

Nos anos 1990, a filósofa Judith Butler ampliou a problematização da questão de gênero ao defender que se trata de uma categoria performativamente construída.

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é [...] o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas [...] [e] se tornou impossível separar a noção de “gênero”

das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 1990/2018, p. 21).

“Paradoxalmente”, como afirma Teresa de Lauretis, “a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução” (1994 [1987], p.209). De fato, a produção e discussão sobre gênero, raça e classe seguem em curso.

## 1.2 Mulheres no campo político e América Latina

Há apenas 128 anos as mulheres começaram a participar, na prática, das decisões políticas. Em 1893, a Nova Zelândia<sup>22</sup> foi o primeiro país que permitiu às mulheres irem às urnas, enquanto os homens já escolhiam entre si os comandantes das nações. Nas últimas décadas do século XIX, as europeias e as estadunidenses encabeçaram a luta pela igualdade na participação política por meio do movimento sufragista.

Porém, para que milhares de mulheres pudessem expressar suas opiniões ao votar e agir ativamente sobre os rumos de um país, em nome da igualdade de direitos, muitas outras mulheres morreram. Um dos casos mais simbólicos é o da francesa Marie Gouze, mais conhecida pelo pseudônimo de Olympe de Gouges (1748-1793). Inspirada pelas ideias libertárias da França pré-revolucionária, Olympe de Gouges escreveu, em 1791, a *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*, traduzido como **Declaração dos direitos da mulher e da cidadã** (2010). No texto, ela reivindicava a igualdade entre os sexos e o direito ao voto. Ao escandalizar os conservadores da época, foi condenada à morte na guilhotina em 1793, na cidade de Paris. Minutos antes de ser executada em praça pública, ela teria afirmado: “Se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna” (GOUGES, 2010 [1791]). Um ano após Olympe de Gouges ter defendido as mulheres na França, Mary Wollstonecraft (1759-1797), na vizinha Inglaterra, lançou a obra **Reivindicação dos direitos da mulher** (2016 [1792]). A inglesa foi uma outra importante precursora do feminismo e militante antiescravagista.

Para Rosa Luxemburgo, o movimento feminista, no sentido de busca pela igualdade política entre mulheres e homens começou, sobretudo, na América. Em artigo intitulado “Senhoras e mulheres”, publicado no jornal polonês *Gazeta Ludowa* em 1904, a líder socialista comenta que “isso foi no tempo em que a escravidão dominava nos estados do sul da América, de modo que as mulheres americanas que lutavam por seus

---

<sup>22</sup> Cf. Wanderley Guilherme dos Santos (2002, p. 297-303).

direitos juntavam sua causa com a causa da libertação dos escravos [...]” (LUXEMBURGO, 1904, p.01).

Em 1929, o Equador foi o primeiro país latino-americano a permitir o voto feminino. Na sequência vieram Brasil (1932), Argentina (1947), Chile (1949) e Costa Rica (1949) entre outros. Em 1967, o Paraguai foi a última nação da região a incluir as mulheres no eleitorado, ou seja, uma conquista que tem pouco mais de meio século. O caso mais tardio em todo o mundo até o presente momento é a Arábia Saudita quando só recentemente, em 2015, as mulheres conquistaram esse direito.

Nos países africanos, as mulheres conquistaram o direito ao voto a partir de meados do Século XX e, em alguns casos, como na África do Sul, no Zimbábwe e no Quênia, esse direito foi instituído em momentos diferentes para mulheres brancas e negras. Entre os países asiáticos, há grande variação (BIROLI, 2018, p. 177).

Algumas décadas depois, apenas votar não bastava mais. As mulheres queriam também ser votadas, inclusive para ocupar cargos políticos que nunca foram pensados para elas. A partir dos anos 1970, os movimentos feministas apontaram a ausência e a exclusão das mulheres no campo político, e denunciaram que esse problema deveria ser resolvido.

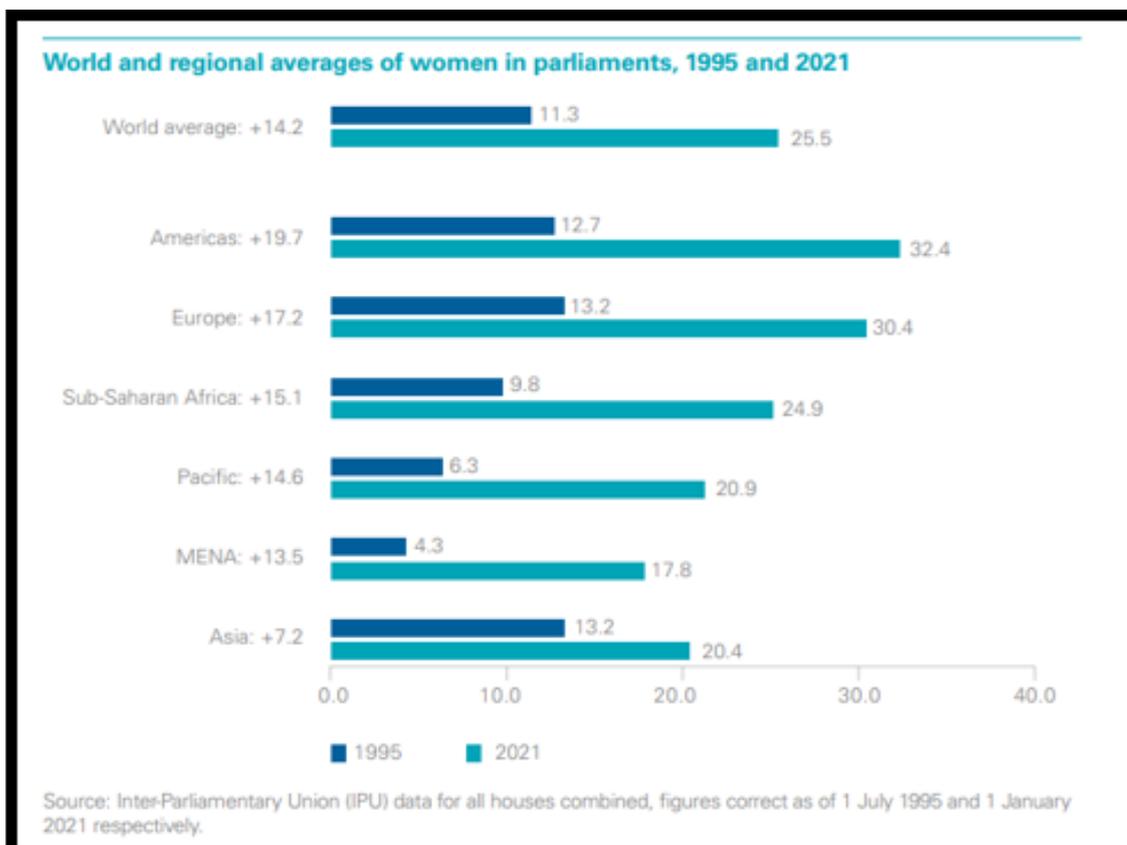
A busca por uma presença maior das mulheres nos espaços decisórios insere-se em um movimento mais amplo, que identifica, como um dos pontos decisivos de estrangulamento das democracias contemporâneas, a sub-representação política de determinados grupos sociais. O grupo dos governantes, em relação ao conjunto da população, tende a ser muito mais masculino, rico, instruído e branco – uma observação que vale para o Brasil e para as democracias ocidentais em geral. (MIGUEL, BIROLI, 2011, p. 26)

Para tentar mudar esse espaço dominado por homens brancos, cotas eleitorais por sexo passaram a ser adotadas em muitos países. Regras, como uma porcentagem mínima de vagas para mulheres em candidatura e ocupação nos assentos no parlamento, foram firmadas. A Argentina, novamente, saiu à frente no continente latino-americano, sendo o primeiro país da região e do mundo a aprovar, em 1991, a primeira lei de cotas de representação parlamentar feminina. A Lei 24.012 estabeleceu a obrigação de incorporar pelo menos 30% de mulheres nas listas no nível nacional (MARTELOTTE, 2016).

Após o exemplo argentino, outros países da região, como Brasil (1995), Costa Rica (1996), Paraguai (1996), Equador (1997), República Dominicana (1997), Peru

(1997), Venezuela (1998), Bolívia (1999), Colômbia (1999), Honduras (2000), Guiana (2001), Panamá (2007), Uruguai (2009), Haiti (2012) Nicarágua (2012), El Salvador (2013) e Chile (2015), promulgaram leis de cotas<sup>23</sup>. As discussões e resoluções acordadas sobre o tema na 4ª Conferência Mundial sobre as Mulheres, realizada em Beijing, em 1995, além de uma série de encontros regionais entre as mulheres políticas da América Latina, também foram de suma importância para a adoção de cotas eleitorais para as mulheres.

Os dados revelados (Quadro 2) demonstram que, desde 1995 até a atualidade, reservar um determinado contingente de candidaturas femininas colaborou para que mais mulheres pudessem atuar na criação, aprovação e/ou rejeição de leis de interesse da população de uma região, cidade, Estado ou país.



Quadro 2 – Médias mundial e regional de mulheres nos parlamentos em 1995 e 2021

Fonte: Inter-Parliamentary Union (IPU)

Observando os números no contexto geral, os resultados parecem animadores porque, em todas as regiões analisadas durante esses 26 anos, houve um aumento da

<sup>23</sup> Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe. Disponível em: <https://oig.cepal.org/pt/laws/3/country/argentina-5>. Acesso em: 02 nov. 2021.

participação das mulheres nos parlamentos. O continente americano foi o que o apresentou a maior alta, com 19,7%. É preciso comemorar, afinal, não há ausência delas no campo político, mas as cotas não podem significar apenas um estímulo para que as mulheres concorram às eleições. “Espera-se que, a médio prazo, esse estímulo reverta em uma ampliação expressiva do número de mulheres presentes nos espaços de tomada de decisão. Porém, isto não significa que a igualdade política entre os sexos está prestes a ser alcançada” (MIGUEL, BIROLI, 2011, p. 28). Essa realidade foi observada pelo IPU<sup>24</sup>.

Muitas mulheres em todo o mundo ainda não têm direitos humanos básicos e enfrentam discriminação e violência de gênero. Os parlamentos do mundo não são exceção. Com uma média global de 25% de mulheres, a maioria dos parlamentos continua dominada por homens e as mulheres parlamentares estão frequentemente sub-representadas nos órgãos de tomada de decisão. (IPU, 2021, tradução nossa)<sup>25</sup>

Ao fazer uma comparação entre os dados de 2014 e 2021 dos países Argentina e Brasil, nações que são foco desta pesquisa, percebe-se também uma diferença relativamente grande dentro do contexto da participação de mulheres em espaços políticos entre países vizinhos. Em 1º de janeiro de 2014 – ano em que a América Latina contava com quatro Presidentas governando simultaneamente suas nações – a Argentina ocupava a 21ª posição no ranking global de igualdade de gênero, produzido pelo IPU com 36,6% de mulheres na Câmara dos Deputados e 38,9% no Senado Federal. Nesta mesma data, o Brasil ocupava a 124ª posição, tendo 8,6% de mulheres na Câmara dos Deputados e 16% no Senado Federal.

Sete anos mais tarde, a Argentina melhorou o seu posicionamento no ranking e o Brasil piorou. De acordo com dados do IPU<sup>26</sup>, em 1º de janeiro de 2021, a Argentina performou melhor ao ocupar a 18ª posição no ranking, com 42,4% de mulheres na Câmara dos Deputados e 40,3% no Senado Federal. Já o Brasil, caiu 18 posições no ranking passando para a 142ª posição, com 15,2% de mulheres na Câmara dos Deputados e 12,4% no Senado Federal.

---

<sup>24</sup> IPU: <http://archive.ipu.org/wmn-e/arc/classif010114.htm>

<sup>25</sup> IPU – Gender Equality. Disponível em: <https://www.ipu.org/our-impact/gender-equality>. Original em inglês: “Many women around the world still lack basic human rights and face discrimination and gender-based violence. The world’s parliaments are no exception. With a global average of 25 per cent women, most parliaments remain male-dominated, and women MPs are often under-represented on decision-making bodies”.

<sup>26</sup> IPU: <https://data.ipu.org/women-ranking?month=1&year=2021>

Outro ponto que chama a atenção é sobre os avanços obtidos e os obstáculos que ainda persistem desde a implantação das leis de cotas. Na ocasião dos 25 anos da aplicação das cotas na América Latina, ocorrido em 2016, Lucía Martelotte fez um balanço da participação política das mulheres.

O fato de uma legisladora ser mulher não implica necessariamente compromisso com a agenda de igualdade de gênero, nem que só promova projetos relacionados aos direitos das mulheres, mas diferentes estudos têm demonstrado que as leis de cotas tiveram impacto significativo na diversificação da agenda legislativa por meio da incorporação de temas anteriormente esquecidos ou invisíveis, tais como a violência contra as mulheres, os direitos sexuais e reprodutivos ou a identidade de gênero (MARTELOTTE, 2016, p. 24)

O conceito de campo político assinalado por Pierre Bourdieu (2011) pode contribuir para o entendimento de tal fenômeno. Para o sociólogo francês, o campo político é autônomo, um microcosmo separado no interior do mundo social e excludente. Essas características podem tornar o universo político de fácil acesso para uns e difícil para outros. Ou mais difícil para “outras”, já que o nosso objeto são mulheres na política, que comumente integram os “outros” perante uma sociedade que as exclui de forma estrutural.

“O campo é uma estrutura hierarquizada. [...] A sub-representação das mulheres se agrava conforme nos aproximamos de suas posições centrais – e que os meios de comunicação de massa tanto refletem esta desigualdade quanto a promovem” (MIGUEL, BIROLI, 2011, p. 15 e 16).

É como se as mulheres eleitas estivessem autorizadas a legislar somente sobre os assuntos de interesse de mulheres e os homens de temas de interesse de toda a coletividade. “A associação convencional entre a mulher e o cuidado repercute fortemente na ação no campo político, fazendo com que elas se dirijam de maneira prioritária para questões vinculadas a assistência social, família ou educação” (MIGUEL, BIROLI, 2014, p. 106). Nos últimos tempos, se observa também um movimento parecido ocorrendo com a comunidade negra, já que os meios de comunicação e os próprios espaços políticos insistem em considerar as vozes de pessoas negras somente sobre as pautas de interesse da comunidade negra. As mulheres negras e os homens negros estão aptos para falar de qualquer assunto de interesse coletivo.

Apesar de todos os avanços das mulheres na política, o campo é historicamente constituído como um ambiente masculino. Tanto que, o mapa mundial de mulheres na

política da ONU de 1º de janeiro de 2021<sup>27</sup>, o mais recente estudo publicado, aponta que dos 152 Chefes de Estado no mundo, apenas nove são mulheres e nenhuma é latino-americana. As chefes de Estado se encontram nos seguintes países: Eslováquia (Europa), Estônia (Europa), Etiópia (África), Georgia (Europa), Grécia (Europa), Nepal (Ásia), República da Moldávia (Europa), Singapura (Ásia) e Trinidad e Tobago (Caribe). O mesmo mapa informou que dos 193 Chefes de Governo, apenas 13 eram mulheres, sendo uma delas a sul-americana Mirtha Vásquez, que era a primeira-ministra no Peru na ocasião. Elas pertenciam as seguintes nações: Alemanha (Europa), Bangladesh (Ásia), Barbados (Caribe), Dinamarca (Europa), Finlândia (Europa), Gabão (África), Islândia (Europa), Lituânia (Europa), Noruega (Europa), Nova Zelândia (Oceania), Peru (América do Sul), Sérvia (Europa) e Togo (África).

### **1.3 Laura Chinchilla: de estudante de política a Presidenta da Costa Rica**

“Apresento-me diante de vocês enriquecida pelas ideias que fizeram grande a nossa pátria, inspirada nos melhores valores e estimulada por uma proposta e uma visão de país que as e os costarriquenhos consideraram merecedora de seus votos e que teremos de concretizar em soluções concretas com os mais diversos setores de nosso país. As eleições são apenas um momento, crucial mas temporário, na vida da nação. A tarefa de construir a pátria com que sonhamos é, pelo contrário, uma obrigação permanente”.

Laura Chinchilla Miranda (2010, tradução nossa)<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> Mapa mundial de mulheres na política de 2021. Disponível em: <https://www.ipu.org/women-in-politics-2021>. Acesso em: 02 nov. 2021.

<sup>28</sup> Epígrafe criada a partir de um trecho da declaração feita por Laura Chinchilla em seu discurso de posse à ocasião de seu primeiro e único mandato como Presidenta da Costa Rica em 08 de maio de 2010. Original em espanhol: “Me presento ante ustedes enriquecida por las ideas que han hecho grande a nuestra patria, inspirada en los mejores valores y estimulada por una propuesta y una visión de país que las y los costarricenses consideraron merecedora de sus votos y que habremos de cristalizar en soluciones concretas con los más diversos sectores de nuestro país. Las elecciones son apenas un instante, crucial pero pasajero, en la vida de la nación. La tarea de construir la patria con la que soñamos es, en cambio, una obligación permanente”.



Figura 2 - Laura Chinchilla na escola <sup>29</sup>



Figura 3 - Presidenta da Costa Rica (2010)<sup>30</sup>

Laura Chinchilla Miranda<sup>31</sup> nasceu em 28 de março de 1959 na capital costarriquenha San José. Cinquenta anos depois, mais precisamente no dia 7 de fevereiro de 2010, ela se tornou a primeira e única – até o momento – Presidenta da Costa Rica. Ela disputou a eleição pelo *Partido Liberación Nacional* (PLN), fundado em 1951. Laura Chinchilla é a terceira centro-americana a chegar à presidência, depois da nicaraguense Violetta Chamorro (1990-1997) e da panamenha Mireya Moscoso (1999-2004).

Filha da dona de casa Emilce Miranda Castillo e de Rafael Ángel Chinchilla Fallas, ex-controlador geral da República (1972-1987), Laura Chinchilla tem ancestralidade indígena. Na biografia publicada na Biblioteca da Assembleia da Costa Rica, consta que, segundo a Academia Costarricense de Ciencias Genealógicas, as raízes de seu pai Rafael “são quase exclusivamente aserriceñas”. As de sua mãe Emilce são de “origens majoritariamente atenienses”. “Aserriceña/o” é o nome dado para quem é de Asserí, um cantão da Costa Rica, localizado no centro da capital de San José. No site oficial do local, fontes citam que o nome Asserí se deve em homenagem ao cacique

---

<sup>29</sup> Imagem de arquivo pessoal publicada na conta de Laura Chinchilla na rede social Instagram.

<sup>30</sup> Foto oficial da Presidenta da Costa Rica/Governo da Costa Rica.

<sup>31</sup> No item 1.3, todas informações sobre Laura Chinchilla constam em sua biografia publicada na Biblioteca da Assembleia da Costa Rica. Disponível em: [http://www.asamblea.go.cr/sd/PublishingImages/estadistica/diamujer/BIOGRAFIA\\_Laura\\_Chinchilla\\_Miranda.docx](http://www.asamblea.go.cr/sd/PublishingImages/estadistica/diamujer/BIOGRAFIA_Laura_Chinchilla_Miranda.docx). Acesso em 20 abril 2021.

Aquecerri, que foi um rei indígena da etnia huetar<sup>32</sup>. Já as/os atenienses pertencem ao cantão de Atenas, situado na província de Alajuela, na parte Centro-Norte do país, que foi ocupada por vários grupos indígenas pouco antes da chegada dos colonizadores espanhóis<sup>33</sup>.

Desde cedo, os estudos e a política marcaram presença no cotidiano de Laura Chinchilla. Em 1982, graduou-se bacharel na Escola de Ciências Políticas na *Universidad de Costa Rica*. No final dos anos 1980, conquistou uma bolsa de estudos do governo dos Estados Unidos para cursar mestrado em Políticas Públicas na Universidade Georgetown.

Laura Chinchilla trabalhou como especialista em segurança cidadã, em prevenção ao crime e em reforma judicial em instituições como a ONU, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e outras fundações que promovem a paz e o desenvolvimento humano. De volta à Costa Rica, ingressou no serviço público costa-riquenho.

Membro do *Partido Liberación Nacional* (PLN), foi chamada para atuar no governo do presidente José María Figueres Olsen como vice-ministra de Segurança Pública (1994-1996). Na sequência, tornou-se Ministra da mesma pasta no período de 1996 a 1998. Também ocupou a presidência do *Centro de Inteligencia Conjunto Antidrogas* e do *Consejo Nacional de Migración*, e formou parte dos conselhos *Nacional de Drogas*, *Nacional de Seguridad* y do conselho *Académico da Escuela Nacional de Policía*.

Como deputada, entre 2002 a 2006, Laura Chinchilla atuou em suas áreas de interesse: reforma judicial, segurança pública, direitos humanos, reforma político-institucional, comércio exterior, tecnologia, infância e juventude.

Durante o segundo mandato do presidente Óscar Arias (2006-2010), entre maio de 2006 e outubro de 2008, ocupou os cargos de vice-Presidenta da República e Ministra da Justiça. No dia 8 de outubro de 2008 ela abdicou dos cargos para poder concorrer à presidência da Costa Rica pelo PLN. Antes dela, três mulheres também lançaram suas candidaturas à Presidência da Costa Rica, mas não venceram. Foram elas: Norma Vargas Duarte (eleições de 1994 e 1998), Yolanda Gutiérrez Ventura (eleições de 1998) e Naruba Volio Brenes (eleições de 1998).

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://aserri.go.cr/mi-canton/>. Acesso em: 10 out. 2021.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.visitcostarica.com/pt/costa-rica/knowning-costa-rica/alajuela>. Acesso em: 10 out. 2021.

No dia 7 de fevereiro de 2010, com 47% dos votos, Laura Chinchilla derrotou seus adversários diretos Ottón Solís (25%) e Otto Guevara (21%), tornando-se, assim, a primeira mulher Presidenta da Costa Rica e a 46ª pessoa a ocupar o cargo mais alto da nação. Acompanhada pelo marido José María Rico Cueto (1934-2019), especialista espanhol em direito penal, e pelo então filho pequeno José María, a nova Presidenta discursou para uma multidão diante de um hotel em San José. Laura agradeceu muita gente, mas em especial às mulheres, que segundo ela “continuam superando as barreiras e fazendo a Costa Rica maior”.

Após o término de seu mandato como Presidenta da Costa Rica, em 2014, Laura Chinchilla continuou se dedicando à educação, proferindo aulas e palestras como professora convidada em universidades nos Estados Unidos e no México. No Brasil, ela foi convidada e assumiu a Cátedra José Bonifácio no ano de 2018, iniciativa do Centro Ibero-Americano (Ciba), núcleo ligado à Pró-reitoria de Pesquisa e ao Instituto de Relações Internacionais (IRI) da Universidade de São Paulo (USP).

Laura Chinchilla é autora de diversas publicações em espanhol e inglês – livros, monografias e artigos – sobre temas relacionados à administração da justiça, segurança cidadã e reforma policial. Em seu atual perfil profissional da rede social LinkedIn, ela compartilha que continua trabalhando na promoção de políticas públicas em benefício de seu país, fomentando também causas de alcance global. “A política tem sido um meio extraordinário de promover muitos dos projetos em que acredito.” (CHINCHILLA, 2021, tradução nossa)<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Original em espanhol do texto completo no perfil de Laura Chinchilla: “Disfruto lo que hago, esa ha sido la clave de mi trayectoria profesional. Mi mayor pasión, ha sido el servicio público, desde donde he procurado impulsar políticas públicas en beneficio de mi país y abrigar causas de alcance global, especialmente en las áreas de fortalecimiento institucional, desarrollo sostenible, seguridad y convivencia ciudadana, protección de la niñez, equidad de género y tecnologías digitales. La política, ha sido un medio extraordinario para propulsar muchos de los proyectos en que creo. Tantas luchas emprendidas y tantas lecciones aprendidas me llevan hoy por el mundo a compartir conocimiento y experiencias de vida como profesora universitaria, conferencista, consultora y activista. En el camino, sigo aprendiendo y nutriéndome de la relación con los demás”.

#### 1.4. Michelle Bachelet: de militante perseguida a Presidenta do Chile

“As campanhas são feitas em poesia, mas o governo é feito em prosa. Mesmo assim, com todas as dificuldades que possa haver, a relação entre vocês e nós não será afetada. Vamos estabelecer um diálogo baseado na franqueza e na participação. Um grande pacto entre a cidadania e seus governantes. Vocês sabem, eu cumpro meus compromissos. Eu direi o que penso e farei o que digo. Palavra de mulher”.

Michelle Bachelet Jeria (2006, tradução nossa)<sup>35</sup>



Figura 4 – A universitária Michelle Bachelet<sup>36</sup>



Figura 5 - Presidenta do Chile (2006 e 2014)<sup>37</sup>

<sup>35</sup> Epígrafe criada a partir de um trecho da declaração feita por Michelle Bachelet em seu discurso de posse em seu primeiro mandato como Presidenta do Chile em 11 de março de 2006. Original em espanhol: “Las campañas se hacen en poesía, pero el gobierno se hace en prosa. Aún así, con todas las dificultades que pueda haber, la relación entre ustedes y nosotros no se verá afectada. Estableceremos un diálogo basado en la franqueza y la participación. Un gran pacto entre la ciudadanía y sus gobernantes. Ustedes lo saben, yo cumpro mis compromisos. Diré lo que pienso y haré lo que digo. Palabra de Mujer”.

<sup>36</sup> Imagem publicada na página Juventud Socialista Universidad de Chile no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/SocialistasUCHile/>. Acesso em: 01 jun. 2021.

<sup>37</sup> Arquivo da Biblioteca Nacional de Chile. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-81907.html>. Acesso em: 01 jun. 2021.

Michelle Bachelet Jeria assumiu a Presidência do Chile, pela primeira vez, em 2006 e, pela segunda vez, em 2014. Ela concorreu e venceu as duas eleições pelo Partido Socialista do Chile, fundado em 1933. Como veremos na história de Michelle Bachelet, ela percorreu um longo caminho para se tornar por duas vezes a Presidenta da nação chilena.

Em sua juventude, Michelle Bachelet<sup>38</sup> presenciou mortes e torturas, esta época também foi marcada pela força da figura presente de sua mãe, a arqueóloga Ángela Jeria. Juntas elas enfrentaram os piores momentos de suas vidas em um Chile ditatorial. No dia 10 de janeiro de 1975, agentes da *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA), sob as ordens do Presidente ditador Augusto Pinochet, prenderam Michelle Bachelet, uma estudante de Medicina de 23 anos, e Ángela Jeria. Elas foram levadas para o centro de sequestro, tortura e extermínio conhecido como Villa Grimaldi. Neste lugar, elas foram interrogadas e espancadas. De acordo com testemunhas, por lá haviam passado cerca de 4.500 prisioneiras e prisioneiros, dos quais 241 foram assassinados ou se mantinham como detidos desaparecidos<sup>39</sup>. Quando mãe e filha foram presas, fazia um ano e quatro meses que Alberto Bachelet, pai de Michelle e esposo de Ángela, havia sido preso e torturado a mando de Pinochet.

Alberto Bachelet foi general da Força Aérea chilena. Em 11 de setembro de 1973, dia em que os militares invadiram o *Palacio de la Moneda* e derrubaram o governo democrático de Salvador Allende, Alberto Bachelet foi preso sob a acusação de traição. Preso e torturado, ele morreu de infarto seis meses depois, ainda na prisão.

Verónica Michelle Bachelet Jeria nasceu em 29 de setembro de 1951 em Santiago do Chile. Por causa da profissão do pai, ela teve uma infância atípica vivendo nas bases da Força Aérea Chilena de Quintero, Cerro Moreno e San Bernardo, e, entre 1962 e 1963, nos Estados Unidos. De volta ao Chile, Michelle finalizou sua formação secundária na capital Santiago e em 1970 se matriculou na Faculdade de Medicina da *Universidad de Chile*. No começo do governo de Salvador Allende, ela ingressou na Juventude do Partido Socialista do Chile.

---

<sup>38</sup> No item 1.4, todas as informações sobre Michelle Bachelet constam em sua biografia publicada na Biblioteca del Congreso Nacional de Chile. Disponível em: [https://www.bcn.cl/historiapolitica/resenas\\_biograficas/wiki/Michelle\\_Bachelet\\_Jeria](https://www.bcn.cl/historiapolitica/resenas_biograficas/wiki/Michelle_Bachelet_Jeria). Acesso em: 01 jun. 2021.

<sup>39</sup> Villa Grimaldi. Disponível em: <http://villagrimaldi.cl/historia/> Acesso em: 20 abril 2021.

Cinco anos depois de estudos e militância, Michelle estava na Villa Grimaldi, o terror para os apoiadores de Allende. Neste endereço, as pessoas morriam ou desapareciam. Michelle e Ángela conseguiram fugir, graças a alguma ajuda externa, e foram mandadas para o exílio na Austrália. Um tempo depois, ainda como exiladas, elas partiram para a Alemanha Oriental. Em Berlim, Michelle pôde continuar seus estudos médicos na *Universidade von Humboldt*. Na cidade alemã, conheceu e casou-se com o arquiteto chileno Jorge Dávalos, pai de seus dois filhos mais velhos, Sebastián e Francisca. Mais tarde, no Chile, Michelle teve sua terceira filha, Sofia, fruto de outro relacionamento.

Em 1979, Michelle retornou ao Chile e, três anos depois, formou-se em medicina recebendo o título de médica cirurgiã pediatra com menção em epidemiologia. Contudo, ela foi impedida de exercer a profissão por motivos políticos. Na época, decidiu voltar à universidade para se especializar em Pediatria e Saúde Pública. Socialista convicta, Michelle Bachelet continuou como ativista de direitos humanos. Ela atuou junto à ONG Proteção à Infância Prejudicada pelos Estados de Emergência (PIDEE), ajudando filhos das vítimas da ditadura. Trabalho desempenhado por Michelle até 1992.

Com a democracia em curso no Chile, Michelle Bachelet foi contratada como epidemiologista no Serviço de Saúde Metropolitano Ocidente e depois na Comissão Nacional da Aids/Sida (CONASIDA). Entre 1994 e 1997, foi assessora do Ministério da Saúde chileno. Em 1996, fez parte da turma do curso sobre Defesa Continental na Academia de Assuntos Políticos e Estratégicos. Seu bom desempenho lhe rendeu uma bolsa de estudos no *Inter-American Defense College* em Washington, nos Estados Unidos. Em 1998, de volta ao Chile, ingressou como assessora no Ministério da Defesa e, no dia 11 de março de 2000, foi nomeada ministra da Saúde pelo presidente Ricardo Lagos. Na reforma do sistema de saúde e na melhoria da atenção básica concentraram-se seus principais esforços durante esta gestão.

Em 2002, o presidente Lagos realizou mudanças nos ministérios e Michelle Bachelet tornou-se a primeira mulher do país a desempenhar o cargo de ministra da Defesa. Ela introduziu medidas para a igualdade de gênero nas forças de segurança e reformou o serviço militar obrigatório. Com o apoio incondicional de sua mãe Ángela Jeria, Michelle licenciou-se para disputar, em 2006, as eleições à Presidência do Chile.

No primeiro turno, realizado em 11 de dezembro de 2005, ela obteve 45,95% dos votos frente a 25,41% de seu mais próximo rival, Sebastián Piñera. O segundo turno

ocorreu em 15 de janeiro de 2006, quando ela conquistou 53,5% do total dos votos contra 46,5% de Piñera. Assim, Michelle Bachelet tornou-se a primeira mulher Presidenta do Chile e a quinta na América Latina, até aquele momento.

Em entrevista a jornalistas<sup>40</sup>, a Presidenta Michelle Bachelet comentou que esperava resistência da elite conservadora do Chile. “Eu sou uma mulher, divorciada, socialista, agnóstica. Todos os pecados juntos”, declarou na coletiva de imprensa. Na sequência, ela advertiu um jornalista chileno que perguntou se ela pretendia se casar novamente. “Você não estaria fazendo essa pergunta se eu fosse um homem”, respondeu Michelle. E ainda deu seu recado: “A verdade é que eu não tive tempo para pensar nisso. Meus próximos quatro anos serão dedicados ao trabalho.”

Após completar seu primeiro mandato em março de 2010, Michelle Bachelet ocupou cargos em fóruns e organizações internacionais, como a diretoria executiva da então recém-criada Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, a ONU Mulheres. “Na América Latina se diz que quando uma mulher entra na política, a mulher muda. Quando muitas mulheres entram na política, a política muda”<sup>41</sup>, afirmou Michelle Bachelet (2011, tradução nossa) em discurso de entrega dos prêmios *Making a Difference for Women 2011* na ONU Women.

Novamente disposta a governar seu país, Michelle deixou a organização internacional e apresentou a sua candidatura para a eleição presidencial de 2013. No primeiro turno, em 17 de novembro, teve 46,7% dos votos. No segundo turno, confirmou a liderança, obtendo 62,16% dos votos contra 37,38% de sua adversária, Evelyn Matthei, candidata da Aliança de direita. Mais uma vez, uma mulher era eleita como Presidenta do Chile. O mandato durou de 11 de março de 2014 a 11 de março de 2018. Logo após deixar pela segunda vez o *Palacio de la Moneda*, Michelle Bachelet assumiu em 1º de setembro de 2018 o cargo de Alta Comissária de Direitos Humanos da ONU. Sua nomeação é válida até o dia 31 de agosto de 2022.

Conforme apresentado, Michelle Bachelet esteve atuante na política durante grande parte de sua vida. Na juventude, ela combateu o regime ditatorial no Chile. Na

---

<sup>40</sup> Associated Press e Folha de S. Paulo. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1601200603.htm>. Acesso em: 20 de abril de 2021.

<sup>41</sup> Original em espanhol: “En América Latina se dice que cuando una mujer ingresa a la política, ella cambia; pero que cuando muchas mujeres ingresan a la política, la política cambia”. Discurso completo disponível em: <https://www.unwomen.org/es/news/stories/2011/3/remarks-by-ms-michelle-bachelet-at-the-making-a-difference-for-women-awards-dinner-2011>. Acesso em: 20 jan. 2022.

fase adulta atuou como Presidenta eleita de sua nação por duas vezes. E, desde que deixou o cargo de mandatária em seu país, Michelle Bachelet lidera ações para promover e proteger os direitos humanos em todo o mundo.

### **1.5 Cristina Kirchner: de deputada a Presidenta da Argentina**

“Sei que faltam muitas coisas, sei que teremos que corrigir outras. Estou convencida de que conseguiremos fazer com o esforço e o trabalho de todos os argentinos. Também – porque você sabe que a sinceridade é uma das minhas características – sei que talvez me custe mais porque sou mulher, porque sempre se pode ser uma trabalhadora, pode ser uma profissional ou uma mulher de negócios, mas sempre nos custará mais. Estou absolutamente convencida”.

Cristina Fernández de Kirchner (2007, tradução nossa)<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> Epígrafe criada a partir de um trecho da declaração feita por Cristina Kirchner em seu discurso de posse em seu primeiro mandato como Presidenta da Argentina em 10 de dezembro de 2007. Original em espanhol: Sé que faltan muchas cosas, sé que tendremos que corregir otras. Estoy convencida de que lo vamos a poder hacer con el esfuerzo y el trabajo de todos los argentinos. También – porque saben, que la sinceridad es uno de mis datos proverbiales – sé que tal vez me cueste más porque soy mujer, porque siempre se puede ser obrera, se puede ser profesional o empresaria, pero siempre nos va a costar más. Estoy absolutamente convencida”.



Figura 6 – Cristina Kirchner, na juventude<sup>43</sup>



Figura 7 - Presidenta da Argentina (2007 e 2011)<sup>44</sup>

Aos 54 anos, Cristina Fernández de Kirchner<sup>45</sup> foi a primeira Presidenta mulher eleita na história argentina. Quatro anos mais tarde, ela se reelegeu para o cargo com 54,11% dos votos, porcentagem mais alta em uma reeleição depois de Hipólito Yrigoyen (1928) e Juan Domingo Perón (1973). Em suas duas eleições, Cristina Kirchner representou o partido político *Frente para la Victoria* (FPV), criado em 2003 a partir de uma coalizão política argentina de orientação peronista.

Ela nasceu em 19 de fevereiro de 1953, poucos meses depois da morte de Evita Perón<sup>46</sup>, na cidade argentina de La Plata. Cristina é a irmã mais velha de Giselle, ambas filhas de Ofélia Wilhelm e Eduardo Fernández. De família de classe média, ela estudou em escolas públicas e privadas. Na juventude, na *Universidad Nacional de la Plata*, matriculou-se para a carreira de psicóloga, mas, em poucos meses, Cristina Kirchner se transferiu para a área de Direito. Em 1979, obteve o título de advogada.

Em março de 1975, casou-se com Néstor Kirchner, um militante peronista que conheceu na universidade. O casal ativista se mudou para Río Gallegos, cidade de origem da família Kirchner, poucos meses antes do golpe de Estado do general Jorge Videla, em 24 de março de 1976. Na madrugada de 6 de janeiro de 1976, por ordem do Exército, a

<sup>43</sup> Foto de arquivo pessoal/Reuters.

<sup>44</sup> Fonte: Casa Rosada/ Governo da Argentina. Disponível em: <https://www.caserosada.gob.ar/nuestro-pais/presidentes>. Acesso em: 26 abril 2021.

<sup>45</sup> No item 1.3, todas informações sobre Cristina Kirchner constam em sua autobiografia **Sinceramente** lançada em 2019. Os pontos mais importantes para essa dissertação aparecem em citações da mesma.

<sup>46</sup> Eva Perón, conhecida como Evita (1919-1952), foi primeira-dama da Argentina durante o primeiro mandato do presidente Juan Domingo Perón em 1946. Ela lutou pelos direitos políticos da mulher.

polícia deteve o casal Kirchner junto a um casal de amigos. Néstor e Cristina ficaram presos por 17 dias, ele foi levado para a *Seccional Primera de Policía* e ela para a *Seccional Tercera de Policía para Mujeres*. Cristina contou que enquanto esteve detida, aproveitou seu conhecimento jurídico esclarecendo dúvidas de algumas companheiras de cela. No relato, ela também comentou que sua cunhada Alicia e sua sogra María Ostoić levavam comida para ela todos os dias.

María era uma mulher extraordinariamente boa, solidária, cooperativa, eficiente, mas era muito católica e extremamente conservadora e tradicionalista. Ela detestava política. No entanto, nunca discuti com ela. Sempre a aceitei como ela era: todos os outros valores pesavam mais e nunca me importei com sua aversão à política. Néstor adorava seu pai e brigava com sua mãe. (KIRCHNER, 2019, p. 85, tradução nossa)<sup>47</sup>

No livro **Sinceramente** (2019), no qual Cristina Kirchner escreveu suas memórias e experiências, ela refletiu que os momentos de tensão da história argentina influenciaram diretamente o curso da vida dela e de sua família. “Durante a ditadura tive medo, medo de desaparecer ou da tortura quando vivíamos em La Plata, onde havia desaparecido e assassinado muitos companheiros de militância”<sup>48</sup> (KIRCHNER, 2019, p.81, tradução nossa).

Em 1977 nasceu o primeiro filho, Maximo. Anos depois, em 1990, nasceu Florencia. Décadas mais tarde vieram o neto e as netas: Néstor Iván e Emília, filhos de Maximo; e Helena, filha de Florencia.

A carreira política de Cristina começou em 1989, ao se eleger como deputada em Santa Cruz. Depois seguiu como legisladora nacional e senadora por Santa Cruz e também por Buenos Aires. Néstor Kirchner foi presidente da Argentina de 2003 a 2007 (Partido Justicialista), portanto, Cristina tornou-se primeira-dama no mesmo período. Por duas vezes, de 2007 a 2011 e de 2011 a 2015, Cristina Kirchner foi eleita Presidenta da Argentina. Em 10 de dezembro de 2019, Cristina, aos 66 anos, foi eleita vice-Presidenta da Argentina no governo de Alberto Fernández.

---

<sup>47</sup> Original em espanhol: “María era una mujer extraordinariamente buena, solidaria, cooperativa, eficiente, pero era muy católica y extremadamente conservadora y tradicionalista. Detestaba la política. Sin embargo, nunca discutí con ella. Siempre la acepté como era: pesaban más todos los otros valores y nunca me importó su aversión a la política. Néstor adoraba a su padre y peleaba a su madre”.

<sup>48</sup> Original em espanhol: “Durante la dictadura tuve mucho miedo, miedo a la desaparición o a la tortura cuando vivíamos en La Plata, donde habían desaparecido y asesinado a muchos compañeros de militancia”.

Em sua autobiografia, Cristina Kirchner recordou que não queria ser candidata em 2007 e resistia à ideia toda vez que Néstor conversava com ela sobre essa possibilidade.

Lembro quando ele me disse: "Eu posso voltar e depois você." "Nem louca", respondi. Porque se eu fosse candidata após os dois mandatos consecutivos de Nestor, com certeza diriam: "Ele está colocando a mulher porque não pode ser reeleito". (KIRCHNER, 2019, p. 173, tradução nossa)<sup>49</sup>

Néstor abriu mão da reeleição porque queria Cristina como Presidenta. Mas muitos outros homens não pensavam como ele. Antes mesmo de anunciar a sua candidatura, Cristina Kirchner já foi rejeitada. Ela contou que o CEO, à época, do jornal Clarín, Héctor Magnetto, tentou convencer Néstor de que ela não fosse candidata. Magnetto insistia que o então Presidente devia tentar a reeleição.

Também Viktor Klima, presidente da Volkswagen Argentina, que tinha um bom relacionamento comigo. No fundo, eles não gostavam da ideia de uma mulher chegando à presidência. Havia, e há, uma misoginia muito forte que se agrava exponencialmente quando, além de mulher você não faz parte do neoliberalismo. Se bem que, hoje, olhando bem e dado o resultado catastrófico do governo Macri, muitos machistas deveriam repensar alguns preconceitos. Por fim, minha candidatura foi confirmada em 1º de julho de 2007. (KIRCHNER, 2019, p. 174, tradução nossa)<sup>50</sup>

No dia 28 de outubro as urnas informaram que a candidata à Presidência da República, pela *Frente para la Victoria*, havia triunfado no primeiro turno com 44,9% dos votos válidos.

O quinto capítulo de seu livro tem como título *Una yegua en el gobierno (2007-2011)*. Na Argentina, *yegua*<sup>51</sup> (égua, em português) é um termo usado pejorativamente para se referir a uma mulher muito atraente, perversa ou perigosa. Cristina contou que ela recebeu esse apelido dos empresários da agropecuária por conta do conflito em relação a nova resolução sobre as retenções de soja. No início dos anos 1950, o mesmo ocorreu

<sup>49</sup> Original em espanhol: "Recuerdo cuando me dijo: "Puedo ir yo de vuelta y después vos". "Ni loca", le contesté. Porque si yo era candidata luego de dos mandatos consecutivos de Néstor, seguramente iban a decir: "Pone a su mujer porque él no puede ser reelecto".

<sup>50</sup> Original em espanhol: "También Viktor Klima, presidente de Volkswagen Argentina, que tenía una buena relación conmigo. En el fondo, no les gustaba la idea de que a la presidencia llegara una mujer. Había, y hay, una misoginia muy fuerte que se agrava exponencialmente cuando además de ser mujer no formás parte del neoliberalismo. Aunque hoy, mirándolo bien y ante el resultado catastrófico del gobierno del hombre Macri, muchos machirulos deberían replantearse algunos preconceptos. Finalmente, mi candidatura se confirmó el 1 de julio de 2007".

<sup>51</sup> Yegua: 1. Mujer muy atractiva, exuberante y provocadora. / 2. Mujer malvada, maliciosa, perversa, dañina o peligrosa. (Del esp. yegua: hembra del caballo). Oscar Conde. Diccionario etimológico del lunfardo, Buenos Aires, 2004.

com Eva Perón. Segundo o escritor Tomás Eloy Martínez (1995), os militares se referiam à Evita como “*esa mujer*” e nos bastidores eles apelavam para apelidos sexistas como “*la yegua*” ou “*la potranca*”.

Nos dois mandatos como Presidenta, Cristina Kirchner sofreu violência política sexista por parte dos meios de comunicação e de também das pessoas misóginas. “Bipolar”, “louca”, “histérica”, “puta”, “mulher fatal” foram outros insultos que acompanharam a trajetória da governante.

No livro, ela comentou o episódio referente a uma mensagem postada por uma senhora na rede social Facebook. A internauta recomendava que a Presidenta experimentasse sair um pouco descabelada, sem maquiagem e de chinelo para assim evitar tantos ataques. “Com certeza me criticariam por ‘suja e desarrumada’. A condição de mulher sempre foi um agravante”<sup>52</sup>, respondeu Cristina a sua seguidora. (KIRCHNER, 2019, p. 167).

O casamento de Cristina e Néstor durou 35 anos, até o dia 27 de outubro de 2010 com a morte súbita de Néstor. A partir desta data, Cristina Kirchner lia ou ouvia a frase: “*Fuerza Cristina*”. “Naquele momento, esse ‘Força Cristina’ foi ganhando cada vez mais peso, mais potência, me fortaleceu para enfrentar o desafio de uma nova eleição presidencial [...]”<sup>53</sup>(KIRCHNER, 2019, p. 274, tradução nossa). Em 21 de junho de 2011 anunciou a sua candidatura para o segundo mandato. No dia 23 de outubro de 2011, ela foi reeleita com 54,11% dos votos, quase 37% pontos à frente do candidato da *Frente Amplio Progresista*, Hermes Binner.

Em seu segundo mandato, Cristina Kirchner teve problemas de saúde, submetendo-se a duas cirurgias. A primeira foi em decorrência de um câncer de tireóide, cujo diagnóstico posterior foi um falso positivo. Depois, decorrente de um hematoma subdural, operou a cabeça. Cristina Kirchner disse que se reconheceu uma mulher feminista graças ao ativismo de sua filha Florencia e o pensamento no futuro de suas netas.

Antes eu era uma pessoa que dizia "não sou feminista, sou feminina". Que estupidez! Que imensa estupidez e lugar-comum! Na verdade, não foi só Florencia que me fez mudar ou que me fez ter um olhar. Também estavam as estudantes de ensino médio e minhas netas, Helenita e María

---

<sup>52</sup>Original em espanhol: “Seguro me iban a criticar por ‘sucia y por desprolija’. La condición de mujer siempre fue un agravante”.

<sup>53</sup> Original em espanhol: “Fuerza Cristina”. “En aquel momento, ese ‘fuerza Cristina’ fue teniendo cada vez más peso, más potencia, me fortaleció para encarar el desafío de una nueva elección presidencial [...]”

Emilia, que imaginei doze anos depois. (KIRCHNER, 2019, p. 415, tradução nossa)<sup>54</sup>

Como percebemos, Cristina Kirchner foi a única mulher que nos últimos 20 anos mais transitou pela Casa Rosada – sede da Presidência da República Argentina – fazendo parte da equipe do alto escalão do governo. Nas ausências de Alberto Fernandez, atual Presidente da nação, Cristina Kirchner, na função de vice-Presidenta retomou o comando do país.

### **1.6 Dilma Rousseff: de presa torturada a Presidenta do Brasil**

“Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser presidentas; e para que – no dia de hoje – todas as mulheres brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher. Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira. Meu compromisso supremo – eu reitero – é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos!”

(Dilma Vana Rousseff) <sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> Original em espanhol: Yo antes era una persona que decía “no soy feminista, soy femenina”. ¡Qué estupidez! ¡Qué inmensa estupidez y lugar común! En realidad no sólo fue Florencia la que me hizo cambiar o la que me hizo tener otra mirada. Fueron también las pibas del secundario y mis nietas, Helenita y María Emilia, a quienes las imaginé doce años más tarde.

<sup>55</sup> Epígrafe criada a partir de um trecho da declaração feita por Dilma Rousseff em seu discurso de posse em seu primeiro mandato como Presidenta do Brasil em 1º de janeiro de 2011.



Figura 08 - Dilma na Justiça Militar (1970)<sup>56</sup>



Figura 09 - Presidenta do Brasil (2010 e 2014)<sup>57</sup>

Filha do imigrante búlgaro Pedro Rousseff e da fluminense Dilma Jane Coimbra da Silva, Dilma Vana Rousseff nasceu em 14 de dezembro de 1947 na capital mineira Belo Horizonte. Em 2010 foi eleita e em 2014 reeleita Presidenta do Brasil, concorrendo ao cargo como candidata do Partido dos Trabalhadores (PT)<sup>58</sup>. Atualmente aos 74 anos, a primeira e única – até esse momento – mulher a governar o Brasil, mora em Porto Alegre, cidade que adotou desde jovem.

Durante esta pesquisa, não foi encontrado nenhum trabalho reconhecido como biografia oficial escrita sobre Dilma Rousseff, apesar de ela ser uma figura pública. Na busca por informações sobre a Presidenta brasileira, são encontrados artigos, ensaios, entrevistas, documentários e alguns livros que trazem informações sobre a sua história. Para informar sobre a trajetória de Dilma, essa dissertação tem como fontes três obras jornalísticas. A maior parte dos dados neste texto tem sua origem no livro **A vida quer é**

<sup>56</sup> Fonte/Crédito: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>57</sup> Crédito: Roberto Stuckert Filho. Disponível em: <https://flickr.com/photos/palaciadoplanalto/5354277523/>. Acesso em 26/4/2021.

<sup>58</sup> De acordo com o site oficial do partido, o PT surgiu como agente promotor de mudanças na vida de trabalhadores da cidade e do campo, militantes de esquerda, intelectuais e artistas. Foi oficializado partido político em 10 de fevereiro de 1980, pelo Tribunal Superior de Justiça Eleitoral. Disponível em: <https://pt.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 02 maio 2021.

**coragem: A trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil** (2011), de autoria de Ricardo Batista Amaral. No início do livro, o autor informa em nota que a obra não é uma biografia oficial.

Este livro é resultado das pesquisas, entrevistas e observações de um repórter. Não tem outra pretensão além de narrar uma grande aventura política do nosso tempo: a eleição da primeira presidenta do Brasil. [...] Consultei reportagens de jornais e revistas, que são citadas ao longo do livro, mencionando os autores. [...] Incorporei ao livro muitos episódios que apurei como repórter em Brasília nos últimos 25 anos. Acrescentei, por fim, minhas próprias anotações e memórias do período em que fui assessor de Dilma Rousseff, na Casa Civil, de novembro de 2009 a março de 2010, e ao longo da campanha eleitoral. Procurei fazer um relato objetivo dos fatos, como se espera de uma reportagem, sem abrir mão de explicitar meu ponto de vista sobre muitos episódios. (AMARAL, 2011, p. 9 e 10)

Trechos de outros dois livros contribuíram para traçar o perfil de Dilma Rousseff. Lançado em 2010, **Vultos da República**, organizado pelo jornalista Humberto Wernek (2010), contém dois capítulos dedicados à Presidenta que foram escritos por Luiz Maklouf Carvalho. O segundo, intitulado **Dilma Rousseff: a primeira presidente** (2019), faz parte da Coleção Folha sobre os 130 anos da República do Brasil. O livro foi escrito pelo jornalista Lucas Ferraz, que é colaborador da Folha de S. Paulo.

Em 55 páginas de texto e fotos, o livro **Dilma Rousseff: a primeira presidente** é dividido em três partes: Apresentação, Governo e Biografia. No primeiro parágrafo da Apresentação é citado mais vezes o nome de Luiz Inácio Lula da Silva do que o de Dilma Rousseff. A primeira parte Governo inicia com o título “Êxitos e percalços de uma centralizadora”. Na segunda parte, da Biografia, o outro título é “No meio do caminho tinha uma arma”. O autor comentou em uma pequena frase, no início da obra: “Dilma, que fazia questão de ser chamada de “presidenta”, recebeu a faixa presidencial no primeiro dia de 2011 com um discurso emotivo” (FERRAZ, 2019, p. 8). As aspas “presidenta” são do autor e esse é apenas um dos sinais, contidos neste trabalho, que mostra a misoginia em relação a Dilma Rousseff. “Centralizadora”, “pavio curto”, “autoritária” e “poste” são alguns dos adjetivos usados na obra para descrever Dilma Rousseff, a primeira mulher brasileira a chegar à Presidência do Brasil. É importante observar que os três livros disponíveis que reúnem mais informações sobre Dilma Rousseff foram escritos por homens.

De acordo com Amaral (2011), Dilma Rousseff, na infância, leu Émile Zola, Dostoiévski e Honoré de Balzac, influenciada pelo pai. Nos primeiros anos de vida escolar, foi aluna no tradicional Colégio Nossa Senhora de Sion, mas para cursar o Ensino Médio escolheu o Colégio Estadual Central, conhecido como o endereço do movimento estudantil secundarista na capital mineira. Entre uma aula e outra conheceu membros da Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (ORM-Polop). E, segundo o autor, “quando Dilma entrou para a Polop, a principal atividade da organização ainda era imprimir material considerado subversivo pelas autoridades, essencial para formar novos quadros, mobilizar e ‘educar o proletariado’”. (AMARAL, 2011, p. 37).

Na organização, a secundarista conheceu o jornalista Cláudio Galeno de Magalhães Linhares, com quem se casou em setembro de 1967, mesmo ano em que entrou para a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O casal morava em um apartamento que aos poucos foi se transformando em um “aparelho”, nome que os militantes e a polícia davam aos esconderijos dos militantes de esquerda. Segundo Amaral, Dilma Rousseff “contou que aprendeu a montar e desmontar um fuzil ‘de olhos fechados’, mas nunca tentou aprender a atirar por causa da miopia acentuada.” (2011, p. 47).

O decreto do AI-5<sup>59</sup> fez com que Dilma, Galeno e outras(os) companheira(os) começassem a viver e lutar na clandestinidade. A vida nômade não sustentou o casamento. Em 1969, Dilma conheceu Carlos Franklin Paixão de Araújo, seu segundo marido.

Eram Max e Estela quando foram apresentados, pouco depois do carnaval de 1969. Estela ia se chamar Vanda e Luíza, depois da fusão com a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária). Ela sugeriu que ele virasse Pedro, codinome que Carlos usou por um breve tempo, sem saber que era assim que se chamava o pai da companheira. Os nomes verdadeiros de cada um, eles só iam conhecer depois de presos. (AMARAL, 2011, p. 54)

Às quatro horas da tarde da sexta-feira do dia 16 de janeiro de 1970, Vanda, Luíza ou Estela estava cercada pela polícia militar. “Nos 22 dias seguintes, Dilma Rousseff

---

<sup>59</sup> O Ato Institucional nº 5, conhecido como AI-5, foi um decreto emitido pelo governo militar de Artur Costa e Silva no dia 13 de dezembro de 1968. O AI-5 é entendido como o marco que inaugurou o período mais sombrio da ditadura brasileira.

conheceria o inferno da tortura, aonde se chegava cruzando a cancela do DOI-Codi<sup>60</sup> na rua Tutóia” (AMARAL, 2011, p. 65). Dilma foi torturada com palmatória, choques elétricos pelo corpo, xingamentos, fome, frio e abandono. Para não entregar as(os) companheiras(os) de luta, durante os interrogatórios violentos, ela aguentou até a exaustão física e mental. Depois de passar dois anos e dez meses no presídio Tiradentes, na capital paulista, ela voltou para casa aos 25 anos.

Um ano depois que saí da cadeia, a minha tireoide estava completamente detonada. Foi a forma como o meu organismo reagiu a tudo aquilo. Desenvolvi um hipertireoidismo [produção excessiva de hormônios] e depois um hipo [o contrário]. Foi uma somatização. Mas me tratei e fiquei boa (CARVALHO, 2010, p. 79)

Os capítulos escritos pelo jornalista Luiz Maklouf Carvalho ainda revelam que ao sair da prisão, em 1972, Dilma Rousseff passou uma temporada em Minas Gerais, depois na casa de uma tia em São Paulo e só depois partiu para Porto Alegre. “Da varanda, podia ver a moradia provisória do namorado, Carlos Franklin de Araújo, o presídio da ilha das Pedras Brancas, onde ele cumpria seu terceiro ano de pena.” (CARVALHO, 2010, p. 79).

Na capital gaúcha, Dilma iniciou estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dois anos depois, trabalhou como estagiária na Fundação de Economia e Estatística (doravante FEE), órgão do governo gaúcho. Em março de 1976, nasceu sua filha Paula Rousseff Araújo. Em 1977, Dilma foi demitida da FEE porque estava na lista de “subversivos” do então ministro do Exército, Sylvio Frota. Nos anos seguintes, ela se dedicou à campanha de Anistia, e ajudou a fundar o Partido Democrático Trabalhista (PDT) no Rio Grande do Sul. Foi convidada, em 1986, pelo então prefeito da capital gaúcha, Alceu Collares, para ocupar o cargo de Secretária da Fazenda. Na biografia, Amaral aponta que Dilma Rousseff “foi a primeira mulher no país a comandar as finanças de uma capital” (AMARAL, 2011, p. 97).

No final dos anos 1980, Dilma Rousseff era diretora-geral da Câmara Municipal de Porto Alegre. Com o retorno da democracia no Brasil, ela participou da campanha de Leonel Brizola ao Palácio do Planalto em 1989, ano da primeira eleição presidencial direta após a ditadura militar. No segundo turno, Dilma apoiou o então candidato Luiz

---

<sup>60</sup>DOI-CODI é uma sigla utilizada para se referir aos Destacamentos de Operação Interna (DOI) e aos Centros de Operações e Defesa Interna (CODI), órgãos criados no contexto da ditadura militar que vigorou no Brasil entre os anos de 1964 e 1985.

Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), que acabou perdendo a eleição para Fernando Collor de Mello, do Partido da Reconstrução Nacional (PRN).

Dilma retornou à FEE no início da década de 1990, agora como presidente da instituição. Em 1993, com a eleição de Alceu Collares para o governo do Rio Grande do Sul, tornou-se Secretária de Energia, Minas e Comunicação do Rio Grande do Sul. Em 1994, Dilma e Carlos se separaram depois de 25 anos juntos, mas continuaram amigos até o falecimento dele, em 2017.

Começou a cursar doutorado em Economia no ano de 1998 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mas não defendeu tese. [...] “Virei ministra e não concluí o doutorado”, disse a Presidenta (CARVALHO, 2010, p. 83). Com Olívio Dutra governador, Dilma ocupou, mais uma vez, a Secretaria de Energia, Minas e Comunicação do Rio Grande do Sul. Dois anos depois, ela filiou-se ao PT.

Amaral conta que, sendo o Rio Grande do Sul uma das poucas unidades da federação que não sofreram com o racionamento de energia em 2001, a atuação de Dilma chamou a atenção de Luiz Inácio Lula da Silva. Carvalho forneceu mais detalhes sobre o encontro dos dois, usando uma declaração de Lula à revista Piauí em 2008.

Já próximo de 2002, aparece por lá uma companheira com um computadorzinho na mão. Começamos a discutir e percebi que ela tinha um diferencial dos demais que estavam ali porque ela vinha com a praticidade do exercício da Secretaria de Minas e Energia do Rio Grande do Sul. Aí eu fiquei pensando: acho que já encontrei a minha ministra aqui. Ela se sobressaiu em uma reunião com quinze pessoas. Pela objetividade e pelo alto grau de conhecimento do setor. Foi assim que ela apareceu no meu governo. (CARVALHO, 2010, p. 86)

Em 2002, ela foi convidada a participar da equipe de transição entre os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Lula (2003-2010). No governo Lula, Dilma Rousseff tornou-se ministra de Minas e Energia. Ser escolhida ministra de Minas e Energia no governo de Luiz Inácio Lula da Silva abalou um pouco aquele espaço de poder masculinizado. Na coletiva de imprensa em 20 de novembro de 2002, para surpresa dos presentes, Lula apresentou Dilma Rousseff como a ministra de Minas e Energia. Na ocasião, o então presidente comentou que ela e ele iam provar que esse ministério “poderia ser liderado por uma mulher”.

Entre 2003 e 2005, ela presidiu o Conselho de Administração da Petrobrás, introduziu o biodiesel na matriz energética brasileira e criou o programa Luz para Todos. Com a saída de José Dirceu, em 2005, Lula escolheu Dilma para ocupar a chefia da Casa

Civil. Os programas estratégicos como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e o de habitação popular Minha Casa, Minha Vida estavam sob a direção dela. Dilma coordenou, ainda, a Comissão Interministerial encarregada de definir as regras para a exploração das recém-descobertas reservas de petróleo na camada pré-sal.

No início de 2009, um ano antes de entrar na campanha presidencial, ela iniciou tratamento contra um câncer nos gânglios. Nessa época, Dilma continuou participando de reuniões e viagens. Em março de 2010, ela e Lula lançaram a segunda fase do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2). Dilma Rousseff era o nome da vez para concorrer à Presidência. No dia 03 de abril do mesmo ano, Dilma deixou o Governo Federal para se candidatar. Em 13 de junho, o PT oficializou a candidatura da ex-ministra. Conforme observa Amaral, ocupar o cargo de Presidenta do Brasil não era uma opção de profissão para a pequena Dilma Rousseff. “[...] Quando criança queria ser bailarina, porque achava bonito, ou entrar para o corpo de bombeiros [...]” (AMARAL, 2011, p. 16).

Já aos 62 anos, a candidata estreante enfrentou o experiente político José Serra, candidato do PSDB e saiu vencedora. Em uma campanha eleitoral acirrada, no segundo turno das eleições, em 31 de outubro de 2010, Dilma Rousseff foi eleita a primeira mulher Presidenta da República Federativa do Brasil, com quase 56 milhões de votos.

No pronunciamento, logo após a vitória declarada pelo Tribunal Superior Eleitoral (doravante TSE), Dilma Rousseff afirmou:

Recebo hoje de milhões de brasileiros e brasileiras a missão mais importante de minha vida. Este fato, para além de minha pessoa, é uma demonstração do avanço democrático do nosso país: pela primeira vez uma mulher presidirá o Brasil. Já registro portanto aqui meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras para que este fato, até hoje inédito, se transforme num evento natural. (AMARAL, 2011, p. 300)

A primeira declaração de Dilma Rousseff, oficialmente Presidenta do Brasil, destaca a importância histórica da chegada da primeira mulher a ocupar o cargo político mais relevante dentro de uma nação. Além de sua conquista, ela enalteceu as mulheres brasileiras, encorajando-as a seguir o seu exemplo.

No ano seguinte, em setembro de 2011, ela se tornaria também a primeira mulher a pronunciar o discurso anual de abertura da Assembleia Geral da ONU, tradicionalmente feito pelo representante do Brasil.

É com humildade pessoal, mas com justificado orgulho de mulher, que vivo esse momento histórico. Além do meu querido Brasil, sinto-me aqui representando todas as mulheres do mundo. Mulheres anônimas, aquelas que passam fome e não podem dar de comer aos seus filhos, aquelas que padecem de doenças e não podem se tratar, aquelas que sofrem violência e são discriminadas no emprego, na sociedade e na vida familiar (AMARAL, 2011, p. 302 e 303).

Neste evento de abrangência global, a fala de Dilma Rousseff foi direcionada para as mulheres de todas as partes e, especialmente, às marginalizadas. Na condição de mulher e de Presidenta de uma nação, ela colocou a questão de gênero em pauta diante de uma sala onde estavam reunidos os homens mais poderosos do mundo.

Governar o Brasil de 2010 a 2014 não foi uma tarefa nada fácil, por muitas vezes, a mídia e a sociedade foram desagradáveis e desrespeitosas com a imagem de Dilma Rousseff. Em 2013, na ocasião da abertura da Copa das Confederações e depois em 2014, no primeiro dia da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, Dilma Rousseff foi xingada e ofendida diante de estádios lotados. A violência sexista política estava em curso. Não foi diferente nos outros meses de 2014, quando Dilma Rousseff ainda atuava no último ano de seu primeiro mandato e já estava em campanha eleitoral para sua reeleição, para comandar o Brasil por mais 4 anos. Memes, charges, capas de jornais e revistas e adesivos de apelo sexual que incitavam o crime de estupro ilustram a violência que ajudou a expulsar Dilma da presidência (MATOS, 2020).

Mesmo recebendo um dos piores tratamentos públicos, Dilma Rousseff venceu de novo nas urnas. Desta vez o adversário foi Aécio Neves, do PSDB. A partir de então, Neves, inconformado com o resultado das eleições, outros adversários políticos de Dilma e a mídia hegemônica iniciaram a derrubada da Presidenta. Tentaram, inclusive, emplacar o que ficou conhecido como “terceiro turno”<sup>61</sup> das eleições de 2014. Movimento observado pela própria Dilma em 2021.

A conspiração que levou ao golpe sempre dependeu de manipulação de informações pela mídia e de um componente misógino que era acolhido sem questionamento. A rigor, não é exagero dizer que o processo golpista teve início no exato instante – 20h27m53s do dia 26 de outubro de 2014 – em que a Globo News anunciou oficialmente a minha vitória na eleição. Minutos depois, a bancada de jornalistas da emissora já discutia a possibilidade de um impeachment. (ROUSSEFF, 2021, p. 56)

---

<sup>61</sup> Ver mais sobre o “terceiro turno” em: JÚNIOR, João Feres; SASSARA, Luna de Oliveira. *O terceiro turno de Dilma Rousseff*. Scielo Brasil, [s. l.], Dezembro 2016.

Neste cenário, a votação de autorização para abertura do processo de impeachment aconteceu no dia 17 de abril de 2016, na Câmara dos Deputados. Marlise Matos aponta que a sessão foi um capítulo à parte em termos de violência política sexista.

Não apenas por ter sido palco de esdrúxulas manifestações de narcisismo e idiosincrasias pessoais e familiares dos deputados presentes ou por ter demonstrado o pouco preparo da imensa maioria dos parlamentares para o exercício de suas responsabilidades (especialmente dos homens). Ali se tornou patente que o processo de impeachment não tinha por finalidade a apuração do cometimento, ou não, de crimes de responsabilidade, mas que se tratava apenas de uma decisão política: ele era resultante de um acordo entre as elites políticas para a derrubada final da Presidenta. (MATOS, 2020, p. 129).

A maioria dos deputados votou pela abertura do afastamento da Presidenta. Porém, antes do processo chegar para votação no Senado, a imprensa já defendia a renúncia de Dilma Rousseff. Sobre isso, Dilma explica seu posicionamento de não renunciar.

Claro que eu não renunciei. Se o fizesse, estaria me submetendo ao que os golpistas queriam e estaria desonrando a minha história pessoal. Em seguida, a imprensa passou a defender a tese de que eu não deveria ir pessoalmente ao Senado para me defender, no dia da votação do impeachment, porque seria confrontada e hostilizada pelos senadores da oposição, sobretudo maioria formada por homens. De novo estava evidente ali a misoginia, o menosprezo e o machismo de quem entende que mulher não pode ter força para enfrentar uma situação tão difícil. E de novo fiz o que a vida me ensinou: desobedei e encarei meus algozes de frente, porque entendia que estava no lado certo da história e tinha o dever de defender minhas posições e minha narrativa. (ROUSSEFF, 2021, p. 57)

As declarações de Dilma Rousseff sobre o apoio da mídia hegemônica à abertura do processo de impeachment se comprovam nas capas e matérias de vários jornais, revistas e sites brasileiros da época. No caso desta pesquisa, as análises feitas nas capas da Folha de S. Paulo demonstram que, em muitas delas, o golpe parlamentar já estava anunciado nas manchetes e fotografias.

Em 31 de agosto de 2016, o Senado Federal julgou procedente a denúncia de crime de responsabilidade e impôs à Dilma Rousseff a sanção de perda do cargo de Presidente da República.

A condição feminina em uma sociedade machista foi a barreira que Dilma Rousseff encarou durante sua trajetória desde a sua militância política na juventude até os últimos dias do seu segundo governo. Como observado nos trechos destacados, Dilma

demonstra uma grande lucidez quanto à influência da misoginia e do patriarcado em seu processo de impeachment.

A misoginia na sociedade, nas instituições e na mídia vem sendo uma poderosa arma de controle e dissuasão da atividade política das mulheres e se manifesta principalmente em períodos eleitorais, durante governos e na atividade parlamentar. (ROUSSEFF, 2021, p. 49)

Após deixar o Palácio da Alvorada, Dilma Rousseff tem sido convidada para proferir palestras em universidades nacionais e estrangeiras. Em 2018 concorreu ao cargo de Senadora por Minas Gerais, mas não conseguiu se eleger, ficando em quarto lugar.

Neste capítulo, busquei apresentar brevemente a história de quatro Presidentas da América Latina, sendo que três delas foram reeleitas para o cargo. Diante do que foi exposto, vimos que todas enfrentaram dificuldades enquanto mandatárias e, mesmo assim, não abandonaram a política após o término de seus mandatos. Até a atualidade (2022) elas se mantêm ativas “fazendo política” ocupando ou não cargos formais dentro do campo político.

## CAPÍTULO 2

### ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NA PESQUISA SOBRE AS CAPAS DE JORNAIS

O objetivo principal desta pesquisa é discutir, por meio de enquadramentos de gênero e política, como os tradicionais jornais Folha de S. Paulo e Clarín noticiaram as Presidentas sul-americanas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner nas capas dos periódicos durante seus mandatos. Para tal, considerou-se que a capa de um jornal constitui um enquadramento que possui elementos textuais e visuais que produzem sentidos de gênero e de política. Neste estudo, as informações escritas investigadas são as manchetes e as legendas. Quanto às informações visuais, são analisadas as fotografias. O meu trabalho como pesquisadora deste *corpus* é “enquadrar o enquadrador” (MINH-HA, 1992), uma ação que é possível de acordo com as experiências da cineasta, escritora e professora vietnamita Trinh T. Minh-ha. Trata-se, portanto, da minha observação sobre quais quadros os jornais Folha de S. Paulo e Clarín decidiram escolher para fixar na capa – como uma tela de pintura pendurada na parede – notícias de Dilma Rousseff e de Cristina Kirchner. Para essa pesquisa, a análise dos elementos da capa do jornal é feita a partir da decisão de observar um enquadramento temático que prioriza as categorias gênero e política.

Para investigar os enquadramentos de gênero e política, foram observadas 154 capas dos jornais brasileiro e argentino com foco nas manchetes e nas fotos. Desse montante, chegou-se ao número definitivo de 60 capas, cuja decisão de escolha é explicada a seguir de acordo com as estratégias metodológicas adotadas para esse estudo. A definição do *corpus* só ocorreu um ano depois do início desta pesquisa de mestrado, à medida que eu tomava conhecimento dos obstáculos. A todo momento houve o questionamento do que era viável e inviável na coleta e análise de dados e a complexidade do *corpus* estipulado quando essa dissertação ainda era apenas um projeto de pesquisa.

O primeiro dilema foi a abrangência do material disponível para investigação. Havia a possibilidade de expor um problema excessivamente amplo, o que impediria um enfoque específico (BRAGA, 2011). A princípio, a finalidade era investigar as capas de quatro jornais no período em que as quatro Presidentas Dilma Rousseff, Cristina Kirchner, Michelle Bachelet e Laura Chinchilla governaram simultaneamente suas nações, isto é, os meses de março, abril e maio de 2014.

Porém, durante o processo de busca do material, quis envolver mais outros períodos como as datas das capas dos periódicos dos quatro países durante os 30 primeiros dias e os 30 últimos dias de governo de cada Presidenta; as capas no dia da eleição; as capas no dia após a vitória; as capas da cobertura jornalística do dia da cerimônia de posse e as capas do último dia delas como Presidentas. Diante deste novo recorte de *corpus*, busquei e observei um total de 629 capas dos diários Folha de S. Paulo (Brasil), *Clarín* (Argentina), *El Mercurio* (Chile) e *La Nación* (Costa Rica). Mesmo com a aplicação de alguns critérios com o objetivo de focar as análises – o que automaticamente diminuiria o número de capas analisadas – refiz a avaliação do *corpus*.

Márcia Benetti recomenda a parcimônia ao(a) pesquisador(a), afirmando que “não é aconselhável coletar mais do que se terá condições efetivas de analisar, mas é preciso assegurar que se tenha material suficiente para evidenciar certa estabilidade do discurso”. (BENETTI, 2016, p. 246). Após muitas reflexões sozinha, com minha orientadora e com meus pares, tomei a decisão metodológica final, apresentada aqui nessa dissertação.

Ao invés de quatro Presidentas, elegi apenas duas: Dilma Rousseff e Cristina Kirchner, o que já resultou em material denso e complexo para investigação. A análise das capas dos jornais tem como finalidade revelar quantas vezes e de que maneira cada uma delas, na condição de Chefe de Estado, foi retratada no principal jornal de seu respectivo país. No projeto inicial, todos os elementos jornalísticos e gráficos expostos na primeira página do jornal seriam levados em consideração durante a análise. Isto é, observar e colocar em debate as manchetes, as chamadas, as legendas, os títulos, as notas de rodapé, as fotografias, os gráficos, as ilustrações etc. Para melhor compreensão, seguem abaixo duas figuras explicativas, a primeira da capa do jornal chileno *El Mercurio* (Figura 10) e a segunda (Figura 11) com os elementos destacados que eu pretendia, a priori, observar nesta e em todas as outras capas.



# GLOSSÁRIO

## CHAMADA

Texto curto na capa ou primeira página que resume as informações publicadas pelo jornal a respeito de um assunto. Remete o leitor para as páginas que trazem a cobertura extensiva.

## CHAPÉU

Palavra ou expressão curta colocada acima de um título. Usada para indicar o assunto de que trata o texto ou os textos que vêm abaixo dela.

## FOTO

Recurso essencial do jornalismo contemporâneo. Uma boa foto pode ser mais expressiva e memorável que uma excelente reportagem.

## LEGENDA

Recurso essencial de edição. A legenda não é colocada sob a foto apenas para descrevê-la, embora não possa deixar de cumprir essa função. Por ser um dos primeiros elementos da página que atrai o leitor, merece tanto cuidado quanto os títulos. Deve ser atraente e conquistar a atenção. A boa legenda também esclarece qualquer dúvida que a foto possa suscitar.

## LINHA-FINA

Frase ou período sem ponto final, que aparece abaixo do título e serve para completar seu sentido ou dar outras informações.

## MANCHETE

É o título principal de uma edição. O assunto mais importante do dia ganha a manchete da primeira página ou capa.

Fonte: Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo, 1992  
Crédito/Infográfica: Debora Cheruti

Figura 11 – Glossário com base em informações da capa do El Mercurio

Mais uma vez, diante de tantas possibilidades de elementos para averiguação, enunciação e avaliação em dezenas de capas de jornais, a proposta não se tornou viável. O estudo, então, passou a ter somente o foco nas manchetes, nas fotografias e nas legendas veiculadas na primeira página. Com esses elementos definidos, o recorte temporal e a quantidade de capas para análise foram estabelecidos para esta pesquisa.

Os dois recortes específicos de investigação são: a) as capas das coberturas jornalísticas dos dias das vitórias nas eleições presidenciais e das cerimônias de posse das Presidentas e b) as capas dos 10 primeiros dias e dos 10 últimos dias de ambos mandatos das duas Presidentas. Tanto no primeiro quanto no segundo recorte, a temporalidade foi escolhida porque compõem datas-chave do início e do fim de cada mandato. Em números, são 8 capas no primeiro recorte, já que as governantes conquistaram dois mandatos cada uma delas. No segundo, são 80 capas. De acordo com o levantamento, são 44 capas da Folha de S. Paulo com foco em Dilma Rousseff e 44 capas do jornal Clarín com foco em Cristina Kirchner. Um total geral de 88 capas.

Para auxiliar na análise das capas das Presidentas, já que gênero é uma categoria determinante para esse estudo, foi decidido compará-las com os homens nas mesmas condições. Ou seja, a pesquisa faz uma comparação entre as capas das Presidentas Cristina Kirchner e Dilma Rousseff com capas dos Presidentes Néstor Kirchner e Luiz Inácio Lula da Silva, seus respectivos antecessores. Como já informado na Introdução, a metodologia comparativa abarca os homens do mesmo espectro político, na mesma situação temporal e utilizando os mesmos jornais brasileiro e argentino.

Assim sendo, no total coletei e observei 154 capas (Quadro 3). O acesso às capas dos referidos jornais se deu por meio de acervo digital público das empresas detentoras das marcas Folha de S. Paulo e Clarín, conforme apresentado no quadro a seguir.

<b>CORPUS = 154 CAPAS DE JORNAIS</b>				
<b>Presidentas e Presidentes</b>	<b>Dilma Rousseff</b>	<b>Cristina Kirchner</b>	<b>Luiz Inácio Lula da Silva</b>	<b>Néstor Kirchner</b>
<b>Recorte temporal</b>	<b>Dia da vitória do primeiro mandato</b>			
	<b>Dia da vitória do segundo mandato</b>	<b>Dia da vitória do segundo mandato</b>	<b>Dia da vitória do segundo mandato</b>	
	<b>Dia da cobertura de posse do primeiro mandato</b>	<b>Dia da cobertura de posse do primeiro mandato</b>	<b>Dia da cobertura de posse do primeiro mandato</b>	<b>Dia da cobertura de posse do primeiro mandato</b>
	<b>Dia da cobertura de posse do segundo mandato</b>	<b>Dia da cobertura de posse do segundo mandato</b>	<b>Dia da cobertura de posse do segundo mandato</b>	
	<b>10 primeiros dias do primeiro mandato</b>			
	<b>10 últimos dias do primeiro mandato</b>			
	<b>10 primeiros dias do segundo mandato</b>	<b>10 primeiros dias do segundo mandato</b>	<b>10 primeiros dias do segundo mandato</b>	
	<b>10 últimos dias do segundo mandato</b>	<b>10 últimos dias do segundo mandato</b>	<b>10 últimos dias do segundo mandato</b>	
<b>TOTAL</b>	<b>44 capas da Folha de S. Paulo</b>	<b>44 capas do Clarín</b>	<b>44 capas da Folha de S. Paulo</b>	<b>22 capas do Clarín</b>

Quadro 3 – Corpus geral da pesquisa: 154 capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín  
 Fonte: Quadro elaborado por Adriana Silvestrini Santos com base nos jornais Clarín e Folha de S. Paulo.

As 154 capas, escolhidas de acordo com o recorte temporal estipulado, foram lidas e conferidas. A partir de então, houve a necessidade de fazer uma nova seleção somente das capas que noticiaram as Presidentas e os Presidentes nas manchetes, nas fotografias e/ou nas legendas das imagens das capas. Os critérios escolhidos para as citações válidas foram: nome completo, primeiro nome ou sobrenome de cada governante. Também foram

selecionadas as capas que grafaram as palavras “Presidenta”, “Presidente” e “Presidência”. Com base nesses critérios, chegou-se ao número de 60 capas (Quadro 4), material quantitativo definitivo para análise desta pesquisa, conforme quadro abaixo.

<b>CORPUS DEFINITIVO = 60 CAPAS DE JORNAIS</b>				
<b>Recorte temporal</b>	<b>Dilma Rousseff</b>	<b>Cristina Kirchner</b>	<b>Luiz Inácio Lula da Silva</b>	<b>Néstor Kirchner</b>
<b>Dia da vitória do primeiro mandato</b>	1	1	1	1
<b>Dia da vitória do segundo mandato</b>	1	1	1	
<b>Dia da cobertura de posse do primeiro mandato</b>	1	1	1	1
<b>Dia da cobertura de posse do segundo mandato</b>	1	1	1	
<b>10 primeiros dias do primeiro mandato</b>	3	5	6	4
<b>10 últimos dias do primeiro mandato</b>	4	4	0	3
<b>10 primeiros dias do segundo mandato</b>	0	2	0	
<b>10 últimos dias do segundo mandato</b>	7	5	3	
<b>TOTAL</b>	<b>18 capas da Folha de S. Paulo</b>	<b>20 capas do Clarín</b>	<b>13 capas da Folha de S. Paulo</b>	<b>9 capas do Clarín</b>

Quadro 4 – Corpus definitivo para análise: 60 capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín  
 Fonte: Quadro elaborado por Adriana Silvestrini Santos com base nos jornais Clarín e Folha de S. Paulo.

De acordo com as professoras Borges e Ribeiro (2014, p. 195), “a perspectiva quantitativa nos permite visualizar a frequência com que o tema estudado é publicado, bem como identificar as ausências e os períodos de maior ou menor visibilidade”. A observação qualitativa dos dados desta pesquisa está presente nos Capítulos 3 e 4, quando as análises dos elementos da capa são apresentadas.

## 2.1 Campo jornalístico e político

Esta pesquisa não tem como prioridade apresentar um panorama exaustivo do jornalismo e tão pouco da política, porque esses são campos vastos de estudos que podem proporcionar desdobramentos amplos e distintos para investigações e análises. Portanto, neste estudo, os campos jornalístico e político são expostos por alguns(mas) autores(as) que, a priori, já realizaram essa discussão entre mídia e política. Uma introdução sobre o modo de se fazer jornalismo, principalmente no contexto latino-americano, consta neste material para uma melhor compreensão do trajeto percorrido para a discussão das capas dos jornais brasileiro e argentino. Por isso, cabe aqui uma explicação do modo de operação do meio de comunicação conhecido como imprensa escrita.

O modo de fazer jornalismo<sup>62</sup> presente na concepção das 60 capas analisadas neste estudo tem suas origens no século XIX, quando ocorreu o desenvolvimento da chamada primeira *mass media*, ou seja, a imprensa. Juntamente com a expansão dos periódicos, surgiu a noção de jornalismo como serviço ao público. “Com o objetivo de fornecer informação e não propaganda, os jornais oferecem um novo produto – as notícias, baseadas nos fatos” (TRAQUINA, 2005, p. 34). Concomitantemente ocorreu a profissionalização e se constituiu um novo grupo social, os jornalistas, a princípio, preponderantemente homens. Com o avanço do capitalismo, o jornalismo também se tornou um negócio lucrativo. A partir dos anos 2000, assim como ocorreu com a maioria das empresas globais, as empresas jornalísticas também vieram passando por muitas mudanças. Transformações no *modus operandi* e na rentabilidade do negócio.

---

<sup>62</sup> Na tese Atualidade do Jornalismo: bases para sua delimitação teórica, o autor Carlos Eduardo Franciscato afirma que “os séculos XIX e XX foram épocas de convergência, institucionalização e consolidação de práticas, princípios e valores do jornalismo, bem como modos de interação e reconhecimento social”. Porém, nos séculos anteriores surgiram “as primeiras publicações aperiódicas trazendo relatos de eventos (notícias rudimentares) na Europa continental no final do século XVI e início do XVII”. (FRANCISCATO, 2003, p, 28).

O recorte temporal deste estudo, de acordo com as datas dos mandatos das Presidentas e Presidentes escolhidos para esta dissertação, abarca quase toda a primeira década dos anos 2000 e segue até a metade da segunda, em 2016. Um período no qual as máquinas de escrever já haviam virado peças de museu e sido substituídas pelos computadores e demais dispositivos eletrônicos. Isto é, a fabricação de um jornal passou da fotocomposição à publicação assistida por computador, o que culminou em uma operação digitalizada. As inovações tecnológicas afetaram, na teoria e na prática, os modos como o jornalismo era produzido durante a maior parte do século XIX.

Se o tempo, desde os primórdios do jornalismo, foi um fator proeminente partilhado pela comunidade jornalística, nos dias de hoje, pode-se afirmar que o imediatismo é a regra número um do jogo. Já não é mais necessário esperar que as impressoras rodem os exemplares do dia seguinte para o leitor ter acesso à informação relativa ao que aconteceu no dia anterior. A notícia está presente onde o receptor estiver, ou seja, em qualquer lugar e em qualquer hora, como aponta Traquina.

As notícias são vistas como um “bem” altamente perecível, valorizando assim a velocidade. O imediatismo age como medida de combate à deterioração do valor da informação. Os membros da comunidade jornalística querem as notícias tão “quentes” quanto possível, de preferência “em primeira mão”. Notícias “frias” são notícias “velhas”, que deixaram de ser notícia. (TRAQUINA, 2005. p. 37).

Diante de muitos acontecimentos ocorrendo ao mesmo tempo e em diversos locais, a equipe jornalística, com base na linha editorial do periódico, faz escolhas a todo momento para decidir o que é notícia “quente” e o que é notícia “fria” para o seu público leitor. As análises das capas desta investigação buscaram demonstrar o que cada jornal escolheu como notícia. Trata-se de um papel de relevância na construção da agenda pública. O propósito do jornal acaba não sendo apenas pautar temas que vão estampar as páginas do jornal, mas também pautar o que será dito e debatido além das paredes da Redação ou da leitura solitária de alguém que comprou o diário para se informar. A mídia influencia “na definição dos temas sobre os quais os indivíduos pensam e que são objeto de discussões em diferentes espaços, isto é, atua centralmente na definição do que é relevante e merece atenção” (MIGUEL; BIROLI, 2011, p. 23).

O ritmo de produção jornalística mais veloz evidenciado, principalmente nas últimas décadas, obrigou as empresas jornalísticas a investirem na modernização imposta pela tecnologia. Ao acelerar o modo de se fazer jornalismo, outras mudanças também

foram realizadas em todo o conjunto, desde o maquinário, até o perfil do jornalista contratado. Consequentemente, o produto final também passou por transformações. E ainda continua em mutação ao se levar em consideração o surgimento das redes sociais, meio pelo qual também circulam notícias. Nestes espaços, qualquer pessoa, independentemente de ser jornalista, pode ser a veiculadora de informações verdadeiras ou falsas.

Além do conhecimento sobre os valores e os princípios da empresa jornalística, a situação requer mais atenção quando mídia, gênero e política são relacionados, como é o caso desta pesquisa. O entendimento sobre esta tríade “exige uma reflexão sobre as rotinas produtivas do jornalismo e como elas dialogam com a complexidade e a diversidade do mundo social circundante” (MIGUEL E BIROLI, 2011, p. 35).

Pierre Bourdieu reflete que uma das transformações mais importantes da política é como jornalistas passam de espectadores do campo político e tornam-se agentes em primeira pessoa.

Perguntam-me frequentemente o que me faz reconhecer que uma instituição ou um agente faz parte de um campo. A resposta é simples: reconhece-se a presença ou existência de um agente em um campo pelo fato de que ele transforma o estado do campo (ou que, se o retiramos, as coisas se modificam significativamente). (BOURDIEU, 2011, p. 201 e 202)

Quanto à incorporação política das mulheres, Miguel e Biroli chamam a atenção para o fato de que o próprio Bourdieu “não incluía gênero como uma variável importante em sua análise e, quando se debruçou sobre a questão da desigualdade entre os sexos, apresentou uma visão bastante esquemática” (2011, p. 104).

As eleições políticas nas últimas décadas em países latino-americanos, principalmente no Brasil e na Argentina, mostraram que as mulheres estão cada vez mais ocupando esse espaço de tomada de decisão, até então ocupado por engravatados. Porém, essa presença feminina no parlamento, por mais necessária que seja, ainda “não representa capacidade igual de influência na formulação de políticas e na produção das representações do mundo social” (MIGUEL, BIROLI, 2011, p. 122). Se a presença de mulheres é escassa na política, a mídia acaba por reproduzir, e reforçar, sua pouca visibilidade. Nas palavras de Miguel e Biroli, “a visibilidade é a constatação, pelo jornalismo, de distinções e competências definidas a partir das normas e hierarquias que

regem o campo da política e que os meios de comunicação absorvem” (MIGUEL, BIROLI, 2011, p. 127).

## 2.2 Jornal como objeto de pesquisa

O jornal é considerado a mídia mais antiga do mundo. De acordo com dados publicados pela Associação Nacional de Jornais (AJN)<sup>63</sup>, as notícias já circulavam em Roma de 59 A.C com a *Acta Diurna*, por meio da qual o imperador Júlio César publicava os acontecimentos sociais e políticos da cidade. As *actas* eram escritas em grandes placas brancas e expostas em lugares públicos populares. Bem depois, surgiram os boletins manuscritos chineses do século VIII. A técnica de impressão com tipos móveis, conhecida como prensa, foi criada por Johannes Gutenberg em meados do século XV e estimulou a circulação de panfletos noticiosos por toda a Europa.

Do modo como é conhecido atualmente – impresso e com circulação periódica e pública – o jornal existe desde o Século XVII. Os primeiros jornais modernos surgiram em países da Europa ocidental, como a Alemanha, que publicou o *Avisa Relation oder Zeitung* em 1609. A França, o *Gazette* em 1631. A Bélgica, o *Nieuwe Tijdingen* em 1616. E a Inglaterra, o *London Gazette*, fundado em 1665. Até 2007, quando se tornou on-line, o jornal mais antigo do mundo em circulação era sueco, o oficial *Post-och Inrikes Tidningar*, que publica registros e notificações desde 1645<sup>64</sup>.

A imprensa brasileira nasceu, oficialmente, 308 anos depois da chegada da família real portuguesa ao Brasil. A demora ocorreu porque Portugal não permitia a instalação da imprensa na Colônia. Em 1808, na bagagem da corte portuguesa veio também um equipamento tipográfico, que foi instalado na casa de Antonio Araújo, futuro Conde da Barca.

Em 31 de maio do mesmo ano, D. João VI oficializou a imprensa mediante o Ato Real. Nascia, então, a Imprensa Régia, no Rio de Janeiro. Assim, no dia 10 de setembro, saía o primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro*, considerado por alguns historiadores o primeiro jornal brasileiro. No entanto, três meses antes, surgia em Londres o *Correio Braziliense*, que, embora tenha nascido fora da

---

<sup>63</sup> Disponível em: <https://www.anj.org.br/breve-historia/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0806200806.htm>. Acesso em: 17 nov. 2021.

Colônia, é apontado também por historiadores como o primeiro periódico do País (LOPES, “s.d”).<sup>65</sup>

Na vizinha Argentina, o primeiro jornal manuscrito data de 1764 e se chamava *La Gazeta de Buenos Aires*. O jornal de poucas folhas não sustentou uma periodicidade regular e teve uma existência rápida, que não passou de um ano. Depois dele, outros periódicos circularam pelo país, principalmente as publicações americanas e europeias. Eles abriram caminho para que em 1º de setembro de 1801 surgisse um impresso de oito páginas intitulado *Telégrafo Mercantil, Rural, Político-Económico e Historiógrafo del Río de la Plata*, mais conhecido como *Telégrafo Mercantil*.

Este incluiu uma apresentação, um poema dedicado ao rio Paraná e algumas "Notícias Particulares" sobre as chegadas e partidas de barcos, a oferta de escravos para venda e a descoberta de um rosário com contas e uma cruz de ouro; mas a novidade era que se apresentava como o início de uma série indefinida, pois prometia duas entregas semelhantes por semana. De como tardio em comparação com outras cidades da América, saía da única gráfica portenha o primeiro jornal impresso do Río de la Plata<sup>66</sup>. (GRAMUGLIA, 2021, p. 33, tradução nossa)

Porém, foi somente a partir da segunda metade do Século XX que o jornal se tornou objeto de estudo em seus aspectos materiais e intelectuais. No Brasil, a partir da década de 1970, essa materialidade se tornou objeto da pesquisa histórica. No capítulo “História dos, nos e por meio dos periódicos” da obra **Fontes Históricas** (2008), Tânia Regina de Luca apresenta o histórico da concepção historiográfica acerca dos periódicos como fonte, presentemente valorizados pela História imediata e o retorno da História política. “As renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder” (DE LUCA, 2008, p. 128).

O jornal é, ao mesmo tempo, fonte e índice de capital político, no sentido de que a visibilidade, em especial a positiva, compõe o capital político. Cada jornal – que faz parte de uma empresa de comunicação – possui suas regras, entra elas sua linha editorial,

---

<sup>65</sup> Disponível em: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria\\_imprensa/edicao\\_07/colaboracoes.php](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/edicao_07/colaboracoes.php). Acesso em Acesso em: 06 dez. 2021

<sup>66</sup> Original em espanhol: “Este incluía una presentación, un poema dedicado al río Paraná y unas “Noticias particulares” sobre los arribos y partidas de embarcaciones, la oferta de esclavos en venta y el hallazgo de un rosario con cuentas y cruz de oro; pero la novedad era que se presentaba como el inicio de una serie indefinida, dado que prometía dos entregas similares cada semana. De modo tardío en comparación con otras ciudades de América, salía de la única imprenta porteña el primer periódico impreso del Río de la Plata”.

definindo assim o que é noticiável e quem compõem a notícia. Desse modo os periódicos podem ser vistos também como atores, isto é, ativos em como se constituem as representações da política e como incidem em trajetórias de agendas e de atores políticos coletivos e individuais. “A influência da mídia na ação política vai muito além dos processos eleitorais. [...] E a visibilidade midiática é um componente importante na produção do capital político”. (MIGUEL, BIROLI, 2011, p. 125).

O jornalismo latino-americano ganhou destaque nesta dissertação, já que os periódicos estudados pertencem às empresas de comunicação fundadas no Brasil e na Argentina. Mesmo sofrendo influências do modo de operação das imprensas escritas estadunidense e europeia, o jornalismo no Sul Global também apresenta suas particularidades, como mostrado por Silveira.

As bases do jornalismo sul-americano apresentam características distintas: enquanto nos países de língua espanhola, a imprensa remonta ao período colonial, no Brasil, o desenvolvimento sucedeu a vinda da família imperial portuguesa, em 1808, determinando um caminho de início tardio e marcado por muitas peculiaridades, como o fato de ter prosperado no cenário de uma monarquia cercada por regimes republicanos no resto do continente. Esse contraste não afasta, porém, algumas semelhanças que persistem mesmo no início da segunda década do novo milênio. As relações vitais entre imprensa e poder, especialmente a partir dos movimentos emancipacionistas, perduram, em maior ou menor grau, entre as nações sul-americanas. (SILVEIRA, 2014, p. 07)

O centenário jornal brasileiro Folha de S. Paulo e o quase octogenário argentino Clarín, eleitos como *corpus* desta pesquisa, passaram por mudanças estruturais e gráficas no decorrer de suas décadas de existência. Ao acompanhar as transformações na sociedade, eles também resistem e ainda se mantêm como os jornais de maior circulação diária em seus respectivos países. Apesar de terem o mesmo propósito de levar a notícia ao seu leitor, também fazem parte de um sistema de comunicação com temporalidades e territorialidades próprias. Por isso, Folha de S. Paulo e Clarín são apresentados de forma detalhada nas próximas subseções deste capítulo. Conhecer e entender a linha editorial de cada meio de comunicação é fundamental para compreender as escolhas sobre as notícias que apareceram nas páginas dos mesmos.

### 2.2.1 O jornal Folha de S. Paulo

Em 19 de fevereiro de 1921, Olival Costa e Pedro Cunha fundaram o jornal *Folha da Noite* (Figura 12). Em julho de 1925, foi criada a *Folha da Manhã*, edição matutina da *Folha da Noite*. A *Folha da Tarde* foi fundada 24 anos depois. Em 1º de janeiro de 1960, os três títulos da empresa se fundiram e surgiu o jornal *Folha de S. Paulo* (Figura 13). Em 11 de agosto de 1962, a empresa foi vendida para os sócios Octavio Frias de Oliveira, Carlos Caldeira Filho e Caio de Alcântara Machado.



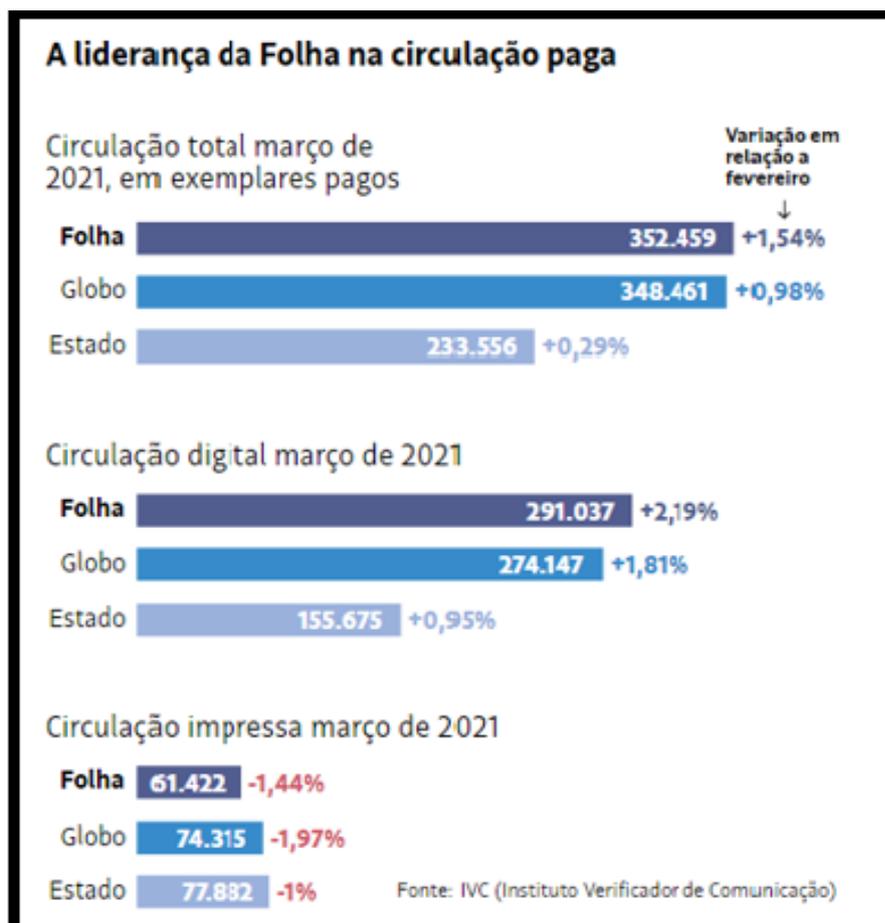
Figura 12 – Capa da primeira edição da Folha da Noite



Figura 13 – Capa da primeira edição da Folha de S. Paulo

Em 2021, ano de seu centenário por causa da fusão com os outros três jornais do grupo, a Folha de S. Paulo se mantém em primeiro lugar na circulação de jornais no Brasil. A primeira vez que assumiu esse patamar foi em 1986. De acordo com dados apurados pelo IVC Brasil (Instituto Verificador de Comunicação), que audita o mercado, em março de 2021, o jornal registrou 352.459 exemplares diários pagos<sup>67</sup> (Quadro 5).

<sup>67</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/lider-no-pais-folha-passa-marca-de-350-mil-em-circulacao-paga.shtml>. Acesso em: 13 dez. 2021.



Quadro 5 – Circulação de exemplares da Folha de S. Paulo  
Fonte: IVC (Instituto Verificador de Comunicação)

No livro **Folha Explica** (2012), escrito pela jornalista Ana Estela de Sousa Pinto, funcionária da empresa, é apresentada a história da Folha de S. Paulo desde a sua criação, até o ano de 2012, quando a obra foi lançada pela Publifolha, editora da empresa jornalística. A autora revela que a primeira edição de Folha da Noite contava com apenas oito páginas e uma foto, que mostrava a abandonada Praça São Bento, localizada na região central da cidade de São Paulo.

No final dos anos 60, o jornalismo mundial passava por uma grande mudança por passar a utilizar o sistema *offset*, isto é, um novo método de impressão que conferia mais agilidade na impressão das edições. Em 28 de janeiro de 1969, uma edição completa da Folha de S. Paulo foi rodada no novo sistema. “Quando as máquinas foram desligadas, às quatro horas daquele domingo, haviam saído de suas esteiras 222.789 exemplares com sessenta páginas impressas em offset.” (PINTO, 2012, p. 45).

Segundo dados da página institucional<sup>68</sup> da Folha de S. Paulo, em 1983, o jornal se tornou a primeira Redação informatizada na América do Sul, com a instalação de terminais de computador. Em 1989, foi o primeiro veículo de comunicação do país a criar o cargo de Ombudsman, o jornalista encarregado de receber, investigar e encaminhar queixas de leitores e analisar a qualidade do jornal.

A partir dos anos 1990, as fotografias e gráficos passaram a ter mais importância no diário do que antes. Com a implementação do uso de cores, a Folha de S. Paulo também dobrou o espaço das imagens ou infográficos. Em 1995, a empresa inaugurou o Centro Tecnológico Gráfico-Folha, em Tamboré (SP), considerado um dos maiores parques gráficos da América Latina. Também naquele ano, no dia 9 de julho, a empresa lançou a FolhaWeb<sup>69</sup>.

Com o crescimento da bolha da internet, começou a ser gestada a Folha Online, que foi ao ar pela primeira vez em 1º de agosto de 1999 como página de conteúdo gratuito do Universo Online e não a Folha de S. Paulo. Em 2010, o site da Folha Online virou a Folha.com. (PINTO, 2012, p. 103 e 104).

Desde a sua criação, em 1921, o jornal Folha de S. Paulo informava ao leitor sobre sua linha editorial. No primeiro ano, o programa editorial da Folha da Noite assumia que se tratava de um jornal “incoerente” e “oportunista”. “Em outras palavras, explicavam seus editores, capaz de mudar de ideia sempre que necessário, a fim de estar ‘ao lado do povo e da pátria’” (PINTO, 2012, p.11).

Ana Estela de Sousa Pinto explicou que os princípios jornalísticos da Folha de S. Paulo são discutidos de modo regular pelo conselho editorial desde 1978 e divulgados publicamente desde 1985<sup>70</sup>. Desde de 1978, foram elaborados sete projetos que estabeleceram os princípios básicos que orientam o trabalho do diário. Os princípios básicos, que compõem a linha editorial do jornal, são: manter a independência; ser apartidário; exercer crítica; ser pluralista; ouvir todos os lados; ser preciso; publicar informação exclusiva; ser moderno; prestar serviço; ser didático; ser sucinto e ser

---

<sup>68</sup> Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia\\_da\\_folha.shtml?fill=4](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4). Acesso em: 13 dez. 2021.

<sup>69</sup> Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia\\_da\\_folha.shtml?fill=4](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4). Acesso em: 13 dez. 2021.

<sup>70</sup> Todas as edições dos projetos editoriais da Folha podem ser lidas na internet, no endereço: <http://is.gd/L2Vz8b>. Acesso em 13 dez. 2021.

analítico (PINTO, 2012). Nas últimas décadas, a tecnologia passou a ser um fator importante ao refletir sobre os princípios citados. Afinal, o avanço das plataformas e dispositivos digitais permite que mais notícias sejam transmitidas em maior velocidade. Ou seja, há transformações no modo de apurar e transmitir a notícia.

Assuntos políticos sempre ocuparam as manchetes e as chamadas da Folha de S. Paulo, sejam nacionais ou internacionais. Por exemplo, as manifestações estudantis em maio de 1968 em Paris estamparam a capa do caderno Ilustrada naquele ano. No final da década de 60 e início de 70, as páginas da Folha de S. Paulo também noticiavam as passeatas de protesto de estudantes que aconteciam em algumas cidades brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo. Porém, para manter o diálogo com os estudantes, o jornal precisou deixar de lado a cobertura política e investir em temas de educação. Tudo isso porque o então presidente Arthur Costa e Silva publicou, no final de 1969, o AI-5, ceifando qualquer liberdade de expressão, principalmente contra o governo (PINTO, 2012).

Já na década de 1980, o periódico se posicionou contra a ditadura e apoiou, por meio de seus editoriais, a campanha pelas eleições diretas, que ficou conhecida como Diretas Já. De acordo com Ana Estela Sousa Pinto (2012), a cobertura das eleições diretas de 1989 foi o primeiro grande teste para a Folha de S. Paulo que defendia em seu projeto ser um jornal plural e apartidário.

A meta era investigar o passado político e administrativo dos principais candidatos e esmiuçar criticamente seus planos de governo. O uso de pesquisas do Datafolha foi um diferencial, permitindo à Folha cravar na manchete que Collor e Lula iriam ao segundo turno. (PINTO, 2012, p. 86 e 87)

A Folha de S. Paulo defende que o uso das pesquisas foi, e ainda é, uma ferramenta importante na busca de uma cobertura jornalística plural e apartidária. Tanto que, com o tempo, os levantamentos feitos pela equipe do Datafolha também passaram a ser citados como fontes de dados em demais órgãos de imprensa.

No livro **Folha Explica** (2012, p. 172 e 173), há um infográfico que demonstra de forma geral como são as 24 horas do funcionamento do jornal todos os dias do ano. De acordo com informações atualizadas em janeiro de 2022, a rotina apresentada continua a mesma, porém agora ela acontece por meio do trabalho remoto, em função da pandemia do vírus Covid-19. Todas as etapas (Figura 14) funcionam como um elo de ligação que resultará no jornal impresso, pronto para ser lido. Como esta pesquisa tem como foco

analisar as manchetes e fotografias publicadas nas capas dos jornais, percebe-se que a capa do jornal, no caso da Folha de S. Paulo, começa efetivamente a ser construída ou desenhada – como se fala no jargão jornalístico – às 16h quando a Secretaria de Redação e editores se reúnem para decidir quais informações merecem estar na primeira página do jornal.

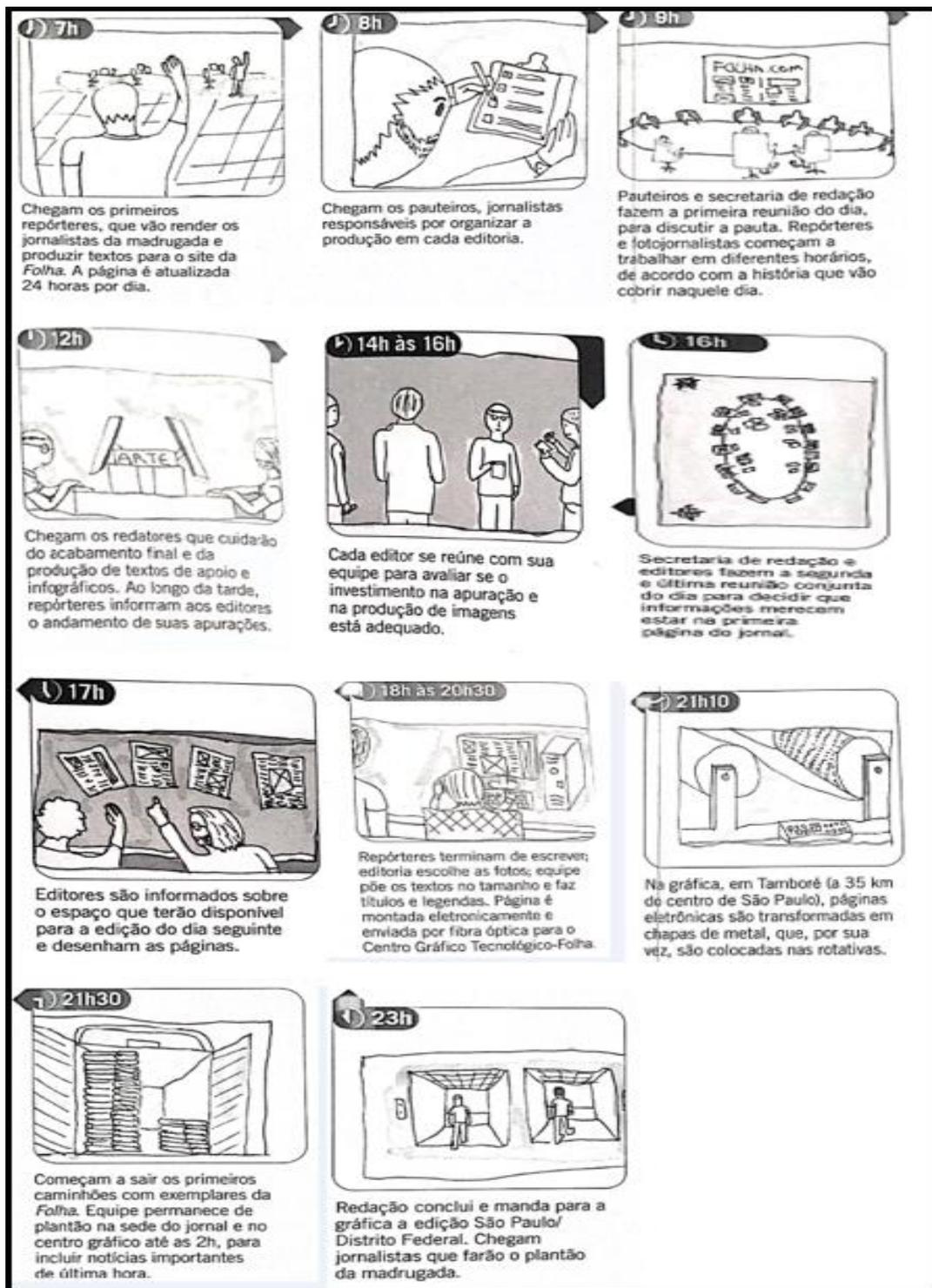


Figura 14 – Montagem ilustrativa das 24 horas na Folha de S. Paulo.

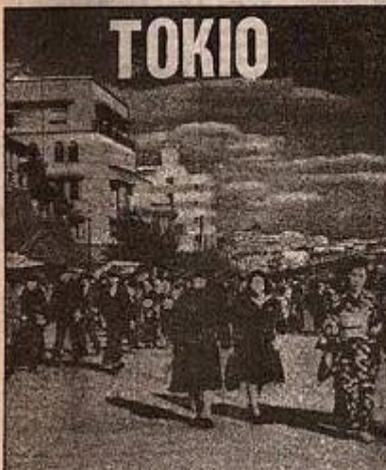
2.2.2 O jornal Clarín

**CONCURRIO A LA CANCELLERIA EL DR. AMEGHINO: PREPARA EL DOCUMENTO**

INFORMACION PAGAS A GIRAL

# INICIAN LA OCUPACION

## TOKIO



**RR. OCUPADA.** — Aspecto que ofrecían las calles de la capital del Mikado, que ha comenzado a ser ocupada por tropas aerotransportadas. El cable informa que estas iniciaron su descenso en los aeródromos próximos a la ciudad.

\*\*\*\*\*

## ACLAMAN EN NUEVA YORK A DE GAULLE

DE LA INTERNATIONAL NEWS SERVICE EN LA PAG. 2



---

DIARIO DE LA MAÑANA

Clarín

5

CENTAVOS

AN TOQUE DE AIRACION PARA LA SOLUCION ARGENTINA DE LOS PROBLEMAS ARGENTINOS

AÑO 1 BUENOS AIRES, MARTES 28 DE AGOSTO DE 1945 No. 1

---

Exclusivo de la INTERNATIONAL NEWS SERVICE Para CLARIN

## Todavía Arde Nagasaki Por Efectos De La Bomba Atómica

A BORDO DE UN AVION NORTeamERICANO SOBRE JAPON. 27 880 — Volando sobre Nagasaki es fácil comprender por qué los japoneses abandonaron la lucha después del día de sus ciudades, atomizadas, habían sido castigadas por la bomba atómica. Todavía hoy se viaa acontecer el drama de las ruinas asoladas de esta ciudad, horroscamente devastada.

### DESTRUIDA



LA CALLE principal de Nagasaki casi arrasada por el terrible poder de la bomba atómica

### Arrasa Toda sin Dejar Cráteres

Clarín que en todo la ciudad fué borrada del mapa, pero su devastación tiene así el mismo aspecto que el de Hiroshima, que fuera primer blanco de la bomba atómica. En Nagasaki, al ser destruida Hiroshi, era acción, la investigación acerca nace de la escena que debió presentarse cuando el impacto terrible estrellado las bombas y los cerros cercanos a la ciudad. Los Nagasaki fué sufrida las consecuencias de la bomba atómica, con excepción de la gran zona de una zona oculta de construcciones modernas. Lo que así queda es un borroso y desolada faja de tierra. No se están creando ni huera en el suelo. Obviamente desde 2000 metros de altura, la que era antes Nagasaki, aparece ahora como un terreno asado.

Nuestro comentario en este momento valdría a unas pocas palabras de nuestros sobre el tema que queda el norte del puerto de Nagasaki. Fue precisamente en este lugar, alrededor de la zona, que parte del centro de la ciudad, desde que la bomba atómica. A uno y otro lado del sorprendente canal esculturas miles de hogares, cerca de los cuales estaban enormes fábricas. Ahora, lo que podemos ver es un paisaje, en el que falta toda señal de hogar, sea un simple esqueleto de los edificios de un antiguo, espacio de la tierra, sea un edificio nuevo.

Nagasaki fué la primera ciudad japonesa visitada por colonizadores, pero ya hace tres siglos, y lo que era, en que, que templos cristianos, una universidad los muros y cerros casi leada. Nada disparó contra nosotros cuando rondábamos sobre la ciudad y su puerto. Se veía curia en la ciudad, y ante nuestra sorpresa, nadie levantó cabeza, ni mirada hacia nosotros.

Según el cálculo más conservador que podía hacerse, una tercera parte de Nagasaki había sido completamente devastada por la bomba atómica.

DE LA INTERNATIONAL NEWS SERVICE EN LA PAG. 2

NO SERA RECONOCIDO POR EL MOMENTO EL GABINETE GIRAL

(INFORMACION PAGINA 4)

Figura 15 – Capa da primeira edição do Clarín

As informações sobre a história do jornal argentino Clarín têm como base as publicações feitas na seção institucional do site oficial do jornal<sup>71</sup> e no Manual de Estilo Clarín (1997). O periódico argentino foi fundado em 28 de agosto de 1945 pelo advogado, político e jornalista Roberto Noble. Com a morte dele, sua viúva Ernestina Herrera de Noble assumiu a direção do diário em 1969 até 2017, ano de seu falecimento. Em 1972, Héctor Magnetto chegou ao jornal e em pouco tempo assumiu cargos de direção. Atualmente é um dos principais acionistas do Grupo Clarín e atua como diretor executivo da companhia de comunicações. De acordo com dados reportados no Relatório Anual 2016<sup>72</sup> do Grupo Clarín, as vendas do jornal giravam em torno de 209 mil cópias médias diárias, enquanto aos domingos as vendas chegavam a 480 mil exemplares diários.

Desde a sua fundação, o periódico passou por transformações. Em 1978, os responsáveis pelo Clarín se tornaram sócios da primeira fábrica nacional de papel para jornal. Quatro anos mais tarde, o jornal se juntou com mais 28 diários argentinos e criaram a agência informativa *Diarios y Noticias* (DyN). Em 1985, o Clarín passou a ser o jornal de maior circulação do mundo em língua espanhola. A partir dos anos 1990, o Grupo Clarín passou a expandir os negócios no mercado de comunicação com a conquista, via concurso, da licitação do Canal 13. Além disso, o grupo também adquiriu a *Radio Mitre* e ingressou no mercado de TV a cabo. Em 1996 lançou *Olé*, o primeiro diário de esportes da Argentina e, no mesmo ano, colocou no ar o site clarin.com.

Em 1999, o Grupo Clarín se constituiu como sociedade anônima na qual a companhia financeira estadunidense Goldman Sachs ingressou como sócia minoritária (18%). Tal sociedade durou até 2012, quando a Goldman Sachs vendeu suas ações para a *Booth American Company Investment LLC*, pertencente ao investidor estadunidense Ralph F. Booth, que já era acionista da empresa argentina. Em 2007, o Grupo Clarín decidiu abrir seu capital e ofereceu 20% de suas ações nas Bolsas de Valores de Londres e de Buenos Aires.

Quanto à linha editorial, em 1995, o Grupo Clarín adotou formalmente sua Declaração de Propósitos<sup>73</sup>: “O Grupo Clarín é um grupo argentino de comunicações

---

<sup>71</sup> Disponível em: <https://grupoclarin.com/institucional/institucional>. Acesso em 14 dez. 2021.

<sup>72</sup> Disponível em: <https://grupoclarin.com/ir/Reportes-Anuales>. Acesso em 14 dez. 2021.

<sup>73</sup> Disponível em: <https://grupoclarin.com/institucional/declaracion-de-propositos>. Acesso em: 15 dez. 2021.

dedicado a fornecer informação, opinião, entretenimento, educação e cultura”<sup>74</sup>. O Manual de Estilo Clarín informa sobre as bases de política editorial do jornal.

O Clarín é um jornal independente, comprometido com as produções culturais e o trabalho dos argentinos que marcam nossa identidade como nação e contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade solidária e justa. Promove a liberdade de expressão, o pluralismo e o fortalecimento das instituições que sustentam o regime democrático. O Clarín rejeita toda pressão política, econômica, religiosa, ideológica ou de qualquer outra natureza. A função da imprensa independente na sociedade é informar [...] Essa função do jornalismo independente gera tensões com os poderes, principalmente com os governos. A tensão entre a mídia e o poder é parte constitutiva e funcional do sistema democrático<sup>75</sup>. (CLARÍN, 1997, p. 17 e 18, tradução nossa)

### 2.3 Fotojornalismo

No jornalismo, o texto e a imagem se completam. Pode acontecer de um ser mais determinante do que o outro em algum momento, mas ambos desempenham papel importante na hora de comunicar a mensagem ao receptor. É o que se percebe, por exemplo, nas análises das capas da Folha de S. Paulo e do Clarín feitas para este estudo. Tanto a manchete quanto a fotografia transmitem informações que se tornam notícias.

Para Roland Barthes (1986 [1982]), a fotografia de imprensa é o centro da mensagem, apesar de essa necessitar de outras partes para seu sentido ser constituído. As partes que formam o conjunto da mensagem são: uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor. Barthes explicou assim:

A fonte emissora é o grupo de técnicos que formam a Redação do jornal: uns fazem as fotos, outros escolhem uma em particular, a compõem, a tratam, e outros enfim a intitulam, colocam uma legenda para ela e a comentam. O meio receptor é o público que lê o jornal. E o canal de transmissão é o próprio jornal, ou, mais exatamente, um complexo de mensagens concorrentes que têm a foto como centro, mas cujo entorno está constituído pelo texto, o título, a legenda, a paginação, e, de maneira mais abstrata mas não menos "informativa", pelo próprio nome do jornal (pois este nome constitui um saber que pode pesar

---

<sup>74</sup> Original em espanhol: “El Grupo Clarín es un grupo argentino de comunicaciones dedicado a brindar información, opinión, entretenimiento, educación y cultura”.

<sup>75</sup> Original em espanhol: “Clarín es un diario independiente, comprometido con las producciones culturales y el trabajo de los argentinos que marcan nuestra identidad como nación y contribuyen al desarrollo de una sociedad solidaria y justa. Promueve la libertad de expresión, el pluralismo y el fortalecimiento de las instituciones que sustentan el régimen democrático. Clarín rechaza toda presión política, económica, religiosa, ideológica o de cualquier otra naturaleza. La función de la prensa independiente en la sociedad es informar [...] Esta función propia del periodismo independiente genera tensiones con los poderes, en especial con los gobiernos. La tensión entre los medios y el poder es una parte constitutiva y funcional del sistema democrático”.

fortemente na leitura da mensagem propriamente dita: uma foto pode mudar de sentido ao passar de *l'aurore* para *l'Hmanité*<sup>76</sup>). (BARTHES, 1982/1986, p. 11).

As pinturas pré-históricas já expressavam a cultura humana muito antes da existência dos textos, porém a fotografia é um registro documental recente. “[...] enquanto a propagação da palavra humana começou a adquirir dimensões galácticas já no século XV de Gutenberg, a galáxia imagética teria de esperar até o século XX para se desenvolver” (NÖTH, SANTAELLA, 1998, p. 06). O alemão Johannes Gutenberg revolucionou o mundo, facilitando a produção de livros e de jornais, a partir da metade da Idade Média, com a invenção da prensa de papel. A criação da fotografia se deu quatro séculos depois, por volta de 1830, e também proporcionou transformações relevantes na cultura e na sociedade.

Ainda no Século XIX, ocorreu a anexação da fotografia nas páginas dos jornais, dando origem ao fotojornalismo. O aparecimento das fotos nos chamados tabloides da época, proporcionaram uma mudança conceitual. “As fotografias teriam deixado de ser secundarizadas como ilustrações do texto para serem definidas como uma outra categoria de conteúdo tão importante como a componente escrita”, afirma o pesquisador português Jorge Pedro Sousa (1998, p. 05) em suas investigações sobre fotojornalismo. No Brasil, segundo a historiadora Ana Maria Mauad (2013), a fotografia foi introduzida na imprensa ilustrada brasileira em 1900 na Revista da Semana, uma publicação do Jornal do Brasil.

Para o fotógrafo e historiador brasileiro Boris Kossoy, “é a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções” (2012, p. 30). Ao observar as fotografias nas capas da Folha de S. Paulo e Clarín, é possível confirmar o que mencionou Kossoy. Ele vai além em sua análise, talvez, justamente por ser fotógrafo. Ao comentar sobre o significado das imagens, afirmou:

A comunicação não-verbal ilude e confunde. Deve-se, no entanto, "perceber na imagem o que está nas entrelinhas, assim como o fazemos em relação aos textos", como bem colocaram Weinstein & Booth: "[...] precisamos aprender a esmiuçar as fotografias criticamente, interrogativamente e especulativamente. [...]. No que uma boa fotografia desvenda para o olho e a mente compreensiva, ela falhará em desvendar para o olhar apressado". Tal é o desafio a enfrentar. Não deixar de ousar na interpretação: esta é a tarefa. (KOSSOY, 2012, p. 127 e 128).

---

<sup>76</sup> Nota d o tradutor: *l'Aurore*, periódico de direita e *l'Hmanité*, periódico de esquerda.

Como pesquisadora, seguindo a linha apresentada por Kossoy, procurei olhar atentamente, sem pressa, para cada imagem com Dilma Rousseff e com Cristina Kirchner a fim de esmiuçar as entrelinhas. Como recomenda o autor, não deixei de ousar na interpretação. Contemplei as imagens com elas e não imagem delas, já que a fotografia é, de acordo com Kossoy, produto final, resultante da ação do homem, ou seja, do fotógrafo (2012). É a imagem de alguém sob a perspectiva de um outro alguém. “[...] a fotografia não só representa a realidade, como também a cria e, finalmente, é capaz de distorcer nossa imagem do mundo representado” (NÖTH, SANTAELLA, 1998, p.107). Nos próximos capítulos, o papel do(a) fotógrafo(a) de modo geral será abordado porque faz-se necessário na avaliação das imagens com as Presidentas nas capas selecionadas. Afinal, “as possibilidades de o fotógrafo interferir na imagem – e, portanto, na configuração própria do assunto no contexto da realidade – existem desde a invenção da fotografia” (KOSSOY, 2012, p. 119 e 120). Portanto, considerar o papel do fotógrafo é uma tarefa que não se pode ignorar durante essa investigação.

De maneira resumida, em algumas definições a fotografia “é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte” (KOSSOY, 2012, p. 39). Para Roland Barthes, “a imagem fotográfica não é a realidade, mas, pelo menos, sua perfeita analogia” (BARTHES, 1961, p. 128). Susan Sontag defende que as fotografias “dizem o que existe; fazem um inventário” (2004, p. 17) e, além disso, que o resultado “mais extraordinário” da atividade fotográfica “[...] é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens” (SONTAG, 2004, p. 8).

## **2.4 Enquadramento de manchetes e fotografias**

Antes de discutir sobre o enquadramento, é necessário informar um dado técnico. Os jornais Folha de S. Paulo e Clarín possuem tamanhos diferentes. O jornal brasileiro Folha de S. Paulo adota o formato *standard* com 52 cm de altura por 33 cm de largura. Já o argentino Clarín possui o modelo tabloide, com 32 cm de altura e 24,9 de largura, ou seja, menor que o *standard*. Esses dados revelam que a Folha de S. Paulo tem mais espaço para publicar textos e fotografias do que o Clarín.

O tamanho do periódico pode determinar o aumento ou a diminuição da quantidade de notícias nele, porém, não interfere na qualidade das mesmas. Tanto em um

espaço maior quanto em um menor podem ser encontradas manchetes, chamadas, notas, fotos, gráficos relevantes e não relevantes ao(a) leitor(a). Empresas jornalísticas sérias e éticas demandam que suas equipes de profissionais sejam responsáveis por entregar conteúdo confiável, ou seja, apurado, checado e divulgado com honestidade, independentemente do formato do periódico.

Seja uma capa maior ou menor, o que importa é o que ela contém. O movimento de observância se deu por meio do enquadramento. Etimologicamente a raiz da palavra “enquadramento” vem de “quadro”. Ao ver o quadro, automaticamente a moldura do mesmo chama a atenção de quem observa o conteúdo. A moldura é delimitadora do que se torna visível ou não no campo da observação.

Na prática jornalística, um enquadramento (*framing*<sup>77</sup>) é construído através de procedimentos como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer. Trata-se de uma ideia central que organiza a realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento, que envolvem inclusive o uso de expressões, estereótipos, sintagmas etc. (ROTHBERG, 2010, p. 55 e 56)

O conceito de enquadramento tem sido amplamente empregado e revisitado por estudiosos da ciência política e da comunicação. Com base na condução de suas pesquisas empíricas sobre a relação entre os enquadramentos da mídia e da política no Brasil, Mauro Porto afirma que ainda “não existe, portanto, uma definição consensual sobre o que sejam os enquadramentos da mídia” (2002, p. 4). Portanto, há algumas opções de estudos sobre o tema que podem ser utilizados como ferramenta metodológica nesta pesquisa. Um dos primeiros a conceituar o enquadramento foi o sociólogo Erving Goffman. No início de seu livro **Frame Analysis - An Essay on the Organization of Experience** ele comenta que situações podem ser entendidas a partir da resposta da pergunta: “O que está acontecendo aqui?” (1986, p. 8). Essa mesma pergunta foi feita durante esta pesquisa na observação das manchetes, legendas e fotografias nas capas dos jornais.

Todd Gitlin, também sociólogo, definiu com mais precisão o enquadramento de mídia. Em seu **The Whole World is Watching**, afirmou:

Os enquadramentos da mídia [...] organizam o mundo para os jornalistas que o relatam e, em algum grau de importância, para nós que

---

<sup>77</sup> A palavra “enquadramento” é tradução da palavra inglesa *framing*. Portanto, nessa dissertação elas são usadas como sinônimos.

confiamos em suas notícias. *Os enquadramentos de mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação de seleção, ênfase e exclusão, pelo qual manipuladores de símbolos organizam rotineiramente o discurso, seja verbal ou visual.* Enquadramentos permitem que jornalistas processem grandes quantidades de informações de forma rápida e rotineira: para reconhecê-los como informações, para atribuí-los a categorias cognitivas e para empacotá-los de forma eficiente para retransmitir para seu público. Assim [...], os enquadramentos são inevitáveis e o jornalismo é organizado para regular sua produção. Qualquer abordagem analítica do jornalismo – na verdade, para a produção de qualquer conteúdo mediado para massa – deve perguntar: Qual é o quadro aqui? Por que esse quadro e não outro? [...]. (GITLIN, 1980, p. 7; itálicos no original; tradução nossa)

Judith Butler recorreu a Goffman e Jacques Derrida, além de contestar os escritos de Susan Sontag, para comentar sobre os enquadramentos da fotografia em sua obra **Quadros de Guerra** (2020). O foco do estudo de Butler neste livro foi discutir como o jornalismo abordou o tema da guerra e outras mazelas da vida precária por meio das imagens e textos que circularam para o público. Alguns dos exemplos no livro são as fotografias retratando a tortura na prisão de Abu Ghraib (Iraque) e os maus-tratos sofridos pelos presos em Guantánamo (prisão militar estadunidense localizada em Cuba).

Esta dissertação não trata do tema guerra, mas a investigação feita pela filósofa estadunidense inspira teoricamente o que a pesquisa se propôs apresentar com a análise das capas. Especialmente quando Judith Butler cita a “cobertura comprometida”, conhecida durante a invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003. “Os jornalistas ‘envolvidos’ viajavam apenas em determinados veículos, observavam apenas determinadas cenas e enviavam para casa apenas imagens e narrativas de determinados tipos de ação” (BUTLER, 2020, p. 101). Ou seja, a cobertura comprometida trata-se das escolhas feitas pelos jornalistas envolvidos. Tal conceito torna-se, então, produtivo para os fins desta análise, que considera a cobertura jornalística na eleição de mulheres na América do Sul.

Porém, por mais que mídia hegemônica tente delimitar um contexto único para a criação de fotografia de guerra, a circulação da mesma faria com que esse contexto pré-definido escapasse de controle. Segundo Butler, o que “escapa ao controle é precisamente o que escapa ao contexto que enquadra o acontecimento, a imagem, o texto de guerra” (2020, p. 25).

Quando as imagens de guerra e os poemas escritos pelos prisioneiros de Guantánamo passaram a circular pelas redes na internet, livres de um enquadramento pré-

determinado, outros recortes são trazidos à cena, multiplicando a possibilidade de interpretação dos fatos. Consequentemente, impedir o acesso a esses materiais é como provocar uma explosão “tanto por aquilo que retratam quanto pelas limitações impostas à circulação” (BUTLER, 2020, p. 25).

Assim como a Butler discutiu que a circulação das fotografias da tortura em Abu Ghraib e as poesias do cárcere em Guantánamo podem ajudar a produzir outros enquadramentos, principalmente a partir de um contexto das pessoas que estavam presas, desumanizadas e precarizadas; também é possível refletir de que maneira os enquadramentos articulam gênero e política nas capas dos jornais. Que tipos de quadros as equipes jornalísticas da Folha de S. Paulo e do Clarín estão produzindo, principalmente, sobre mulheres na política?

A fotografia, a manchete e a legenda estão contidas dentro da moldura que constitui uma capa da Folha de S. Paulo ou do Clarín. A pesquisa procura mostrar como os quadros desenhados pelos jornalistas apresentam versões das Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner para o(a) leitor(a) do periódico. Como pesquisadora, meu movimento é buscar “enquadrar o enquadramento”, ou seja, analisar a posição do enquadrador, neste caso, os jornais.

A proposta deste tipo de observação e exercício é de Trinh T. Minh-ha e está presente em sua obra escrita **Framer Framed** (1992), na qual apresenta os *scripts* e os detalhes visuais, ou seja, os enquadramentos, de três filmes de sua autoria. Em sua abordagem em **Quadros de Guerra**, Judith Butler recorre a Trinh T. Minh-ha para expor sobre o enquadramento.

Quando um quadro é emoldurado, diversas maneiras de intervir ou ampliar a imagem podem estar em jogo. [...] Questionar a moldura significa mostrar que ela nunca conteve de fato a cena a que se propunha ilustrar, que já havia algo de fora, que tornava o próprio sentido de dentro possível, reconhecível. A moldura nunca determinou realmente, de forma precisa o que vemos, pensamos, reconhecemos e apreendemos. Algo ultrapassa a moldura que atrapalha nosso senso de realidade; em outras palavras, algo acontece que não se ajusta à nossa compreensão estabelecida das coisas. (BUTLER, 1992, p.23 e 24)

Ao observar as capas dos jornais, o movimento é semelhante ao citado por Butler, isto é, ultrapassar a moldura, olhar o que está enquadrando aquele enquadramento. É um jogo de deslocamento de uma visão confortável para uma outra incômoda a fim de analisar como as categorias de gênero e de política se articulam na constituição desse

quadro produzido dentro da Redação do jornal no momento da criação e do fechamento<sup>78</sup> da capa. Para este estudo, considere-se que cada capa se tornou um quadro emoldurado, no qual muitas vezes o que ficou fora do espaço delimitado da página talvez até fosse mais importante do que o que está dentro ao alcance do olhar da(o) receptor(a). Outras vezes, a mensagem pode estar dentro do quadro, porém camuflada com um certo tipo de verniz, que pode projetar determinado aspecto do enquadramento. “Aprender a enxergar o enquadramento que nos cega para aquilo que vemos não é tarefa fácil” (BUTLER, 2020, p. 148). Esse movimento analítico será discutido novamente nos capítulos 3 e 4 sobre as capas dos jornais.

## 2.5 Análise de Discurso

O processo metodológico desta pesquisa é baseado na Teoria Fundamentada (doravante TF). Durante o percurso de interpretação de dados, essa teoria permite a abertura da possibilidade da revisão dos autores utilizados para formulação das teorizações iniciais e de eventuais hipóteses ou problemas de pesquisa. A TF foi inicialmente proposta como método por Glaser e Strauss em seu livro **The Discovery of Grounded Theory** em 1967. Nessa direção, Amaral, Frago e Recuero apresentam características fundamentais da TF.

A ideia central da TF é, justamente, aquela em que a teoria deve emergir dos dados, a partir de sua sistemática observação, comparação, classificação e análise de similaridades e dissimilaridades. Ela prevê uma inversão no método tradicional de pesquisa, no qual o pesquisador deve ir a campo livre de suas pré-noções e, portanto, livre de hipóteses e conceitos e, apenas a partir de sua vivência empírica e do processo do método, é que deve elaborar as hipóteses e os preceitos teóricos. (AMARAL; FRAGOSO; RECUERO, 2011, p. 83)

Após revisões e reflexões sobre os possíveis métodos que poderiam ser aplicados nesta pesquisa, os escolhidos foram a Análise do Discurso de linha francesa e o enquadramento com base na observação filosófica de Judith Butler. É importante ressaltar que esta dissertação não se propõe realizar uma análise de discurso como uma sequência linguística fechada (ORLANDI, 2019), a intenção é utilizá-la como um recurso interpretativo para lidar com as categorias de gênero e de política nos enquadramentos presentes nas capas dos jornais que noticiaram sobre as Presidentas Dilma Rousseff e

---

<sup>78</sup> Jargão jornalístico que indica a finalização, conclusão da página de um jornal.

Cristina Kirchner. O enquadramento constitui um processo que é discursivo. Esse discurso jornalístico (VAN DIJK, 1990) é composto ao mesmo tempo por imagens e palavras, que podem ser analisadas com distanciamento, ou seja, o exercício proposto nesta pesquisa de enquadrar o enquadramento.

De acordo com Eni Pucinelli Orlandi, a análise de discurso “não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 2007, p. 59). Trata-se de uma das ferramentas para estudar objetos do campo da Comunicação, neste caso, do jornalismo impresso. Para a linguista, a definição de discurso vai além do esquema elementar da comunicação no qual “o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo a algum elemento da realidade – o referente” (ORLANDI, 2007, p. 21).

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que o primeiro fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso (ORLANDI, 2007, p. 21).

Márcia Benetti explica que essa técnica busca compreender “como um discurso funciona, ou seja, que sentidos estão sendo produzidos” e também “como os diversos discursos estão sendo articulados, quais são os modos de controle do poder-dizer”. (BENETTI, 2016, p. 252).

Como vimos, as palavras e as imagens são os elementos fundamentais na análise deste *corpus*. Como afirma Eni Orlandi, “quanto à natureza da linguagem, devemos dizer que a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra etc” (2007, pág. 62). Vilém Flusser vai além ao dizer que “decifrar textos é descobrir as imagens significadas pelos conceitos. A função dos textos é explicar imagens, a dos conceitos é analisar cenas. Em outros termos: a escrita é metacódigo da imagem”. (FLUSSER, 2009, p. 10).

Observar e discutir sobre os textos e as fotografias na capa de um jornal corroboram a defesa de Nelson Traquina quando aponta que o jornalismo é também uma prática discursiva.

Ao longo da história, os jornalistas desenvolveram uma maneira própria de falar, isto é, uma linguagem – o jornalês. Uma das características principais desta fala, desta escrita, é a sua qualidade de ser compreensível. Os jornalistas precisam comunicar através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes numa sociedade. Para atingir este público heterogêneo, a linguagem jornalística deve possuir certos traços que vão no sentido de ser compreensível: a) frases curtas; b) parágrafos curtos; c) palavras simples (evitar palavras polissilábicas); d) uma sintaxe direta e econômica; e) a concisão; e f) a utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto. Para além de ser compreensível, o discurso jornalístico é um discurso que deve provocar o desejo, o desejo de ser lido/ouvido/visto. (TRAQUINA, 2005, p. 46)

## 2.6. Categorias: política e gênero

Quando esta dissertação era apenas um projeto de pesquisa, a tríade mídia-gênero-política era o ponto central do que eu pretendia investigar e analisar no *corpus* do estudo. Algumas mudanças ocorreram durante a construção do *corpus*, mas esses três elementos se mantiveram diante do objetivo deste trabalho, isto é, analisar os enquadramentos de gênero e política que os jornais Folha de S. Paulo e Clarín escolheram como notícias em suas capas sobre as Presidentas sul-americanas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner. Portanto, as categorias gênero e política já estavam definidas a priori para o estudo porque buscou-se saber como as duas mulheres Presidentas foram retratadas nas capas dos dois periódicos. Partindo desse raciocínio, ocorreu de modo fácil e rápido a escolha para o título do projeto de pesquisa, que posteriormente se transformou nesta dissertação.

As duas categorias descritas no título desta seção, a saber, política e gênero, compõem o recurso analítico que utilizo para realizar a análise das capas. As fotografias e os textos (manchetes e legendas) podem ser analisados à luz dos estudos de gênero, tomando-o como uma categoria de análise (SCOTT, 1994). Para fins de comparação, a pesquisa propõe também a observação das capas dos Presidentes homens como contraponto empírico para enxergar diferenças com as capas das Presidentas. O olhar para a fotografia revela em quais condições aquele corpo está sendo mostrado e quais emoções são apresentadas de acordo com o enquadramento proposto pelo jornal.

A partir da comparação entre as imagens publicadas de Dilma Rousseff e de Luiz Inácio Lula da Silva e também de Cristina Kirchner e de Néstor Kirchner é possível tecer considerações a respeito das diferenças de gênero. Isso significa que analisar gênero não implica somente a questões relacionadas à mulher, mas perceber nas relações sociais uma

diferença que é constituída historicamente entre os sexos e que tem efeitos de desigualdade importantes.

Nessa perspectiva, Joan Scott afirma que é necessária uma visão mais ampla quanto ao uso da categoria de gênero, como o uso dessa categoria no sistema político. “O sufrágio masculino universal faz parte do processo de construção de gênero (1994, p. 22). É interessante como as duas categorias se encontram, e para Scott “em certo sentido a história política foi encenada no terreno do gênero” (1994, p. 28). Esta dissertação defende que a análise da recente história política contemporânea latino-americana contribui com a compreensão da relação estabelecida por esses dois elementos. A esse respeito, Matos destaca a maior relevância que o gênero tem tomado na política.

Gênero tornou-se uma dimensão específica de grande relevância na arena política (e não se refere exclusivamente a aspectos identitários, morais, normativos ou de reconhecimento) e, cada vez mais, mecanismos vêm sendo desenvolvidos para que mais mulheres ocupem cargos eletivos ou por nomeação. (MATOS, 2020, p. 109).

Os enquadramentos de gênero e política analisados nos textos e fotografias nas capas que são apresentadas nos próximos capítulos 3 e 4 traduzem, por exemplo, a ascensão e a queda da mulher no espaço de poder. O caso mais conhecido de violência política sexista no Brasil é o de Dilma Rousseff, a primeira Presidenta do Brasil. Os adversários políticos e a mídia hegemônica ajudaram a construir a sua saída do governo dois anos antes do término de seu mandato. A justificativa de seu impeachment ficou centrada nas pedaladas fiscais, manobra econômica que seus antecessores Presidentes também cometeram sem nenhuma consequência. Desde 2018 o Brasil tem um Presidente da República, Jair Bolsonaro, que coleciona pedidos de impeachment engavetados pela Câmara dos Deputados. Motivos não faltam para afastá-lo do cargo, mas ele se mantém como Presidente.

Pensar na categoria política de acordo com o material selecionado para essa pesquisa também possibilita fazer uma interpretação em face do que é sabido e público, ou seja, do que já aconteceu historicamente e o que está acontecendo a partir do período elegido para este estudo. Ao fazer esse exercício, já se sabe que a América Latina comemorou um lugar de destaque no mapa político mundial, de 2006 a 2018, quando teve sempre pelo menos uma mulher eleita como Chefe de Estado. O período foi um momento

de abertura política onde houve a retomada democrática e o ressurgimento dos movimentos feministas e sociais em países marcados por longos anos de Ditadura.

Porém, a partir de 2015, pode-se afirmar que a agenda política neoliberal começou a entrar em ação na América Latina e no restante do mundo. Jeanine Áñez, senadora filiada a um partido de direita, se declarou Presidenta interina da Bolívia em 2019, após a renúncia de Evo Morales. Em 2020 nenhuma mulher ocupou o cargo de chefe de Estado na América Latina e em 2021 uma mulher foi eleita Presidenta: Xiomara Castro, em Honduras. Nos casos de Brasil e Argentina, Dilma Rousseff e Cristina Kirchner, respectivamente, foram as últimas mulheres a ocuparem o cargo maior em seus países até o fechamento desta pesquisa. A argentina saiu do cargo em 2015 e a brasileira, em 2016. Atualmente, em 2022, Cristina Kirchner é vice-Presidenta do país, atuando junto ao Presidente Alberto Fernandez. As capas dos jornais analisados mostram esse momento político e histórico no qual Dilma Rousseff e Cristina Kirchner são eleitas e reeleitas e, também, a saída delas do cargo de Presidentas de suas nações.

### CAPÍTULO 3

#### QUANDO AS PRESIDENTAS VENCEM AS ELEIÇÕES E TOMAM POSSE

A partir deste capítulo, inicia-se a apresentação e análise do enquadramento que foi dado nas capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín às Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner e o que os enquadramentos informam sobre gênero e política. As manchetes, legendas e fotografias – elementos observados nesta pesquisa – são fundamentais dentro de uma capa de jornal porque recebem destaque neste espaço. Assim sendo, eles são os pontos que chamam a atenção, em uma primeira olhada, do(a) leitor(a). Geralmente depois de ler o enunciado da manchete e/ou ver a imagem legendada, a(o) receptor(a) continuará ou não a leitura das demais informações contidas nesta primeira página. Neste sentido, a função da capa se amplia pois acaba desempenhando um poder de convencimento para o público leitor a ultrapassar aquele quadro e ler as demais páginas do periódico. A capa funciona como uma porta que se abre ou se fecha para o consumo das informações do periódico. Como toda empresa jornalística é, antes de tudo, um negócio que visa rentabilidade, o desejo é sempre que a capa seja a anfitriã que abra a porta para o(a) receptor(a) entrar no mundo das notícias daquele jornal, já que um dos propósitos da empresa jornalística é que esse gesto se torne um hábito diário.

De acordo com o **Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo**, manchete “é o título principal de uma edição. O assunto mais importante do dia ganha a manchete da primeira página” (1992, p. 89). Essa definição também é válida como regra para todos os demais jornais. O tamanho da letra das palavras da manchete é a maior em comparação com as demais e é grafada com negrito. Ela é sucinta e geralmente vem acompanhada de um verbo ou não, a decisão de como a informação será noticiada é de responsabilidade da equipe exclusiva que, no jargão jornalístico, “fecha”, ou seja, conclui a capa. Uma manchete eficaz precisa ser direta e, no pequeno espaço delimitado para ela, conseguir passar a mensagem para o(a) leitor(a) para, conseqüentemente, levá-lo(a) a ler o restante das notícias da capa ou, pelo menos, ir até a matéria interna que traz mais detalhes sobre a notícia da manchete. Uma vez dentro do periódico, o público leitor acaba encontrando outras notícias que possam lhe interessar e assim a leitura do periódico vai fluindo como um todo.

É comum a manchete estar acompanhada de uma linha fina, que é uma “frase ou período sem ponto final, que aparece abaixo do título e serve para completar seu sentido

ou dar outras informações. Funciona como subtítulo”, segundo explicação no **Manual de Redação da Folha de S. Paulo** (1992, p. 153). Portanto, nesta pesquisa as manchetes serão analisadas junto com esses recursos complementares usados pelos jornalistas da Folha de S. Paulo e do Clarín.

No jornalismo, a fotografia é tão fundamental quanto a informação escrita. Para a Folha de S. Paulo, uma boa fotografia pode até ser mais valiosa que uma ótima reportagem, conforme consta em seu manual de redação.

Recurso essencial do jornalismo contemporâneo. Uma boa foto pode ser mais expressiva e memorável que uma excelente reportagem [...] A foto editada com destaque é a primeira coisa – muitas vezes a única – que o leitor vê na página. Se a foto e a legenda tiverem qualidade, o leitor poderá passar a dar atenção aos títulos e outros elementos da página. (MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE S. PAULO, 1992, p. 33 e 144)

Boris Kossoy afirma que “assim como a palavra é a expressão de uma ideia, de um pensamento, a fotografia [...] é também a expressão de um ponto de vista, de uma visão particular de mundo de seu autor, o operador da câmera” (KOSSOY, 2012, p. 53). Esta pesquisa respeita o trabalho desenvolvido pelas(os) fotógrafas(os) nos jornais analisados e, por isso, são nomeados(as) conforme a fotografia de sua autoria aparecer neste estudo. Não será traçado um perfil de cada um(a) deles(as) – o que até seria interessante – porque o foco da pesquisa não é analisar o fotógrafo, e sim a sua obra, a fotografia, apesar de reconhecermos a importância do seu papel. Judith Butler afirma que “a relação entre o fotógrafo e o fotografado acontece por intermédio do enquadramento. O enquadramento permite, orchestra e medeia essa relação” (2020, p. 125).

As legendas das fotografias das capas também possuem função estratégica. Na opinião de Winfried Nöth e Lucia Santaella, autores do livro **Imagem: cognição, semiótica, mídia** (1997), “[...] a legenda comenta a imagem que, sozinha, não é totalmente entendida. A imagem ou a figura comenta o texto e, em alguns casos, a imagem até comenta sua própria legenda” (p. 51). O **Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo** reforça a importância da legenda.

Recurso essencial de edição. A legenda não é colocada sob a foto apenas para descrevê-la, embora não possa deixar de cumprir essa função. Por ser um dos primeiros elementos da página que atrai o leitor, merece tanto cuidado quanto os títulos. Deve ser atraente e conquistar a atenção. A boa legenda também esclarece qualquer dúvida que a foto

possa suscitar. (MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE S. PAULO, 1992, p. 151)

Judith Butler aponta a relevância da descrição feita nas imagens fotográficas, ou seja, o que se diz nas legendas. A pensadora chama a atenção sobre quais palavras foram utilizadas nas imagens de Abu Ghraib e Guantánamo, abordadas em **Quadros de Guerra**. Este exercício de observação, aplicado nesta pesquisa, serve para legendas de todas as fotos.

As fotos não são apenas mostradas, são também nomeadas; a forma como são mostradas, o modo como são enquadradas e as palavras usadas para descrever o que é mostrado atuam em conjunto para produzir uma matriz interpretativa para aquilo que é visto (BUTLER, 2020, p.121).

A partir do que foi apresentado, ressalta-se a importância de a análise considerar conjuntamente imagem e texto. Para isso, este estudo apresenta dois recortes no *corpus*: a) as capas das coberturas jornalísticas dos dias das vitórias nas eleições presidenciais e das cerimônias de posse das Presidentas e b) as capas dos 10 primeiros dias e dos 10 últimos dias de ambos mandatos das duas Presidentas. Como gênero é uma categoria importante para este trabalho, as capas com os Presidentes antecessores das Presidentas também são analisadas com o objetivo de comparação entre elas e eles nos mesmos periódicos e datas estipuladas.

Neste capítulo, segue a apresentação e análise do primeiro recorte da pesquisa, ou seja, um *corpus* de 14 capas dos jornais brasileiro e argentino. A ordem de apresentação do material está de acordo com as datas das vitórias eleitorais de cada uma das Presidentas. Sendo assim, Cristina Kirchner, eleita em 2007 e reeleita em 2011, aparece primeiro que Dilma Rousseff, eleita em 2010 e reeleita em 2014.

No item 3.1 são mostradas as capas das vitórias de Cristina Kirchner na condição de Presidenta da Argentina em seu primeiro e segundo mandatos. No item 3.2 estão as capas de Dilma Rousseff vitoriosa como Presidenta do Brasil no primeiro e segundo mandatos. Já nos dois itens seguintes são avaliadas as capas das posses das duas Presidentas sul-americanas. O item 3.3 traz as coberturas jornalísticas da posse de Cristina Kirchner em 2007 e 2011. Em 3.4 são apresentadas as capas das posses de Dilma Rousseff em 2010 e 2014. Em 3.5 a pesquisa expõe mais algumas considerações sobre as capas com as Presidentas e Presidentes do Brasil e Argentina.

### 3.1 Cristina Kirchner nas capas das vitórias no Clarín

O jornal argentino Clarín decidiu mostrar em números as vitórias de Cristina Kirchner nas manchetes após ela vencer as duas eleições presidenciais que concorreu na Argentina. Na capa do dia 29 de outubro de 2007 (Figura 16), a manchete escolhida foi *Cristina 43,9%* e na capa de sua reeleição, em 24 de outubro de 2011 (Figura 18), *Cristina 53,69% Por cuatro años más*. Ao observar somente essas duas manchetes sem olhar para os demais elementos informativos contidos na capa, levaria um tempo para um(a) leitor(a) não familiarizado(a) com o contexto compreender que nesses dois momentos Cristina Kirchner se tornava Presidenta da Argentina. Nesses dois casos, a certeza de que Cristina Kirchner foi de fato eleita Presidenta só se concretiza quando o(a) leitor(a) passa a ler a linha fina abaixo da manchete, o título da fotografia e/ou a legenda da foto. Até mesmo as fotografias mostram uma Cristina sorridente e festiva, mas que poderia estar comemorando qualquer acontecimento. Olhar somente a manchete em letras grandes e as fotografias não dão conta de informar que a comemoração é referente às vitórias nas urnas.



Figura 16 – Capa Clarín 29/07/2007



Figura 17 – Capa Clarín 15/05/2003



Figura 1 – Capa Clarín 24/10/2011

Já a manchete da capa do dia 15 de maio de 2003 (Figura 17), que traz a vitória do único mandato de Néstor Kirchner como Presidente da Argentina, é direta, curta e informativa. A manchete *Kirchner Presidente* cumpre o papel de divulgar a principal notícia do dia, avisando quem é o novo Presidente do país. Neste caso, apenas olhar a manchete descarta a necessidade de se recorrer aos demais elementos da capa para se certificar do fato de Néstor Kirchner é Presidente. Destaca-se que a fotografia de Néstor comemorando corrobora ainda mais a manchete que, em duas palavras, passou a mensagem completa ao leitor(a).

Comparando as duas capas de Cristina Kirchner com a única de Néstor Kirchner, o enquadramento de gênero e política, proposto pela equipe do Clarín, torna-se evidente. Por que a capa de Néstor imediatamente informa que ele é Presidente e as de Cristina não colocam em letras garrafais que ela é Presidenta? Proponho que isso se dê porque o jornal passa a mensagem de que Néstor se enquadra bem neste cargo e merece destaque. Quanto à notícia sobre Cristina, o jornal opta por uma informação discreta. Em sua autobiografia (2019), Cristina Kirchner revelou que quando seu nome foi cogitado para concorrer à eleição presidencial na Argentina, Héctor Magnetto, então CEO do Clarín na época, não

aprovou a ideia e tentou convencer Néstor a tentar a reeleição para, assim, Cristina ficar fora da corrida presidencial.

### 3.2 Dilma Rousseff nas capas das vitórias na Folha de S. Paulo

Ao analisar a capa da primeira vitória de Dilma Rousseff, no dia 1 de novembro de 2010 (Figura 19) na Folha de S. Paulo, e compará-la com a capa da primeira vitória de Luiz Inácio Lula da Silva em 28 de outubro de 2002 (Figura 20) no mesmo jornal, nota-se que as duas manchetes apresentam semelhança com as de Cristina Kirchner e de Néstor Kirchner no Clarín. As notícias principais das capas com as Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner informaram que elas foram “eleitas”. Já as manchetes das capas com os Presidentes Néstor Kirchner e Luiz Inácio Lula da Silva avisaram diretamente que eles eram os “Presidentes”.



Figura 19 – Capa Folha de S. Paulo 1/11/2010



Figura 20 – Capa Folha de S. Paulo 28/10/2002

A manchete da capa da Folha de S. Paulo informou que “Dilma é eleita” assim como o Clarín publicou “Cristina, 43,9%”. A diferença da manchete argentina para a

brasileira é que esta última trouxe uma linha fina destacada em negrito noticiando que Dilma era a primeira mulher a ocupar o cargo no Brasil, com 56% dos votos e que, a partir de então, seria o “40º presidente”. Olhando para essa estrutura, percebe-se que a informação principal ficou no fim da frase da linha fina e tratou Dilma com o pronome masculino “o presidente” e não “a Presidenta”. Essa decisão do periódico sobre o tratamento dado à Dilma Rousseff será retomada no item 3.4.

Para noticiar a vitória de Dilma Rousseff, a Folha de S. Paulo escolheu duas fotos para inserir na capa e as diagramou de tal modo que parecessem uma foto só. O(a) leitor(a) precisa olhar mais atentamente as imagens e ler as legendas para se dar conta de que se trata de duas fotos. A equipe jornalística decidiu fazer uma legenda conectando as duas imagens para transmitir a sensação de que era uma fotografia.

A primeira imagem mostrou Dilma Rousseff, a primeira mulher brasileira a se tornar Presidenta, de cabeça baixa. O que significa essa fotografia? O enquadramento transmite a ideia de constrangimento, de subalternidade ou falta de costume dessa mulher se enxergar como a nova mandatária de uma nação. A segunda foto apresentou Luiz Inácio Lula da Silva, o Presidente antecessor, olhando para cima, com um semblante satisfeito de ver a vitória de sua sucessora. Do ponto de vista político, a imagem passa a impressão de que Dilma Rousseff está reverenciando seu antecessor. Trata-se da submissão da mulher, defendida pelo patriarcado, reproduzida no enquadramento feito pelo jornal ao criar uma cena por meio da aproximação das duas fotos.

Como afirma Boris Kossoy “toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade” (2012, p. 49). Consoante a isso, a legenda da foto confirma a ideia de complementaridade das imagens ao textualizar que ali há um criador e uma criatura, ou seja, um homem que comanda e uma mulher que é comandada. “Criatura e Criador: Acima, em Brasília, Dilma dá entrevista sobre vitória; abaixo, Lula depois de votar no ABC, quando disse que novo governo terá ‘a cara dela’”. Porém, a legenda também tenta amenizar esse lugar “menor” que o jornal determinou para Dilma Rousseff com a fala de Lula de que “o novo governo terá “a cara dela”, contudo, isso releva o protagonismo que o jornal confere a Lula.

Na capa da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 28 de outubro de 2002 (Figura 20) na Folha de S. Paulo, a manchete informou objetivamente a notícia mais importante do dia: “Lula Presidente”, assim como ocorreu com Néstor Kirchner na capa do Clarín. Além disso, a linha fina complementa a informação: “Metalúrgico é o primeiro



Mesmo que elas sejam secundárias, as linhas finas que complementaram a manchete de Dilma Rousseff demonstraram que o segundo mandato dela já começaria com desafios e Aécio Neves, seu adversário derrotado nas urnas, marca presença na capa. O resumo explicativo da manchete abordou a disputada acirrada na eleição, a reforma política, o cenário econômico frágil e as denúncias sobre a Petrobrás. A linha fina da manchete da capa de Lula diz que ele obteve 60,8% dos votos e que passa a ter apoio de mais governadores em comparação com 2002. Há destaque para questões ligadas às classes sociais no Brasil, com a reprodução da fala do discurso de Lula de que “os pobres terão preferência” em seu governo.

Quanto às imagens nas duas capas o enquadramento de gênero demonstra tratamentos diferentes para Dilma e para Lula. Se na capa da primeira vitória Dilma Rousseff estava olhando para baixo, desta vez a escolha foi por uma foto dela na lateral. A fotografia da reeleição (Figura 21) apresentou a cena dela em primeiro plano, de lado, com o braço erguido e punho fechado, um sinal de vitória, e ao fundo, um pouco desfocado, porém claramente identificado, está Luiz Inácio Lula da Silva. Na foto ambos estão presentes e temos a impressão, dependendo do ângulo que o(a) leitor(a) observa, que eles estão lado a lado. Novamente, Dilma Rousseff vence as eleições presidenciais no Brasil e não aparece de frente e nem sozinha como protagonista da cena. A legenda da fotografia informou: “a presidente reeleita Dilma Rousseff (PT) e Lula durante o discurso da vitória, em Brasília”. O enquadramento político da Folha de S. Paulo informou, tanto na primeira, quanto na segunda capa da Presidenta, que Dilma Rousseff presidirá o Brasil na condição de estar acompanhada de seu ex-chefe e antecessor. A foto secundária da capa mostrou um Aécio Neves soberano, apesar de derrotado, em uma imagem olhando para frente, sorrindo e sozinho na frente da bandeira do Brasil. Essa legenda informou: “Em Minas, Aécio Neves (PSDB) diz que cumpriu sua missão”. Como percebemos, a Folha de S. Paulo noticiou – em imagem e texto – a importância do segundo colocado, um homem, de forma explícita. Na capa da segunda vitória de Lula (Figura 22), desta vez em um jornal colorido, o Presidente reeleito ocupa uma fotografia grande, maior que a de Dilma. A imagem é um *close up* dele beijando a bandeira do Brasil. A legenda dizia: “o presidente Luiz Inácio Lula da Silva beija a bandeira perto da escola onde votou, em São Bernardo do Campo”. A imagem secundária trouxe Geraldo Alckmin na sala de votação junto a José Serra e Fernando Henrique Cardoso. A legenda: “Geraldo Alckmin acena antes de votar em SP, acompanhado por FHC e José Serra”. Na capa de Lula, sua

fotografia recebeu a atenção do fotógrafo ou do editor de fotografia que optou por retirar as outras pessoas inseridas na mesma cena. Consoante aos fatos expostos, a cineasta Trinh T. Minh-Ha afirma que “o olho proposital da câmera, orientado para o objeto, não permite que nenhum evento filmado seja simplesmente fortuito. Tudo precisa vir envolto em significado. Traduzido ou interpretado cientificamente” (MINH-HA, 2016, p. 29).

### **3.3 Cristina Kirchner nas capas das posses no Clarín**

“Educação e acordo social, dois objetivos que definiu Cristina” foi a manchete da capa, em 11 de dezembro de 2007 (Figura 23), sobre a cerimônia de posse do primeiro mandato de Cristina Kirchner como Presidenta da Argentina. A frase veio acompanhada do título “Assumi a Presidência com um discurso de fortes conteúdos”, grafado em letra menor, porém com destaque em negrito. É por meio da leitura deste título se sabe que Cristina Kirchner é a nova Presidenta da Argentina. A manchete se concentrou nos temas educação e acordo social, citados pela mandatária em seu discurso de posse. No texto referente à manchete, localizado abaixo da mesma e ao lado da foto principal, a equipe jornalística comentou algumas declarações de Cristina que parecem contraditórias no modo como foram expostas no texto. “Se declarou ‘filha da escola pública’. Mas questionou a formação dos professores e o número de dias sem aulas. Defendeu o acordo social, embora se distanciou dos interesses dos empresários e sindicalistas. Reivindicou o papel da indústria. E destacou o valor da Justiça” (tradução nossa).<sup>79</sup>

---

<sup>79</sup> “Se declaró ‘hija de la escuela pública’. Pero cuestionó la capacitación de los docentes y la cantidad de días sin clase. Defendió el acuerdo social, aunque tomó distancia de los intereses de los empresarios y sindicalistas. Reivindicó el papel de la industria. Y resaltó el valor de la Justicia”.

**Clarín** X

UN TOQUE DE ATENCIÓN PARA LA EDUCACIÓN ARGENTINA DE LOS PROBLEMAS ARGENTINOS

Martes 11  
Diciembre de 2007

Reserva Año: 1997. Número de Edición: 11.207. Precio en Capital Federal y CABA: \$ 1.200. Precio en el resto del país: \$ 1.500. Distribución: 5.500. Total: 10.700. Impresión: 10.000. Circulación: 10.000. Año: 11.207. No. 11.207.

**Martin Fierro** y su compañero de viaje con Clarín

**Santaolalla** y su compañero de viaje con Clarín

Un represor de la ESMA apareció ayer muerto en su celda. Iban a condenarlo.

ASUMIO LA PRESIDENCIA CON UN DISCURSO DE FUERTES CONTENIDOS

## Educación y acuerdo social, dos objetivos que definió Cristina

Se declaró "hija de la escuela pública". Pero cuestionó la capacitación de los docentes y la cantidad de días sin clase. Defendió el acuerdo social, aunque tomó distancia de los intereses de los empresarios y sindicalistas. Reivindicó el papel de la industria. Y resaltó el valor de la Justicia. **F.3.A.23**



EL CONDUCTOR DE LA NOTICIA

**Para Tabaré, un aplauso en el Congreso y una fuerte crítica**

POSTALES DE UN DIA DISTINTO

Fiesta en la Plaza, gerente en las calles y el look de la Presidenta

ANÁLISIS

El discurso de hoy: Cristina, una imagen distinta para ocupar el primer plano

PROVINCIA DE BUENOS AIRES

Scioli asumió con un plan de \$ 740 millones para los hospitales **F.3.A.24**

FRASE DEL DÍA: Cristina Kirchner, presidenta de la Nación, sobre la generación de 70. "Solíamos con cambiar el mundo, ahora nos conformamos con cambiar nuestro país". **F.4**

Figura 23 – Capa Clarín 11/12/2007

O enquadramento que informa sobre a política adotada por Cristina Kirchner para o primeiro mandato também promove dúvidas ao receptor(a) da mensagem transmitida pelo Clarín. Cristina comentou que era “filha da escola pública”, mas questionou a formação dos professores. A Presidenta defendeu o acordo social, mas estava distante dos encontros e desencontros entre os patrões e os representantes dos trabalhadores. Reivindicou o papel da indústria. Qual? E valorizou a Justiça. Por que? Algumas interrogações pairam no texto complementar da manchete, que, por fim, confunde mais do que explica. Sem acesso ao discurso literal proferido por Cristina Kirchner, é difícil saber em que ordem essas informações apareceram durante o discurso e como foram construídas para o texto na capa. Com o espaço pequeno, a equipe do Clarín se propôs a fazer um resumo bem simplificado do que foi declarado e apenas destacou alguns pontos, que, do modo como foram apresentados, mostraram-se conflitantes. A leitura do discurso na íntegra seria uma forma de esclarecer isso, porém o objetivo desta pesquisa não é analisar os discursos das Presidentas, mas sim a representação jornalística. Para evitar o desconforto na leitura, o Clarín poderia escolher apenas um tema político mencionado por Cristina, apresentado com mais informações, proporcionando, assim, um sentido mais claro para o(a) leitor(a).

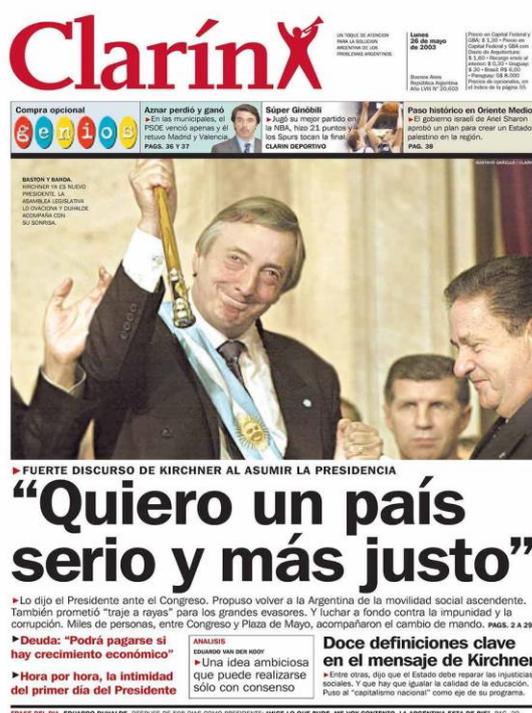


Figura 24 – Capa Clarín 26/05/2003

Fazendo um contraponto com a capa do dia 26 de maio de 2003 (Figura 24), data da cobertura da posse do primeiro e único mandato de Néstor Kirchner como Presidente da Argentina, o enquadramento político é parecido com o de Cristina apenas no sentido de trazer também alguns temas no resumo explicativo da manchete.

A diferença dos enquadramentos pensados para ela e para ele está na seleção de comentários contraditórios. Enquanto a capa de Cristina afirmou que ela disse algo, mas fez de outra maneira, a capa de Néstor apenas informou o que ele fará durante o seu mandato, de acordo com seu discurso. O texto dele noticiou, por exemplo, que ele se propõe a fazer a Argentina voltar a ter mobilidade social crescente, que vai lutar contra impunidade e a corrupção e que poderá pagar a dívida do país se houver crescimento econômico. Neste caso, há apenas afirmações e não contradições ou críticas feitas por parte do jornal.

A manchete da capa de Néstor Kirchner é: “Quero um país sério e justo”. As aspas são reprodução literal de uma fala dele em seu discurso de posse. Acima da manchete está um título que avisa: “Forte discurso de Kirchner ao assumir a Presidência”. Tanto na capa de Cristina quanto na de Néstor, o Clarín optou em colocar no título da manchete de ambos que ela e ele proferiram discursos com conteúdos fortes. Um sinal de igualdade no tratamento à Presidenta e ao Presidente.

Retomando a capa de Cristina Kirchner, a foto principal tem um tamanho médio e mostrou a Presidenta segurando o bastão presidencial junto ao seu antecessor, o ex-presidente Néstor Kirchner, também seu marido. Na imagem, Cristina está ligeiramente à frente de Néstor. Ao posicionar seu corpo à frente dele na fotografia de posse, Cristina Kirchner já dita a nova regra do jogo político e indica qual enquadramento de gênero e política a mídia deve começar a adotar a partir daquela ocasião. A mensagem transmitida é de que uma mulher foi eleita democraticamente como Presidenta da Argentina e que o cargo de primeira dama – que ela ocupou nos quatro anos anteriores – ficou no passado. A capa transmite também a ideia de que Néstor Kirchner tem um lugar definido como ex-Presidente da nação, companheiro de vida pessoal e coadjuvante na nova cena política argentina. Nesta fotografia só faltou Cristina segurar sozinha o bastão presidencial, assim como fez com entusiasmo Néstor Kirchner ao ser fotografado durante a sua posse.

Uma informação que chama atenção é o crédito da imagem da posse de Cristina Kirchner, o crédito consta como *Presidencia de la nacion*. Isso significa que a imagem não foi feita por algum(a) fotógrafo(a) do Clarín, mas foi disponibilizada pela equipe de comunicação da Presidência da Argentina. Não é possível saber se o jornal enviou um(a) fotógrafo(a) de sua equipe para fazer a cobertura jornalística da posse e decidiu não utilizar as fotos feitas pelo(a) profissional ou se não enviou equipe ao evento e ficou na dependência de imagens de divulgação fornecidas pela equipe presidencial.

Se a pose firme de Cristina na fotografia da capa transmite uma mensagem carregada com o desejo de quebra de paradigma; a legenda, criada pela equipe do Clarín, não passa a ideia do protagonismo de Cristina Kirchner no campo político. O texto informa “Emoção com história. Ex-Presidente e Presidenta já em exercício, transferência do comando de marido para mulher”. Uma leitura possível desta legenda é que a passagem do poder de Néstor para Cristina foi retratada como uma tarefa comum, familiar e doméstica. Ao contrário do que vemos na trajetória de Cristina Kirchner, uma mulher atuante há décadas no campo político.

Os 8.652.293<sup>80</sup> milhões de votos recebidos por Cristina Kirchner, praticamente o dobro do segundo colocado nas eleições, não seriam motivos suficientes para ela estar ali vestindo a faixa presidencial e segurando o bastão que simboliza a passagem de poder? Antes de Cristina e Néstor formarem um casal, eles haviam sido militantes políticos.

---

<sup>80</sup> Argentina.gob.ar <<https://www.argentina.gob.ar/interior/dine/resultadosyestadisticas/2007#1>>

Cristina Kirchner comentou, em sua autobiografia e também em outros discursos, sobre a estranheza e a discriminação de uma mulher ao ocupar um lugar de poder na política, ainda mais em um cargo como Presidenta de uma nação.

Em todo o meu governo também falavam (os meios de comunicação) que o Néstor estava me controlando, que era meu comando duplo. Depois de Néstor, disseram que era Máximo; depois, La Cámpora; então Zannini. Quão incrível, não é? Parece que atrás de uma mulher deve sempre haver um homem liderando. [...] É que quando eu era Presidenta, não havia nenhuma outra liderança política que ocupasse um cargo de tão alto nível de responsabilidade. Achei que fosse simplesmente machismo e o preconceito de que toda mulher deve sempre ter um homem ao seu lado. (KIRCHNER, 2019, p. 166 e 167<sup>81</sup>, tradução nossa).

A única fotografia da capa da cobertura de posse de Néstor Kirchner mostra um Presidente satisfeito, segurando o bastão sozinho e ao lado de seu antecessor, o presidente Eduardo Duhalde, quase já saindo do quadro da foto. O destaque é realmente para o novo Presidente. A imagem da capa ocupa mais espaço na comparação com a capa de Cristina Kirchner. O jornal Clarín e o casal Cristina e Néstor Kirchner experienciaram momentos de “paz e de guerra”. Porém, é notório que o tratamento dado a Néstor foi mais cordial do que o direcionado para Cristina. Em sua autobiografia **Sinceramente** (2019), ela citou que no dia da eleição, 28 de outubro de 2007, a manchete da capa do Clarín dizia que “Há possibilidade de segundo turno”. No livro, Cristina explica que na ocasião estava 46 pontos à frente na intenção de votos em relação ao segundo lugar, com 23. “Era impossível. Se tratava de uma expressão de desejo. Era claríssimo que não me queriam.” (KIRCHNER, 2019, p. 175 e 176).

Na capa da posse do segundo mandato de Cristina Kirchner em 11 de dezembro de 2011 (Figura 25), a fotografia mostra o protagonismo de Cristina na política argentina. A imagem captou a emoção da Presidenta ao receber a faixa presidencial de sua filha Florencia. O único homem ao fundo da imagem é Julio Cobós, ex-vice-Presidente de 2007 a 2011. Como Cristina Kirchner foi reeleita para mais quatro anos de governo, simbolicamente ela colocaria a faixa em si mesma, como faria quatro anos mais tarde a

---

<sup>81</sup> Original em espanhol: “Durante todo mi gobierno también dijeron [los médios de comunicación] que Néstor me manejaba, que era mi doble comando. Después, cuando pasó lo de Néstor, dijeron que era Máximo; después, La Cámpora; después, Zannini. Qué increíble, ¿no? Pareciera que detrás de una mujer siempre tiene que haber un hombre dirigiendo [...] Es que cuando yo era presidenta, no había otra dirigente política mujer que ocupara un cargo de tan altos niveles de responsabilidad. Pensaba que simplemente era el machismo y el preconcepto de que toda mujer tiene que tener siempre un hombre al lado”

Presidenta Dilma Rousseff na cerimônia de posse em seu segundo mandato no Brasil.



Figura 25 – Capa Clarín 11/12/2011

Mas a mandatária argentina preferiu que uma outra mulher realizasse tal gesto, para reforçar a presença e o respeito com a mulher no espaço de poder. Mais uma vez, o gesto de Cristina Kirchner indica qual enquadramento deveria ser considerado pela mídia. As categorias gênero e política estão presentes na atitude da Presidenta, que sabia que na situação de sua posse, a atenção estaria toda voltada para si. Para o Clarín ou qualquer outro jornal argentino não havia uma outra opção de fotografia do momento da passagem da faixa presidencial, a única opção era a fotografia de Cristina e Florencia. Diferentemente da capa de sua primeira eleição, desta vez o Clarín publicou a imagem feita por um fotógrafo, cuja lente da câmera, junto ao seu olhar profissional, capturaram a feição emocionada de Cristina Kirchner. Uma mistura de tristeza e satisfação, ou como pontua Vilém Flusser, um fascínio mágico da fotografia (FLUSSER, 2009).

A legenda da foto: “Emoção. A Presidenta não pode conter o choro logo depois que sua filha colocou a faixa presidencial nela. Atrás, Cobós olha”. Anos depois, Cristina Kirchner comentou sobre esse momento capturado pelas lentes das(os) fotógrafas(os).

Ela revelou que estava feliz por ter sido reeleita Presidenta da Argentina, mas também triste pela ausência de Néstor Kirchner. E, ainda, emocionada por ter recebido a faixa de sua filha.

O dia da posse, 10 de dezembro, foi para mim um dia de sentimentos contraditórios: por um lado senti a alegria de assumir um novo mandato com vasto apoio popular e com uma Plaza de Mayo lotada; mas, por outro lado, estava vivenciando profunda tristeza de não estar acompanhado de Néstor. Ele me colocou a faixa presidencial quatro anos atrás; desta vez, decidi que Florence faria isso. (KIRCHNER, 2019, pág. 275<sup>82</sup>, tradução nossa)

A manchete principal informou: “Reassumiu Cristina com críticas e poucos anúncios”. Novamente, o Clarín desenhou um enquadramento político vago. A mensagem sugere que Cristina Kirchner foi reeleita, faz críticas e não anuncia muita informação para os próximos quatro anos de governo. Seguindo o padrão da capa de posse do primeiro mandato, o resumo explicativo da manchete também aponta, sem detalhar, alguns tópicos do discurso de posse de Cristina Kirchner. O primeiro deles foi sobre os elogios que a Presidenta fez à gestão de seu primeiro mandato e também sobre a gestão do ex-Presidente Néstor Kirchner. Mesmo sem explicitar quais seriam esses elogios, o jornal, sempre que pode, coloca Cristina Kirchner em relação a Néstor Kirchner.

Na sequência, o texto informou que ela fez críticas contra as associações de classe, a oposição, os meios de comunicação e “até Perón”. Para o Clarín, o quadro emoldurado é de uma Presidenta que não tem aliados e que tem dificuldade de governar junto com os demais setores da sociedade. A última notícia desse bloco de dados afirmou que Cristina Kirchner criaria uma super secretaria para que Mario Guillermo Moreno pudesse comandar o comércio exterior. Há uma dúvida se a palavra “super” foi realmente pronunciada por Cristina durante o seu discurso ou citada de modo irônico pelo jornal. Se Cristina proferiu tal palavra, a mesma deveria estar grafada com aspas, já que se trata de uma citação direta, entretanto, a capa do Clarín não colocou aspas. De novo, o(a) leitor(a) fica na dúvida do que seria uma super secretaria e se essa seria a única condição para Mario Guillermo Moreno assumir o posto. E quem é Mario Guillermo Moreno? Valeria

---

<sup>82</sup>No original em espanhol: “El día de la asunción, el 10 de diciembre, fue para mí una jornada de sentimientos contradictorios: por un lado sentía la alegría de asumir un nuevo mandato con un vasto apoyo popular y con una Plaza de Mayo desbordada; pero por otro, me habitaba la profunda tristeza de no estar acompañada por Néstor. Él me había colocado la banda presidencial cuatro años atrás; esta vez decidí que fuera Florencia la que lo hiciera”.

alguma informação sobre seu cargo neste momento, já que ele estava cotado para ganhar a “super” secretaria.

O título da manchete diz que houve “festejos, música e saudação presidencial na Plaza de Mayo”. Em uma das chamadas menores na capa, o periódico publicou que “Fora do protocolo, a Presidenta jurou por ‘ele’”<sup>83</sup>. O título da chamada também informou que os ministros repetiram esse mesmo gesto durante seus juramentos. Essa informação na capa não esclarece se “él” é Néstor Kirchner, falecido em 27 de outubro de 2010, um ano antes da reeleição de Cristina Kirchner.

Além de não informar ao leitor quem é “él”, com tal citação o jornal retoma o mesmo enquadramento de gênero e política notificado na capa de posse do primeiro mandato de Cristina Kirchner, transformando-a em uma mulher dependente politicamente da figura de um homem, mais especificamente de seu marido. Tanto em sua autobiografia quanto em seus discursos, Cristina Kirchner ressalta que quando fala em público sobre Néstor Kirchner, o faz como um político e não como seu marido.

No dia de sua vitória como Presidenta reeleita, no dia 23 de outubro de 2011, em seu discurso ao povo Cristina comentou sobre a mescla de sentimentos entre felicidade e tristeza e sobre a importância de Néstor Kirchner para a história da Argentina.

Ele mereceu, não estou dizendo, que fique claro, por favor, eu não estou dizendo a você como sua viúva, estou dizendo a vocês como sua companheira militante de toda a vida. Não cometam erros. Não estou falando sobre ele como marido, estou falando sobre ele como um político. Talvez um dos melhores políticos que o nosso país produziu. Não cometam erros. É a dor de uma mulher, mas é a compreensão de uma ativista política. (KIRCHNER, 2011, tradução nossa<sup>84</sup>)

### **3.4 Dilma Rousseff nas capas das posses na Folha de S. Paulo**

“Sou a Presidenta de todos os brasileiros”, enfatizou Dilma Rousseff no dia 1º de janeiro de 2011 em seu discurso de posse de seu mandato como Presidenta. Porém,

---

<sup>83</sup> Original em espanhol: “Fuera de todo protocolo, La Presidenta juro por “él” “

<sup>84</sup> Original em espanhol: “Él se la merecía, no lo estoy diciendo, que quede claro, por favor, no les estoy diciendo como su viuda, les estoy diciendo como su compañera de militancia de toda la vida. Que nadie se equivoque. No hablo de él como marido, hablo de él como cuadro político. Tal vez uno de los mejores cuadros políticos que ha dado nuestro país. Que nadie se equivoque. Es el dolor de una mujer, pero es la comprensión de una militante política”. Trecho do discurso da vitória da reeleição de Cristina Kirchner no dia 23 de outubro de 2011 <<https://www.youtube.com/watch?v=s5rnm2UQhYE>>

expressando com firmeza o desejo de ser chamada de Presidenta, com a letra “a” no final da palavra ao invés da “e”, o jornal Folha de S. Paulo nunca respeitou tal pedido.

Ao reproduzir a declaração de Dilma Rousseff supracitada, o periódico comunicou sem explicação: “a Folha adotará ‘presidente’ para se referir a ela”. O primeiro parágrafo anunciou que “a petista Dilma Vana Rousseff, 63, assumiu como o 40º presidente do Brasil e a primeira mulher a ocupar o cargo”. Dilma Rousseff foi eleita para ser Presidenta do Brasil, mas o **Manual de Redação da Folha de S. Paulo** não permite o uso da palavra Presidenta, salvo algumas exceções. A cartilha recomenda à equipe jornalística que:

Use o presidente ou a presidente sempre em minúsculas. O substantivo é comum de dois gêneros e a Folha não emprega presidenta. Em artigos assinados, entrevista em formato pingue pongue ou em tópicos e declarações textuais, porém, deve se manter a forma adotada pelo autor ou entrevistado. (MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE S. PAULO, 2018, p. 50)

O jornalista Ricardo Amaral, que contou em livro a trajetória de Dilma Rousseff, explicou que 15 dias depois da eleição, o cerimonial do TSE consultou a eleita sobre a forma de tratamento que ela preferia receber nos convites para a cerimônia de diplomação: Presidente ou Presidenta?

Durante a campanha, Dilma recebeu pareceres de filólogos indicando que as duas formas eram aceitas no idioma português; usar uma ou outra seria uma questão de gosto, ou de costume. João Santana captou em suas pesquisas que a forma feminina causava “um certo estranhamento” entre as pessoas. Disciplinada, Dilma manteve a forma presidente em seu material de propaganda. Mas agora... acabou! A adoção da forma feminina para os convites da diplomação foi o primeiro ato oficial da nova Presidenta da República. (AMARAL, 2011, p. 302)

Na capa da Folha de S. Paulo da cobertura da posse do primeiro mandato de Dilma Rousseff (Figura 26), das 13 chamadas na capa, 7 foram sobre a posse da Presidenta Dilma Rousseff. Ou seja, a governante ocupou um espaço considerável na página principal. As chamadas remetiam ao caderno especial “A Posse - Presidente Dilma” (Figura 27), com nove páginas, criado para a ocasião e publicado pela empresa jornalística. A fotografia da capa do caderno especial trouxe, de novo, a presença de Luiz Inácio Lula da Silva. Nem em um caderno criado especialmente para ela, Dilma Rousseff teve direito a uma fotografia só sua. Outro detalhe importante é que, nesta imagem, Luiz Inácio Lula da Silva ainda estava trajando a faixa presidencial. Isso quer dizer que no

instante deste clique fotográfico, que foi cristalizado e publicado pela Folha de S. Paulo, Dilma Rousseff ainda não era simbolicamente a Presidenta do Brasil. A fotografia a mostrou caminhando em direção ao seu antecessor, o que permite a interpretação de que o protagonismo ainda não era dela.



Figura 26 – Capa Folha de S. Paulo 02/01/2011



Figura 27 – Capa do Caderno - A Posse Presidente Dilma

No segundo mandato da Presidenta, a Folha de S. Paulo manteve o mesmo comportamento, utilizando o pronome masculino. Desde o início, o jornal brasileiro explicitou ao seu público leitor o enquadramento de gênero adotado para se referir à Dilma Rousseff todas as vezes que ela fosse citada em alguma notícia no periódico. Desse modo, a Folha de S. Paulo não colaborou com a visibilidade de mulheres em espaços de poder, nem mesmo em cargos do alto escalão do governo.

O jornal argentino Clarín, por sua vez, sempre utilizou, em todo material investigado, o termo Presidenta quando se referia à Cristina Kirchner. Além da Argentina, outros países da América Latina, como Chile e Costa Rica – ambos consultados durante esta pesquisa – também se referiram às suas respectivas mandatárias como Presidentas.

A política no Brasil seguiu o padrão usual de conformidade de gênero, constituída pela histórica predominância masculina (BIROLI, 2020). Em 2022, a Folha de S. Paulo segue utilizando o termo Presidente ao se referir à Dilma Rousseff.

A manchete da capa da cobertura de posse do primeiro mandato de Dilma Rousseff informou que “Dilma promete um país sem fome e de classe média sólida”. Na sequência, três chamadas complementaram a notícia principal. A primeira delas comentou que a Presidenta assumiu o compromisso de erradicar a miséria no Brasil até o final do seu mandato em 2014. A segunda trouxe à tona o passado da Presidenta, que em seu discurso falou sobre as vítimas da ditadura. Neste ponto, o jornal pontuou que Dilma se emocionou. A terceira chamada ressaltou o desafio da governante perante os indicadores econômicos. País sem fome, classe média sólida, desafios econômicos e ditadura foram temas citados no discurso da Presidenta e enquadrados na manchete da Folha de S. Paulo como as prioridades – já que foram selecionadas como notícia – do plano de governo dela. As questões sociais e econômicas mencionadas cruzam entre si e cabem dentro do enquadramento de política proposto pelo jornal. Por exemplo, para tentar resolver o problema da fome, as áreas social e econômica do governo seriam convocadas para que o projeto se tornasse uma ação concreta para atender a população brasileira.

O assunto ditadura também estava no quadro da categoria política. No texto, comenta-se que a Presidenta se emocionou ao comentar sobre as vítimas de tortura e/ou morte durante a vigência do regime militar autoritário. Com o intuito de revelar e esclarecer arquivos confidenciais do governo ditatorial e, ao mesmo tempo, fortalecer a recente democracia instalada no país, em seu primeiro ano de mandato, em 2011, Dilma Rousseff criou a Comissão Nacional da Verdade, por meio da Lei 12.528. O objetivo era apurar as graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1956 e 5 de outubro de 1988. O resultado dessa iniciativa pode ser conferido no relatório Mortos e desaparecidos políticos<sup>85</sup> concluído em 2014, último ano do primeiro mandato da Presidenta.

No segundo parágrafo do texto referente à manchete, o diário informou que “ela inicia seu governo com mais apoio no Congresso que Lula e Fernando Henrique Cardoso”. Nesta capa há quatro fotos, e Dilma Rousseff está presente em todas elas. Na

---

<sup>85</sup> Comissão Nacional da Verdade. Mortos e desaparecidos políticos. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <https://apublica.org/wp-content/uploads/2020/01/relatorio-final-comissao-nacional-da-verdade.pdf>. Acesso em 21 jan. 2022.

imagem maior, a Presidenta aparece com as mãos dadas e levantadas com o ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que lhe passou a faixa presidencial. A legenda dizia: “Depois de receber a faixa presidencial de Lula, Dilma Rousseff e o antecessor saúdam o público em cerimônia no Palácio do Planalto”.

O jornal Folha de S. Paulo repetiu a fórmula de enquadramento de gênero e política usada nas capas das vitórias de Dilma Rousseff. Na fotografia, a Presidenta está acompanhada de Lula, que a olha, enquanto ela observa o público. Trata-se, até então, da primeira fotografia de Dilma Rousseff olhando para frente publicada neste jornal. Dilma Rousseff tornou-se a primeira mulher Presidenta do Brasil, será que só por esse feito ela não mereceria uma foto dela sozinha estampando a capa do jornal? Se esse fosse interesse da equipe da Folha de S. Paulo, tal imagem seria providenciada e publicada na capa. Porém, o enquadramento que o jornal adotou sugere uma Presidenta com dificuldade de comandar sozinha, necessitando estar de mãos dadas com seu antecessor. A mensagem fotográfica sugeriu uma transferência de poder incompleta, ou seja, uma dependência da figura masculina que "transferiu" para ela seu capital político - o que informa sobre como as questões de gênero estão colocadas nesse contexto.

A categoria política é evidente no enquadramento das três fotos menores da capa, que no jargão jornalístico formou o chamado cineminha. De acordo com o Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo, o cineminha trata-se da “publicação de uma sequência de fotos, com o objetivo de revelar ao leitor o desenvolvimento visual de uma ação” (1992, p. 131). As imagens mostraram Dilma Rousseff recebendo abraço de cumprimento da ex-ministra Erenice Guerra, apontada na época como suspeita de corrupção. O que significa em termos de política essa cena? A legenda confirmou o tipo de enquadramento escolhido e publicado no periódico, com a mensagem: “Faixa Justa: Afastada após suspeita de tráfico de influência na Casa Civil, a ex-ministra Erenice Guerra cumprimenta Dilma; presidente disse durante discurso que em seu governo “não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito”. Ao utilizar a expressão ‘Faixa Justa’, o jornal faz um trocadilho com a expressão ‘Saia Justa’, que significa uma situação constrangedora. Esta é a mensagem que o diário deseja passar ao leitor.

Dentre centenas de convidados fotografáveis cumprimentando Dilma Rousseff, a Folha de S. Paulo elegeu exatamente a foto da ex-ministra “suspeita” e “afastada”. Com a publicação das três fotos, quase em movimento, e a legenda narrando a cena, a mensagem que a Folha de S. Paulo transmitiu foi de dúvida sobre o que realmente pensava

Dilma Rousseff sobre corrupção. No discurso, ela aponta que não vai tolerar desvios, mas minutos depois é retratada abraçando a ex-ministra acusada de corrupta.

Na edição do dia 25 de julho de 2012, a Folha de S. Paulo publicou matéria informando que “um ano e sete meses depois de aberto, o inquérito que apurou tráfico de influência na Casa Civil durante a gestão da ex-ministra Erenice Guerra foi arquivado pela Justiça Federal em Brasília” (FOLHA<sup>86</sup>, 2012). A ex-ministra da Casa Civil do governo de Luiz Inácio Lula da Silva – que foi indicada ao cargo por Dilma Rousseff, quando esta deixou a pasta para concorrer à Presidência – foi inocentada por falta de provas. Em 26 de janeiro de 2022, Erenice Guerra concedeu entrevista<sup>87</sup> ao canal TVGGN, comandado pelo jornalista Luis Nassif. Na ocasião ela comentou em detalhes a perseguição que sofreu da mídia brasileira nesta época e posteriormente.

Neste enquadramento fotográfico, em conformidade com Judith Butler, a legenda até seria dispensável de tão óbvia que está a intenção do jornal em ligar a Presidenta em um suposto caso de corrupção.

Não precisamos de uma legenda ou de uma narrativa para compreendermos que um contexto político está sendo explicitamente formulado e renovado através do e pelo enquadramento, que o enquadramento funciona não apenas como uma fronteira para a imagem, mas também estrutura a imagem em si. (BUTLER, 2020, p. 110)

A capa do dia 2 de janeiro de 2011 (Figura 28) mostrou a posse do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. A manchete “Lula assume Presidência e pede ‘controle das ansiedades sociais’” veio acompanhada de uma linha fina em letras pequenas, acima da manchete, quase que funcionando como um título. A informação complementar usou uma fala do discurso de Lula: “Você tem um amigo aqui’, declara petista a FHC, na transmissão da faixa; cerca de 150 mil pessoas comparecem à posse”.

---

<sup>86</sup> Matéria completa da Folha de S. Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/56502-inquerito-do-caso-erenice-e-arquivado-pela-justica-federal.shtml>. Acesso em 27 jan. 2022.

<sup>87</sup> Entrevista ao canal TVGGN. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=4\\_DRUnx8IJ4](https://www.youtube.com/watch?v=4_DRUnx8IJ4) . Acesso em 27 jan. 2022.



à Dilma, a mídia se deparou com dificuldades para aceitar uma mulher ocupando a cadeira de Chefe de Estado no Planalto Central.

Três fotografias de tamanho médio ocuparam a capa fazendo referência à primeira posse do primeiro mandato de Lula. A principal fotografia apresentou o desfile do novo governante. A legenda explicou: “A Saudação: O presidente Lula e a primeira-dama Marisa Letícia desfilam de Rolls-Royce pela Esplanada dos Ministérios após a posse”. A segunda imagem mostrou o momento histórico do adversário político Fernando Henrique Cardoso (FHC) passando a faixa presidencial para Lula. A fotografia rendeu um momento de descontração, quando Lula segurou os óculos de FHC que caíram durante o ato solene. A terceira imagem trouxe um pouco do que foi a festa do povo no Congresso. As três imagens formaram um enquadramento de política que apresentou um novo Presidente da República satisfeito por ter conquistado o cargo, com bom relacionamento até com os adversários políticos, e aclamado pelo povo e pela mídia também.

Dilma Rousseff apareceu sozinha na maior foto da capa (Figura 29) que trouxe a cobertura da posse do seu segundo mandato como Presidenta do Brasil. Das quatro capas analisadas relacionadas a ela neste capítulo, essa é a única em que Dilma é fotografada sem ter ao seu lado Luiz Inácio Lula da Silva. Reeleita, após sair vitoriosa no segundo turno nas eleições de 2014, preferiu ela mesma colocar em si a faixa presidencial durante a cerimônia. Somente o fato de as lentes das câmeras dos fotógrafos estarem direcionadas a ela e ao ato simbólico da colocação da faixa é bastante significativo, principalmente quando o assunto é a representatividade das mulheres na política brasileira. Porém, ao mesmo tempo que o jornal escolheu esse enquadramento, enaltecendo a figura de uma mulher ocupando, novamente, o cargo de chefe de Estado, a imagem de Dilma Rousseff também causa um certo incômodo. A fotografia registra uma careta da Presidenta, que aparece colocando a faixa em si mesma de forma atrapalhada. Em termos de narrativa política, nesta capa, a Folha de S. Paulo já começava a construir a ideia de um governo desajeitado. Além da imagem, os textos corroboram a linha editorial antigoverno daquele periódico.

# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 **UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL** folha.com.br  
DIRETOR DE REDAÇÃO OTAVIO FRASS FILLHO 405 04 • SEXTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 2015 • R\$ 12,50 EDIÇÃO SP/SP • CIRCULAÇÃO AS 23.854 x 18.520

## Dilma promete ajustar economia 'com o menor sacrifício possível'

★ AO ASSUMIR 2º MANDATO, PRESIDENTE DIZ QUE NOVAS MEDIDAS NÃO IRÃO TRAIR OS COMPROMISSOS SOCIAIS  
★ PETISTA PROPÕE 'PACTO ANTICORUPÇÃO' AO CONGRESSO E DEFENDE PETROBRAS DOS 'INIMIGOS EXTERNOS'



No ato de posse do Palácio do Planalto, Dilma Rousseff faz uma promessa: não permitir a continuidade de crises

Apesar de ter prometido que não trairia os compromissos sociais, a presidente Dilma Rousseff (PT) disse que não se recusará a tomar medidas para ajustar a economia. Ela afirmou que o ajuste será feito com o menor sacrifício possível para o cidadão brasileiro. A presidente disse que o ajuste será feito com o menor sacrifício possível para o cidadão brasileiro. Ela afirmou que o ajuste será feito com o menor sacrifício possível para o cidadão brasileiro.

**Vamos nos preparar para o pior, diz novo chefe da Subesp**  
Novo presidente da Subesp, Istvan Bolman diz que a situação econômica não é ruim, mas exige preparação para o pior. Ele afirmou que a situação econômica não é ruim, mas exige preparação para o pior.

**Superlotação afeta 1 de cada 6 linhas de ônibus em SP**  
Dados coletados pela Folha mostram que uma de cada seis linhas de ônibus de São Paulo está afetada por superlotação. Isso ocorre devido ao aumento da demanda por transporte público.

**Atuação de Dilma Rousseff**  
A presidente Dilma Rousseff (PT) disse que não se recusará a tomar medidas para ajustar a economia. Ela afirmou que o ajuste será feito com o menor sacrifício possível para o cidadão brasileiro.

**Discorso de posse**  
Dilma Rousseff prometeu não trair os compromissos sociais durante seu discurso de posse. Ela afirmou que o ajuste será feito com o menor sacrifício possível para o cidadão brasileiro.

**Governadores assumem**  
Os governadores assumiram suas funções em 2015. Eles enfrentam desafios econômicos e sociais em seus estados.

**Quatro maiores bancos ampliam concentração de crédito, diz BC**  
O Banco Central informou que os quatro maiores bancos brasileiros aumentaram sua concentração de crédito em 2014.

**Vice do EUA se reúne com Dilma e discute ajuda na relação com Cuba**  
O vice-presidente dos Estados Unidos se reuniu com a presidente Dilma Rousseff para discutir a relação entre os dois países.

**SAÚDE**  
Cidade há 117 anos, aspirina pedirá por usina contra câncer

**RODÍZIO SUSPENSO**  
O rodízio de veículos em São Paulo foi suspenso devido às condições climáticas.

# FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL **WWW.FOLHA.COM.BR**  
DIRETOR DE REDAÇÃO OTAVIO FRASS FILLHO 405 04 • SEXTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 2015 • R\$ 12,50 EDIÇÃO SP/SP • CIRCULAÇÃO AS 23.854 x 18.520

## Lula promete acelerar crescimento

★ Na posse para seu segundo mandato, petista diz que crescer e incluir são metas do governo  
★ Presidente chama de atos de terrorismo a onda de ataques de facções criminosas no Rio



São Paulo



O presidente Lula da Silva e a filha presidencial ao chegar ao Palácio do Planalto após tomar posse para o 2º mandato

**Serra (PSDB) critica**  
Estagnação econômica e perda de volta da ética na política

**Minas Gerais**  
Aécio (PSDB) quer melhor divisão de recursos e autonomia administrativa para Estados

**Paraná**  
Roberto Requião (PMDB) elogia Chávez e promete 'governo de esquerda'

**Bahia**  
Jaguem Wagner (PT) ataca PFL e diz que Nordeste não é 'fazenda' para o Brasil

**Rio Grande do Sul**  
Yeda (PSDB) prevê 'início difícil' por causa de crise financeira do Estado

**Cabral pede envio imediato da força nacional para o Rio**  
O governador do Rio, Sérgio Cabral (PFL), pediu o envio imediato da força nacional para o Rio de Janeiro para combater a violência urbana.

**Por Coca, ministro veste vermelho**  
Paulo Bernardo (Pso) anunciou que vestirá uma camiseta vermelha em homenagem ao jogador de futebol Ronaldo.

**90 mortos na queda de avião na Indonésia**  
Um Boeing 737 caiu na companhia Adam Air em Indonésia, matando 90 pessoas.

**AMARGO REGRESSO**  
Compartilhamento na Internet, no verão de férias, 293 mil veículos dos 637 mil que foram ao Brasil deixaram veículos em SP em 2014, prevê a Associação Brasileira de Transportes

**EDITORIAIS**  
Lula 'Mau Mau' e o crescimento econômico  
Bolsonar, sobre drogas

Figura 29 – Capa Folha de S. Paulo 02/02/2015

Figura 30 – Capa Folha de S. Paulo 02/01/2007

A fotografia de Dilma Rousseff é jornalística, sem dúvida, porque o fotógrafo registrou o momento exato da ação. Porém, para que a imagem fosse capturada, o fotógrafo precisou disparar dezenas de cliques antes, durante e depois da cena. Assim, o fotógrafo agiu como um caçador, analogia feita por Vilém Flusser que está de acordo com a captura da referida cena.

Quem observar os movimentos de um fotógrafo munido de aparelho (ou de um aparelho munido de fotógrafo) estará observando um movimento de caça. O antiquíssimo gesto do caçador paleolítico que persegue a caça na tundra. Com a diferença de que o fotógrafo não se movimenta em pradaria aberta, mas na floresta densa da cultura (FLUSSER, 2009, pág. 29).

De acordo com o **Novo Manual da Folha de S. Paulo**, “são qualidades essenciais do fotojornalismo o ineditismo, o impacto, a originalidade e a plasticidade” (1992, p. 144). Flusser afirma que “o fotógrafo fotografa em função de um jornal determinado [...]

Ao fotografar, o fotógrafo sabe que sua fotografia será aceita pelo jornal somente se esta se enquadrar em seu programa”. (FLUSSER, 2009, p. 51). Diante disso, pode-se dizer que a fotografia foi realizada cumprindo as recomendações do jornal Folha de S. Paulo.

O enquadramento de gênero proposto pelo periódico ao mostrar a fotografia de uma mulher “desengonçada” em sua própria cerimônia de posse, abre brecha para a criação de piadas e memes em torno da Presidenta, o que pode provocar aquilo que Marlise Matos (2020) chama de violência política sexista. O jornal, se quisesse, teria uma outra opção de quadro e moldura para apresentar essa fotografia de Dilma Rousseff. A equipe jornalística poderia ter feito uso do recurso cineminha, o qual foi utilizado na capa da primeira posse dela. Neste caso, poderia-se fazer a publicação de uma sequência de três ou mais fotos da governante colocando em si a faixa presidencial, revelando o movimento do começo ao fim, resultando, assim, na imagem de uma Presidenta trajando efetivamente a faixa ao final.

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva trajando sua faixa sem exageros é o que se observa na fotografia principal da capa do dia 02 de janeiro de 2007 (Figura 30), data da posse de seu segundo mandato. Assim, a comparação da capa de Dilma com a capa de Lula mostra algumas semelhanças e uma distorção. Dilma Rousseff, uma mulher, e Luiz Inácio Lula da Silva, um homem, ocupam o mesmo cargo político, foram reeleita e reeleito, desfrutavam do mesmo momento do ato simbólico da colocação da faixa, foram fotografada e fotografado pelo mesmo jornal e as duas imagens foram destaques na capa do mesmo periódico.

A diferença entre a Presidenta e o Presidente, segundo enquadramento de gênero dado pela Folha de S. Paulo, está no clique escolhido para publicação. Enquanto Dilma Rousseff aparece confusa na cena, Luiz Inácio Lula da Silva aparece tranquilo. A legenda da foto dele confirma o *framing* escolhido: “O presidente Lula ajeita a faixa presidencial ao chegar ao Palácio do Planalto após tomar posse para o segundo mandato”. Portanto, as escolhas dos enquadramentos de gênero e de política da Folha de S. Paulo não foram aleatórias. A equipe jornalística escolheu a imagem na qual Dilma Rousseff não está ajeitada com faixa e a imagem de Lula ajeitado com faixa.

As fotografias dessas duas capas proporcionaram um exercício do qual Vilém Flusser chama de “o vaguear do olhar”. Nesta pesquisa, o movimento de olhar circularmente a fotografia, permitindo assim contemplar elementos já observados, foi executado muitas vezes durante o processo de análise.

O significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captado por um golpe de vista. No entanto, tal método de deciframento produzirá apenas o significado superficial da imagem. Quem quiser “aprofundar” o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir a sua vista vaguear pela superfície da imagem. Tal vaguear pela superfície é chamado scanning. O traçado do scanning segue a estrutura da imagem, mas também dos impulsos no íntimo do observador. Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o “antes” se torna “depois”, e o “depois” se torna o “antes”. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno. O olhar diacroniza a sincronicidade imagética por ciclos. (FLUSSER, 2009, p. 07 e 08).

A proposta de Flusser para aprofundar o significado contido na superfície das imagens contribuiu para uma observação mais atenta sobre os enquadramentos encontrados nas capas. Além das fotografias principais citadas, outras imagens menores também fizeram parte das capas. Na capa de posse do segundo mandato de Dilma Rousseff, a Folha de S. Paulo também publicou uma imagem referente à lotação do transporte público em São Paulo. Na capa de Lula, ele divide o espaço com uma fotografia de carros em um congestionamento na estrada.

O enquadramento político também é evidente ao observar e comparar as capas de Dilma Rousseff com a de Luiz Inácio Lula da Silva. Com base no discurso proferido por Dilma Rousseff, o jornal criou a manchete principal “Dilma promete ajustar economia com o menor sacrifício”, que veio acompanhada das frases complementares, logo abaixo da manchete “Ao assumir 2º mandato, Presidente diz que novas medidas não irão trair os compromissos sociais” / “Petista propõe 'pacote anticorrupção' ao congresso e defende Petrobrás dos ‘inimigos externos’”. Enquanto “Dilma promete ajustar a economia com pouco sacrifício”, “Lula promete acelerar crescimento”, observa-se a escolha do verbo “prometer” em ambos casos. Em termos políticos, o enquadramento do jornal informa que a Presidenta deu sua palavra que tentará dar um jeito na economia sem tentar sacrificar muito as demais pastas do governo. Já Lula se comprometeu em acelerar o crescimento.

Com base nestas manchetes, Dilma parece ser menos otimista que Lula. Ela promete ajustar a economia, porém essa ação pode afetar demais setores do governo. Já ele promete acelerar o crescimento, sem ressalvas.

O texto na capa referente à manchete de Dilma Rousseff se encerrou, no quinto parágrafo, informando que “o ex-presidente Lula, que estaria contrariado com a configuração do novo ministério, teve passagem rápida pela cerimônia”, sugerindo discordâncias e desavenças entre os dois. Eis aqui uma hipótese do porquê a Folha de S. Paulo não ter conseguido emplacar mais uma fotografia de Lula “roubando” a cena na posse, como aconteceu nas capas anteriores.

Também não foi publicada nenhuma frase completa pronunciada por Dilma Rousseff em seu discurso de posse. A equipe jornalística preferiu eleger fragmentos da fala da Presidenta, e inseri-los no texto da manchete. As declarações literais da mandatária só poderiam ser conferidas caso o jornal tenha publicado o discurso na íntegra, como o faz de praxe, e o(a) leitor(a) tenha continuado a observar as outras páginas da edição.

A capa contou ainda com três textos opinativos de analistas. Dois assinados por homens e o terceiro apenas identificado como sendo de alguém da Redação. Os títulos das três chamadas desmerecem o discurso de Dilma Rousseff e sugerem que este governo, recém empossado, está fadado ao fracasso. O primeiro título menciona que o ajuste proposto por Dilma é tão indigesto como “engolir um sapo-boi”. O segundo afirma que a Presidenta “adota a fala de um governo sob ataque”. E o terceiro coloca na boca dos líderes de oposição que Dilma pronunciou um discurso “escapista e pouco confiável”. Portanto, defendemos que enquadramento de gênero e política da Folha de S. Paulo nas notícias referentes à Dilma Rousseff está posto: uma mulher sem capacidade de conduzir o Brasil por mais quatro anos.

### **3.5 Eles, Presidentes. Elas, eleitas**

As manchetes que apresentam os homens como “Presidentes” e as mulheres como “eleitas” levantou a questão sobre como outros Presidentes brasileiros e argentinos foram retratados nas capas que noticiaram suas vitórias. Será que esses apontamentos foram achados pontuais envolvendo Dilma Rousseff na comparação com Luiz Inácio Lula da Silva e Cristina Kirchner em relação a Néstor Kirchner? Uma nova busca foi feita nos acervos digitais da Folha de S. Paulo e do Clarín. Tanto no jornal brasileiro quanto no argentino, a coleta de dados contemplou os mais recentes Presidentes de cada país, além dos já aqui analisados. A hipótese de que as manchetes dos homens Chefes de Estado são parecidas e repetem o padrão que reforça o poder centralizado dentro de um universo masculino foi confirmada de acordo com as capas nas Figuras 31 e 32.



Figura 31 – Capas da Presidenta e dos Presidentes da Argentina



Figura 32 – Capas da Presidenta e dos Presidentes do Brasil

Essas capas corroboram a recusa dos jornais brasileiro e argentino em chamar de “Presidenta”, ou ao menos de “Presidente”, a mulher eleita Presidenta. Isto demonstra

ausência de reconhecimento e pode ser interpretado também, de acordo com Eni Orlandi, como silenciamento das palavras, aquilo que está fora do quadro emoldurado.

Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz, todos esses modos de existir e do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é “fundante”. (ORLANDI, 2007, p. 14)

As imagens e as manchetes das duas Presidentas latino-americanas evidenciaram que “a política é atualizada como espaço masculino” (BIROLI, 2018, p. 172). O enquadramento de gênero e de política observado nas capas reproduziu a associação entre as mulheres e os homens que as antecederam, reforçando assim a construção da imagem de dependência e, ao mesmo tempo, ausência de autonomia delas. A mensagem transmitida ao público leitor é de que as Presidentas eleitas não tiveram uma trajetória política própria, o que não corresponde com as biografias de Dilma Rousseff e de Cristina Kirchner. Segundo a moldura colocada no quadro das capas, as vitórias de ambas nas urnas somente ocorreram pela participação do eleitorado dos chamados “padrinhos políticos”.

Os(as) fotógrafo(as) dos periódicos capturaram, por meio de suas lentes, a realidade, ou seja, duas mulheres ocupando o espaço político tido como domínio dos homens, porém, o fazem de forma enviesada. Desta vez, a novidade nas fotografias foi a presença de uma mulher recebendo as honras por assumir oficialmente o comando de seu país. Isso se explica um pouco pela falta de costume dos(as) profissionais em fotografar as Presidentas porque, até a posse de Isabel Perón e Cristina Kirchner, na Argentina, e de Dilma Rousseff, no Brasil, os fotógrafos só miravam suas câmeras nos homens. Outro ponto observado também foi a presença mínima de outras mulheres nas cenas registradas. Miguel e Biroli destacam essa realidade.

[Os meios de comunicação] reforçam não apenas a marginalidade das mulheres, mas um modo de estruturação política que tende a manter hierarquias e valores que organizam uma democracia restrita [...] Isso significa que os meios de comunicação, e mais especificamente o jornalismo, confirmam e naturalizam a exclusão de alguns indivíduos e grupos sociais, como as mulheres, mesmo quando não os discriminam e estigmatizam abertamente. (MIGUEL, BIROLI, 2011, p. 02)

As imagens com Dilma Rousseff e com Cristina Kirchner nas capas das coberturas das posses de seus respectivos primeiros mandatos mostraram as Presidentas em situação de coadjuvantes ao dividirem a cena com seus antecessores, já conhecidos e aprovados pelo público. Porém, observamos que as fotografias publicadas nas capas das coberturas dos segundos mandatos sugerem certo protagonismo das Presidentas. Dilma Rousseff apareceu sozinha, apesar de atrapalhada como o enquadramento que a Folha de S. Paulo preferiu dar. Cristina Kirchner trouxe à cena outra mulher, sua filha Florência, escolhida por ela para o ato simbólico de transmissão da faixa presidencial. Portanto, é notável uma mudança significativa após os primeiros quatro anos de governo de ambas, que evoca a importância de debates sobre a representatividade das mulheres no campo político e também midiático.

Embora o foco desta pesquisa não seja traçar o perfil do(a) profissional de fotografia, nas 14 capas analisadas, foram contabilizadas 25 fotografias, das quais 15 foram feitas por homens (alguns fotografaram mais de uma vez), quatro não tiveram identificação e apenas duas imagens levaram a assinatura de fotógrafas mulheres. Maria Eugenia Cerutti registrou a vitória de Néstor Kirchner em 2003 e Marlene Bergamo capturou as três imagens que formaram o cineminha na capa do segundo mandato de Dilma Rousseff. Todas as demais fotos foram clicadas por homens. Somente esse dado provoca a reflexão que o universo da fotografia, daquele momento, também era masculinizado, assim como a política. Os nomes dos(as) profissionais, indicando a autoria de suas fotos, estão citados nas tabelas (no Apêndice A) que acompanham as capas.

## CAPÍTULO 4

### A COBERTURA DOS PRIMEIROS E ÚLTIMOS DIAS DOS DOIS MANDATOS DAS PRESIDENTAS

Neste capítulo apresentaremos o segundo recorte do *corpus*, composto por 46 capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín. De 140 capas coletadas e observadas, 46 delas foram escolhidas para análise porque atenderam aos seguintes critérios de citações válidas nas manchetes e/ou legendas: nome completo da Presidenta, primeiro nome ou sobrenome da mesma. Também foram selecionadas as capas que grafaram as palavras Presidenta/Presidente/Presidência.

As fotografias com Dilma Rousseff e com Cristina Kirchner também determinaram a escolha do documento para análise. Como afirma Barthes, a “fotografia é contingência pura [...] ao contrário do texto que, pela ação repetida de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão”. Portanto, a fotografia é um elemento importante de análise pois “[...] fornece de imediato esses ‘detalhes’” que constituem o próprio material do saber etnológico”. (1984, p.49). As capas com os Presidentes também são contempladas para estudo comparativo, tal como no primeiro recorte do *corpus*.

CORPUS = 46 CAPAS DE JORNAIS				
Recorte temporal	Dilma Rousseff	Cristina Kirchner	Luiz Inácio Lula da Silva	Néstor Kirchner
10 primeiros dias do primeiro mandato	3	5	6	4
10 últimos dias do primeiro mandato	4	4	0	3
10 primeiros dias do segundo mandato	0	2	0	
10 últimos dias do segundo mandato	7	5	3	
<b>TOTAL</b>	<b>14 capas da Folha de S. Paulo</b>	<b>16 capas do Clarín</b>	<b>9 capas da Folha de S. Paulo</b>	<b>7 capas do Clarín</b>

Tabela 1 – 46 capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín

Fonte: Tabela elaborado por Adriana Silvestrini Santos com base em informações dos jornais Clarín e Folha de S. Paulo.

Na Tabela 1, as 46 capas estão divididas entre os 10 primeiros dias e os 10 últimos dias dos dois mandatos das Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner. A mesma regra é usada para as capas dos Presidentes Néstor Kirchner e Luiz Inácio Lula da Silva.

#### **4.1 Cristina Kirchner: o começo dos mandatos nas capas do Clarín**

No dia 28 de outubro de 2007, Cristina Kirchner foi eleita a primeira mulher Presidenta da Argentina. Passados quatro anos, no dia 23 de outubro de 2011, ela foi reeleita para o mesmo cargo. Nos itens seguintes são apresentadas as capas do jornal argentino Clarín referentes aos 10 primeiros dias do primeiro mandato de seu governo e também aos 10 primeiros dias do segundo governo dela. Concomitantemente são mostradas também as capas dos 10 primeiros dias do primeiro e único mandato do Presidente Néstor Kirchner, seu antecessor. Desse modo, foi possível fazer uma comparação sobre as manchetes, legendas e fotografias noticiadas sobre a Presidenta e o Presidente da Argentina no diário de maior circulação do país.

##### **4.1.1 Cinco capas com Cristina Kirchner (2007)**

Das 10 capas (que são apresentadas no Apêndice A) referentes aos 10 primeiros dias do primeiro mandato de Cristina Kirchner, ela aparece citada na manchete, na legenda ou em fotografia em cinco capas. No primeiro, e único, mandato de Néstor Kirchner, o Presidente foi noticiado, com base nos mesmos critérios, em quatro capas. De modo quantitativo, houve um equilíbrio na aparição da Presidenta e do Presidente nas capas do Clarín, porém Cristina tem uma capa a mais neste quesito de avaliação. Na sequência, analiso os enquadramentos de gênero e política das cinco capas que citam Cristina no começo de seu mandato em 2007 e das quatro capas com Néstor, no início de seu governo em 2003.

A capa do dia 10 de dezembro de 2007 (Figura 33) se refere ao dia da posse do primeiro mandato de Cristina Kirchner como Presidenta da Argentina. A capa da cerimônia da posse ocorreu no dia 11 de dezembro de 2007 (Figura 25) e já foi analisada (ver item 3.3). A manchete do diário argentino informou: “Assume a primeira Presidenta do país”. O Clarín confirma que a Argentina passará a ser governada pela primeira vez por uma mulher eleita. De todas as capas analisadas do Clarín para esta dissertação, essa

é a única em que o jornal traz a palavra “Presidenta” na manchete. No texto complementar da manchete, o jornal informou que “Cristina se converterá hoje na primeira mulher a chegar ao cargo através das urnas”. A observação sobre a vitória de Cristina nas urnas é importante porque, até então, isso não havia ocorrido na Argentina. De 1974 a 1976 o país foi governado por María Estela Martínez, após a morte de seu marido e Presidente Juan Domingo Péron. O título da manchete, em letra menor, relatou que naquele dia estava acontecendo uma “Troca presidencial após 24 anos do retorno democrático”. Este é outro dado histórico político importante, já que a Argentina enfrentou uma das mais violentas ditaduras no mundo.



Figura 33 – Capa Clarín 10/12/2007

Se na manchete o enquadramento que o Clarín dá a gênero e política está claro e condiz com o perfil de Cristina Kirchner, na questão fotográfica, o jornal escolheu um outro enquadramento. A imagem principal traz Mauricio Macri, então eleito prefeito de Buenos Aires, comemorando de mãos dadas sua vitória com a vice-prefeita Gabriela Michetti. Quem observa a capa de longe pode até se confundir achando que a mulher na foto maior poderia ser Cristina, fazendo uma conexão direta com a manchete. Na capa do dia em que a primeira mulher Presidenta eleita da Argentina tomou posse, o destaque da

fotografia ficou para o prefeito homem de Buenos Aires. Oito anos depois, em 2015, Mauricio Macri foi eleito Presidente da Argentina, novamente com Gabriela Michetti como sua vice.

Esperava-se que a fotografia maior fosse relacionada à Cristina Kirchner, que aparece, quase que escondida, em uma pequena imagem à direita da página, abaixo da manchete. É preciso observar de perto a capa para notar que se trata da nova Presidenta. A fotografia de Cristina acompanha a chamada “Perfil – Uma militante dos anos 70 com sólida carreira política”. Se a imagem ficou aquém do esperado em uma manchete relevante, no curto texto desta foto o jornal conferiu certo protagonismo para Cristina Kirchner, informando que ela está há muitos anos atuando na carreira política, o que não é observado em algumas outras capas do Clarín analisadas neste trabalho.

Na capa de 25 de maio de 2003 (Figura 34), o Clarín anunciou “Kirchner, uma nova etapa” para se referir à posse do Presidente eleito Néstor Kirchner. A linha fina complementar da manchete afirmou: “Assume às 15. Duhalde lhe entregará a faixa e o bastão na Assembléia Legislativa. Estarão presentes doze chefes de Estado e o príncipe de Astúrias. Assim começa uma nova gestão que tentará deixar definitivamente para trás uma profunda crise política, econômica e social”.



Figura 34 – Capa Clarín 25/05/2003

O enquadramento de política do Clarín demonstra, por meio da manchete e das palavras usadas, que o jornal aposta em uma nova “etapa” e “gestão” com Néstor Kirchner para superar as crises experienciadas no país. Considerando o modo como a notícia é informada ao leitor, fica claro que o Clarín está apoiando o governo de Néstor Kirchner. Quanto à fotografia, a equipe jornalística escolheu destacar o tema do futebol como imagem principal – o que é frequente na observação das capas do diário argentino. Néstor Kirchner apareceu em uma foto pequena – porém maior na comparação com a da Cristina – torcendo para um time de futebol, ao lado do ministro da saúde, no estádio. O *framing* da imagem da capa é sobre o esporte.

As capas dos dias 12 e 17 de dezembro de 2007 (Figuras 35 e 36), referentes ao primeiro mandato de Cristina Kirchner, e a capa do dia 28 de maio de 2003 (Figura 37), durante o governo de Néstor Kirchner, apresentaram também o assunto esporte em suas fotografias principais. Na capa do dia 12 de dezembro (Figura 35), o Clarín mostrou a imagem de um tenista segurando troféus e a manchete “Moyano advierte Cristina sobre las reclamaciones gremiales”, tratando da relação da nova Presidenta com a CGT (*Confederación General del Trabajo*).



Figura 35 – Capa Clarín 12/12/2007

O jogador de futebol argentino Martín Palermo ilustra a foto de destaque da capa do dia 17 de dezembro (Figura 36). A manchete trouxe também um enquadramento de política ao noticiar sobre o caso da demissão do comandante da guarda costeira por causa

da morte de Héctor Febres, um ex-repressor militar. O título da manchete informou: “A Presidenta Kirchner substituiu à noite Carlos Fernandez”. A manchete foi: "Demitiram o chefe da Prefeitura pelo caso do repressor de ESMA”.



Figura 36 – Capa Clarín 17/12/2007

Na capa do dia 28 de maio de 2003 (Figura 37), a imagem principal trouxe a cena do treinador de futebol Fernando Castro puxando os cabelos do jogador Claudio Husain. Já a manchete pareceu favorável à atitude de Néstor: “Kirchner substituiu completamente a cúpula militar”. O título da manchete informou que se tratou de “Um gesto político forte dentro e fora do governo”.



Figura 37 – Capa Clarín 28/05/2003

Tanto para as capas referentes à Cristina Kirchner, dos dias 19 e 20 de dezembro de 2007 (Figuras 38 e 39), quanto para as capas dos dias 30 de maio e 1º de junho de 2003 (Figuras 40 e 41) sobre Néstor Kirchner, a equipe jornalística do Clarín destinou um espaço pequeno para fotografias dos presidentes. As imagens ficaram confinadas na quinta coluna, à direita da capa. A capa do dia 19 de dezembro de 2007 (Figura 38), mostrou a imagem de Cristina Kirchner ao lado de Tabaré Vázquez, então Presidente do Uruguai, acenando e sorrindo durante um encontro de líderes do Mercosul.



Figura 38 – Capa Clarín 19/12/2007

Em 20 de dezembro (Figura 39), Cristina apareceu cumprimentando o então cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, que em 2013 se tornaria o Papa Francisco. Em 30 de maio de 2003 (Figura 40), Néstor Kirchner apareceu ao lado do novo chefe do Exército. E no dia 1º de junho (Figura 41), uma fotografia do Presidente sozinho informava como era o “estilo Kirchner” em sete dias de governo. Em nenhuma das quatro capas, a Presidenta e o Presidente são citados nas manchetes, já que duas delas usam a palavra “Governo”.



Figura 39 - Capa Clarín 20/12/2007



Figura 40 - Capa Clarín 30/05/2003



Figura 41 - Capa Clarín 01/06/2003

#### 4.1.2 Duas capas com Cristina Kirchner (2011)

O enquadramento de política das capas dos dias 17 e 19 de dezembro de 2011 (Figuras 42 e 43), feito pelo Clarín, deixava entender que Cristina Kirchner estava na mira de seus opositores. Na capa do dia 17 (Figura 42), Cristina Kirchner foi citada no título “Os projetos de leis que Cristina impulsiona” referente à manchete “Seriam consideradas ‘terrorismo’ as corridas cambiais”. À época, os empresários reclamavam da atuação excessiva do governo no assunto.



Figura 42 – Capa Clarín 17/12/2011



Figura 43 – Capa Clarín 19/12/2011

Dois dias depois, dia 19 (Figura 43), Cristina ocupou a manchete que destacava a tensão entre o governo dela com a CGT (*Confederación General del Trabajo*). A manchete dizia: “Moyano busca mais apoio sindical após briga com Cristina”.

#### 4.2 Cristina Kirchner: o fim dos mandatos nas capas do Clarín

O período que marca os últimos 10 dias do primeiro mandato de Cristina Kirchner foi de 1º a 10 de dezembro de 2011. Os últimos 10 dias do segundo mandato da Presidenta

argentina foram de 1º de dezembro a 10 de dezembro de 2015. Quanto ao primeiro e único mandato de Néstor Kirchner, os últimos 10 dias de governo foram de 1º a 10 de dezembro de 2007.

#### 4.2.1 Quatro capas com Cristina Kirchner (2011)

Uma fotografia pequena, localizada na coluna à direita da capa, mostrou Cristina Kirchner e Dilma Rousseff juntas na capa do Clarín no dia 03 de dezembro de 2011 (Figura 44). É o único registro fotográfico das duas Presidentas sul-americanas juntas encontrado dentro do *corpus* desta pesquisa. Como o jornal Clarín não informa a data das fotografias publicadas – procedimento geralmente adotado pela Folha de S. Paulo – não é possível saber se a imagem era atual ou de arquivo. A chamada da foto afirmava que “Cristina reclamou à Dilma sobre o déficit comercial com o Brasil”. A chamada não indicou se o assunto havia sido tratado em encontro presencial ou não. Só por esses dados publicados na capa não é possível saber a origem desse encontro visto na fotografia.



Figura 44 – Capa Clarín 03/12/2011

As capas dos dias 6, 7 e 10 de dezembro de 2011 (Figuras 45, 46 e 47 respectivamente) apresentaram manchetes citando Cristina Kirchner e o seu segundo mandato, que foi concretizado na cerimônia de posse no dia 10 de dezembro de 2011. O Clarín evidenciou, nas manchetes, as trocas de ministros e secretários para o seu novo gabinete. Na capa do dia 6 (Figura 45), a manchete era “Cristina definiu a primeira troca para seu gabinete” e tinha como título “No sábado inicia seu segundo mandato”.



Figura 45 – Capa Clarín 06/12/2011



Figura 46 – Capa Clarín 07/12/2011



Figura 47 – Capa Clarín 10/12/2011

No dia 7 (Figura 46), a manchete dizia “O novo gabinete, com apenas três trocas”, teve como título o reforço de sua posse como Presidenta reeleita, afirmando “Cristina reassume no sábado”. Já na capa do dia 10 (Figura 47), a manchete dizia que Cristina iria reassumir a Presidência com outro marco econômico: “Reassume Cristina, com outro marco econômico”. O título da manchete lembrou o(a) leitor(a) de que aquele era o dia da posse presidencial. O resumo explicativo da manchete relatou que a economia argentina estava complicada por causa do desafio da inflação e que, neste segundo mandato, Cristina enfrentaria a incógnita de sua sucessão. Como vimos, o enquadramento de política dado pelo Clarín já anunciava que o segundo governo de Cristina Kirchner seria marcado por conflitos.

Na última semana do governo de Néstor Kirchner, três capas do Clarín noticiaram a transição do governo dele para o de Cristina Kirchner. Em duas delas, as fotografias publicadas mostram o casal Kirchner. Em alguns momentos não ficou evidente a qual dos Kirchner o jornal estava se referindo, como, por exemplo, a capa do dia 7 de dezembro de 2007 (Figura 48). A manchete trouxe a informação “França pediu apoio a Kirchner pelos reféns da Colômbia”. Entretanto, pela manchete, não é possível saber a quem especificamente a França estava pedindo ajuda. Poderia ser para Néstor, ainda Presidente da Argentina, ou para Cristina, já eleita, aguardando a cerimônia oficial para ser empossada. No final do resumo explicativo da manchete, aparece o dado que “Cristina receberá o presidente francês na segunda-feira”.



Figura 48 – Capa Clarín 07/12/2007

A capa do dia 08 de dezembro de 2007 (Figura 49) publicou uma fotografia grande cujo enquadramento inclui Sergio Massa, então prefeito de Tigre, conversando com Néstor Kirchner, ainda Presidente. Na cena, ainda, consta Cristina Kirchner mais afastada e introspectiva. O título da legenda informou que “Kirchner e Cristina encerraram a transição”. Há uma diferença notável quanto ao tratamento nominal conferido pelo jornal, já que Néstor é chamado pelo sobrenome e Cristina, pelo primeiro nome. Como os dois possuem o mesmo sobrenome, “Kirchner”, o título poderia ter substituído Kirchner por Néstor, colocando assim, o tratamento de ambos no mesmo patamar. Conquanto, posteriormente, o Clarín também passaria a chamar Cristina de Kirchner.

Chamar só um deles pelo sobrenome demonstrou maior respeitabilidade – como sugere a tradição – em relação a Nestor. A legenda informou que "Assistiram ontem à posse do prefeito de Tigre, Sergio Massa. O Presidente não falou, mas sim a Presidenta eleita. Ela disse que ‘o crescimento e a qualidade institucional são levados à sério’”. Ao tomar a palavra em um ato público, Cristina Kirchner se posicionou como a nova Presidenta do país. Porém a imagem de Cristina, capturada pela câmera da fotógrafa Maria Eugenia Cerutti, não condizia com a atitude da Presidenta.

A fotografia mostrou Néstor olhando para algo que Sergio Massa estava apontando e Cristina Kirchner longe deles, com uma das mãos no coração, de olhos fechados, cabelos ao vento em um momento introspectivo como se estivesse alheia aos acontecimentos. A imagem de Cristina remeteu a uma personagem atuando em um drama

teatral. Com esse enquadramento de gênero e política, o Clarín começava a construir a imagem de uma mulher tomada por emoções e devaneios e, portanto, não confiável. Durante os dois mandatos de Cristina, a revista semanal *Noticias de la semana* a cada semana estamparia na capa uma fotografia manipulada, acompanhada de insultos como “bipolar”, “histérica”, “mulher fatal” etc.



Figura 49 – Capa Clarín 08/12/2007

A manchete da capa do dia 9 de dezembro de 2007 (Figura 50) informava “Cristina terá uma nova reunião chave com o novo chefe do FMI”. O título da manchete dizia “Na terça-feira, um dia depois de assumir a Presidência”, ou seja, umas das primeiras ações de Cristina Kirchner como Presidenta seria um encontro com a equipe do FMI (Fundo Monetário Internacional). O resumo da manchete relatou que o novo governo iniciava um gesto de aproximação depois das brigas constantes durante a gestão de Néstor. Durante a última semana da gestão de Néstor Kirchner, como não poderia deixar de ser, o Clarín já colocava Cristina Kirchner dentro do cenário político argentino, afinal ela estava a poucos dias de assumir o comando da nação. Nesta capa há uma pequena foto do casal Kirchner que ilustra um Informe Especial, criado pelo jornal, com o título “Radiografia do país que deixa Kirchner”



Figura 50 – Capa Clarín 09/12/2015

#### 4.2.2 Cinco capas com Cristina Kirchner (2015)

Em duas capas na última semana do segundo governo de Cristina Kirchner, o jornal Clarín noticiou em suas manchetes os gastos da gestão da Presidenta e as consequências disso para o governo do novo Presidente eleito, Mauricio Macri. O periódico argumentou, mostrando valores, que Cristina Kirchner deixava um país quebrado economicamente. E que caberia à gestão de Macri resolver essa questão. A manchete da capa do dia 1º de dezembro de 2015 (Figura 51) dizia: “Antes de ir embora, Cristina voltou a subir o gasto: \$133.272 milhões”. O título da manchete completava: “Equivale a seis vezes o orçamento da Saúde”. Na capa do dia seguinte, dia 2 de dezembro de 2015 (Figura 52), o título da manchete apresenta números “O novo governo perderá \$ 125.000 milhões anuais”. A manchete deste dia afirmava ainda que “Cristina avançou em decisão judicial e complicou Macri”. O *framing* do Clarín demonstrou que o diário se posicionou a favor de Macri, Presidente não-peronista, neoliberal, de centro-direita e, portanto, compatível com a linha editorial conservadora do periódico.



Figura 51 – Capa Clarín 01/12/2015



Figura 52 – Capa Clarín 02/12/2015

Ao contrário da transição tranquila ocorrida entre a gestão de Néstor Kirchner para o primeiro mandato de Cristina Kirchner em 2007, a passagem do bastão presidencial de Cristina Kirchner, em 2015, no fim do seu segundo mandato, para o seu opositor Mauricio Macri, eleito Presidente da Argentina, não foi nada amigável. As manchetes envolviam a troca de um governo peronista (que permaneceu muito tempo no poder) por uma nova gestão de centro-direita. O título da manchete da capa do dia 3 de dezembro de 2015 (Figura 53) informava sobre o clima tenso na Casa Rosada, e a linha acima da manchete dizia “Cresce a tensão a uma semana da troca de comando”. A manchete traduziu o nível do conflito quando Macri enfrentou Cristina e sugeriu: “*Quiere irse por la puerta chica*”. A expressão “*puerta chica*” remete o oposto de “*puerta grande*”, a porta por onde Cristina Kirchner entrou. O resumo da manchete informava que “foi a primeira resposta de Macri às decisões da Presidenta que complica a transição. Os decretos econômicos e a ordem de não ajudar a sua equipe na transferência provocaram mal estar no líder de *Cambiemos*”. Ou seja, Maurício Macri estava sugerindo, de acordo com a manchete, que a Presidenta saísse de fininho pela porta dos fundos já que ela, segundo ele, não estava colaborando na transição de poder.



Figura 53 – Capa Clarín 03/12/2015

Na capa do dia 6 de dezembro de 2015 (Figura 54), o título “Cresce a tensão pelo ato de mudança de governo” da manchete “Macri disse à Cristina que a transferência será na Rosada” reforçava o desentendimento entre eles. O resumo da manchete informava que “O Presidente eleito a chamou por telefone para comunicar que a entrega da faixa e do bastão presidencial será na Casa do Governo. Antes, ele jurará na Assembleia Legislativa no Congresso, onde Cristina deseja que se realize toda a cerimônia”. No livro **Sinceramente** (2019), Cristina Kirchner explicou porque não aceitou a proposta de Maurício Macri sobre o local da transmissão de cargo, com base no artigo 93 da Constituição Nacional. Cristina disse a Macri que a entrega do poder deveria ser feita no Parlamento, como sempre ocorreu. “Você não pode discursar antes na Assembleia Legislativa se ainda não é Presidente, por isso tenho que ir à Assembleia, antes de seu discurso, entregar-lhe a faixa e o bastão presidencial” (2019, p. 21).



Figura 54 – Capa Clarín 06/12/2015

Na véspera da cerimonia de posse do novo Presidente, na capa do día 9 de dezembro de 2015 (Figura 55), o jornal anunciou em sua manchete que “Cristina não irá à posse de Macri”. O título da manchete dizia “Evitará sua presença no Congresso e na Casa Rosada”.



Figura 55 – Capa de Clarín 09/12/2015

A justificativa estava no resumo da manchete que explicava que “os negociadores da Presidenta disseram que é porque uma ordem judicial fixou a zero hora de quinta-feira como fim do mandato. Foi uma apresentação do Presidente eleito exigindo que não obstruíssem o início de seu governo”.

De fato, Cristina Kirchner não compareceu à cerimônia, mas no dia 9 de dezembro, um dia antes de terminar o seu segundo mandato, ela se despediu de seus eleitores em discurso na Plaza de Mayo. “Devia me despedir dos argentinos antes das doze horas da noite de 9 de dezembro para não me converter em abóbora, como eu disse à tarde na Plaza” (KIRCHNER, 2019, p. 20). Em seu livro, Cristina Kirchner dedica um capítulo chamado “Depois de me converter em abóbora” para contar em detalhes sobre esse episódio que a fez deixar o seu segundo governo no dia 9, e não no dia 10 de dezembro de 2015, como estava previsto no artigo 91 da Constituição Nacional argentina.

### **4.3 Dilma Rousseff: o começo dos mandatos nas capas da Folha de S. Paulo**

No dia 31 de outubro de 2010, Dilma Rousseff foi eleita a primeira mulher Presidenta do Brasil. Passados quatro anos, no dia 26 de outubro de 2014, ela foi reeleita para o mesmo cargo. Nos itens seguintes, são apresentadas as capas do jornal brasileiro Folha de S. Paulo referentes aos 10 primeiros dias do primeiro mandato de seu governo e também aos 10 primeiros dias do segundo governo dela. Na sequência, são mostradas também as capas do mesmo periódico referentes aos 10 primeiros dias do primeiro mandato e também aos 10 primeiros dias do segundo governo de Luiz Inácio Lula da Silva, seu antecessor. Na época do fim do primeiro mandato de Lula, o jornal brasileiro não era colorido, um dos motivos das imagens estarem com qualidade comprometida e não apresentarem boa visualização nas reproduções apresentadas aqui. As legendas colaboraram para identificar as fotografias publicadas nas edições.

O objetivo é realizar uma comparação sobre as manchetes, legendas e fotografias noticiadas sobre a Presidenta e o Presidente do Brasil no jornal de maior circulação do país. E, com isso, analisar o enquadramento de gênero e político que foi dado para ela e para ele nas capas do periódico.

#### **4.3.1 Três capas com Dilma Rousseff (2011)**

Nos 10 primeiros dias do primeiro mandato de Dilma Rousseff, em 2011, ela foi

citada na manchete, na legenda e/ou apareceu em fotografia em três capas de um total de 10. Dessas três capas, apenas em uma delas foi publicada uma imagem da Presidenta. No mesmo período – em 2003, data do primeiro mandato de seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva – o jornal Folha de S. Paulo noticiou sobre o Presidente em seis capas do periódico. Ou seja, o dobro de vezes. Sendo que das seis capas trazendo notícias de Lula, cinco delas continham imagens dele.

No dia 3 de janeiro de 2011 (Figura 56), Dilma Rousseff estava na manchete e na foto principal, localizada no centro da capa. A manchete informava “Dilma decide privatizar ampliação de aeroportos”, enfatizando uma das primeiras providências que a nova governante tomaria assim que assumisse o cargo. A fotografia, de autoria de Alan Marques, mostrou Dilma Rousseff, sentada, inclinada para o lado esquerdo, olhando para a mesma direção, onde provavelmente estava alguém que não aparece na imagem.



Figura 56 – Capa Folha de S. Paulo 03/01/2011

Nas fotos observadas de Dilma Rousseff nas capas do jornal Folha de S. Paulo, frequentemente, a Presidenta é fotografada em movimento, raramente parada, olhando

para a lente do fotógrafo. Outro ponto que chama a atenção na imagem é o detalhe de um papel escrito, segurado por Dilma Rousseff. O papel ganhou destaque no chamado *close up*, quando o plano da câmera está muito perto de uma pessoa ou de um objeto. Seria como fazer um enquadramento do enquadramento. A cineasta e pesquisadora Trinh Minh-Ha explica a função do *close up* na cena.

Os close-ups são parciais demais; a câmera que foca em um indivíduo, ou em um grupo, revela-se tendenciosa ao extremo[...] O raciocínio funciona da seguinte forma: é como se um enquadramento mais amplo (com maior abrangência) enquadrasse menos, como se a grande angular não reduzisse a vida, como acontece com o close-up. (MINH-HA, 2016, p. 34)

O *close up* do papel, automaticamente, atrai o primeiro olhar do(a) leitor(a) quando esse(a) observa o quadro geral da fotografia. Ou seja, o objeto se sobressai ao sujeito. A legenda da fotografia tem o título “Lição de casa”, que traz um caráter “escolar”, e até infantilizado, sobre as anotações feitas pela Presidenta durante reunião importante com Chefes de Estado. A legenda informa: “A presidente Dilma Rousseff utiliza ficha (no detalhe) com informações para as reuniões bilaterais que teve em Brasília com sete chefes de Estado e de governo que vieram para a posse dela”. O ímpeto do fotógrafo caçador (FLUSSER, 2009) fez com que ele quisesse revelar, por meio de suas lentes, os escritos da nova Presidenta. Sem dúvida, o fotógrafo trouxe um elemento a mais para o público, porém, ao mesmo tempo, despertou uma outra curiosidade: quem foram esses sete chefes de Estado que se reuniram com Dilma Rousseff? Uma fotografia dela, a primeira mulher Presidenta do Brasil, conduzindo uma reunião política de tal importância, junto aos demais Presidentes de outras nações, seria mais significativo, em termos de enquadramento de gênero e de política, do que o *close up* no papel, que na cena publicada tornou Dilma coadjuvante ao invés de protagonista.

Em contrapartida, na capa do dia 4 de janeiro de 2003 (Figura 57), início do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, não houve *close up* e sim, enquadramento mais abrangente (MINH-HA, 2016). A fotografia principal, publicada no alto da capa, logo abaixo do logotipo do jornal e ocupando todas as seis colunas da página, mostrava a primeira reunião ministerial comandada pelo novo Presidente da República. O título da foto era “A nova cúpula”. A legenda descreveu cada um dos participantes. Todos estavam de pé e posaram para as lentes de Eduardo Knapp. A manchete da capa informava “Lula

adia compra de jatos para a FAB”, mas o que chamou a atenção foi a fotografia mostrando a cara da nova política brasileira, sob o comando de um homem forte. Voltando à imagem da capa de Dilma Rousseff, para fazer uma comparação com a de Lula, a questão que fica é: por que a Folha de S. Paulo também não publicou uma fotografia da reunião da Presidenta junto aos sete chefes de Estado? Mesmo que os fotógrafos não tivessem acesso a essa reunião, certamente, a equipe de Comunicação da Presidência teria uma imagem da mesma para distribuir aos meios de comunicação.



Figura 57 – Capa Folha de S. Paulo 04/01/2003

Além da fotografia de Dilma Rousseff e seu papel de anotações, a capa apresentava mais três imagens espalhadas. Uma com o jogador de futebol Ronaldinho Gaúcho em uma churrascaria no Rio de Janeiro, outra com carros congestionados em estradas paulistas e a última mostrando Luiz Inácio Lula da Silva e sua esposa Marisa acenando da varanda do apartamento dele em São Paulo. Novamente, Lula – agora como ex-Presidente – marcou presença em uma capa na qual Dilma Rousseff foi notícia no jornal Folha de S. Paulo.

A divisão dos cargos considerados estratégicos no segundo escalão provocou disputa entre o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (doravante PMDB) e o PT, partido da Presidenta. A manchete da Folha de S. Paulo da capa de 5 de janeiro de 2011 (Figura 58) informou “PMDB usa salário para obter cargo; Dilma reage”. O periódico já começava a demonstrar que o início do mandato da Presidenta não seria fácil diante de seus adversários políticos. No final do resumo da manchete, outra chamada para o texto do jornalista Vinicius Torres Freire dizia: “PMDB ameaça chutar a escada da presidente logo no início do mandato”.



Figura 58 – Capa Folha de S. Paulo 05/01/2011



Figura 59 – Capa Folha de S. Paulo 11/01/2011

Na capa do dia 11 de janeiro de 2011, (Figura 59) a manchete dizia que “Governo de SP vai tentar negociar a Cesp com Dilma”. O resumo da manchete explicava que o então governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, autorizara sua equipe a negociar a venda da Companhia Energética de São Paulo com o governo federal. O jornal mostrava novamente a movimentação das possíveis negociações e acordos que os partidos tentariam fazer com a Presidenta Dilma Rousseff.

Luiz Inácio Lula da Silva marcou presença em 6 de 10 capas da Folha de S. Paulo nos primeiros 10 dias de seu primeiro mandato em 2003. Dessas 6 capas, em 5 foram publicadas fotografias com ele. A capa do dia 8 de janeiro de 2003 (Figura 60) é a única das seis que não trouxe imagens do Presidente. Na capa, ele foi mencionado na manchete que informava “Lula fixa prazos para Previdência”, mostrando as novas medidas adotadas pelo governo de esquerda no comando do Brasil.



Figura 60 Capa Folha de S. Paulo 08/01/2003      Figura 61 – Capa Folha de S. Paulo 05/01/2003

A imagem da capa do dia 5 de janeiro de 2003 (Figura 61) mostra o Presidente aclamado pelos seus eleitores na frente de sua nova residência pelos quatros anos seguintes. A recepção à Luiz Inácio Lula da Silva foi fotografada por Alan Marques. A legenda descreveu a cena: “De Casa Nova: Luiz Inácio Lula da Silva é cercado na entrada no Palácio da Alvorada, para onde se mudou em definitivo; o presidente começou ontem a fazer fisioterapia para curar dores no ombro em razão de uma bursite no ombro direito”. A legenda ainda trouxe a informação extra do início do tratamento fisioterápico do Presidente.

Cinco dias depois, no dia 10 de janeiro (Figura 62), a fotografia principal da capa, de autoria de Patrícia Santos, não mostrava Lula, mas os locais por onde ele e sua comitiva passariam nos próximos dias. A legenda explicava o motivo das imagens: “À Espera de Lula: No sentido horário, localidades que receberão, a partir de amanhã, o presidente e sua comitiva de ministros: na favela Teimosa, os garis retiraram o lixo acumulado; na Vila Irmã Dulce, as crianças ganharam bombons de funcionários do governo; em Itinga, a maioria da população sobrevive com recursos pagos pelo governo federal”. Ou seja, essa fotografia antecipou as imagens que seriam vistas no jornal nos próximos dias, já que a equipe da Folha de S. Paulo estava acompanhando a viagem do Presidente até os locais citados. O periódico criou a expectativa das cenas dos próximos capítulos, e mostrava a articulação entre o governo e a população visitada, sugerindo certo clientelismo.



Figura 62– Capa Folha de S. Paulo 10/01/2003

Como esperado, na capa do 11 de janeiro (Figura 63) a fotografia principal, de Patrícia Santos, mostrou o Presidente Lula presente no local que estava vazio na imagem publicada na edição do dia anterior. A legenda informou: “Lula fala com um morador da

favela Brasília Teimosa, em Recife, enquanto é aclamado”. No dia seguinte, dia 12 de janeiro (Figura 64), o fotógrafo Flávio Florido clicou os momentos finais da viagem que foi organizada para mostrar aos ministros alguns dos locais que compunham, à época, o mapa da fome no Brasil. Essa imagem, em específico, está muito danificada, assim como toda a cópia desta capa obtida no arquivo da Folha de S. Paulo. Foi possível identificar quase toda a legenda, que informava: “Terra à vista: O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e seus ministros deixam a cidade de Itinga, em balsa que cruza o rio Jequitinhonha”.



Figura 63 – Capa Folha de S. Paulo 11/01/2003



Figura 64 – Capa Folha de S. Paulo 12/01/2003

4.3.2 Zero capas com Dilma Rousseff (2014)

Nos 10 primeiros dias do segundo mandato de Dilma Rousseff, iniciado em janeiro de 2015, não havia nas manchetes, legendas ou fotografias nas capas do jornal Folha de S. Paulo uma menção a Dilma. Esses são os dias que sucederam a capa da posse da Presidenta, em que foi publicada a fotografia de Dilma atrapalhada ao colocar em si mesma a faixa presidencial. Portanto, para o(a) leitor(a), durante esse período de 10 dias, a imagem de Dilma Rousseff que consta na memória é ainda aquela da cerimônia na rampa no Planalto Central.

No primeiro mandato, a Presidenta apareceu em três capas. Ao observar as capas dos 10 primeiros dias do segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, a situação é a mesma, pois não há manchetes, legendas ou fotografias fazendo referências a Lula. No primeiro mandato ele emplacou seis capas, já no segundo, nenhuma. O enquadramento político que o jornal Folha de S. Paulo está propondo neste período é o da ausência, tanto para a Presidenta quanto para o Presidente. Isso significa 10 dias consecutivos sem notícias em destaque para ela e para ele, um período bastante significativo. Na mesma data investigada, o Clarín não ausentou Cristina Kirchner e Néstor Kirchner de suas capas. Todas as capas deste período estão apresentadas no Apêndice A.

#### **4.4 Dilma Rousseff: o fim dos mandatos nas capas da Folha de S. Paulo**

O período que marcou os últimos 10 dias do primeiro mandato de Dilma Rousseff foi de 26 a 31 de dezembro de 2014, já o segundo mandato da Presidenta terminou antes do previsto, que seria no dia 31 de dezembro de 2018. Dilma Rousseff foi afastada da Presidência no dia 12 de maio de 2016, data em que o Senado votou pelo afastamento após a abertura do processo do impeachment, consolidando o golpe parlamentar<sup>88</sup>, votado na Câmara dos Deputados no dia 17 de abril de 2016. A partir de 12 de maio, Dilma Rousseff foi afastada por 180 dias para julgamento pelos senadores. Neste período, o Brasil teve como Presidente, Michel Temer, vice de Dilma Rousseff. Portanto, nesta pesquisa considerei de 3 a 12 de maio de 2016 os últimos 10 dias de atuação de Dilma Rousseff como Presidenta. O julgamento final ocorreu em 31 de agosto de 2016, quando o Senado destituiu Dilma Rousseff do cargo de Presidenta do Brasil. De 22 a 31 de dezembro de 2006 marcam os últimos 10 dias do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. Os mesmos dias de dezembro de 2006 são referentes aos 10 últimos dias do segundo mandato de Lula.

##### **4.4.1 Quatro capas com Dilma Rousseff (2014)**

Nos 10 últimos dias do primeiro mandato de Dilma Rousseff, em 2014, já reeleita

---

<sup>88</sup> A explicação e justificativa para o uso do termo golpe ao se referir ao impeachment está na Introdução desta dissertação, na página 2. E também no Capítulo 1, no item que consta a biografia de Dilma Rousseff, na página 52.

para o seu segundo mandato como Presidenta do Brasil, ela foi citada na manchete, na legenda e/ou apareceu em fotografia em quatro capas de um total de 10. Dessas, em apenas uma capa, Dilma está presente na manchete, fotografia e legenda. Em outra, há uma fotografia com legenda e nas outras duas capas, a Presidenta é noticiada somente na manchete.

Na capa do dia 23 de dezembro de 2014 (Figura 65), a manchete informou “Dilma diz que manterá diretoria da Petrobras” e a linha fina complementava: “Presidente define como ‘absurdo’ desvio em estatal, mas prestigia Graça Foster”. O resumo da manchete confirmou que Dilma Rousseff defendeu a Presidenta da Petrobrás porque havia interesses nas acusações feitas contra Graça Foster. Dilma Rousseff se posicionou quanto ao tema quando foi questionada no café da manhã com os jornalistas. A Folha de S. Paulo reproduziu o que Dilma Rousseff declarou.

**FOLHA DE S. PAULO**  
 100 ANOS • UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL  
 DIRETORES DE REDAÇÃO: OTAVIO FREITAS FILHO • 4001 94 • TERÇA-FEIRA, 23 DE DEZEMBRO DE 2014 • R\$ 13,10 • EDIÇÃO SP/SP • CONCLUÍDA ÀS 23H30 • R\$ 3,30

**Escola pública tem primeiro avanço no Enem desde 2009**  
 Prova permitiu que escolas públicas avançassem em nota no Enem. Desde 2009, a nota média das escolas públicas caiu 6,4%.

**QUEDA INTERROMPIDA**  
 Participação das públicas no grupo de 10% melhores do Enem, em %

**As dez melhores DA CATEGORIA SP**

**Dilma diz que manterá diretoria da Petrobras**  
 Presidente define como 'absurdo' desvio em estatal, mas prestigia Graça Foster

**Arrecadação cai em novembro e pode fechar ano no vermelho**

**RS exporta trigo contaminado para a Ásia e a África**

**TEC**  
 Aplicativos deixam plataformas on-line turbinadas em mais fáceis de usar

**ILUSTRADA**  
 Morre aos 70 anos cantor britânico Joni Mitchell, 'Igreja do outro' do rock

**OUTRO CANAL**  
 Gabriel Medina vira filme, e TV divulga o melhor mundial de surf

**FALE COM A FOLHA**  
 Não deixe de ler as manchetes de hoje em nossa versão digital

**ATMOSFERA**  
 Não deixe de ler as manchetes de hoje em nossa versão digital

**BODILZIO**  
 Não deixe de ler as manchetes de hoje em nossa versão digital

**ÚLTIMOS DIAS DE IPI REDUZIDO**  
 MAIS DETALHES NA PÁGINA 5

Todos juntos fazem um trânsito melhor.

Figura 65 – Capa Folha de S. Paulo 23/12/2014

Quanto à fotografia, de autoria de Sérgio Lima, a Folha de S. Paulo continuou a publicar imagens da Presidenta como se estivesse fazendo caretas. Dilma Rousseff não

faz a careta para captação das lentes do fotógrafo. Como qualquer outra pessoa, ao falar, gesticula os olhos, boca, mãos, pernas, enfim, o corpo todo. Em conformidade com o movimento natural do corpo no momento da enunciação. Em algumas pessoas, isso é mais constante, em outras não. Dilma Rousseff é uma das que gesticula bastante. Para capturar a “melhor” imagem, já mencionamos que o fotógrafo realiza dezenas de disparos de sua câmera para poder dar opções de escolhas de fotos para a equipe que cria e finaliza a capa do jornal.

No caso de Dilma Rousseff, a equipe da Folha de S. Paulo quase sempre prestigiou, nas capas analisadas nesta pesquisa, as fotografias nas quais a Presidenta está no meio de algum movimento facial ou corporal. Na foto em questão, ela aparece em *close up* fazendo quase um bico com a boca e de mãos juntas na posição de rezar. A legenda: “A presidente durante o café da manhã com os jornalistas ontem”. Qual é o enquadramento que essa fotografia informou? A legenda não disse nada sobre a imagem. Ligar a imagem à manchete resulta na hipótese de que Dilma Rousseff estaria rogando a Deus ou ao Universo para a resolução dos problemas ocorridos na Petrobras. Rogar uma ajuda “divina” para solucionar a questão, acaba transmitindo uma mensagem que provoca dúvidas sobre a competência da Presidenta.

Na capa do dia 26 de dezembro de 2014 (Figura 66), a foto secundária, de Sérgio Lima, retratou em *close up* Dilma Rousseff na janela do helicóptero da Presidência. A legenda informou: “De helicóptero, Dilma deixa o Alvorada rumo ao embarque para a Base Naval de Aratu (BA)”. Tratava-se de uma viagem de descanso de fim de ano.





# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 **UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL** folha.com.br  
DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRASS-FILHO 4401-34 • QUARTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 2014 • R\$ 5,50 EDIÇÃO SP/DF • CIRCULAÇÃO: 852.983

**PIORES HORÁRIOS PARA VIAJAR**

Brasília	0h-21h
De Brasília para São Paulo	16h-24h
São Paulo para Brasília	16h-24h
Curitiba para São Paulo	16h-24h
São Paulo para Curitiba	16h-24h
São Paulo para Belo Horizonte	5h-15h

Fonte: SP, Defesa do Consumidor



Mulheres acompanham passagens de sem no palco montado para o Réveillon na Paulista

**PREPARE-SE** *Califórnia 01*

**TEMPO**  
ESTADO NOVE  
SÃO PAULO  
São Paulo  
18°C/23°C

**Santos**  
15°C/20°C

**Florianópolis**  
15°C/20°C

**Curitiba**  
15°C/20°C

**São Sebastião**  
15°C/20°C

**0 QUE ABRE E FECHAM**

Rio de Janeiro (RJ)	Amambá (19)	
Batatas	Fecharam	Fecharam
Pinheirinho	Fecharam	Fecharam
Meião	Abriu	Abriu
Correios	Fecharam	Fecharam

**COMIDA DE SÃO SEBASTIÃO - REVELAÇÃO**  
Comida alterada no trânsito da cidade

**Tempestade deixa bairros de SP quase 2 dias sem luz**

A tempestade da madrugada de segunda (29) em São Paulo deixou sob a noite os centros vários bairros sem luz. Para facilitar, os moradores foram avisados, em São Paulo, a iluminação. Cerca de 200 mil pessoas estavam às escuras, segundo a Eletropaulo. A empresa alega que o recorde de 4,34 levantes, diluição de torres. *Camêra 01*



Chefe trabalha à luz de velas em bar na Vila Olímpia, na zona oeste de São Paulo

## Sob Dilma, dólar lidera ranking de aplicações

Nos quatro anos de gestão da petista, fundo cambial teve avanço de 59,1%

No primeiro mandato da presidente Dilma, os fundos cambiais, que representam cerca de 27% do patrimônio dos investidores estrangeiros no Brasil, tiveram um desempenho excepcional. De 2011 a 2014, esses fundos indicados como melhores para o ano de 2014 tiveram um ganho líquido de 59,1%, resultado, entre outros pontos, da valorização da moeda com o crescimento da economia americana. Populares no passado e de custo elevado, os fundos cambiais aplicam basicamente em contratos de dólar na Bolsa e em dívida corporada pela moeda do EUA.

Para tanto, há uma série de ações subitâneas apenas 10,7% antes quatro anos de Dilma, abaixo da inflação prevista de 27%. Já o crescimento de 30,7% no período. "Com Dilma, a economia avançou ao Brasil devido ao maior investimento na economia, baixo crescimento e nível de inflação mais baixo do que o esperado", disse Rafael Pacheco, gerente de investimentos da UBS. *Mercado 01*

**Indonésia localiza corpos e pedaços de avião sumido desde domingo**

*Mundo 01*

**SÉRIOS AVALIA**  
Barco noticioso não teve trégua no ano que termina

Quase 60 páginas em alguns dias para o jornal "Barco Noticioso". Nunca se viu tanto conteúdo em um jornal noticioso. O sucesso se consumiu tanto notícia, a qual faz crescer a importância do jornalismo profissional. *Opinion 01*

**EDITORIAIS** *Opinion 02*  
Lula "Companheiro de viagem" a respeito das costas da "Marta da Vila, baby", sobre implicações do assassinato de inteligência artificial.

**ILUSTRADA**  
Ex-jogador vira diretor premiado com filme sobre Cellandino (DF) e

**EQUILÍBRIO**  
"Superpoderes" de alimentos são mais marketing que ciência e

**JAIRO MARQUES**  
Parece bobagem, mas quero olhar mais longe e ir além em 2015 e

**FALE COM A FOLHA**  
Vale a pena entrar em contato com o jornal? Como e onde?

**ATMOSFERA** *Colômbia 02*  
Fotografia de Dilma no Brasil 02  
O público municipal de Curitiba volta a entrar em 12 de janeiro

**ÚLTIMOS DIAS DE IPI REDUZIDO**  
MÁS DETALHES NA PÁGINA 5

Todos juntos fazem um trânsito melhor.

Figura 68– Capa Folha de S. Paulo 31/12/2014

Nos 10 últimos dias do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, as 10 capas não apresentam manchetes, legendas e fotografias com o Presidente. Lula não foi destaque nesse período, no qual já estava reeleito Presidente do Brasil, governando por mais quatro anos. Mas a capa do dia 31 de dezembro de 2010 (Figura 69), referente ao último dia do segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, trouxe uma manchete parecida com a capa do último dia do primeiro mandato de Dilma Rousseff.



Figura 69 – Capa Folha de S. Paulo 31/12/2010

“Sob Lula, Bolsa tem ganho real de 300%”. Na linha fina, o texto “Com exceção do dólar, caderneta de poupança foi a pior aplicação, com rendimento de 21,6% em oito anos”. Essa manchete informou que no governo Lula, houve valorização da Bolsa, mas no texto abaixo, o jornal afirmou que “se deve mais ao resultado de uma conjuntura global... do que a um esforço do governo Lula para fomentar os negócios no mercado de capitais”. Sob o governo Dilma, dólar é valorizado e isso cria aversão ao Brasil; sob governo Lula, bolsa é valorizada por causa do mundo e menos do Brasil. O enquadramento de política dado pela Folha de S. Paulo defende que um governo de centro-esquerda – já que não é mais possível caracterizá-lo como somente de esquerda – estaria dificultando o desenvolvimento econômico brasileiro.

#### 4.4.2 Sete capas com Dilma Rousseff (2016)

Os últimos 10 dias do segundo mandato de Dilma Rousseff foi o período em que mais ela apareceu citada na capa do jornal Folha de S. Paulo. De 10 capas, está presente

em 7, sendo que em 5 delas há fotografias com a Presidenta. A Folha de S. Paulo designou mais espaço na capa do jornal durante o período de afastamento de Dilma Rousseff do cargo de Presidenta do que quando ela assumiu o governo por duas vezes. Os enquadramentos de gênero e política estão evidenciados em cada uma delas.

Especificamente, o tema da Operação Lava Jato é tratado nas próximas capas. Nas capas dos dias 3 e 8 de maio de 2016 (Figuras 70 e 71), as manchetes publicadas faziam conexões de Dilma Rousseff à Operação Lava Jato<sup>89</sup>. Em 3 de maio (Figura 96), o destaque da página informava: “Janot pede inquérito sobre Aécio e já prepara ação contra Dilma” e na linha fina: “Procurador deve ainda incluir Lula em apuração com base em delação de senador; todos negam as acusações”. O texto da manchete abordava a abertura de inquérito contra o senador Aécio Neves (PSDB) e dizia que:

[...] apurou que o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, prepara pedido de abertura de inquérito a ser apresentado ao STF para investigar a presidente Dilma Rousseff (PT). Ela é suspeita de atuar para obstruir investigações da Lava Jato. A ação deve envolver o ex-presidente Lula, que teria sido nomeado chefe da Casa Civil para mudar seu foco de investigação [...]” (FOLHA, 2016)



Figura 70 – Capa Folha de S. Paulo 03/05/2016

<sup>89</sup> Para saber mais sobre a Operação Lava Jato consultar o Ministério Público Federal. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em: 01 fev. 2022.

Cinco dias depois, em 8 de maio (Figura 71), a capa da Folha de S. Paulo trouxe na manchete “Odebrecht relata pressão do BNDES para doar a Dilma” e na linha fina: “Coutinho e Mantega cobravam empresas com projetos fora do país, diz empreiteiro em pré-delação; ambos negam acusação”. A Folha de S. Paulo, assim como grande parte da mídia brasileira, passou a noticiar diariamente o andamento da Operação Lava Jato. Essas duas capas que citam a operação policial também mencionam Dilma Rousseff. Os autores Veiga, Dutt-Ross e Martins apontam que notícias de corrupção podem interferir e até mudar a opinião do eleitor/leitor.

Vários estudos começam a verificar o impacto da informação da corrupção no comportamento dos eleitores (Kinder 1983; Costas-Pérez, Solé-Ollé & Sorribas-Navarro 2012; Relly 2012; Telles, Fraiha & Lopes 2014; Rosón 2016). De modo geral, verifica-se que há efeito no sentido esperado, ou seja, o político anunciado como envolvido em corrupção tende a ter sua imagem fragilizada, contudo, às vezes, aquém do imaginado. (VEIGA; DUTT-ROSS; MARTINS, 2020, p. 8).

Das setes capas que mostraram notícias de Dilma Rousseff em seus últimos 10 dias do segundo mandato, em duas delas ela estava conectada à Operação Lava Jato e nas outras cinco capas, o tema era a concretização de seu impeachment.



Figura 71 – Capa Folha de S. Paulo 08/05/2016

O tema do impeachment de Dilma Rousseff aparece nas capas 72 a 77, tal como a seguir. A foto secundária da capa do dia 4 de maio de 2016 (Figura 72) mostrou a Presidenta Dilma Rousseff em um ato simbólico esportivo em decorrência da realização dos Jogos Olímpicos que aconteceriam em agosto do mesmo ano na cidade do Rio de Janeiro. O fotógrafo Pedro Ladeira clicou a Presidenta acendendo a pira olímpica ao lado da bicampeã olímpica de vôlei Fabiana Claudino, que observou a cena. O quadro da fotografia se refere a uma tradicional e curta cerimônia esportiva. Por outro lado, a legenda da imagem trouxe essa e outras informações e também excluiu um dado importante. A legenda afirmava: “Clima quente: A presidente Dilma acende a tocha olímpica em Brasília; manifestantes a favor e contra o impeachment estiveram perto de condutores do símbolo no 1º dia do revezamento, que irá até o início dos jogos do Rio, em agosto”.



Figura 72 – Capa Folha de S. Paulo 04/05/2016

O enquadramento dado pela Folha nesta imagem na capa é notório. A única informação que consta na fotografia, e que consta na legenda, é a de Dilma Rousseff

acendendo a pira olímpica. Fabiana Claudino não foi identificada na imagem, sendo ela a atleta bicampeã olímpica escolhida para dar início ao revezamento da pira pelo país. O próprio Manual de Redação da Folha de S. Paulo recomenda que a legenda descreva a imagem, ou seja, identifique as pessoas nela incluídas. A legenda afirmou também que naquela cena havia manifestantes "a favor e contra o impeachment", mas eles não aparecem na imagem e nem na fotografia principal da capa, que traz a manifestação dos estudantes na Assembleia Legislativa de São Paulo.

B12 esporte QUARTA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 2016

FORAM 200 HISTÓRICOS, DIZ JOAQUIM CRUZ

Foram 200 manifestantes que participaram do revezamento da pira olímpica em São Paulo. O atleta Fabiana Claudino, bicampeã olímpica, acendeu a pira olímpica durante o evento. O momento foi registrado por uma câmera de segurança do estádio. A imagem mostra a atleta segurando a pira olímpica, com o Brasil ao fundo.

**Dilma prevê 'mais bem-sucedida edição dos Jogos'**

RIO-2016 Presidente entrega a chama para a bicampeã olímpica pelo vôlei Fabiana, que foi a 1ª a conduzi-la no país

**Foram 200 m históricos, diz Joaquim Cruz**

FORAM 200 manifestantes que participaram do revezamento da pira olímpica em São Paulo. O atleta Fabiana Claudino, bicampeã olímpica, acendeu a pira olímpica durante o evento. O momento foi registrado por uma câmera de segurança do estádio. A imagem mostra a atleta segurando a pira olímpica, com o Brasil ao fundo.

**Atletico de Madri vai à 2ª final em três anos**

LIGA DOS CAMPEÕES Time é derrotado pelo Bayern, mas se classifica por ter feito gol fora de casa

**Atletico de Madri vai à 2ª final em três anos**

LIGA DOS CAMPEÕES Time é derrotado pelo Bayern, mas se classifica por ter feito gol fora de casa

Para conferir as informações citadas na legenda que não estavam na fotografia da capa, busquei a matéria completa na página interna da edição. A única imagem de manifestação, publicada na página B12, era a de pessoas a favor do impeachment de

Dilma Rousseff (destaque em vermelho na Figura 73). Por que, então, a Folha de São Paulo citou a manifestação do impeachment na imagem da capa, iniciou a legenda com a expressão “Clima quente” e na página interna só publicou a foto dos manifestantes favoráveis ao afastamento da Presidenta? Parece ser o caso de a equipe jornalística da Folha de S. Paulo ter aproveitado a imagem do fogo da pira olímpica para fazer uma analogia ao clima tenso em Brasília, dando um enquadramento político favorável ao impeachment em uma cena que apenas ilustrava um ato esportivo.

No alto da capa do dia 9 de maio de 2016 (Figura 74), logo abaixo do logotipo do jornal, duas fotografias foram publicadas lado a lado.



Figura 74 – Capa Folha de S. Paulo 09/05/2016

Desta forma posicionadas, as imagens são vistas automaticamente uma seguida da outra, no movimento ocular da esquerda para a direita. A primeira fotografia, de autoria de Carlos Macedo, mostrou Dilma Rousseff pedalando sua bicicleta, trajando roupa e equipamentos (capacete, luvas e óculos) adequados para a prática de exercício físico. A

segunda fotografia, de Eduardo Anizelli, divulgou Michel Temer chegando em Brasília trajando terno e gravata. A legenda para as duas imagens foi: “Entra e Sai: A presidente Dilma Rousseff pedala em Porto Alegre no domingo de manhã; à tarde, o vice Temer chega ao Palácio do Jaburu, em Brasília”. As duas imagens revelam o enquadramento de gênero e política dado pelo jornal. Quanto ao gênero, fazem uma comparação da mulher desfrutando de um suposto momento de lazer, no dia de folga, enquanto o homem que foi chamado a assumir seu lugar vai ao trabalho antes mesmo da segunda-feira.

Dilma Rousseff seria menos comprometida profissionalmente porque foi flagrada pedalando no fim de semana de descanso? Seria Temer mais comprometido com a nação porque chegou engravatado, pronto para o trabalho, na tarde de domingo no Palácio do Jaburu? O quadro de política estampado pelo jornal nesta capa também transmitiu a mensagem implícita de que a Presidenta – que poderia estar fora do jogo político em três dias – não estava mais preocupada com seu cargo, pedalando tranquilamente. Enquanto o vice, que em três dias poderia subir de cargo e se tornar o Presidente do Brasil, trabalhava incessantemente, até no domingo, para compor o seu governo e dar novo rumo ao país. É o “Entra e Sai” do título da legenda. Três dias após a publicação dessas imagens, Dilma saiu porque foi afastada e Temer entrou no lugar dela para assumir a Presidência do Brasil.



Figura 75 – Capa Folha de S. Paulo 10/05/2016

A fotografia de Dilma Rousseff na capa do dia 10 de maio de 2016 (Figura 75) é rara no jornal Folha de S. Paulo. De autoria de Alan Marques, a imagem é incomum – de acordo com as demais fotos dela analisadas nesta pesquisa – porque apresentou a Presidenta como protagonista da cena, ou seja, sozinha, sorrindo, sem careta e olhando para frente. A legenda descreveu assim a imagem: “No Planalto, Dilma Rousseff ri ao ser informada da suspensão do impeachment na Câmara”.

O texto da manchete afirmou apenas que ela teve essa reação durante um evento no Planalto quando foi informada da suspensão. Mas, por que ela riu de fato? Não há mais nenhuma informação no texto que explica o desencadear da reação de Dilma. Há uma imagem, que conectada à legenda e também à manchete, transmite a mensagem de que Dilma Rousseff ri de si própria, debochando de um contexto ruim para ela. Mas qual teria sido a cena de segundos antes e de segundos depois dessa imagem cristalizada? Aqui, aplicar o recurso cineminha – em torno de três fotografias mostrando a reação dela ao ouvir sobre a questão – talvez esclarecesse se a risada de Dilma era de nervoso, surpresa, deboche ou outros. O jornal disse que ela sorriu, isto está provado na imagem, ao saber



A primeira fotografia, de autoria de Eduardo Anizelli, mostrou o cumprimento entre Michel Temer e Renan Calheiros. A legenda informou: “Renan recebe Temer em reunião em sua residência oficial”. A fotografia ao lado, de autoria de Pedro Ladeira, apresentava Dilma acenando em despedida. A legenda dizia: “Dilma vai a evento sobre mulheres, talvez o último no cargo”. Mais do que na manchete e nas legendas, o enquadramento de política da Folha de S. Paulo está nas imagens que mostram Michel Temer chegando para comandar o país e Dilma Rousseff indo embora do cargo. A legenda informou que ela foi a um evento de mulheres. Para conectar com a legenda, a fotografia mais apropriada aqui poderia ser alguma cena desse encontro com as outras mulheres. Conquanto, o periódico preferiu o *framing* de despedida para confirmar a informação levantada pela Folha de S. Paulo que ela seria afastada em função do número de votos.

A capa da Folha de S. Paulo (Figura 77) referente ao último dia, 12 de maio de 2016, de Dilma Rousseff como ocupante do cargo de primeira e única mulher Presidenta da República repetiu o enquadramento de gênero e de política que o diário deu na maioria das capas dela aqui analisadas. Se nas capas anteriores, a equipe jornalística da Folha de S. Paulo escolheu fotografias de Dilma atrapalhada ao colocar a faixa presidencial, pedalando sua bicicleta enquanto Temer trabalhava, as mãos em posição de oração junto à manchete da Petrobras, dando adeus um dia antes da votação do impeachment no Senado, entre outras mais, a última imagem é de uma Presidenta espiando atrás da cortina.

# FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

55

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 104 • QUINTA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 2016 • Nº 33.816

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 19h • R\$ 3,50

folha.com.br

**MÔNICA BERGAMO**  
Plano de reforma da Previdência só afeta novos beneficiários

O vice Michel Temer avisou a líderes de partidos que sua proposta de reforma da Previdência só afetará quem ingressar no sistema a partir da aprovação no Congresso. Ele quer diminuir as previsões e fazer resistências a mudanças como o estabelecimento de idade mínima por aposentadorias. **Matada C2**

**PAIHEL**  
Petista dá sinais de esgotamento, mas descarta renúncia

**JANIO DE FREITAS**  
Ao nomear Levy, Dilma train seu eleitor e se perdeu

**ROGERIO CHEQUEER**  
Renovação tem de ouvir a voz que vem da rua

**RENATO JANINE RIBEIRO**  
Passada a bolha de confiança, a crise pode piorar

**MATIAS SPECTOR**  
Fim de governo do PT abre disputa na esquerda brasileira

**EDITORIAIS**  
Lata "O Inimigo e o Príncipe", sobre o afastamento de Dilma Rousseff, é "liber sob regras", a respeito de regulamentação do serviço de transporte.

**RODIZIO**  
Não deve ser usado como meio para não ficar sem

**ATMOSFERA**  
Da com muita rapidez destruído

**FALE COM A FOLHA**  
Serviço de atendimento ao leitor e esclarecimento de dúvidas

**CONTATO**  
Folha de São Paulo - Agência de Notícias - Rua do Diário da Manhã, 111 - 01046-000 - São Paulo - SP

**QUERER**  
Terceiro é socorrido após grãde do anel inferior da arquibancada do Morumbi cair durante comemoração do gol de São Paulo, ferindo ao menos 16 pessoas; equipe vence Atlético-MG por 1 a 0 pela Copa Libertadores Superliga

## Temer alterará governo para priorizar comércio exterior

Ao assumir Presidência, vice vai comandar principal órgão de formulação de políticas do setor



NO CASO PLANO Dilma Rousseff e Jaques Wagner (chefe de Gabinete) observam de janela arredor do Planalto, durante a votação no Senado; em seu último dia no cargo, presidente prepara discursos, grava vídeo para a internet e publica 14 decretos **Podar A10**

O vice-presidente, Michel Temer (PMDB-SP), decidiu transferir para a Presidência o comando da Câmara (Câmara de Comércio Exterior) em sua última gestão.

O órgão, hoje esvaziado, será o centro de formulação da política comercial sinalizada uma das prioridades para recuperar a economia.

A câmara atualmente é chefiada pelo ministro do Desenvolvimento. A pasta perderá ainda a Apece, secretaria de promoção de exportações, que será incorporada ao Ministério das Relações Exteriores, como sucederá José Serra (PSDB-SP) à frente.

A formação do ministério sobre preceito do PMDB no Senado, que planeja a integração Nacional, e do militar, que criticaram o nome do deputado Newton Cardoso Jr. (PMDB-MG) para a Defesa - Temer refusa o convite.

O economista chefe da Ibrac, Ilan Goldfajn, deve presidir o Banco Central, segundo assessores do vice.

Se mantida a atual configuração, Temer será o primeiro desde Ernesto Geisel (1974-79) a não incluir ministros no ministério. **Podar A4**

**PRÓXIMOS PASSOS NESTA QUINTA** Em caso de afastamento da presidente por até 180 dias

- 1 Após ser notificada pessoalmente, Dilma é afastada do Palácio do Alvorada
- 2 Michel Temer também é notificado e passa a ser presidente interino
- 3 A expectativa de Temer é assumir o governo presidencial por volta das 15h
- 4 Em seguida, o presidente eleito deve discursar e dar posse aos ministros

**STF nega recurso de Dilma para barrar processo de impeachment**

O ministro do STF Teori Zavascki rejeitou nesta quarta (11) recurso do governo contra o impeachment de Dilma. Ele rejeitou argumentos da ADPF de julgamento "viciado".

Com a decisão, a sessão do Senado sobre o afastamento da presidente foi reunida e seguiu, até as 2h, sem previsão de término. **Podar A6 e A9**

**'Vamos correr os riscos', afirma Aécio sobre apoio à gestão de vice**

**PT diz que votará na Câmara contra todos os projetos do novo governo**

**PROMOÇÃO TEST DRIVE CAMPEÃO NISSAN**  
Uma oportunidade para você testar a qualidade de um Nissan March Rio 2016 por semana!

**PEDESTRE, USE SUA FAIXA.**

Reservar: 0800 00 00 00

Reservar: 0800 00 00 00

Reservar: 0800 00 00 00

Figura 77 – Capa Folha de S. Paulo 12/05/2016

O quadro exposto pelo jornal Folha de S. Paulo, por meio desta imagem, de autoria de Pedro Ladeira, foi de uma mulher se escondendo atrás de um pano e atrás de um homem, no caso, seu chefe de Gabinete, Jaques Wagner. Dilma Rousseff começou e terminou seus mandatos, de acordo com as capas analisadas na Folha de S. Paulo, como coadjuvante e nunca protagonista. E quase sempre com um homem ao seu redor. O contraditório é que na legenda da foto, o jornal admitiu que, mesmo no último dia de trabalho, Dilma Rousseff cumpriu o que prometeu ao seu eleitorado: governar até o fim. A legenda informou: “Cai o pano: Dilma Rousseff e Jaques Wagner (chefe de Gabinete) observam da janela arredor do Planalto, durante a votação no Senado; em seu último dia no cargo, presidente prepara discursos, grava vídeo para a internet e publica 14 decretos”.

Em contrapartida, os últimos 10 dias do segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, de 10 capas no jornal Folha de S. Paulo, ele foi notícia em 3 delas. A capa do dia

22 de dezembro de 2010 (Figura 78) fez uma comparação entre o Presidente e a Presidenta eleita. A manchete dizia: “Para 83%, Dilma vai ser igual ou melhor que Lula”. A linha fina complementou: “Maior esperança está na área de saúde; pior expectativa se relaciona ao combate à corrupção, mostra Datafolha”. De acordo com o *corpus* desta pesquisa, essa é a única manchete que noticiou Dilma Rousseff em relação de igualdade e superioridade (53% dos entrevistados responderam ao Datafolha que ela seria melhor que ele) ao seu antecessor Luiz Inácio Lula da Silva. Isso ocorreu nove dias antes de Dilma Rousseff assumir a Presidência pela primeira vez.



Figura 78 – Capa Folha de S. Paulo 22/12/2010

A última capa na qual Luiz Inácio Lula da Silva apareceu na Folha de S. Paulo, ainda ocupando o cargo de Presidente, foi dois dias antes do término do seu segundo mandato, no dia 30 de dezembro de 2010 (Figura 79).



Figura 79 – Capa Folha de S. Paulo 30/12/2010

Tanto a manchete quanto a fotografia apresentaram um Presidente protagonista da história que construiu enquanto comandou a nação durante oito anos consecutivos, entregando um país em crescimento para sua sucessora. Nem mesmo o escândalo do Mensalão<sup>90</sup>, ocorrido no final do primeiro mandato de Lula, foi capaz de abalar a reputação dele como chefe do Estado. A última manchete dizia: “Petrobras anuncia reserva recorde e a batiza de Lula”. A linha fina complementou: “Com 8,3 bilhões de barris, campo agrega o equivalente a mais da metade do petróleo que o país tinha”. A fotografia, de autoria de Lula Marques, mostrou um *close up* de Lula olhando para a lente do fotógrafo e fazendo o sinal de positivo com o polegar. A legenda informou: “Lula acena durante lançamento de pedra fundamental de refinaria da Petrobras no Ceará”. A terceira capa referente a esse período (Figura 69) já foi apresentada e analisada acima junto a uma capa com Dilma Rousseff.

<sup>90</sup> Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641241>. Acesso em: 2 fev. 2022.

#### 4.5 Capas extras e complementares

Durante a constante revisão e atualização bibliográfica – além da checagem de coleta de capas – para a realização desta pesquisa, ao tomar mais conhecimento sobre o funcionamento dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín, me deparei com algumas capas extras que não constavam no *corpus* definido para análise. Porém, as trago aqui nesse espaço porque um olhar mais atento a elas nos ajuda a entender o *modus operandi* tanto da equipe jornalística da Folha de S. Paulo quanto da do Clarín em relação às Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner.

O livro **Folha Explica** (2012) apontou que uma das missões do jornal é ser uma empresa jornalística apartidária e, para isso, desde os anos 90 começou a realizar investigações sobre os políticos de diferentes partidos. Porém, essa obstinação também levou o jornal a erros, que passaram a ser reconhecidos como tais na seção chamada "Erramos", localizada no pé da página 3, logo abaixo do Painel do Leitor. A criação da seção ocorreu em 1991, quando o jornal completou 70 anos. De acordo com o Manual de Redação da Folha de S. Paulo:

A Folha retifica, sem eufemismos, os erros que comete. A retificação deve ser publicada assim que a falha for constatada, mesmo que não haja pedido externo à redação. As correções são feitas na seção Erramos ou, em casos de gravidade excepcional, na Primeira Página (aí também acompanhadas do título Erramos). A publicação de um “Erramos” depende de consulta prévia à Direção de Redação. Ao redigi-lo, procure acrescentar novas informações e não apenas corrigir as que foram publicadas com erro. Identifique claramente data, editoria, página e texto, citando seu título. Certifique-se de que, ao redigir um “Erramos”, nenhum novo erro tenha sido introduzido. (1992, p. 72)

Além da própria Redação perceber os erros cometidos, em geral, as incorreções são apontadas pelos leitores, que escrevem para o ombudsman ou diretamente para as editorias<sup>91</sup>. Retornando aos erros cometidos na cobertura política, o livro **Folha Explica** revelou episódios ocorridos com o Presidente Luís Inácio Lula da Silva e com a Presidenta Dilma Rousseff.

Em 1998, publicou incorretamente na manchete que um carro de Lula havia sido vendido a empresa que financiava sua campanha, e não a um amigo, como declarara o então candidato. Quatro dias depois, também na capa do jornal, saía o título “Lula não vendeu carro para doador”. No

<sup>91</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2020/11/folha-foi-o-1o-jornal-brasileiro-a-ter-espaco-fixo-para-correcao-de-erros.shtml>. Acesso em: 13 dez. 2021.

texto justificava-se: “A reportagem baseou-se em um documento emitido pelo Detran-SP. Ontem, o Detran reconheceu o erro no documento”. (PINTO, 2012, p.95)

A capa do dia 15 de agosto de 1998 (Figura 80) trouxe a manchete “Carro de Lula foi para doador eleitoral”. Após o reconhecimento do erro da reportagem, quatro dias depois, na capa do dia 19 de agosto de 1998 (Figura 81), a segunda manchete corrigia: “Lula não vendeu carro para doador”.



Figura 80 – Capa Folha de S. Paulo 15/08/1998



Figura 81 – Capa Folha de S. Paulo 19/08/1998

Onze anos depois da notícia incorreta sobre o candidato Lula, a Folha de S. Paulo cometeu também um erro grave com a candidata à Presidência do Brasil, Dilma Rousseff. A notícia falsa publicada sobre Dilma Rousseff dialoga com a investigação desta pesquisa. Por isso as publicações, tanto a equivocada quanto a retratada, seguem também publicadas e analisadas.

A notícia equivocada está na capa do dia 05 de abril de 2009 (Figura 82), que traz como uma das manchetes, no alto à esquerda, a suposta participação de Dilma Rousseff no planejamento do sequestro do então ministro Delfim Netto em 1969. A manchete afirmava “Grupo de Dilma planejou o sequestro de Delfim Netto”. O título da matéria

repetia: “Grupo de Dilma planejava sequestrar Delfim”. A repórter Fernanda Odilla usou como fonte de sua investigação uma ficha policial manipulada que estava circulando pela internet, e que foi enviada para ela por uma fonte via e-mail. Na parte interna do diário, a matéria ocupou duas páginas inteiras (Figuras 83 e 84) na editoria Brasil.



Figura 82 – Capa Folha de S. Paulo 05/04/2009

Já a publicação retratada está na capa do dia 25 de abril de 2009, 15 dias depois da notícia falsa veiculada, na qual o jornal reconheceu publicamente seu erro ao publicá-lo na seção Erramos (Figura 85) e também em uma matéria de meia página (Figura 86) na editoria Brasil. Embora o Manual de Redação da Folha de S. Paulo recomende que em “casos de gravidade excepcional”, o erro precisa ser noticiado na Primeira Página, seguido do título Erramos, o periódico decidiu que tal acusação à Dilma Rousseff não configurava um caso grave. Na capa deste dia, havia apenas uma chamada de Dilma sobre seu tratamento contra o câncer, na época, e nenhuma linha sobre a notícia falsa publicada anteriormente com destaque na capa.

### MEMÓRIA DA DITADURA

## Grupo de Dilma planejava sequestrar Delfim

Ex-integrante da cúpula do organização terrorista dá detalhes do plano, do qual a ministra declara jamais ter tido conhecimento

**VIDA DE GUERRILHEIRA**  
Fotografia de Delfim no Supermercado Militar transporta mensagens das esquerdas de Dilma em Brasília



**VIDA DE GUERRILHEIRA**  
Em 1972, a estudante de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, Dilma Rousseff, conheceu o líder do grupo de esquerda Delfim Netto. Ela se tornou sua amante e, em 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se casou com ele. O casal teve dois filhos: Eduardo e Delfim Neto. Dilma trabalhou para o grupo de esquerda durante a ditadura militar e foi considerada uma das principais líderes do movimento.

**Ex-guerrilheira é elogiada por militares e vista como 'cérebro' do grupo**  
Dilma Rousseff, ex-guerrilheira, é vista como o 'cérebro' do grupo de esquerda que planejava sequestrar Delfim Netto. Ela foi elogiada por militares e vista como uma das principais líderes do movimento.

### MEMÓRIA DA DITADURA

## Aos 19, 20 anos, achava que eu estava salvando o mundo

Dilma diz não ter a mesma cabeça da época em que era guerrilheira, mas se orgulha de não ter mudado de lado, e sim de métodos

**DILMA ROUSSEFF MINISTRA DA CASA CIVIL**

**U**ma mulher jovem e bonita, Dilma Rousseff, de 1975, a ditadura como a maioria dos "jovens esquerdistas" de sua época: acreditava na luta armada e na revolução. Ela se tornou uma das principais líderes do grupo de esquerda que planejava sequestrar Delfim Netto.

**Ex-guerrilheira é elogiada por militares e vista como 'cérebro' do grupo**  
Dilma Rousseff, ex-guerrilheira, é vista como o 'cérebro' do grupo de esquerda que planejava sequestrar Delfim Netto. Ela foi elogiada por militares e vista como uma das principais líderes do movimento.



Figura 83 – Pág. interna Folha de S. Paulo 05/04/2009      Figura 84 – Pág. interna Folha de S. Paulo 05/04/2009

**Erramos**  
erramos@uol.com.br

**PRIMEIRA PÁGINA (5.ABR)** A ficha criminal da ministra Dilma Rousseff que acompanhou o texto "Grupo de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto", também reproduzida na reportagem "Aos 19, 20 anos, achava que eu estava salvando o mundo" (Brasil, pág. A10), não tem como origem o "arquivo [do] Dops", e sim um e-mail enviado à reportagem da **Folha**. A ficha não poderia ter sido tratada como autêntica, porque não há provas de que seja. Leia mais sobre o assunto na pág. A12 (Brasil) de hoje.

Figura 85 – Seção Erramos Folha de S. Paulo 25/5/2009



Apesar da minha negativa durante a entrevista telefônica de 30 de março [...] a matéria publicada tinha como título de capa “Grupo de Dilma planejava sequestro de Delfim”. O título, que não levou em consideração a minha veemente negativa, tem características de “factoide”, uma vez que o fato, que teria se dado há 40 anos, simplesmente não ocorreu. Tal procedimento não parece ser o padrão da Folha. (FOLHA DE S. PAULO, 2009, p. A13)

O texto ainda informou que após ler a reportagem, Dilma telefonou à Folha pedindo detalhes da ficha. Na carta que enviou ao ombudsman, a então Ministra da Casa Civil revelou:

Solicitei formalmente os documentos sob a guarda do Arquivo Público de São Paulo que dizem respeito a minha pessoa e, em especial, cópia da referida ficha. Na pesquisa, não foi encontrada qualquer ficha com o rol de ações como a publicada na edição de 5 de abril de 2009. (FOLHA DE S. PAULO, 2009, p. A13)



Figura 87 – Mugshot de Dilma Rousseff  
Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

A fotografia (Figura 87) compõe a imagem da ficha falsa de Dilma Rousseff publicada pela Folha de S. Paulo. A fonte verdadeira desta imagem é do Arquivo Público do Estado de São Paulo e trata-se de um *musghot*. Em uma tradução livre do inglês, *musghot* significa retrato falado, foto de ficha policial ou foto de prisioneiro. A imagem de Dilma Rousseff é um *mugshot* produzido pelos agentes da Ditadura para a ficha do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). De acordo com Lessa Filho (2019, p. 103), “os *mugshots* originalmente serviriam para fichar, documentar e condenar os

resistentes políticos e que, alçados ao tempo, acabam por materializar-se na prova cabal dos crimes cometidos pelos militares brasileiros”.

Por fim, as capas extras do Clarín demonstram a relação entre o jornal e o governo dos Kirchner. A alta cúpula do jornal Clarín não esconde suas adversidades com os governos de Néstor e Cristina Kirchner. Tampouco Cristina Kirchner se cala ao fazer críticas ao periódico, tanto que dedicou várias páginas em sua autobiografia para comentar sobre essa relação de paz e guerra entre ambos. Na ocasião dos 75 anos do jornal, comemorado em 2020, o site do periódico faz uma retrospectiva da existência do diário argentino, incluindo acusações de que os Kirchner “elegeram o jornalismo como um de seus adversários”<sup>92</sup>.

Um dos conflitos mais notórios entre o jornal e o governo argentino ocorreu com a aprovação da lei N° 26.522, a *Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual*, também conhecida como *Ley de Medios*, em 10 de outubro de 2009. O projeto desta lei foi enviado pela Presidenta Cristina Kirchner ao Congresso em 27 de agosto do mesmo ano. O foco principal dos artigos da lei era barrar a formação de novos monopólios de comunicação no país (RAUSCHENBERG, 2016).

Totalmente contra a aplicação da lei, que atingia seus interesses empresariais, o Grupo Clarín acionou seus advogados para contestá-la. Algumas capas do Clarín também retrataram pública e explicitamente o repúdio do periódico sobre o tema. Por exemplo, na capa do dia 16 de dezembro de 2011 (Figura 88), a manchete afirmava “O Governo avança no controle dos diários”. E, na capa do dia 18 de dezembro do mesmo ano (Figura 89), o Clarín publicou o primeiro capítulo da Constituição Nacional argentina sobre declarações, direitos e garantias. O artigo 32, reproduzido na capa abaixo, afirmava: “O Congresso federal não ditará leis que restrinjam a liberdade de imprensa ou estabeleçam sobre ela a jurisdição federal”. Todas as demais chamadas da mesma capa trouxeram o assunto sobre a *Ley de Medios*.

---

<sup>92</sup> Disponível em: [https://www.clarin.com/sociedad/diario-origen-sello-grupo-clarin\\_0\\_VIbUJfR47.html](https://www.clarin.com/sociedad/diario-origen-sello-grupo-clarin_0_VIbUJfR47.html). Acesso em 15 dez. 2021.



Figura 88 – Capa Clarín 16/12/2011



Figura 89 – Capa Clarín 18/12/2011

Em sua autobiografia, Cristina Kirchner comentou, em algumas passagens, a relação dela com o Clarín. Um dos capítulos tem o intertítulo *De Crítica a Clarín* e Cristina Kirchner pontuou que, ao citar a relação dos meios de comunicação com a política argentina, seria necessário falar do Grupo Clarín.

Nas eleições de 24 de fevereiro de 1946, o Clarín demorou um mês para reconhecer o triunfo de Perón e para isso utilizava a lentidão do escrutínio - apesar de o triunfo do peronismo já ter sido reconhecido - e espalhou diversas notícias ao longo daquele mês que questionavam o verdadeiro resultado eleitoral<sup>93</sup>. (KIRCHNER, 2019, p. 523, tradução nossa)

Cristina Kirchner relembrou um pouco de sua experiência com o diário argentino.

Minha relação com este grupo teve distintas etapas e passou por diferentes momentos. Em 1997 fui expulsa do bloco de senadores do PJ [Partido Justicialista] durante a Presidência de Carlos Menem. Clarín me tratou muito bem nessa época, mas não pela minha oposição às políticas menemistas, mas porque durante o ano anterior houve uma briga pessoal feroz entre o jornal e o então ministro da Defesa, Oscar Camilión, e sem saber disso fiquei ao lado de Clarín<sup>94</sup>. (KIRCHNER, 2019, p. 523, tradução nossa)

<sup>93</sup> Original em espanhol: “En las elecciones del 24 de febrero de 1946 Clarín tardó un mes eii reconocer el triunfo de Perón y para eso utilizaba la lentitud del escrutinio - a pesar de que se había reconocido ya el triunfo del peronismo - y difundió durante todo ese mes distintas noticias que ponían en duda el verdadero resultado electoral”.

<sup>94</sup> Original em espanhol: “Mi relación con ese grupo tuvo distintas etapas y pasó por diferentes momentos.

O primeiro conflito explícito e assumido entre a então senadora Cristina Kirchner e o CEO do Clarín Héctor Magnetto ocorreu em 2006, durante o mandato de Néstor Kirchner. O motivo da discussão foi a aprovação da reforma da Lei de Conselho da Magistratura. Segundo Cristina Kirchner, no final de um almoço na *Quinta de Olivos*<sup>95</sup>, na presença de alguns convidados, Magnetto lhe disse na saída da sala de jantar:

“Não podem fazer a reforma, as pessoas não concordam, a rua não concorda, tem muita crítica e opinião negativa”. Então eu respondi: “Oh, Hector”, não o chamava por Magnetto, lhe dizia Hector. A rua? Você está falando sério? Você acha que 'a rua' sabe o que estamos discutindo no Senado? 'A rua' nem sabe o que é o Conselho da Magistratura, é você que discorda, não a rua. Olha, vocês podem seguir produzindo vinte mil editoriais e artigos contra mim que continuarei a opinar o mesmo e votando o mesmo”. Acho que Magnetto, naquele dia, se deu conta que não poderia me intimidar com os títulos do Clarín. Sinceramente, não me afetavam. Creio que aí ele foi advertido, por não ter medo deles, que eles não podiam me manobrar<sup>96</sup>. (KIRCHNER, 2019, p. 528, tradução nossa)

As capas extras da Folha de S. Paulo e do Clarín, e também os bastidores dos acontecimentos – como as passagens reveladas no livro de Cristina Kirchner – demonstraram que essas duas empresas jornalísticas já expunham notícias sobre Dilma Rousseff e Cristina Kirchner – antes de elas se tornarem Presidentas – com enquadramentos de gênero e de política evidentes. Para o jornal Folha de S. Paulo, Dilma era uma ex-guerrilheira que tinha planejado sequestrar Delfim Neto no final dos anos 60. Para o jornal Clarín, Cristina Kirchner era a controladora dos meios de comunicação na Argentina. Tais estereótipos foram nutridos pela mídia hegemônica brasileira e argentina.

---

En 1997 fui expulsada del bloque de senadores del PJ durante la presidencia de Carlos Menem. Clarín me trató muy bien em esa época, pero no por mi oposición a las políticas menemistas, sino porque durante el año anterior hubo una pelea personal encarnizada entre el diario y el entonces ministro de Defensa, Oscar Camilión, y sin saberlo quedé del lado de Clarín”.

<sup>95</sup> Residência oficial da Presidenta/Presidente da Argentina.

<sup>96</sup> Original em espanhol: “No pueden sacar la reforma, la gente no está de acuerdo, la calle no está de acuerdo, hay mucha crítica y opinión negativa”. Entonces le contesté: “Ay, Héctor -no le decía Magnetto, le decía Héctor-. ¿La calle? ¿Me lo dice en serio? ¿Usted cree que 'la calle' sabe qué estamos discutiendo en el Senado? 'La calle' ni siquiera sabe lo que es el Consejo de la Magistratura, son ustedes los que no están de acuerdo, no la calle. Mire, pueden seguir sacando veinte mil editoriales y artículos en mi contra que voy a seguir opinando lo mismo y votando lo mismo”. Creo que Magnetto, ese día, se dio cuenta que no podía amedrentarme con los títulos de Clarín. Sinceramente no me afectaban. Creo que ahí advirtió que, al no tenerles miedo, no podrían manejarme”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após observar 154 capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín e analisar as manchetes, as fotografias e as legendas em 60 delas, essa pesquisa de mestrado concluiu que os enquadramentos de gênero e de política dados pelos periódicos às Presidentas sul-americanas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner informaram que as mulheres atuantes no campo político – principalmente quando ocupam o cargo mais alto na hierarquia de poder de uma nação – foram noticiadas como coadjuvantes em comparação com os Presidentes Néstor Kirchner e Luiz Inácio Lula da Silva, sempre presentes nas publicações investigadas.

Para os diários brasileiro e argentino, eles eram os "Presidentes" e elas eram as "eleitas". No jornal Folha de S. Paulo, Dilma Rousseff recebeu, e ainda recebe, o tratamento de Presidente ao invés de Presidenta. Diante das 60 capas analisadas, principalmente quando os jornais brasileiro e argentino definem também que eles são “criadores” e elas são “criaturas”, é percebido uma problemática na qual pode haver uma recusa em se reconhecer mulheres em posição de autoridade, enquanto autoridades investidas de poder efetivo. Ou seja, há o reconhecimento de que elas foram eleitas, mas, ao mesmo tempo, existe a desconfiança de que elas tenham poder efeito, já que podem ser consideradas “criaturas” manipuladas pelos seus “criadores”.

Nas fotografias das capas da Folha de S. Paulo, raramente Dilma Rousseff apareceu sozinha porque Luiz Inácio Lula da Silva geralmente estava inserido na foto com ela ou em outra imagem compondo o quadro da capa. Já nas imagens com Lula na capa do diário, durante seus mandatos como Presidente, ele era retratado sozinho ou com outras pessoas que faziam parte da cena. Para citar alguns exemplos analisados, Lula aparece rodeado por seus eleitores no Palácio da Alvorada, em sua primeira reunião ministerial, junto à população durante suas viagens etc.

Cristina Kirchner foi a menos favorecida no quesito fotografia no Clarín. Das 40 capas, referentes aos 10 primeiros e 10 últimos dias dos dois mandatos da Presidenta argentina, somente três fotografias com Cristina Kirchner foram publicadas. Elas eram imagens pequenas, quase que um retrato do tamanho três por quatro, e confinadas na quinta coluna à direita do periódico argentino. Outra questão que se levanta é sobre essa invisibilidade de Cristina Kirchner no Clarín. Pode-se inferir que há um certo apagamento da representação da política no jornal do corpo feminino, ainda mais se tratando de

Cristina Kirchner que tem uma presença muito forte, inclusive, fisicamente. Já o seu antecessor, Néstor Kirchner, que só teve um mandato como Presidente da Argentina, ou seja, menos capas para serem comparadas, foi mais fotografado que ela. No total de 20 capas, ele apareceu em cinco fotografias, também pequenas.

De modo quantitativo, as Presidentas acumularam mais capas em relação aos seus antecessores. Das 60 capas, Cristina Kirchner foi noticiada em 20 delas no Clarín; Dilma Rousseff em 18 capas na Folha de S. Paulo; Luiz Inácio Lula da Silva em 13 no diário brasileiro e Néstor Kirchner em 9 capas no periódico argentino. Segundo as análises feitas, Cristina foi citada em mais capas porque teve dois mandatos contra um de Néstor. No mesmo quesito, Dilma Rousseff ficou na frente de Lula porque a repercussão do processo de impeachment da Presidenta rendeu mais notícias na capa da Folha de S. Paulo do que os outros períodos do mandato dela.

De acordo com o recorte temporal desta pesquisa, em um dos períodos de 10 dias a Folha de S. Paulo não publicou manchete, fotografia e/ou legenda sobre Dilma Rousseff. Esse mesmo procedimento ocorreu em dois períodos com Luiz Inácio Lula da Silva. A Presidenta não foi noticiada durante os 10 primeiros dias do seu segundo mandato. Com Lula, isso ocorreu durante os 10 últimos dias de seu primeiro mandato e os 10 primeiros dias de sua segunda gestão. Nesta comparação, Dilma Rousseff esteve mais presente nas capas do jornal do que Luiz Inácio Lula da Silva.

Outro fato interessante captado pela investigação é sobre o período em que Dilma Rousseff foi mais noticiada na capa da Folha de S. Paulo. Isso ocorreu durante os 10 últimos dias antes do seu afastamento do cargo de Presidenta do Brasil. A Folha de S. Paulo retratou a Presidenta em sete capas, sendo que cinco delas continham fotografias da governante. Para a equipe jornalística da Folha de S. Paulo, Dilma Rousseff foi mais vezes considerada notícia ao ser afastada do governo do que quando governava a nação. Mas, por que será que Dilma Rousseff teve mais visibilidade justamente neste período de saída do cargo do que enquanto governava a nação? Esse tratamento dado à única Presidenta do Brasil também pode ser entendido como recusa em reconhecer a posição de autoridade que o mandato dela trazia, como já citado acima.

As fotografias publicadas nos jornais brasileiro e argentino – principalmente na Folha de S. Paulo – confirmam o que Nöth e Santaella comentam sobre o trabalho dos fotógrafos e das fotógrafas (no corpus desta pesquisa, duas brasileiras e uma argentina) quando estão atuando em campo.

Há uma compulsão de tomar a câmera entre as mãos, uma compulsão de praticar o ato (aparentemente inconfessável). [...] Qualquer repórter fotográfico já experimentou esse pequeno estar fora de si, esse pequeno êxtase, quando a pulsão fotográfica o transforma numa espécie de caçador feroz e puramente instintivo, um animal fótico, um predador visual de coisas diáfanas, com todo o seu ser em estado de total eriçamento, um Rambo das sensações delicadas. (NÖTH; SANTAELLA, 1998, p. 115)

Os profissionais da fotografia – fotógrafos(as) e editores(as) – do diário brasileiro cumpriram o que manda o Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1992). O valor informativo de uma imagem vale mais que a sua qualidade técnica. Ou seja, a fotografia precisa contar a história que o jornal decide contar para seu público leitor. Neste aspecto, o diário brasileiro demonstrou a importância que a fotografia e seus profissionais têm no processo de criação de uma capa.

O mesmo não foi observado no argentino Clarín. Com exceção das imagens das capas das vitórias nos dois mandatos de Cristina Kirchner e na foto da cerimônia de posse em seu segundo mandato, o Clarín não investiu em fotografias com a Presidenta. Tanto que a imagem da cerimônia de posse do primeiro mandato da governante leva a assinatura da *Presidencia de la Nación*. Isso significa que a foto publicada no Clarín foi concedida pela equipe presidencial. Entende-se que o jornal não enviou fotógrafo para a cobertura jornalística do evento ou, se o fotógrafo foi, o seu trabalho não foi utilizado na capa.

O material analisado neste estudo mostrou que a visibilidade das Presidentas nos periódicos ficou aquém na comparação com a visibilidade dada aos Presidentes. E, mais do que quantificar e qualificar a visibilidade, essa pesquisa buscou observar as camadas abaixo do que está emoldurado e envernizado, revelando a forma como gênero e política se articulam nas abordagens jornalísticas acerca de Dilma Rousseff e Cristina Kirchner.

O objetivo desta dissertação não era investigar as equipes jornalísticas responsáveis pela criação das capas dos jornais. Não havia tempo disponível para tal estudo de campo e, justamente por isso, pesquisar os perfis da Folha de S. Paulo e do Clarín e suas linhas editoriais foram prioridades. Portanto, não há como saber quantas mulheres e homens ocupavam os cargos de chefia nas Redações dos jornais pesquisados, de acordo com o recorte temporal. Nessa direção, também seria uma questão a ser investigada se a presença de mulheres na condição de chefes de Redação mudaria os destinos de Dilma Rousseff e Cristina Kirchner nas capas. Uma recente pesquisa feita pela *Reuters Institute For The Study of Journalism* junto com a *University of Oxford*

revelou que menos de um terço dos editores-chefes nas grandes Redações são mulheres, ainda que, em média, 40% dos profissionais jornalistas no mercado sejam mulheres, incluindo o Brasil. (ANDI; SELVA; NIELSEN, 2020).<sup>97</sup>

Apesar dos obstáculos que a Folha de S. Paulo colocou no caminho de Dilma Rousseff e dos obstáculos colocados no caminho de Cristina Kirchner pelo Clarín, as duas Presidentas sul-americanas conseguiram avançar e romper temporariamente as barreiras da dominação masculina, tanto no espaço público quanto nas instituições políticas. Enfim, elas chegaram no lugar que nunca foi pensado para elas: Presidenta do Brasil e Presidenta da Argentina, e por duas vezes cada uma.

De fato, mudanças ocorreram dentro dos ministérios a partir da chegada delas à Presidência. Mulheres passaram também a ocupar outros cargos importantes dentro dos governos. Por exemplo, nas gestões de Dilma Rousseff, durante seis anos, 13 mulheres foram nomeadas ministras e mais 6 lideraram secretarias, garantindo uma maior presença feminina no Planalto Central. Mas assim que Dilma sofreu o golpe parlamentar e seu vice Michel Temer assumiu como Presidente do Brasil, esse esforço pela paridade de gênero em cargos superiores foi radicalmente revertido. O que se observou (Figura 90) foi o retorno da presença de corpos vestidos com terno e gravata.



Figura 90 - Gabinetes ministeriais de Dilma Rousseff e de Michel Temer  
 Fonte: Fotos divulgadas no Instagram e publicadas na revista Marie Claire.  
 Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2016/05/ausencia-de-mulheres-no-ministerio-de-temer-gera-polemica.html>. Acesso em: 20 agosto 2021.

<sup>97</sup> *Women and Leadership in the News Media 2020: Evidence from Ten Markets*. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/women-and-leadership-news-media-2020-evidence-ten-markets>. Acesso em 25 fev. 2022.

Esta foto comparativa dos ministérios revela o absoluto extermínio das mulheres nesse lugar, e prova que as conquistas não estão asseguradas, portanto, a conquista do espaço político pelas mulheres trata-se de um trabalho contínuo. Mais uma vez retomo a questão da relevância do registro jornalístico deste tempo histórico, de quando Dilma e Cristina eram Presidentas e referências mundiais sobre a possibilidade da presença das mulheres nos lugares onde elas queiram, principalmente no campo político.

Neste momento, que encerro essa dissertação, a América Latina tem um único país sendo governado por uma mulher: Xiomara Castro, em Honduras. Após ocupar o cargo de chanceler (primeira-ministra) alemã por 16 anos, Angela Merkel se despediu do governo no final do ano passado. Os Estados Unidos têm, desde 2021, a primeira vice-Presidenta, Kamala Harris. Na Nova Zelândia, a primeira-ministra Jacinda Ardern está em seu segundo mandato após ser reeleita em 2020, ano do início da pandemia de Covid-19. O controle da doença, sob sua gestão, é considerado exemplo para o mundo. Estes são alguns bons exemplos de mulheres governantes, mas a representatividade feminina no campo político ainda é pequena.

Quando a América Latina voltará a ter quatro mulheres, ou mais, comandando simultaneamente seus países? Quais mulheres latino-americanas, hoje, estão dispostas e encorajadas para enfrentar o desafio, em muitos sentidos, de se tornar Presidenta de uma nação como fizeram Dilma Rousseff e Cristina Kirchner? Será que a imprensa aprenderá a lidar com mulheres em situação de poder de maneiras mais justas? São questões para pesquisadoras(es), enfim, toda sociedade continuar refletindo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES

AMARAL, Ricardo Batista. **A vida quer é coragem – A trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

BACHELET, Michelle. **Biografia publicada na Biblioteca del Congreso Nacional de Chile** Disponível em: [https://www.bcn.cl/historiapolitica/resenas\\_biograficas/wiki/Michelle\\_Bachelet\\_Jeria](https://www.bcn.cl/historiapolitica/resenas_biograficas/wiki/Michelle_Bachelet_Jeria). Acesso em 20 de maio de 2021.

CLARÍN, Buenos Aires. 2003, 2006, 2007, 2011, 2014 e 2015. Disponível em: <https://tapas.clarin.com/tapa.html#19690621>. Acesso em 20 junho 2021.

CHINCHILLA, Laura. **Biografia publicada na Biblioteca da Assembleia da Costa Rica**. Disponível em: <http://www.asamblea.go.cr/sd/PublishingImages/estadistica/diamujer/BIOGRAFIALauraChinchillaMiranda.docx>. Acesso em 20 de maio de 2021.

CHINCHILLA, Laura. **Perfil de Laura Chinchilla Miranda** no LinkedIn. Disponível em <https://cr.linkedin.com/in/laurach1>. Acesso em 15 de março de 2021

FOLHA DE S. PAULO, São Paulo. 1998, 2002, 2003, 2006, 2007, 2009, 2010, 2011, 2014, 2015 e 2016. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em 20 junho 2021.

FERRAZ, Lucas. **Dilma Rousseff: a primeira presidente da República**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2019.

KIRCHNER, Cristina Fernández de. **Sinceramente**. 1ª edição. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Sudamericana, 2019.

WERNECK, Humberto (org.). **Vultos da República – os melhores perfis da revista Piauí**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

### BIBLIOGRAFIA

ANDI, Simge; SELVA Meera; NIELSEN, Rasmus Kleis. **Women and Leadership in the News Media 2020: Evidence from Ten Markets**. Disponível em: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-03/Andi\\_et\\_al\\_Women\\_and\\_Leadership\\_in\\_Media\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-03/Andi_et_al_Women_and_Leadership_in_Media_FINAL.pdf). Acesso em 25 fev. 2022.

AMARAL, Adriana.; FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ARROYO, Lorena. **As mulheres esquecidas pela história na América. Prudencia Ayala, a primeira mulher que tentou ser presidenta na América Latina.** São Paulo, El País, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedad/2021-03-08/prudencia-ayala-a-primeira-mulher-que-tentou-ser-presidenta-na-america-latina.html>. Acesso em 10 de março de 2021.

AUMONT, Jacques. **A Imagem.** Tradução: Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BALLESTRIN, Luciana. **Feminismo De(s)colonial como Feminismo Subalterno Latino-Americano.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 28(3): e 75304. Disponível em: DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n375304. Acesso: 20 set 2021.

BARTHES, Roland. **El mensaje fotográfico.** Barcelona: Paidós Comunicación, 1986. p. 11-27. (1961).

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo, v.1: Os fatos e mitos.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016 [1949].

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo, v.2: A experiência vivida.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016 [1949].

BENETTI, Márcia. Análise de discurso como método de pesquisa em Comunicação. *In: Pesquisa em comunicação: metodologia e práticas acadêmicas.* MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p.235 a 256.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil.** São Paulo, Boitempo, 2018.

BIROLI, Flávia. Ciência, Política e Gênero. *In: Mulheres, poder e ciência política: debates e trajetórias.* BIROLI, Flávia; TATAGIBA, Luciana; ALMEIDA, Carla; HOLLANDA, Cristina Buarque de; OLIVEIRA, Vanessa Elias de. (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

BIROLI, Flávia. Desigualdade e resistência política. *In: Mulheres, poder e ciência política: debates e trajetórias.* BIROLI, Flávia; TATAGIBA, Luciana; ALMEIDA, Carla; HOLLANDA, Cristina Buarque de; OLIVEIRA, Vanessa Elias de. (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

BIROLI, Flávia; VAGGIONE Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. **Gênero, Neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina.** 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2020.

BORGES, Lenise Santana; RIBEIRO, Flávia Regina Guedes Ribeiro. O jornal como objeto de pesquisa socioconstrucionista. *In: A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.* SPINK, Mary Jane *et al.* 1ª edição. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O campo político**. Revista Brasileira de Ciência Política. Brasília, nº 5, p. 193-216, julho, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. Tradução: Maria Lúcia Machado.

BRAGA, Luiz José. **A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011.

BRUM, Eliane. **A vagina que salvou o réveillon do Brasil**. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-06/a-vagina-que-salvou-o-reveillon-do-brasil.html>. Acesso em 04 de março de 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?** Tradução de Sérgio T. N. Lamarão e Arnaldo M. da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2019.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Mortos e desaparecidos políticos**. Brasília: CNV, 2014.

CORBIN, Juliet; STRAUSS, Anselm. **Grounded Theory Research: Procedures, Canons, and Evaluative Criteria**. Qualitative Sociology, Vol. 13, Nº 1, 1990.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics and Violence Against Women of Color**. Stanford Law Review, v.43, n.6, 1991, p. 1241-99.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

D'ÁVILA, Manuela (org.). **Sempre Foi Sobre Nós – Relatos da violência política de gênero no Brasil**. 1ª edição. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2021.

DIJK Teun A. Van. **La noticia como discurso – Comprensión, estructura y producción de la información**. Buenos Aires: Paidós Comunicación, 1990.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. Tradução do autor. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dimará, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz & Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 3ª edição.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A Atualidade no jornalismo – bases para sua delimitação teórica**. Tese de doutorado – Universidade Federal da Bahia. 2003.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Gênero em debate: problemas metodológicos e perspectivas historiográficas. *In*: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia C. (org.). **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. São Paulo: Humanitas/Capes, 2015. p. 36 a 51

FREITAS, Thamara Luciana Borges. **Apresentação do discurso das ex-presidentas Dilma e Cristina: uma análise descritiva em corpus jornalístico paralelo bidirecional português e espanhol**. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais. 2018.

GITLIN, Todd. **The Whole World is Watching**. Berkeley: University of California, 1980.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis**. Boston: Northeastern University Press. 1986.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano – Ensaios, intervenções e diálogos**. RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. p. 223-244

GONZALEZ, Lélia. **Racismo por omissão**. Folha de S. Paulo. Seção Tendências e debates, p. 3. 13 de agosto de 1983.

GOUGES, Olympe de. **Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã**. Funchal: Editora Nova Delphi, 2010.

b

GRAMUGLIA Pablo Martínez. **La forja de una opinión pública: Leer y escribir en Buenos Aires**. Santiago de Chile, Ariadna ediciones, 2021.

HARAWAY, Donna. **“Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra**. “Gender” for a Marxist Dictionary: the Sexual Politics of a Word. *In*: Simians, Cyborgs, and Women. The Reinvention of Nature. Londres, Free Association Books Ltd., 1991, capítulo 7, pp.127-148. (Tradução: Mariza Corrêa; Revisão: Iara Beleli. Cadernos Pagu (22) 2004.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 20 nov. 2021.

HIRATA, Helena et al. **Dicionário Crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

**IPU (Inter-Parliamentary)**. Women in Politics. 2014, 2021.

JALALZAI, Farida. **Women Presidents in Latin America: Beyond Family Ties?** New York: Routledge, 2015. 1ª edição. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315769073>. Acesso em 15/03/2021.

JÚNIOR, João Feres; SASSARA, Luna de Oliveira. **O terceiro turno de Dilma Rousseff**. Scielo Brasil, [s. l.]. Dezembro, 2016.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LOPES, Paula Cunha. **Mídia, poder e gênero: a crítica feminista latino-americana a partir das representações das presidentas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Michelle Bachelet**. Dissertação de mestrado - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais. 2018.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

LAURETIS, de Teresa. A Tecnologia de gênero. *In: Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado – História da Opressão das Mulheres pelo Homens**. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LUCA, Tânia Regina. História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. *In: Fontes Históricas*. PINSKY, Carla Bessanezi (org.). São Paulo: Contexto, 2005. p. 111 a 153

LUXEMBURGO, Rosa. **Senhoras e mulheres**. Artigo publicado na Gazeta Ludowa, nº 48, 16 de junho de 1904, p.1. Tradução de Isabel Loureiro. Disponível em: <https://frl.rosalux.org.br/senhoras-e-mulheres/>. Acesso em 21 de março de 2021.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **Santa Evita**. Buenos Aires: Planeta, 1995.

MARTELOTTE, Lucía. **25 anos de aplicação de leis de cotas na América Latina**. Revista Internacional de Direitos Humanos SUR 24 - v.13 n.24, págs. 91 – 98, 2016.

MATOS, Marlise. Mulheres e a violência política sexista: desafios à consolidação da democracia. *In: Mulheres, poder e ciência política: debates e trajetórias*. BIROLI, Flávia; TATAGIBA, Luciana; ALMEIDA, Carla; HOLLANDA, Cristina Buarque de; OLIVEIRA, Vanessa Elias de. (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

MAUAD, Ana Maria. **Fotografia pública e cultura do visual, em perspectiva histórica**. Revista Brasileira da História da Mídia. Vol. 2 2003.

MIGUEL, Luís Felipe; COUTINHO, Aline de Almeida. **A crise e suas fronteiras: oito meses de “mensalão” nos editoriais dos jornais**. Opinião Pública, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 97–123, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641241>. Acesso em: 2 fev. 2022.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flavia. **Caleidoscópio Convexo: mulheres, política e mídia**. São Paulo: Editoria Unesp, 2011.

MINH-HA TrinhT. **Framer Framed**. Nova York, Routledge, 1992.

MINH-HA TrinhT. Olho Mecânico, ouvido eletrônico, e a atração da autenticidade. In: **A experiência da imagem na etnografia**. BARBOSA, Andréa *et al.* São Paulo: Terceiro Nome, 2016. P. 29 a 36.

MOREIRA, Adriana Monserrat Cedillo Morales. **Os editoriais de El Mercurio e O Estado de S. Paulo sobre Bachelet e Rousseff na eleição a Presidente do Chile em 2013 e do Brasil em 2014: um comparativo a partir da análise crítica do discurso**. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Paraná. Paraná. 2016.

MULLER, Catel. **Olympe de Gouges**. São Paulo: Editora Record, 2014.

NARVAJA DE ARNOUX, Elvira. **Análisis del discurso**. 2ª edição. Buenos Aires: Santiago Arcos Editor, 2009.

NÖTH Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1997 – 9ª reimpressão, 2015.

**NOVO MANUAL DA REDAÇÃO FOLHA DE S. PAULO**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1992.

**Organização das Nações Unidas (ONU) Mujeres**. Guía estratégica Empoderamiento Político de las Mujeres: Marco para una acción estratégica América Latina y El Caribe (2014-2017).

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A análise de discurso é possível?** Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos, nº 44, p.138-156, Jul/Dez.2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do silêncio – No movimento dos sentidos**. 6ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de experiência**. In: Cadernos Pagu (4), 2008, p. 9 a 28.

PERROT, Michelle; DUBY Georges. **História das Mulheres no Ocidente. Vol. 1**. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.** HISTÓRIA, SÃO PAULO, v.24, N.1, P. 77-98, 2005

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: **A prática feminista e o conceito de gênero.** ALGRANTI, Leila (Org.). Campinas: IFCH-Unicamp, 2002.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Folha Explica.** São Paulo: Publifolha, 2012.

PORTO, Mauro P. **Enquadramentos da Mídia e Política.** XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS. Caxambu/MG, Brasil, 22 a 26 de outubro de 2002.

QUESADA, Sáenz María. **Isabel Perón. La Argentina en los años de María Estela Martínez.** Buenos Aires: Planeta, 2003

RAUSCHENBERG, Nicholas. **La Ley de Medios de comunicación en Argentina: del debate público al ocaso macrista.** Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, São Paulo, 2016.

ROTHBERG, Danilo. O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In: **Vitrine e vidraça: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo.** CHRISTOFOLETTI, Rogério (org.). Portugal: LivrosLabCom, 2010, p. 53 a 68.

ROUSSEFF, Dilma. A misoginia e a manipulação da mídia. In: **Sempre foi sobre nós.** D'ÁVILA, Manuela (Org.). 1ª edição. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2021.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Votos e partidos: Almanaque de Dados Eleitorais. Brasil e outros países.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 297-303.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Cadernos Pagu, 1994. Texto original: Gender: A Useful Category of Historical Analysis. New York: Columbia University Press. 1989.

SILVEIRA, Mauro César. **Em busca de uma visão mais abrangente da história do jornalismo e o exemplo argentino do grupo Clarín.** Faces da História, Assis-SP, v.1, nº1, p. 6-23, jan.-jun., 2014.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero.** Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, Dec. 2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000200015&lng=en&nrm=iso). Acesso em 19 janeiro de 2021.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia.** Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Universidade Fernando Pessoa, Porto, 1998. Disponível em [bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia\\_fotojorn1.html](http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia_fotojorn1.html) 1/179. Acesso em 10 nov. 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo.** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VEIGA, Luciana Fernandes; DUTT-ROSS, Steven; BOZZA MARTINS, Flávia. **Os efeitos da economia e da Operação Lava-Jato na popularidade da Presidente Dilma Rousseff no período pré-impedimento.** Revista de Sociologia e Política, [S.l.], v. 27, n. 72, p. 1-22, abr. 2020. ISSN 1678-9873. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/72934>. Acesso em: 01 fev. 2022.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher.** São Paulo: Boitempo, 2016.

### APÊNDICE A – Catalogação das capas utilizadas no Capítulo 3

<b>Capa Clarín</b>	
Data da publicação	29/10/2007
Manchete	<b>Cristina 43,9%</b>
Linha fina ou subtítulo	Lograba más de 22 puntos de ventaja sobre Elisa Carrió. Una clave de su triunfo estuvo en su rotunda elección en la provincia de Buenos Aires. Pero también se impuso por márgenes muy amplios en todas las provincias del Norte y en la Patagonia. Además, ganó em Santa Fe y em Mendoza, distrito de flerte peso electoral
Fotografia principal	Cristina sorrindo sozinha comemorando. Imagem ocupa mais da metade da capa.
Título da fotografia principal	Por primera vez um mujer fue electa Presidenta
Legenda da fotografia principal	Mensaje: “Convoco a todos sin ódios, porque el odio no construye”, dijo em discurso
Fotografia secundária	Fotos retratos pequenos dos (as) adversários(as) e porcentagem de votos
Legenda da fotografia secundária	Elisa Carrió 21,6% / Roberto Lavagna 18,3% /Alberto Saá 9,1%
Fotógrafo/a	Gustavo Garello (principal) / sem identificação (secundária)

<b>Capa Clarín</b>	
Data da publicação	15/05/2003
Manchete	<b>Kirchner Presidente</b>
Título acima da manchete	Consagrado al bajarse Menem, asume em 25 de mayo
Fotografia principal	Imagem ocupa quase metade da página. Néstor Kirchner comemora com seu vice Daniel Scioli
Legenda da fotografia principal	La victoria. Kirchner, junto a Scioli, despues de anunciar que esta listo para asumir el poder.
Fotografia secundária	Foto retrato pequeno Carlos Menem
Legenda da fotografia secundária	Menem, ayer, em La Rioja
Fotógrafo/a	Maria Eugenia Cerutti / sem identificação (secundária)

<b>Capa Clarín</b>	
Data da publicação	24/10/2011
Manchete	<b>Cristina 53,69% Por cuatro anos más</b>
Linha fina ou subtítulo	Fue reelecta en una votación contundente. Binner, muy lejos, quedó como el opositor mejor colocado. “Yo no quiero nada más”, dijo Cristina en un discurso de tono moderado. Pero llamó a garantizar la continuidad de su modelo político. Recordó con emoción a Kirchner y luego habló ante una multitud en la Plaza de Mayo.
Título da fotografia principal	Tema del día: La eleccion presidencial
Fotografia principal	Imagem ocupa quase metade da capa. Cristina comemora dançando. O destaque da foto é ela, apesar de alguns homens ao fundo.
Legenda da fotografia principal	Bailando, la Presidenta, anoche, durante el festejo de la Plaza de Mayo.

Fotografias secundárias	Retrato grande no alto da capa de Daniel Scioli, governador de Buenos Aires. Retratos pequenos dos três candidatos derrotados
Legenda da fotografia secundária	Hermes Binner 17%/ Ricardo Alfonsín 11,22%/ Alberto Rodriguez Saá 7,93%
Fotógrafo/a	Mario Quinteros (principal) / sem identificação (secundárias)

<b>Capa Folha de S. Paulo</b>	
Data da publicação	1/11/2010
Manchete	<b>Dilma é a eleita</b>
Linha fina ou subtítulo	Primeira mulher a ocupar o cargo, petista teve 56% dos votos e será o 40º presidente
Fotografia	Em uma imagem Dilma olha para baixo, na outra foto Lula com cabeça voltada para cima. A disposição das duas imagens forma uma só.
Legenda da fotografia	Criatura e Criador: Acima, em Brasília, Dilma dá entrevista sobre vitória; abaixo, Lula, depois de votar no ABS, quando disse que novo governo terá “a cara dela”
Fotógrafo/a	Dorivan Marinho (foto Dilma)/ Jorge Araujo (foto Lula)

<b>Capa Folha de S. Paulo</b>	
Data da publicação	28/10/2002
Manchete	<b>Lula Presidente</b>
Linha fina ou subtítulo	Metalúrgico é o primeiro líder de esquerda a ser eleito no país
Fotografia	Foto média no centro da capa. Lula comemora a vitória ao lado da esposa
Legenda da fotografia	Lula e a mulher, Marisa, comemoram em palanque na av. Paulista no início da madrugada
Fotografias secundárias	Foto menor de Geraldo Alckmin festejando vitória no Governo de SP
Legenda da fotografia secundária	Alckmin comemora em frente ao comitê, ontem
Fotógrafo/a	Eduardo Knapp (principal) / Moacyr Lopes Júnior (secundária)

<b>Capa Folha de S. Paulo</b>	
Data da publicação	27/10/2014
Manchete	<b>Dilma é reeleita na disputa mais apertada da história eleita</b>
Linha fina ou subtítulo	*Com 51,6%, petista promete diálogo e reforma política *Presidente terá de lidar com cenário econômico frágil e denúncia da Petrobrás * Aécio obtém 48,44%, melhor marca tucana desde FHC
Fotografia principal	Dilma com mão levantada com punho fechado festejando a vitória, ao fundo o rosto de Lula
Legenda da fotografia principal	A presidente reeleita Dilma Rousseff (PT) e Lula durante o discurso da vitória, em Brasília
Fotografias secundárias	Aécio Neves, o candidato derrotado, sozinho na frente da bandeira do Brasil
Legenda da fotografia secundária	Em Minas, Aécio Neves (PSDB) diz que cumpriu sua missão
Fotógrafo/a	Sérgio Lima (principal) / Zanone Fraissat (secundária)

<b>Capa Folha de S. Paulo</b>	
Data da publicação	30/10/2006
Manchete	<b>Lula é reeleito, promete crescimento e pede união</b>
Linha fina ou subtítulo	*Presidente obtém 60,8% dos votos e contará com o apoio de mais governadores que em 2002 * Petista diz que foi a vitória do andar de baixo contra o de cima e que pobres terão preferência
Fotografia principal	Lula sozinho beijando a bandeira do Brasil
Legenda da fotografia principal	O presidente Luiz Inácio Lula da Silva beija a bandeira perto da escola onde votou, em São Bernardo do Campo
Fotografia secundária	José Serra e Fernando Henrique Cardoso acompanham Geraldo Alckmin votando
Legenda da fotografia secundária	Geraldo Alckmin acena antes de votar em SP, acompanhado por FHC e José Serra
Fotógrafo/a	Paulo Whitaker (principal) / Daniel Kfourir (secundária)

<b>Capa Clarín</b>	
Data da publicação	11/12/2007
Manchete	<b>Educación y acuerdo social, dos objetivos que definió Cristina</b>
Fotografia principal	Presidenta Cristina Kirchner segura bastão presidencial junto ao antecessor, ex-presidente e marido Néstor Kirchner.
Legenda da fotografia principal	Emocion con historia. Ex presidente y Presidenta ya en funciones traspaso del mando de marido a mujer
Fotógrafo/a	Presidencia de la nacion

<b>Capa Clarín</b>	
Data da publicação	26/05/2003
Manchete	<b>Quiero un país serio y más justo</b>
Título acima da manchete	Fuerte discurso de Kirchner al assumir la Presidencia
Fotografia principal	Imagem grande que ocupa grande parte da capa. Néstor Kichner, satisfeito, segura o bastão num gesto de vibração
Legenda da fotografia principal	Baston y banda. Kirchner ya es nuevo Presidente. La Asamblea Legislativa lo ovaciona y Duhalde acompaña com su sonrisa.
Fotógrafo/a	Gustavo Garello

<b>Capa Clarín</b>	
Data da publicação	11/12/2011
Manchete	<b>Reasumió Cristina con críticas y pocos anuncios</b>
Fotografia	Presidenta Cristina Kirchner, emocionada, recebe a faixa presidencial de sua jovem filha Florencia. Atrás, o político Julio Cobos observa.
Título da fotografia	Festejos, musica y saludo presidencial en Playa de Mayo
Legenda da fotografia	Emoción. La Presidenta no puede con el llanto luego de que sua hija, Florencia, le colocara la

	banda presidencial. Atrás, Cobós mira.
Fotógrafo/a	Guillermo Rodriguez
<b>Capa Clarín</b>	
Data da publicação	02/01/2011
Manchete	<b>Dilma promete um país sem fome e de classe média sólida</b>
Linha fina ou subtítulo	*Presidente enfatiza compromisso de erradicar miséria até 2014 *No discurso de posse, se emociona ao citar vítimas da ditadura * Indicadores econômicos desafiam novo governo.
Fotografia principal	Dilma ao lado de Lula, de mãos dadas e levantadas com ele
Legenda da fotografia	Depois de receber a faixa presidencial de Lula, Dilma Rouseff e o antecessor saúdam o público em cerimônia no Palácio do Planalto
Fotografia secundária	Cineminha com três fotos sequenciais. Dilma recebendo os cumprimentos de Erenice Guerra
Legenda da fotografia	Faixa Justa: Afastada após suspeita de tráfico de influência na Casa Civil, a ex-ministra Erenice Guerra cumprimenta Dilma; presidente disse durante discurso que em seu governo “não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito”.
Fotógrafo(a)	Jorge Araujo (principal) / Marlene Bergamo (secundária)

<b>Capa Clarín</b>	
Data da publicação	02/01/2003
Manchete	<b>Lula assume Presidência e pede “controle das ansiedades sociais”</b>
Linha fina acima do título	“Você tem um amigo aqui”, declara petista a FHC, na transmissão da faixa; cerca de 150 mil pessoas comparecem à posse
Fotografia principal	Lula e esposa Marisa desfilam de carro pela Esplanada
Legenda da fotografia	A Saudação: O presidente Lula e a primeira-dama Marisa Letícia desfilam de Rolls-Royce pela Esplanada dos Ministérios após a posse
Fotografia secundária	Fernando Henrique Cardoso passa faixa presidencial para Lula
Legenda da fotografia secundária	A Faixa: Lula segura os óculos de FHC, que haviam caído, durante a transmissão da faixa presidencial
Fotografia terciária	Povo na festa da posse
Legenda da fotografia terciária	Militantes com bandeiras comemoram a posse no espelho d’água do Congresso
Fotógrafo(a)	Eduardo Knapp (principa) /Lula Marques (secundária e terciária)

<b>Capa Clarín</b>	
Data da publicação	02/01/2015
Manchete	<b>Dilma promete ajustar economia “com o menor sacrifício possível”</b>
Linha fina ou subtítulo	*Ao assumir 2º mandato, Presidente diz que novas medidas não irão trair os compromissos sociais * Petista propõe “pacote anticorrupção” ao congresso e defende Petrobrás dos “inimigos externos”
Fotografia	Dilma toda atrapalhada tentando colocar a faixa nela mesma
Legenda da fotografia	No alto da rampa do Planalto, Dilma coloca faixa presidencial na cerimônia de posse
Fotografia secundária	Dentro de um ônibus lotado de linha
Legenda da fotografia	Passageiros na linha de ônibus Morro Doce – Lapa, a mais lotada da cidade de São Paulo
Fotógrafo(a)	Eduardo Anizelli (principal)/ Zaoone Fraissat (secundária)

<b>Capa Clarín</b>	
Data da publicação	02/01/2007
Manchete	<b>Lula promete acelerar crescimento</b>
Linha fina ou subtítulo	*Na posse para seu segundo mandato, petista diz que crescer e incluir são metas do governo *Presidente chama de atos de terrorismo a onda de ataques de facções criminosas no Rio
Fotografia principal	Lula observa sua faixa presencial já colocada
Legenda da fotografia principal	<i>O presidente Lula ajeita a faixa presidencial ao chegar ao Palácio do Planalto após tomar posse para o segundo mandato.</i>
Fotografia secundária	Carros em congestionamento na estrada
Legenda da fotografia secundária	Amargo Regresso: Congestionamento na Imigrantes, na volta do feriado; 293 mil veículos dos 683 mil que foram ao litoral não tinham voltado a SP até às 21h, e previsão para hoje ainda é tráfego lento
Fotógrafo(a)	Antonio Lacerda (principal) / Luiz Carlos Murauskas (secundária)

ANEXO A – Levantamento geral do *corpus*

## Capas das vitórias e posses de Cristina Kirchner e Néstor Kirchner



## Capas das vitórias e posses de Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva



10 capas referentes aos 10 primeiros dias do 1º mandato de Cristina Kirchner (2007)



Cinco capas com Cristina Kirchner referentes aos 10 primeiros dias do 1º mandato (2007)



10 capas referentes aos 10 primeiros dias do 1º e único mandato de Néstor Kirchner (2003)



Quatro capas com Néstor Kirchner referentes aos 10 primeiros dias do 1º mandato (2003)



10 capas referentes aos 10 últimos dias do 1º mandato de Cristina Kirchner (2011)



Quatro capas com Cristina Kirchner referentes aos 10 últimos dias do 1º mandato (2011)



10 capas referentes aos 10 últimos dias do único mandato de Néstor Kirchner (2007)



Três capas com Néstor Kirchner referentes aos 10 últimos dias do único mandato (2007)



10 capas referentes aos 10 primeiros dias do 2º mandato de Cristina Kirchner (2011)



Duas capas com Cristina Kirchner referentes aos 10 primeiros dias do 2º mandato de (2011)



10 capas referentes aos 10 últimos dias do 2º mandato de Cristina Kirchner (2015)



Cinco capas com Cristina Kirchner referentes aos 10 últimos dias do 2º mandato (2015)



10 capas referentes aos 10 primeiros dias do 1º mandato de Dilma Rousseff (2011)



Três capas com Dilma Rousseff referentes aos 10 primeiros dias do 1º mandato (2011)



10 capas referentes aos 10 primeiros dias do 1º mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (2003)



Seis capas com Luiz Inácio Lula da Silva referentes aos 10 primeiros dias do 1º mandato (2003)



**10 capas referentes aos 10 últimos dias do 1º mandato de Dilma Rousseff (2014)**



**Quatro capas com Dilma Rousseff referentes aos 10 últimos dias do 1º mandato (2014)**



10 capas referentes aos 10 últimos dias do 1º mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (2006)



10 capas referentes aos 10 primeiros dias do 2º mandato de Dilma Rousseff (2015)



10 capas referentes aos 10 primeiros dias do 2º mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (2007)



10 capas referente aos 10 últimos dias do segundo mandato de Dilma Rousseff (2016)



Sete capas com Dilma Rousseff referente aos 10 últimos dias do 2º mandato (2016)



10 capas referentes aos 10 últimos dias do 2º mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (2010)



Três capas com Luiz Inácio Lula da Silva referentes aos 10 últimos dias do 2º mandato (2010)

